

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TAIANE DO NASCIMENTO ANDRADE-BOCCATO

O sentido da vida na velhice: uma análise histórico-cultural

Maringá
2016

TAIANE DO NASCIMENTO ANDRADE-BOCCATO

O sentido da vida na velhice: uma análise histórico-cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima Franco.

Maringá
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

A553s Andrade-Boccatto, Taiane do Nascimento
O sentido da vida na velhice : uma análise
histórico-cultural / Taiane do Nascimento Andrade
Boccatto. -- Maringá, 2016.
178 f. : il. color., figs.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima
Franco.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Departamento de Psicologia, Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, 2016.

1. Psicologia histórico-cultural -
Desenvolvimento. 2. Velhice - Análise cultural. 3.
Velhice - Análise histórica. 4. Velhice - Análise
psicológica. 5. Sentido da vida. 6. Sentido da vida
- Velhice. I. Franco, Adriana de Fátima, orient. II.
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
Título.

CDD 23.ed. 155.92

AMMA-003346

FOLHA DE APROVAÇÃO

TAIANE DO NASCIMENTO ANDRADE-BOCCATO

O sentido da vida na velhice: uma análise histórico-cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana de Fátima Franco (Presidente)
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Graziela Lucchesi Rosa da Silva
Universidade Federal do Paraná

Realização da defesa em 01 de julho de 2016.

Local da defesa: Sala 10 do Bloco 10, campus da Universidade Estadual de Maringá.

AGRADECIMENTOS

O sentimento é de alegria e gratidão por poder contribuir com a ciência oferecendo algumas reflexões sobre o tema da velhice e isto só foi possível com o apoio, incentivo e contribuição de pessoas prestativas e solícitas. Pessoas as quais dedico a minha mais profunda e eterna gratidão.

À minha querida e competente orientadora Professora Dra. Adriana de Fátima Franco que conduziu meus passos para que o caminho percorrido chegasse ao lugar almejado. Sempre com paciência, delicadeza, competência e muita disposição em compartilhar seus conhecimentos.

Às Professoras Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci e Dra. Graziela Lucchesi Rosa da Silva pelas importantes e indispensáveis contribuições na qualificação que foram determinantes para o resultado final deste trabalho.

À Professora Marlene Simionato por ser um exemplo de pessoa sensível e ética.

Ao meu marido Fernando Vinicius Pereira Boccato por ser meu maior apoiador e incentivador. Pessoa especial em minha vida que me ajuda a olhar o mundo de forma mais alegre.

À minha filha Clara Lis, que mesmo vivendo ainda dentro de mim já me inspira a buscar o meu melhor.

Aos meus pais Walter Andrade e Marisa Andrade por terem me ensinado os verdadeiros valores da vida e por me oportunizarem o acesso aos estudos. Às minhas irmãs Taise e Tainara pela torcida e confiança em mim.

Aos meus avós Sebastião Andrade, Alminda Andrade, João Humberto Fabrício e Maria do Nascimento Fabrício e à minha bisavó Sinobelina de Jesus pelos exemplos e ensinamentos tão ricos que me inspiraram a me dedicar aos estudos sobre a velhice.

À minha sogra Professora Dra. Ana Maria Benevides Pereira por ser uma inspiração de comprometimento profissional, pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

Às idosas participantes da pesquisa por compartilharem suas maiores riquezas: suas experiências de vida que forneceram dados essenciais para a realização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, agradeço pelas infinitas possibilidades de apropriação de conhecimento científico e de elaboração do pensamento crítico.

EPÍGRAFE

*Temais menos a morte e mais
a vida insuficiente.*

(Bertold Brecht)

O sentido da vida na velhice: uma análise histórico-cultural

RESUMO

O processo de envelhecimento populacional vem ganhando notoriedade nas discussões científicas e cotidianas em diversos países, pois o aumento da população idosa tem sido expressivo nos últimos anos e tem provocado mudanças significativas na estrutura social, demográfica e econômica. Apesar da considerável quantidade de pessoas idosas nota-se ainda uma compreensão limitante sobre este período. Diante disso, a proposta desta pesquisa é compreender como os idosos atribuem sentido à vida durante este período, partindo-se da perspectiva do Materialismo Histórico Dialético que possibilita analisar a velhice para além de um fenômeno biológico, mas social, constituída historicamente, fruto dos mecanismos de produção material da vida. Como instrumentos para alcançar tais objetivos foram realizadas entrevistas com duas idosas e a sistematização do material teórico, extraído de fontes primárias e continuadores da Psicologia Histórico-Cultural. Os resultados apontam que o desenvolvimento humano pode ser contínuo e ilimitado, determinado pelas condições de vida e não por aspectos biológicos; é uma condição da existência humana e que, portanto, não cessa nos primeiros anos de vida, mas continua sendo uma possibilidade independentemente da idade. O homem, diferente dos objetos, não nasce pronto e se desgasta ao longo do tempo até chegar à inutilidade, mas o contrário; à medida em que se apropria das elaborações humanas se desenvolve e se transforma e isto dependerá das atividades que desempenha. Assim, os estudos realizados nesta pesquisa sinalizam para algo muito além do cronológico, a velhice aparece como uma síntese da vida vivida e um momento de possibilidades. Entendendo que o sentido da vida na velhice é constituído pelas atividades que se desenvolve, então, para favorecer a atribuição de sentido faz-se necessário oportunizar que os idosos realizem atividades nas quais o motivo da ação realizada esteja de acordo com o resultado de suas atividades, sendo assim, possível atribuir sentido à sua existência.

Palavras-chave: Psicologia Histórico-Cultural. Velhice. Vida. Sentido;

The meaning of life in old age: a historical- cultural analysis

ABSTRACT

The aging process in populations has been highlighted in daily and scientific discussions worldwide. Increase in the elderly population is a recent fact which has caused significant changes in social, demographic and economic structures. In spite of the great numbers of elderly people, there seems to be a limiting understanding of the period. Current research, foregrounded on Historical and Dialectic Materialism, analyzes the manner elderly people give meaning to life during this period. The analysis on old age goes beyond the biological phenomenon and is based on the social and on the historically constituted stance, the result of mechanisms of the material production of life. Interviews with two elderly females were undertaken and theoretical material extracted from primary sources and from others within Historical-Cultural Psychology was systemized. Results show that human development may be continuous and non-limited, determined by life conditions and not by biological aspects. In fact, it is the condition of human existence which does not cease in the first years of life but continues as a possibility, regardless of age. Different from things, humans are not born complete and wear up through time till uselessness. On the contrary, humans develop and transform themselves in proportion to the appropriation of human elaborations and the activities they perform. Studies in current research go beyond the mere chronological stance and aging becomes a synthesis of experienced life and a moment of possibilities. Since the meaning of life in old age is made up of activities developed, it is necessary to give opportunities to the elderly to perform activities in which the activity's motive agrees with the results of the activities. Consequently, meaning is given to existence.

Keywords: Historical-Cultural Psychology. Old age. Life. Meaning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Censo demográfico de 1940	65
Figura 02. Censo demográfico de 2000.....	65
Figura 03. Projeção para o Censo demográfico de 2050.....	67
Figura 04. Comparativo da população de até 4 anos e acima de 60 anos nos anos de 1999 e 2011....	68
Figura 05. Índices de violência contra a população idosa no ano de 2012.....	70

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1 SEÇÃO 01 - COMPREENDENDO O DESENVOLVIMENTO DO PSIQUÍSMO HUMANO	20
1.1 A concepção de Homem.....	20
1.2 Do desenvolvimento biológico ao desenvolvimento histórico-cultural do homem.....	23
1.3 A consciência humana e a constituição do sentido e do significado.....	29
2 SEÇÃO 02 – COMPREENDENDO A VELHICE.....	42
2.1 Compreendendo as transformações dos modos de produção e a construção de significados e sentidos.....	43
2.2 O Capitalismo e suas contradições no contexto brasileiro.....	51
2.3 Quando o contexto histórico social limita o desenvolvimento humano	59
2.4 A velhice no contexto atual: avanços e retrocessos	65
2.5 O processo de envelhecimento e a Ciência Médica.....	74
2.6 A velhice pela perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural	82
3 SEÇÃO 03 - A VELHICE SOB O OLHAR DE QUEM A VIVE.....	88
3.1 A história de Juraci.....	90
3.1.1 Infância e juventude na cidade.....	90
3.1.2 Vida adulta e a renúncia de si mesma.....	92
3.1.3 A velhice: em busca da realização pessoal.....	97
3.1.4 O descaso da sociedade.....	105
3.2 A história de Dona Rosa.....	110
3.2.1 A infância na lavoura.....	110
3.2.2 Casamento e filhos.....	112
3.2.3 O valor da família.....	114
3.2.4 A velhice e a fé inabalável.....	116
3.3 Uma síntese das histórias de vida.....	118
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121

REFERÊNCIAS	126
ANEXO I	132
Folha de Aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP)	132
APÊNDICE I	134
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	134
APÊNDICE II	136
Roteiro Entrevista I	136
Roteiro Entrevista II	136
APÊNDICE III	137
Transcrição das entrevistas.....	137

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os motivos e caminhos percorridos

O processo de envelhecimento populacional vem ganhando notoriedade e destaque nas discussões científicas e cotidianas em diversos países, pois o aumento da população idosa tem sido expressivo nos últimos anos e tem provocado mudanças significativas na estrutura social, demográfica e econômica a nível mundial (Tolstij, 1989; Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013; Secretaria de Direitos Humanos, 2012; Reis, 2011; Cesse, 2007; Minayo, 2005; Papaléo Netto, 2002; Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000). De acordo com os dados apresentados pela Secretaria de Direitos Humanos (2012), no ano de 2012 havia 810 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, representando 11,5% da população global. Estima-se que esse número alcance 1 bilhão nos próximos 10 anos e que duplique até 2050, totalizando 22% de idosos na população mundial. No Brasil, no ano de 2012, somavam-se 23,5 milhões de brasileiros idosos. No ano de 2007 a população idosa foi responsável por 20% das internações hospitalares pelo Sistema Único de Saúde (SUS), utilizando 26,5% do orçamento total deste setor. No entanto, para além de uma análise quantitativa, o que os números representam é uma alteração em toda estrutura etária do país, trazendo modificações no setor previdenciário, econômico, social e de saúde e a ampliação de uma camada da população que necessita demandas específicas.

Estudar o fenômeno do envelhecimento se configura um grande desafio, haja vista que é um tema amplo, ainda pouco estudado e que se relaciona direta ou indiretamente com todos os setores da sociedade. Além disso, atrelado a este fenômeno derivam várias possibilidades de análises, que merecem sérios estudos, como o suicídio e depressão na população idosa, agressão física e verbal, negligência familiar e social, abuso e exploração econômica e sexual, setor previdenciário, aposentadoria, instituições de abrigo, saúde, lazer, cultura, educação, etc. (Fonseca & Golçalves, 2003; Espíndola & Blay, 2007; Minayo & Cavalcanti, 2010). Por ser o envelhecimento populacional um fenômeno recente, se considerarmos toda a história da humanidade, ainda há a necessidade de compreender como ocorre o processo de envelhecimento humano por uma perspectiva histórica-social, ou seja, apreendendo historicamente os mais diversos fatores envolvidos nesse fenômeno, buscando a superação de uma análise que considera apenas os determinantes biológicos e maturacionais. Os estudos predominantes sobre a periodização do desenvolvimento humano atribuem à infância o caráter decisivo e determinante para os anos seguintes e consideram a vida adulta e a velhice um

momento sem mudanças significativas, apenas como continuidade dos anos já vividos. Ao contrário, a abordagem teórica desta dissertação ressalta o caráter contínuo e propulsor do desenvolvimento, sendo a atividade social o motor para as mudanças.

Sendo assim, na oportunidade de desenvolver o mestrado em Psicologia, na área de concentração *Constituição do Sujeito e Historicidade*, emergiu a necessidade de, neste momento histórico, estudar o processo de envelhecimento, buscando compreender como os idosos atribuem sentido à vida durante este período. Vigotski (2009) postula que o sentido é aquilo que é especificamente humano no homem, isto é, a capacidade de criar e produzir as suas condições de existência e se autoproduzir. Na mesma direção Leontiev (1978a) afirma que sentido é a relação que se cria na vida, na atividade do sujeito, ou seja, está relacionado diretamente com a atividade e a consciência humana, conceitos que serão abordados nas sessões seguintes desta dissertação. Para apreender como os sentidos e as significações são construídas na velhice é necessário “estudar como a consciência do homem depende de seu modo de vida humano, da sua existência”, isto requer que “devemos estudar como se formam as relações vitais do homem em tais ou tais condições sociais e históricas e que estrutura particular engendra dadas relações”, em seguida precisamos “estudar como a estrutura da consciência do homem se transforma com a estrutura da sua atividade” (Leontiev, 1978a, p. 92).

Na intenção de percorrer o caminho apontado por Leontiev (1978a), partimos do pressuposto de que a velhice é uma construção social e não um processo puramente biológico, mas determinado por condições sociais, econômicas, políticas e culturais. Tradicionalmente, na Psicologia, conforme destaca Reis (2011), a velhice enquanto período do desenvolvimento humano vem sendo entendida por um viés naturalizante e idealista, que desconsidera os determinantes sociais e culturais. Já em 1927, L. S. Vigotski no manuscrito *O significado histórico da crise da psicologia* se dedicou a explicar metodologicamente a crise epistemológica em que a psicologia – desde sua origem - estava calcada e propõe uma superação para esta crise. Segundo Vigotski a Psicologia desde sua origem foi desenvolvida calcada em dicotomias, como subjetivo-objetivo, mente-corpo, interno-externo, inato-adquirido, entre outros. Essas dicotomias fragmentam a análise e a compreensão dos fenômenos. Daí, então, a concepção de que a consciência ou o psiquismo seriam instâncias puramente subjetivas e internas ou de que o desenvolvimento é algo interno que só precisa ser amadurecido com o tempo.

Segundo Vygotsky (1999) as principais teorias psicológicas (Reflexologia, Gestalt e Psicanálise) partiam da explicação de fenômenos específicos e os generalizavam. O autor reconhece a importância de tais teorias, mas encontra limitações em seus métodos de análise

do real e descreve minuciosamente cada teoria para sustentar suas afirmações. Ao estudar as mencionadas teorias psicológicas o autor percebeu que cada uma delas tinha um objeto de estudo diferente e princípios explicativos diversos, concluiu, então, que a crise da psicologia se referia à ausência de uma psicologia geral, capaz de explicar todos os fenômenos psicológicos a partir do mesmo princípio explicativo.

O método científico capaz de embasar uma única psicologia seria, para Vigotski e seus companheiros, o Materialismo Histórico Dialético, pois o princípio explicativo deve partir dos fatos historicamente produzidos, fatos e fenômenos que emergem de um contexto histórico, em uma materialidade concreta e objetiva. A explicação deve pautar-se na análise da realidade, recuperando a historicidade. A construção da psicologia geral só será possível, então, mediante a superação das dicotomias, como por exemplo, entre objetivismo e subjetivismo (Vygotsky, 1999).

Verifica-se que é o aporte materialista dialético que sustenta as explicações do psiquismo em sua concretude como unidade contraditória de estrutura orgânica e imagem do real. Ou seja, que aponta o caminho metodológico requerido à superação do dualismo entre matéria e ideia, entre corpo e mente e, conseqüentemente, para o estudo das bases concretas (cérebro/objetos) e abstratas (ideias) nas quais radica o psiquismo humano em seu desenvolvimento cultural. (Martins, 2011, p. 37).

O olhar histórico possibilita compreender como os fenômenos se originam a partir das necessidades reais e concretas, superando a visão de que eles sempre existiram internamente. Portanto, destaca-se a necessidade de estudos que compreendem o desenvolvimento atrelado às condições sociais e culturais, pois assim, é possível pensar em formas de alterações do *status quo* para que os idosos tenham a possibilidade de atribuir sentido para a fase da vida em que estão vivendo.

O interesse por este tema vem sendo construído por mim desde a graduação em Psicologia; no terceiro ano participei de duas pesquisas relacionadas ao tema em questão. A primeira teve como objetivo investigar se havia diferença na vivência da velhice dos idosos antes e após passarem pela experiência de participar do movimento UnATI/UEM¹. Os

¹Criada no final de 2009, a Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá é um órgão suplementar ligado à reitoria da Universidade e engloba toda Universidade, todos os centros e departamentos. Defende a educação permanente como instrumento eficiente para a valorização e reconhecimento do idoso como um cidadão atuante e participativo, garantindo qualidade de vida, desenvolvimento pessoal e a inserção na

resultados foram inspiradores. Dos cinco idosos entrevistados todos relataram mudanças significativas em suas vidas, caracterizada por um maior sentimento de pertencimento social. Antes de ingressarem na UnATI/UEM os idosos consideravam essa fase da vida como um momento de dificuldades e atrelado apenas às responsabilidades familiares, após a participação nesta Universidade novas oportunidades surgiram, como a possibilidade de um papel social que vai além das relações familiares e a continuidade da aprendizagem acadêmica (Andrade et al., 2012). Os resultados obtidos com essa pesquisa corroboram com a Teoria da Atividade de Leontiev, pela qual o autor explicita que a atividade humana produz a subjetividade e determinada a consciência.

A segunda pesquisa teve como principal objetivo investigar e compreender, por meio da análise de obras cinematográficas, como a velhice vem sendo representada nessa arte. Nesta pesquisa quatro filmes foram analisados e os resultados mostraram a importância do contexto das relações sociais como determinante do modo como ocorre o processo de envelhecimento. Assim também, a pesquisa explicitou que envelhecer não é um processo simples e linear, mas que perpassa questões sociais, culturais, políticas e econômicas. (Andrade, Nagatani & Simionato, 2012).

A partir das pesquisas supracitadas compreendeu-se que a velhice é um fenômeno social, constituído historicamente e diferente em cada contexto. Alcançar esta concepção de velhice não naturalizada foi possível por meio do método de análise adotado, o Materialismo Histórico Dialético, sendo o mesmo que embasou a presente pesquisa. Tal método oferece subsídios teóricos para a compreensão da realidade em suas múltiplas determinações, considerando a realidade como ponto de partida para as concepções dos fenômenos que nela emergem. Assim, este método consiste no estudo das contradições contidas na própria essência dos objetos e pressupõe a necessidade da análise histórica para o entendimento do comportamento humano, visto que o homem só pode ser entendido no interior das relações de produção que estabelece em sociedade (Tuleski, 2008).

Vigotski (2000) afirmou que “o movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento não se realiza do individual para o socializado, mas do social para o individual” (p. 67). Assim, para este estudioso da Psicologia, a cultura, enquanto objetivações humanas produzidas sob leis históricas e determinada pelas condições concretas da realidade, é a matéria prima para o desenvolvimento humano. É apropriando-se da cultura que os indivíduos passam

comunidade acadêmica, proporcionando trocas de experiências e conhecimentos, além de dar oportunidade aos idosos de redescobrirem novas formas de viver (Andrade, et al., 2012).

a fazer parte do mundo e por meio do processo educativo o homem se desenvolve. Esse processo se dá de forma ativa e não mecânica. É nas relações do homem com o contexto social que esse processo se constrói e, ao mesmo tempo, é determinado pela singularidade de cada indivíduo.

[...] embora cada sujeito possa atribuir significado à sua vida e ao mundo, a individualidade e a subjetividade continuam ligadas à objetividade, ou seja, ao contexto sócio histórico. Assim, a individualidade do homem só pode existir no social, sendo produto de suas relações sociais e das formas a partir das quais elas são por ele elaboradas. (Meira, 2011, p. 116).

Doravante, entendendo que os fenômenos são produzidos a partir de uma realidade material e que o sentido é a relação que se cria na atividade do sujeito, a velhice será estudada buscando apreender os múltiplos determinantes que a constitui. Portanto, o **objetivo geral** da pesquisa constitui analisar o sentido que a vida assume na velhice. Os **objetivos específicos** são: caracterizar o processo de desenvolvimento do psiquismo humano; analisar a relevância do trabalho para o desenvolvimento psicológico, buscando compreender como a estrutura da consciência do homem se transforma de acordo com a estrutura da atividade desempenhada por ele; estudar como se formam as relações vitais do homem em determinadas condições sociais e históricas e que composição particular engendra dadas relações; e caracterizar a velhice enquanto categoria histórica.

Com o intuito de alcançar tais objetivos percorreu-se um caminho metodológico orientado pelo Materialismo Histórico Dialético, pois tal método – apresentado pelo filósofo e economista alemão Karl Marx (1818-1883) juntamente com Friedrich Engels (1820-1895) - é comprometido com um projeto revolucionário de sociedade que busca compreender os fenômenos através da análise histórica, considerando o movimento constitutivo do social. De acordo com o dicionário etimológico a palavra método vem do grego, *methodos*, sendo composta por *meta*, que significa ‘através de’, ‘por meio de’ e de *hodos*: ‘caminho’, ‘via’, “caminho pelo qual se atinge um objetivo” (Ferreira, 1988, p. 431). Portanto, definir um método de pesquisa é escolher um caminho o qual será percorrido para alcançar os objetivos propostos. Assim,

Os fatos, a cada nova abordagem, se apresentam como produtos de relações históricas crescentemente complexas e mediatizadas — podendo ser contextualizados de modo concreto e inseridos no movimento maior que os engendra. É um método, portanto, que,

em aproximações sucessivas ao real, agarra a história dos processos simultaneamente às suas particularidades internas. Um método que não se forja independentemente do objeto que se pesquisa — o método é uma relação necessária pela qual o sujeito que investiga pode reproduzir intelectualmente o processo do objeto investigado. (Paulo Netto, 2006, p.31).

Tal método de análise foi adotado por possibilitar a superação da lógica formal, lógica esta que entende os fenômenos de maneira linear, causal e não histórica, ou seja, “um dos sistemas de redução do conteúdo [...] uma verdade limitada, insuficiente, abstrata, relativa, mas com uma certa verdade” (Lefebvre, 1983, p. 132-133). Através da lógica dialética será possível encontrar “o movimento profundo (essencial) que se oculta sob o movimento superficial. A conexão lógica (dialética) das idéias reproduz (reflete), cada vez mais profundamente, a conexão das coisas” (Lefebvre, 1983, p. 238). Portanto, através desse método será possível apreender e desvelar o que está sob o discurso de ser idoso em uma sociedade que anuncia este período como o da ‘melhor idade’, mas que na prática pouco oferece para que de fato isto ocorra.

Após explicitar o método de análise, faz-se necessário expor qual a Teoria Psicológica que subsidiou as análises e favoreceu o alcance dos objetivos. Esta teoria foi desenvolvida no contexto pós-Revolução Russa de 1917², cenário propício para estudos que visavam a transformação daquela sociedade e das relações sociais, pois as contradições eram expressivas, a Rússia era mantida isolada do mundo ocidental e coberta pelo manto ideológico de anos de guerra fria (Tuleski, 2008). Sendo assim, alguns pesquisadores, entre eles L. S. Vigotski³, A. R. Luria e A. N. Leontiev, desenvolveram seus estudos “através da adoção do método utilizado por Marx para a análise da sociedade capitalista” (Tuleski, 2008, p. 40) com vistas à construção de uma Psicologia Marxista que superasse as dicotomias representantes da divisão de classes.

² Período de profundas transformações na Rússia, no início do século XX, como aponta Tuleski (2008), neste momento, a Rússia deixava gradativamente o regime feudal e passava para o sistema capitalista. Esta luta revolucionária foi marcada por interesses divergentes: o proletariado defendia a socialização dos meios de produção e da propriedade privada e o campesinato a propriedade privada ou a pequena propriedade. A partir do verão de 1917 há um rompimento entre campesinato e burguesia. Os anos que se seguiram à Revolução foram marcados por pobreza e atraso, uma vez que a Rússia ficou isolada econômica e politicamente dos países capitalistas. Além disso, as mudanças advindas da Revolução não ocorreram de forma a modificar as relações de produção, haja vista que, apesar da abolição da propriedade privada, as relações burguesas não foram eliminadas (Tuleski, 2008).

³ O idioma russo utiliza-se de um alfabeto distinto do alfabeto ocidental, portanto a escrita de nomes russos com o alfabeto ocidental apresenta um problema de não-adoção de um mesmo padrão (Duarte, 2004). A grafia desse nome pode ser escrita de diversas maneiras, conforme a tradução. Adotarei a escrita ‘Vigotski’, contudo, em caso de citação ou referência utilizarei a grafia adotada pelo texto referenciado.

Vigotski defendia que “a visão de homem unificado, uno e indivisível, só poderia afirmar-se no terreno da prática humana, no interior da sociedade russa, se houvesse a união de todos os homens para a construção de um projeto coletivo [...], o projeto comunista” (Tuleski, 2008, p. 87).

Diante da necessidade de uma ciência psicológica que estudasse os fenômenos sociais, as relações entre os homens e a capacidade de transformação destas relações é desenvolvida a Psicologia Histórico-Cultural. Neste contexto, era fundamental que a psicologia deixasse de ser uma “ciência pura, desligada aparentemente das necessidades reais, e tornar-se uma ciência capaz de solucionar os problemas postos pela prática social” (Tuleski, 2008, p. 93). Sendo assim, esta teoria psicológica propõe que os estudos correspondam às necessidades sociais, vislumbrando práticas transformadoras e que revolucionem o que está posto para a construção de uma nova sociedade: “a necessidade da construção da psicologia unificadora, capaz de promover a integração do homem, em seu aspecto objetivo e subjetivo, físico e psíquico, ao projeto coletivo de construção de uma nova sociedade” (Tuleski, 2008, p. 108).

O esforço desta pesquisa consistirá em realizar uma análise pela lógica dialética, buscando compreender no conteúdo do discurso dos idosos a construção histórica e social da atribuição de sentido à vida na velhice. Além disso, é necessário reconhecer as limitações desta pesquisa, uma vez que consiste em um exercício (limitado a dois anos) de construir uma dissertação pela lógica dialética, isto é, partindo do concreto para o abstrato; do mais complexo para o menos complexo; do formal ao conteúdo e do imediato ao mediato. Sendo assim, “para descobrir as leis particulares, portanto, será necessário, no quadro das leis universais, investigar nas realidades particulares (conjuntos, classes, espécies) sua essência, seu conceito, suas relações; e isso através da experiência, do contato com o conteúdo” (Lefebvre, 1983, p. 237).

A partir de um olhar histórico é possível perceber os diversos determinantes de um fenômeno, o que possibilita uma análise mais próxima do real, podendo, assim, superar as análises reducionistas que, por vezes, perdem a riqueza dos fatos e tecem suposições equivocadas e limitadas. Não é possível afirmar que este método foi sistematizado por Marx, contudo, este autor foi quem melhor o aplicou, fornecendo subsídios para traçar procedimentos metodológicos (Paulo Netto, 2006; Prado Junior, 2006).

Seguiremos os pressupostos do método desenvolvido por Marx e por meio deles será realizado uma tentativa de articular os objetivos propostos. Partindo da aparência do fenômeno da velhice, como vem sendo compreendido historicamente, objetiva-se alcançar a essência desse tema, articulando os múltiplos determinantes que compõe esse período do desenvolvimento, partindo da mediação das abstrações para chegar à real essência do objeto de

estudo. Realidade, nessa perspectiva, é entendida como a síntese das relações sociais, organizados pelo modo de produção vigente. Portanto, compreender a velhice ultrapassa a dimensão biológica, social, cultural ou psicológica, mas configura-se como a síntese de todos esses determinantes. É a realidade que determina a experiência humana, bem como determina o objeto da ciência e seu método (Duarte, 2008).

De acordo com os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural o desenvolvimento humano não acontece de forma linear, mas uma continuação em nova direção, mantendo a conexão com o processo antecedente (Facci, 2004). O desenvolvimento humano é dependente da estrutura da sociedade, pois é esta estrutura que possibilitará ou não o acesso ao conhecimento e à cultura. De acordo com os pressupostos desta abordagem psicológica não é possível negar a existência do fator biológico no processo de desenvolvimento, contudo, a vivência e percepção de cada momento são produzidos no contexto social e político de determinado momento histórico. Em se tratando dos estágios do desenvolvimento humano Facci (2004, p. 76) destaca que,

Eles dependem das condições concretas nas quais ocorre o desenvolvimento. As condições histórico-sociais concretas exercem influência tanto sobre o conteúdo concreto de um estágio individual do desenvolvimento como sobre o curso total do processo de desenvolvimento psíquico como um todo.

A partir de uma análise histórica evidencia-se que as formas de representação da velhice sempre estiveram atreladas ao contexto político e econômico de cada época. Do mesmo modo, levantamos a hipótese de que a forma como os idosos vivenciam este período é atravessada pelas concepções socialmente atribuídas à essa fase. Assim,

Temos que proceder a partir do pressuposto básico de que a produção intelectual é determinada pela forma de produção material. [...] e isto, por sua vez, significa que o psiquismo humano – que é o instrumento direto dessa produção intelectual – adquire uma forma específica a cada estágio determinado do desenvolvimento. (Vigotski, 1930, p. 03).

Portanto, buscando compreender a velhice como um fenômeno construído social e culturalmente realizou-se uma sistematização teórica a partir das contribuições de autores marxistas que descrevem historicamente a construção desse período da vida e a partir das

elaborações da Psicologia Histórico-Cultural no que tange ao trabalho como fator central na constituição do homem e na configuração da sociedade. Como instrumentos para alcançar os objetivos da pesquisa foram realizadas entrevistas com duas idosas visando compreender como esse processo tem se efetivado, historicamente, permeado pelas relações sociais de produção, a partir da história de vida de cada uma. Portanto, com o objetivo de apreender por quais atividades essas idosas atribuíram sentido e significado à vida na velhice, foram realizadas entrevistas com as mesmas. No primeiro momento a entrevista objetivou obter as histórias de vida por meio do relato oral *auto-biográfico*⁴, tal como informações sobre a infância, estudo, trabalho, relações familiares, vida adulta e velhice, entendendo este processo como algo social e não constituído apenas por determinantes biológicos e cronológicos. No segundo momento a entrevista foi realizada a partir de perguntas abrangentes, com foco na realidade atual, tais como qual a concepção de velhice da idosa entrevistada, quais suas atividades diárias e a convivência em sociedade. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas sob o prisma do Materialismo Histórico Dialético.

Doravante, a dissertação foi estruturada em sessões. No primeiro momento abordou-se o desenvolvimento do psiquismo humano, demonstrando seu desenvolvimento histórico-social por meio do trabalho, compreendido enquanto atividade social historicamente constituído, transformador e capaz de modificar a realidade tanto material como subjetiva do homem, possibilitando o desenvolvimento de funções exclusivamente humanas, diferenciando-os radicalmente dos animais. Ainda na mesma seção foi discutido a formação dos sentidos e dos significados, a partir da construção e o uso de instrumentos e do surgimento da linguagem na atividade do trabalho, revolucionando o psiquismo e a consciência. Na segunda seção o enfoque referiu-se as transformações sociais no contexto brasileiro e como o próprio modo de produção vigente dita modos de compreensão e comportamentos. Portanto, evidencia-se os diferentes modos de produção embasando as concepções e a própria vida. Por fim, a terceira seção apresenta a análise das entrevistas, buscando demonstrar a construção do sentido da vida de duas idosas a partir de suas realidades, considerando os determinantes sociais em que estão inseridas.

⁴ Instrumento de coleta de dados utilizado por Lígia Márcia Martins, definido como: “a apreensão da dialética subjetividade-objetividade partindo da maneira como o próprio indivíduo (re)produz de forma descritiva sua história ou, sua biografia” (Martins, 2001, p. 133).

SEÇÃO 01 - COMPREENDENDO O DESENVOLVIMENTO DO PSIQUÍSMO HUMANO

Compreender o psiquismo humano, sua constituição e seu desenvolvimento a partir de uma análise histórica e social são pontos essenciais para alcançar os objetivos desta pesquisa. Sendo assim, a partir da leitura e sistematização das obras de autores primários e continuadores da Psicologia Histórico Cultural, esta seção pretende apresentar como ocorre o processo de construção do sentido e do significado na velhice. Para tanto, é necessário primeiramente entender qual a concepção de homem adotada na pesquisa, seguindo na análise da centralidade do trabalho como determinante para o salto qualitativo do homem primitivo ao homem cultural, regido pelas leis sócio-históricas e não mais biológicas. No último item buscou-se apresentar o surgimento da consciência humana e seu desenvolvimento histórico, como também a formação dos sentidos e dos significados na velhice, a partir da construção e o uso de instrumentos e do surgimento da linguagem na atividade do trabalho, revolucionando o psiquismo e a consciência.

1.1 A concepção de Homem

Se buscarmos no dicionário Aurélio a palavra *homem* encontraremos a seguinte definição para o referido termo:

1. Qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano.
2. A espécie humana; a humanidade.
3. O ser humano, com sua dualidade de corpo e espírito, e as virtudes e fraquezas decorrentes desse estado; mortal [...]. (Ferreira, 1988, p. 344).

Esta definição pode aparentar ser suficiente para compreender o termo, contudo, a partir da abordagem da Psicologia Histórico-Cultural é possível ampliar significativa e qualitativamente a concepção de homem, desvelando sua essência. Para esta vertente psicológica o homem não é um ser absoluto, no sentido de existência, mas é um ser social que se constrói a partir das relações que estabelece ativamente em sociedade, isto é, é um ser em constante transformação. O homem é um ser social, cultural e histórico, que se desenvolve a partir do trabalho. Nesse sentido, é por meio da atividade prática que o homem modifica a

natureza, objetivando-se e transformando sua própria existência num modo de expressão único e diferente da dos animais. Tal processo de formação social do homem é possível pela apropriação das elaborações humanas, uma vez que a cultura é a matéria prima para o desenvolvimento, pois é apropriando-se da cultura, a partir da mediação de um adulto ou outro mais experiente, que os indivíduos passam a fazer parte do mundo (Vigotski, 1930).

Portanto, o caráter social é o caráter universal de todo o movimento; assim como a sociedade mesma produz o homem enquanto homem, assim, ela é produzida por meio dele [...]. A essência humana da natureza está, em primeiro lugar, para o homem social; pois é primeiro aqui que ela existe para ele na condição de elo com o homem, na condição de existência sua para o outro e do outro para ele; é primeiro aqui que ela existe como fundamento da sua própria existência humana, assim como também na condição de elemento vital da efetividade humana. [...] Portanto, a sociedade é a unidade essencial completada do homem com a natureza. (Marx, 2004, p.106-107).

Compreendendo o homem como ser que se constrói a partir das relações sociais é possível afirmar que nascemos candidatos à humanidade, sendo necessária a apropriação dos bens materiais e intelectuais para efetivar esse processo, conforme pontua Leontiev (1978a) “[...] cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (p. 267 – grifo do autor). Diferentemente dos animais, os homens não aprendem por adaptação individual do comportamento genérico, mas “a assimilação do homem é um processo de reprodução, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas da espécie humana” (Leontiev, 1978a, p. 270). O homem nasce com o aparato biológico pronto para o aprendizado e somente através desse processo de apropriação das objetivações humanas é possível a aquisição de capacidades exclusivamente humanas, tal como a linguagem, o pensamento, o raciocínio, o controle dos desejos e impulsos, entre outras. Assim, “nas circunstâncias normais, as relações do homem ao mundo material que o cerca, são *sempre* mediatizadas pela relação a outros homens, à sociedade. Elas estão incluídas na comunicação, mesmo quando o homem está exteriormente sozinho [...]” (Leontiev, 1978a, p. 170, grifo do autor).

O homem, no nível filogenético, pertence a espécie animal, assim possui uma dada estrutura biológica e dadas funções psicológicas elementares, tal como a atenção involuntária, entre outras. No nível ontogenético não são as leis da evolução que determinam, contudo é um

momento “no qual o desenvolvimento humano já não é condicionado, ou determinado, pela evolução biológica, mas sim, pelo desenvolvimento de funções novas, próprias da vida em sociedade” (Martins, 2001, p. 40). A partir desse momento, quando passa a viver de forma organizada em sociedade, o homem não mais é governado pelas leis biológicas, pois já alcançou – biologicamente- o necessário para sua sobrevivência. Portanto, agora, são as leis sociais que conduzem o desenvolvimento humano. Nesta direção Vygostki e Luria (1996) pontuam que “o adulto não só está ligado ao meio ambiente por milhares de elos os mais estreitos, como é, ele próprio, produto dele; sua essência encontra-se na essência das condições ambientais” (p. 155).

Quando o indivíduo nasce, já nasce pertencente a um país, a uma cultura com determinados costumes, a um Estado e a uma classe social, assim, seu desenvolvimento dependerá do acesso ou não aos bens materiais e intelectuais construídas pela humanidade. A partir do nascimento, são as leis sócio históricas que passam a reger o desenvolvimento humano. Sendo assim, “a natureza determina que o homem tenha necessidades, e a história, por sua vez, determina quais serão essas necessidades” (Tuleski, 2008, p. 87). Entender que o homem e o seu comportamento não são determinados biologicamente é defender que existem possibilidades de mudanças e transformações. Esta foi a tese defendida por Vigotski no contexto pós revolução russa:

A transformação das atitudes, comportamentos e valores, no entanto, só se concretizariam à medida que a prática social mudasse efetivamente, isto é, eliminasse gradativamente os elementos burgueses e se afirmassem relações de produção comunistas. A vivência de relações diferentes, essencialmente comunistas, determinaria a revolução nos modos de pensar e comportar-se em sociedade e a mudança dessas impulsionaria, cada vez mais, à transformação das relações. (Tuleski, 2008, p. 121).

Em uma de suas pesquisas Luria (2006), ao presenciar a revolução no Uzbequistão, apreendeu que juntamente com as mudanças socioeconômicas também ocorreram mudanças radicais no desenvolvimento das funções psíquicas superiores dos indivíduos que participaram desse momento histórico, “quando nossos sujeitos adquiriram alguma educação e tiveram participação em discussões coletivas de questões sociais importantes, rapidamente fizeram a transição para o pensamento abstrato” (Luria, 2006, p. 52). Assim, o autor concluiu que os processos de abstração, generalização, linguagem, entre outros, são produtos do ambiente cultural e mesmo num curto período de tempo, mas havendo profundas mudanças nas

circunstâncias históricas-sociais, é possível observar mudanças na organização do pensamento (Luria, 2006).

Sendo assim, “a influência do ambiente resulta no surgimento de novos mecanismos sem precedentes no animal, por assim dizer, o ambiente se torna interiorizado; o comportamento torna-se social e cultural não só em seu conteúdo, mas também em seus mecanismos, seus meios” (Vygotski & Luria, 2008, p. 179). Com esse excerto evidencia-se o caráter social do homem. É preciso um ambiente que favoreça o desenvolvimento para que ele ocorra e esse processo ocorre a partir da apropriação do que já foi sistematizado pela humanidade ao longo do percurso histórico. O homem privado do conhecimento é cerceado das possibilidades de desenvolvimento de suas capacidades máximas e de suas funções psicológicas superiores.

De acordo com Vygotski (1991) no desenvolvimento humano é possível distinguir duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, “diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. (p. 34). As funções elementares são as herdadas biologicamente e são involuntárias, por outro lado, as funções psicológicas superiores são desenvolvidas no processo de aprendizagem, portanto, são as funções que dependem do controle consciente do homem.

Sendo assim, “a cultura e o meio ambiente refazem uma pessoa não apenas por lhe oferecer determinado conhecimento, mas pela transformação da própria estrutura de seus processos psicológicos, pelo desenvolvimento nela de determinadas técnicas para usar suas próprias capacidades” (Vygotski & Luria, 2008, p. 237). Partindo desse entendimento, é possível pensar que o indivíduo, jovem ou idoso, a partir do momento em que se apropria de novos saberes concomitantemente reestrutura suas funções psicológicas superiores e sua consciência, passando a se perceber de forma diferente no mundo. Ocupando novos lugares e assumindo outros papéis sociais as relações íntimas/familiares, que determinavam o modo do idoso se relacionar com o resto do mundo, perdem seu papel e relações mais amplas passam a determinar as demais relações do indivíduo (Leontiev, 1978a).

1.2 Do desenvolvimento biológico ao desenvolvimento histórico-cultural do homem

Vejamos agora como ocorreu o processo de desenvolvimento da espécie humana, passando pelo desenvolvimento biológico do macaco antropoide – regido exclusivamente por leis biológicas - ao *Homo sapiens* – produto e produtor das leis histórica-sociais. Para iniciar a compreensão dessa transformação é necessário conceber o trabalho como atividade

historicamente construído, transformador e capaz de modificar a realidade tanto material como subjetiva do homem que o efetua, sendo, desta forma, um instrumento de constituição de subjetividade e modificador do real (Engels, s/d; Leontiev, 1978a).

Baseado nos textos de Engels (s/d) *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem* e no livro *O desenvolvimento do Psiquismo* (Leontiev, 1978a) é possível identificar como com o decorrer do tempo, os macacos antropoides adquiriram habilidades, por meio do trabalho, que os transformaram anatomicamente no *Homo sapiens*; e como com o desenvolvimento cultural o homem primitivo desenvolveu forças corpóreas e funções psicológicas superiores, transformando-o no homem cultural moderno. Engels inicia o texto descrevendo a condição básica e fundamental do trabalho na vida humana, “o trabalho criou o próprio homem” (Engels, s/d, p. 269).

Segundo o autor, na Era Terciária, zona tropical, viviam macacos antropomorfos muito desenvolvidos biologicamente e estes, à medida em que necessidades imediatas de sobrevivência surgiam, precisaram adaptar-se na utilização das mãos para determinados fins e passaram a adotar a postura ereta, posição esta imprescindível na transformação do macaco em homem. Neste período, as mãos dos macacos eram utilizadas para realizar atividades simples e com o tempo, foram adquirindo cada vez mais destreza e habilidade que eram transmitidas por herança genética e aumentadas de geração para geração de acordo com as atividades desenvolvidas (Engels, s/d). Leontiev (1978a) considera este o primeiro estágio da passagem ao homem: “começa no fim da era terciária e prossegue até ao princípio do quaternário” (p. 161). Os seguintes estágios são caracterizados pelo pitecantropo e pelo homem Neanderthal (paleantropiano): “poderiam ser classificados de estádios de transição para o homem moderno (neantropiano)” (Leontiev, 1978a, p. 161).

Com o aparecimento dos pitecontropos houve uma mudança significativa no curso da evolução, pois criaram as formas embrionárias do trabalho e da sociedade. Nos pitecontropos, realizando habilidades que se tornavam mais complexas, a mão atingiu um grau de destreza que pôde dar vida à muitos artefatos. Este órgão não é independente, faz parte de um conjunto complexo de órgãos, logo, o corpo todo também se desenvolveu. Com o decorrer do tempo e à medida em que conviviam em grupos, surgiu a necessidade de comunicação e então, a laringe se desenvolveu lentamente dando origem a pronúncia de sons articulados. Foi mediante o trabalho e com ele sons articulados que o cérebro do macaco foi se desenvolvendo, se aperfeiçoando e ganhando volume (Engels, s/d).

As transformações morfológicas fixadas pela hereditariedade que se operavam em ligação com o desenvolvimento da atividade do trabalho e da comunicação verbal, isto é, sob a influência de factores já sociais, obedeciam também, evidentemente, a leis estritamente biológicas. O problema é completamente outro no que se concerne ao desenvolvimento da própria produção social e de todos os fenómenos que ela engendra. Com efeito, este desenvolvimento não é agora regido senão pelas leis sociais, leis socio-históricas, leis fundamentalmente novas. (Leontiev, 1964, p. 162).

À medida que se desenvolveu o cérebro, desenvolve-se também os órgãos dos sentidos, “o desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento” (Engels, s/d, p. 273). Martins (2011) reitera que “o desenvolvimento da atividade laboral associada às novas funções conquistadas pela complexificação das articulações entre mãos, cérebro e linguagem provocou profundas transformações na constituição psíquica humana” (p, 39).

A complexificação sensorial cada vez mais aliada ao desenvolvimento das funções motoras provoca inúmeros altos qualitativos na experiência animal, especialmente em relação à função mnemônica manifesta na esfera motriz na forma de “hábitos”, definidos por Leontiev (1978a) como operações motoras fixadas pela experiência. Maior acuidade perceptiva, motora e mnemônica, advinda da nova complexificação do córtex cerebral, aponta que nesse estágio principiam os rudimentos da generalização e da diferenciação de propriedades físicas dos objetos [...]. (Martins, 2013, p. 22).

Outro aspecto que contribuiu para a transformação do homem foi a alimentação, pois esta, cada vez mais variada, forneceu ao organismo substâncias importantes para o seu desenvolvimento. Para ter acesso a alguns alimentos foi preciso desenvolver, através do trabalho, alguns utensílios. Eram instrumentos de caça, pesca, utilizados como armas e a partir desse momento a alimentação passou de vegetal à mista. Assim, segundo o autor (s/d) “a alimentação cárnea ofereceu ao organismo, em forma quase acaba, os ingredientes mais essenciais para o seu metabolismo” (p. 274). A alimentação mista contribuiu de forma significativa para dar força física e independência ao homem em formação, além de fornecer ao cérebro substâncias necessárias ao seu desenvolvimento, tornando-o cada vez mais rápido.

A utilização da carne na alimentação propiciou dois novos avanços que ajudaram a emancipar o homem: o fogo que ajuda na digestão dos alimentos e em muitas outras situações e a domesticação dos animais que multiplicou a reserva de carnes e também foi possível extrair o leite dos animais e seus laticínios. O homem que aprendeu a comer tudo que era possível, passou a habitar todos os cantos da terra. Ao habitar climas diversos, os homens foram forçados pelas necessidades a criar novas vestes, ampliando o trabalho e se diferenciando ainda mais dos animais.

Os indivíduos, tornados sujeitos de um processo social, obedecem, portanto, doravante, simultaneamente, à acção de leis biológicas (graças as quais se produzem as transformações morfológicas ulteriores, tornadas necessárias pelo desenvolvimento da produção e da comunicação) e à acção das leis sociais (que regem o desenvolvimento da própria produção social). Pode-se dizer que nestes estádios intermediários as novas leis sociais se manifestavam relativamente pouco, limitadas que eram pelo progresso da evolução biológica no decurso da qual se estava formando o homem propriamente dito – o *Homo sapiens*. À medida que se desenrola este processo, as leis sociais tomam maior importância e o ritmo do desenvolvimento social do homem depende cada vez menos do seu desenvolvimento biológico. (Leontiev, 1978a, p. 162).

Portanto, fica evidente que o desenvolvimento da espécie humana é produto das atividades realizadas a partir das necessidades postas pela realidade objetiva. Esse processo garantiu ao homem o aparato biológico necessário para o desenvolvimento de habilidades especificamente humanas, como a linguagem, pensamento, percepção, memória, atenção, entre outros. Porém, ao nascer, o homem não está pronto, ainda não tem desenvolvidas estas funções, mas é um candidato à humanidade. Este, considera Leontiev (1978a), é o segundo momento crítico na filogênese: a passagem do homem formado biologicamente ao homem moderno – regido apenas pelas leis sociais.

Enquanto a atividade animal radica nos programas hereditários de comportamento e no produto da experiência individual passada, as ações e habilidades humanas resultam das apropriações do legado construído histórico-socialmente. Por essa via, a existência individual condensa habilidades que foram criadas ao longo de milênios. Destarte, pode-se afirmar que as propriedades, as possibilidades e os limites de que dispõe cada indivíduo não resultam de sua experiência individual, mas sim das assimilações da

experiência das gerações passadas que se realizam, ou não, em sua experiência. (Martins, 2011, p. 40).

A partir desse momento da evolução filogenética o homem já possui todas as propriedades morfológicas essenciais para o desenvolvimento de funções superiores, ou seja, não são mais necessárias modificações na sua natureza hereditária. Pois, “o percurso evolutivo capaz de garantir a sobrevivência da espécie foi o de transformar a natureza e, a partir desta necessidade de existência, transformar e desenvolver o próprio cérebro” (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 240).

Estas elaborações irão impactar no desenvolvimento do indivíduo, agora, portanto, necessita do desenvolvimento ontogenético no qual “o homem entra em relações particulares, específicas, com o mundo que o cerca, mundo feito de objetos e de fenômenos criados pelas gerações humanas anteriores” para dar sequência no desenvolvimento (Leontiev, 1978a, p. 166). A partir da ontogênese é possível ao homem desenvolver os sentidos espirituais e práticos como, por exemplo, a vontade, o amor, entre outros.

As aptidões e funções formadas no homem no decurso deste processo são as neoformações psicológicas, relativamente às quais os mecanismos e os processos hereditários, inatos, não passam de condições interiores (subjectivas) necessárias que tornam o seu aparecimento possível; [...] A aptidão para o pensamento lógico só pode ser o resultado da apropriação da lógica, produto objetivo da prática social da humanidade. (Leontiev, 1978a, p. 169).

A diferença essencial entre o homem e os animais se constituiu a partir do trabalho, à medida que os homens dominaram a natureza e forçou-a a servir-lhes, por conhecer cada vez mais as leis da natureza. Desta forma, “o homem, diferentemente do animal, mediatiza, regula e controla este processo pela sua atividade; ele próprio desempenha, em face da natureza, o papel de uma potência natural” (Leontiev, 1978a, p. 173). É na sociedade e no mundo transformado pelos processos históricos e sociais que o homem encontra os meios, aptidões e saber-fazer para agir na transformação da natureza e de si mesmo.

Os modos de produção existentes até hoje procuravam apenas o efeito útil do trabalho em sua forma mais direta e imediata. Depois que esgotou o excedente de terras livres e muitos ficaram sem essa posse, as formas de produção se constituíram de maneira a gerar uma divisão de classes, de um lado os dominantes que possuíam seus próprios meios de produção e de outro

os oprimidos que utilizavam as forças braçais: “com o atual modo de produção, e no que se refere tanto às consequências naturais como às consequências sociais dos atos realizados pelos homens, o que interessa prioritariamente são apenas os primeiros resultados, os mais palpáveis” (Engels, s/d, p.280). Assim, Leontiev (1978a, p. 173) complementa:

Se, nas condições da sociedade de classes antagonistas, a maioria dos homens, que pertence às classes exploradas e aos povos oprimidos, é obrigada a efectuar quase exclusivamente os trabalhos físicos grosseiros, as dificuldades correlativas destes homens para desenvolver as suas aptidões intelectuais superiores não se explica pela “sua incapacidade para se adaptar” às exigências superiores, mas pelo lugar que ocupam – independentemente de sua vontade – no sistema das relações sociais. Determinando as possibilidades destes homens para assimilar a atividade humana, este facto determina, ao mesmo tempo, a sua possibilidade de “adaptação”, isto é, a possibilidade de desenvolver a sua natureza humana, as suas aptidões e propriedades humanas.

Este modo de conceber o trabalho, como fonte imediata de um resultado, transformou a sociedade e as relações entre os homens. Assim, é visível o carácter imediatista das relações sociais e a naturalização dos processos construídos ao longo dos milhares de anos. Assim, a partir desse resgate histórico é possível perceber que o modo como a sociedade se configura hoje é resultado de todo um processo histórico, social e econômico de transformação da natureza e do homem, dialeticamente.

Tais transformações globais do organismo foram possíveis devido à uma característica central do trabalho: seu carácter social, envolvendo necessariamente a relação entre os homens e, também, com a natureza. É importante salientar que essas transformações a partir do trabalho só foram possíveis aos animais que viviam em grupos e que apresentavam formas suficientemente desenvolvidas de vida em comum; ademais outras modificações anteriores possibilitaram as transformações a partir do trabalho, tais como a transição progressiva à posição vertical, o surgimento de extremidades móveis, aptas para pegar objetos e principalmente pela existência, em representantes superiores do mundo animal, do reflexo psíquico da realidade (Leontiev, 1978a). Doravante será apresentado como este homem cultural moderno, já regido pelas leis sócio-históricas, desenvolveu a consciência e o sentido da vida.

1.3 A consciência humana e a constituição do sentido e do significado

Sobre o psiquismo Leontiev (1978a) explicita que a humanização, ou seja, “mudanças essenciais na organização física do homem” (p. 264) foi possível mediante a transmissão e fixação das aquisições da evolução às gerações seguintes. E, sendo assim, tais transmissões e fixações decorrem de uma atividade criadora e produtiva: o trabalho. Portanto, cada geração inicia sua vida em um mundo com objetos e criações da geração precedente. Por meio do trabalho os homens criam objetos para satisfazer suas necessidades, modificando a natureza; constroem habitações, produzem roupas, máquinas, desenvolvem ciências e artes. São essas criações humanas que possibilitam o desenvolvimento da geração subsequente. Ao nascer o indivíduo aprende a ser homem e isso ocorre por meio da apropriação do que já foi produzido até este momento histórico. Assim, “cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade”. (Leontiev, 1978a, p. 267 – grifo do autor).

De acordo com Marx e Engels (1971), todas as relações humanas com o mundo são sociais, ou seja, são construídas e não inatas. Portanto, “ver, ouvir, cheirar, ter paladar, tato, pensar, olhar, sentir, querer, agir, amar” (p. 47) são produtos da vivência em sociedade. Desta forma, os primórdios da atividade psíquica no homem são sociais, encontrados no trabalho, sendo este constituído por dois elementos interdependentes: o uso e a construção de instrumentos e o surgimento da linguagem. Ao modificar a natureza o homem transforma a sua própria consciência. Ela passa a ser orientada e planejada à ação (caráter teleológico) e mediada através dos instrumentos e signos que surgiram no processo de trabalho. Nesse processo há a passagem das funções psicofisiológicas elementares (naturais, biológicas) às funções psicológicas superiores mediadas por esses instrumentos e culturalmente desenvolvidas (Klein, Silva & Mata, 2011).

Assim, “o trabalho social e o emprego de instrumentos que lhe são requeridos, bem como o desenvolvimento da linguagem, marcam, em definitivo, a transição da história natural dos animais à história social dos homens” (Martins, 2011, p. 38). É através da atividade social que os homens se desenvolvem e adquirem funções psicológicas exclusivamente humanas, como a memória voluntária, atenção voluntária, etc. Sendo assim, os homens não nascem prontos, precisam, no entanto, apropriarem-se do que já foi criado para então desenvolverem as funções psicológicas superiores. Doravante, a fim de compreendermos como o trabalho, os instrumentos e a linguagem revolucionaram o psiquismo humano ao propiciar condições para o desenvolvimento de funções psicológicas exclusivamente humanas, como a capacidade de

reflexão, a atenção voluntária, a memória arbitrária, etc. que possibilitaram ao indivíduo atribuir sentido à sua vida faz-se necessário apresentar cada conceito para, então, avançarmos no estudo do sentido e do significado na velhice.

Se observarmos na natureza encontraremos animais utilizando ‘instrumentos’ (como varetas, pedras, etc.) para alcançar alimentos, contudo, tal uso responde a uma necessidade puramente biológica e instintiva, ligada diretamente ao objetivo final, assim, “o objeto da atividade dos animais confunde-se sempre com o seu motivo biológico” (idem, p. 76). Por ser uma utilização que satisfaça as necessidades imediatas e biológicas, este uso não é caracterizado como instrumento, mas como uma ferramenta. O instrumento utilizado pelo homem, no entanto, é distinto deste uso feito pelos animais. Leontiev (1978a) definiu instrumento como “um objeto com o qual se realiza uma ação de trabalho, operações de trabalho” (p. 82), “é um objeto social, o produto de uma prática social, de uma experiência social de trabalho” (p. 83).

A diferença fundamental entre o uso de ‘instrumentos’ (ferramentas) pelos animais e o uso de instrumentos pelos homens é que por mais complexo que seja o uso feito pelo animal não há o “caráter de um processo social, não é realizada coletivamente e não determina as relações de comunicação entre os seres que a efetuam” (Leontiev, 1978a, p. 75). Ou seja, o uso de instrumentos pelos homens não está condicionado às necessidades biológicas, imediatas, mas às necessidades criadas culturalmente pelos próprios homens. Duarte (2004) afirma que a produção de instrumentos é uma atividade mediadora entre o ponto de partida da ação e a satisfação da necessidade; “ao passo que os animais agem para satisfazer suas necessidades, os seres humanos agem para produzir os meios de satisfação de suas necessidades (p. 49), assim, o instrumento é um recurso mediador da atividade humana e de sua necessidade. Leontiev (1978a) utiliza o machado como exemplo de um instrumento, pois nele estão cristalizadas as elaborações sociais, as operações de trabalho realizadas, assim, “dispor de um instrumento não significa simplesmente possuí-lo, mas dominar o meio de ação de que ele é o objeto material de realização” (p. 82).

Ao mesmo tempo, no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais). Razão porque todo progresso no aperfeiçoamento, por exemplo, dos instrumentos de trabalho pode considerar-se, deste ponto de vista, como marcando um novo grau do desenvolvimento histórico nas aptidões motoras do homem; também a complexificação da fonética das línguas encarna os progressos realizados na

articulação dos sons e do ouvido verbal, os progressos nas obras de arte, um desenvolvimento estético, etc. (Leontiev, 1978a, p. 265).

Duarte (2004) apresenta a estrutura da atividade, pontuando as diferenças no animal e no homem primitivo. No animal a atividade é marcada por uma relação imediata entre o motivo da atividade e o objeto da atividade, isto é, aquilo que leva o animal a agir (motivo) está relacionado diretamente com aquilo para o qual se dirige a atividade dele (objeto). O autor complementa: “existe na atividade animal uma relação direta entre o conteúdo da atividade (o que o animal faz) e o motivo da atividade (por que o animal realiza essa atividade)” (Duarte, 2004, p. 52). Contudo, a estrutura da atividade humana é mais complexa, como também, a sua estrutura psicológica. Na atividade humana, não há uma relação direta e imediata entre o motivo e o objeto da atividade. Assim, diferente dos animais o objeto da atividade dos homens distingue do motivo da ação, o que os vincula são as relações objetivas sociais, pois depende da ação de outros homens. Isto quer dizer que o homem realiza uma determinada ação que imediatamente não se relaciona de forma direta com o motivo de sua atividade, mas faz parte do processo mais amplo, é uma parte dele.

Para exemplificar a estrutura da atividade humana Leontiev (1978a) utiliza a atividade da caça, na qual um grupo se organiza com o objetivo de conseguir apanhar um animal (motivo) e desenvolvem várias ações que compõem a atividade de caça. Cada pessoa fica responsável por uma ação e um deles espantará o animal em direção à armadilha, outro se responsabiliza por apanhar o animal na armadilha. Na ação específica de espantar a caça não há uma relação imediata e direta com a atividade de caçar, pois se esta atividade fosse observada isoladamente, então esta ação não teria sentido algum para quem a observa. Porém, a atividade de espantar a caça está ligada ao motivo da atividade, fazendo parte de uma totalidade e o que liga o resultado imediato desta atividade ao seu resultado final é “a relação do indivíduo aos outros membros da coletividade” (p.78).

Esta relação, esta ligação, realiza-se graças às atividades dos outros indivíduos. Isso significa que é precisamente a atividade de outros homens que constitui a base material objetiva da estrutura específica da atividade do indivíduo humano; historicamente, pelo seu modo de aparição, a ligação entre o motivo e o objeto de uma ação não reflete relações e ligações naturais, mas ligações e relações objetivas sociais. (Leontiev, 1978a, p. 78).

Neste exemplo algumas características tipicamente humanas ficam marcadas. A capacidade de realizar uma ação aparentemente desconectada do objetivo final da atividade só é possível aos homens, pois exige organização e divisão de tarefas, exige consciência do motivo da ação e do sentido da atividade. Além disso, para que essa organização da atividade aconteça é necessário que os homens se comuniquem, ou seja, que a linguagem cumpra a sua função de transmissão dos significados. A complexificação das operações de trabalho e dos instrumentos alargou o domínio do consciente. A produção passa a exigir cada vez mais do trabalhador um sistema de ações dependentes umas às outras, assim, “psicologicamente, a fusão de diferentes ações parciais numa ação única constitui a sua transformação em operação” (Leontiev, 1978a, p. 103). Sendo assim, para que as ações separadas se transformem em operação é necessário a quem realiza as ações estar ciente do motivo da atividade.

Nesta direção, “a decomposição de uma ação supõe que o sujeito que age tem a possibilidade de refletir psiquicamente a relação que existe entre o motivo objetivo da ação e o seu objeto. Senão, a ação é impossível, é vazia de sentido para o sujeito” (Leontiev, 1978a, p. 79). O autor apresenta duas categorias de motivo, sendo eles: os motivos geradores de sentido e os motivos estímulos. No primeiro grupo o motivo da atividade está relacionado com o resultado da ação, com o fim da atividade, por isso é capaz de gerar sentido a quem a realiza. Em contra partida, os motivos estímulos apenas servem como incentivadores para a realização das ações concernente à atividade, mas não geram sentido, pois a ação, mesmo que realizada, não faz sentido para o sujeito da ação. Um exemplo que corrobora está explicação é a atividade de estudo para uma prova escolar. Se o motivo do aluno para ação de estudar para a prova é de obter uma nota, então esse motivo é apenas um motivo estímulo, pois não se relaciona com o motivo da atividade de estudo (apropriação do conhecimento). No entanto, se o aluno estuda para se apropriar do conteúdo e conseqüentemente tirar uma boa nota, então, esse motivo é gerador de sentido, pois a finalidade da ação se relaciona com o motivo da atividade.

Assim, se o indivíduo realiza ações sem que haja uma relação com o motivo desta ação na atividade, certamente essa ação não terá sentido para quem a realiza. O motivo é o gerador da atividade e o objeto é o fim da atividade. O que atribui sentido à atividade desse indivíduo, isto é, o que conecta a ação com o motivo da atividade são as relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e os demais do grupo (Duarte, 2004).

Na mente humana há, portanto, uma relação indireta, mediatizada, entre o conteúdo da ação e o motivo desta. Usando os termos de Leontiev, ao conteúdo da ação, isto é, àquilo que constitui seu objeto, vincula-se o “significado da ação”, ou seja, o significado da

ação é aquilo que o sujeito faz, é a resposta à pergunta: O que o indivíduo está fazendo? Mas a consciência humana, segundo Leontiev, trabalha com as relações entre o significado e o sentido da ação. O que seria o sentido da ação? Para Leontiev o sentido da ação é dado por aquilo que liga, na consciência do sujeito, o objeto de sua ação (seu conteúdo) ao motivo dessa ação. (Duarte, 2004, p. 55).

Portanto, o sentido da atividade é produzido pelas condições objetivas de vida que podem favorecer ou restringir as relações sociais. Nas sociedades primitivas a própria estrutura social possibilitava que os sentidos dos fenômenos coincidissem totalmente com as significações elaboradas socialmente e fixadas na linguagem, chegando à consciência. Ao processo de formação desta consciência Leontiev (1978a) denominou “formação primitiva integrada” (p. 114). Esta formação integral da consciência era possível uma vez que “a propriedade coletiva colocava os homens em relações idênticas em relação aos meios e frutos da produção, sendo estes últimos, portanto, refletidos de maneira idêntica na consciência individual e na consciência coletiva” (Leontiev, 1978a, p. 114). O resultado da atividade de trabalho, ou seja, o produto daquela atividade tinha o sentido de bem comum e fixava-se nas significações linguísticas. À formação da consciência no homem moderno o autor qualificou como “desintegrada” (p. 114), pois, com o aparecimento e o desenvolvimento da divisão social do trabalho e das relações de propriedade privada a consciência passa a responder às novas condições da vida humana.

A transformação essencial que caracteriza a consciência nas condições do desenvolvimento da sociedade de classes é a modificação que sofre a relação que existe entre o plano dos sentidos e o plano das significações nas quais se produz a tomada de consciência. A segunda transformação capital diz respeito àquilo que se convencionou chamar de funções da consciência [...]. Do ponto de vista do desenvolvimento funcional da consciência, esta transformação consiste na formação de processos psíquicos propriamente internos [...]. Estando o desenvolvimento da linguagem e da palavra na base desta transformação [...]. (Leontiev, 1978a, p. 114-115).

O autor destaca os elementos constitutivos da estrutura interna da consciência: o conteúdo sensível, o significado social e o sentido pessoal. Por conteúdo sensível podemos compreender as sensações, as imagens de percepção e as representações; “é o que produz a base e as condições da consciência, o que cria sua riqueza e seu colorido. É o conteúdo imediato da

consciência, mas não exprime toda sua especificidade” (Asbhar, 2014, p. 267). Já o significado, também denominado de significações é “a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível, ordinariamente a palavra ou a locução. É a forma ideal, espiritual da cristalização da experiência e da prática sociais da humanidade” (Leontiev, 1978a, p. 94). Em outras palavras,

[...] as significações medeiam as relações do homem com o mundo, ou seja, são o reflexo da realidade elaborada historicamente pela humanidade sob a forma de conceitos, saberes ou modos de ação, independentemente da relação individual que os homens estabeleçam com ela. O sistema de significações, embora em eterna transformação, está “pronto” quando o indivíduo nasce, cabendo a este se apropriar dele. (Asbhar, 2014, p. 268).

Vigotski (2009) também se dedicou a compreensão do sentido e significado ao estudar a consciência humana a partir da relação entre pensamento e linguagem. Para este autor o significado é uma generalização que se desenvolve ao longo das vivências, portanto, o significado não é imutável, mas se transforma qualitativamente. Na mesma direção Leontiev (1978a, p. 94) postula que “no decurso da sua vida, o homem assimila a experiência das gerações precedentes; este processo realiza-se precisamente sob a forma da aquisição das significações e na medida desta aquisição”. O significado é a unidade mínima da palavra com o pensamento, condensa elementos da linguagem, do pensamento e da consciência. A palavra, por sua vez, “é a expressão mais direta da natureza histórica da consciência humana” (Vigotski, 2009, p. 486); “toda a consciência em seu conjunto que está vinculada em seu desenvolvimento ao desenvolvimento da palavra” (p. 486).

A palavra contém uma natureza psicológica que é a generalização (significado) nela contida que possibilita a representação e análise da realidade na consciência (Vigotski, 2009). A princípio faz-se necessário explicitar que o significado da palavra não é constante, mas se modifica ao longo de todo o processo de desenvolvimento tanto em sua estrutura quanto em seu conteúdo psicológico. Portanto, “a relação entre pensamento e palavra deve ser compreendida como um processo, um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento, e nesse processo o pensamento forma-se na palavra” (Asbhar, 2014, p. 267).

A ação precede a palavra, conforme expõe Vigotski (2009): “a palavra não esteve no princípio. No princípio esteve a ação. A palavra constitui antes o fim que o princípio do desenvolvimento. A palavra é o fim que coroa a ação” (p. 485). Sendo assim, “em uma palavra

estão sintetizadas determinadas ações do homem, pois a palavra carrega a máxima generalização dessa(s) ação(ões)” (Asbhar, 2014, p. 266). Vigotski (2009) explicita a relação entre ação e generalização, ou entre atividade e linguagem e expõe que são indissociáveis, pois estão unidas geneticamente desde o início do desenvolvimento. É por este motivo que o significado é mutável, pois está relacionado com as atividades desenvolvidas pelo indivíduo (Vigotski, 2009).

Outro constituinte da consciência, além do conteúdo sensível e do significado é o sentido. Vigotski (2009) esclarece a diferença entre sentido e significado da palavra. Para o autor a partir do contexto o sentido enriquece o significado da palavra, “nestes termos, o sentido da palavra é inesgotável. A palavra só adquire sentido na frase, e a própria frase só adquire sentido no contexto do parágrafo, o parágrafo no contexto do livro, o livro no contexto de toda a obra de um autor” (Vigotski, 2009, p. 466).

Portanto a atividade “governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade” (Leontiev, 2006, p. 65). Com isso, “podemos dizer que cada estágio do desenvolvimento psíquico caracteriza-se por uma relação explícita entre a criança e a atividade principal naquele estágio e por um tipo preciso e dominante de atividade” (Leontiev, 2006, p. 64). A atividade é capaz de governar mudanças no desenvolvimento, mas disto depende o conteúdo da atividade, que, por sua vez, está imbricado nas condições histórico-sociais concretas. É, então, a partir da atividade – proveniente do trabalho coletivo – que o psiquismo humano teve seu surgimento. Leontiev (1978a) entende que a unidade fundamental do psiquismo humano é a ação da atividade humana, proveniente da atividade de trabalho.

O desenvolvimento de sua consciência encontra expressão em uma mudança na motivação de sua atividade; velhos motivos perdem sua força estimuladora, e nascem os novos, conduzindo a uma reinterpretação de suas ações anteriores. A atividade que costumava desempenhar o papel principal começa a se desprender e a passar para um segundo plano. Uma nova atividade principal surge, e com ela começa também um novo estágio de desenvolvimento. Essas transições, em contraste com as mudanças intra-estágios, vão além, isto é, de mudanças em ações, operações e funções para mudanças de atividade como um todo. (Leontiev, 2006, p. 82).

Portanto, por meio da atividade a consciência se transforma e, com ela, os sentidos e significados: “a estrutura da consciência humana está regularmente ligada à estrutura da atividade humana” (Leontiev, 1978a, p. 99). O autor explica que antes de compreender as

particularidades psicológicas da estrutura da consciência dos homens é necessário entender a estrutura da atividade humana relacionada às condições históricas e concretas da sociedade, uma vez que a consciência depende das relações concretas com a realidade objetiva e material.

Aprofundando o estudo sobre o sentido, ou sentido pessoal – como o autor também expressa - Leontiev (1978a) parte da análise da atividade humana para compreender este processo e entende que a apropriação ou não das significações/dos significados dependerá do sentido pessoal. O sentido, para o autor, é “antes de mais nada a relação que se cria na vida, na atividade do sujeito” (1978a, p. 97). Esta relação se refere ao motivo e o fim da atividade, ou seja, “este sentido consciente é criado pela relação objetiva que se reflete no cérebro do homem, entre aquilo que o incita a agir e aquilo para o qual sua ação se orienta como resultado imediato” (idem). Sendo assim, o sentido é construído por meio da relação objetiva entre o que provoca a ação no sujeito, isto é, o motivo da atividade e aquilo para o qual sua ação se dirige como resultado imediato (fim da ação). Para encontrar o sentido pessoal faz-se necessário encontrar seu motivo correspondente, uma vez que “o sentido pessoal traduz a relação do motivo com o fim” (Asbhar, 2014, p. 268).

Leontiev (1978a) assinala que o sentido e significado estão ligados intrinsecamente por uma relação inversa, uma vez que “é o sentido que se exprime nas significações (como o motivo nos fins) e não a significação no sentido”. A fim de exemplificar sua colocação o autor menciona a dissociação entre sentido e significado, pois uma pessoa pode ter a consciência sobre um fato histórico, compreender a significação desta data e mesmo que o seu conhecimento permaneça o mesmo sobre o acontecimento o sentido, contudo, poderá ser diverso e modificado, tornando-se mais profundo, por exemplo. Com isto, “o sentido pessoal traduz precisamente a *relação* do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados” (Leontiev, 1978a, p. 98). Na consciência primitiva, isto é, nos primeiros estádios do desenvolvimento da sociedade, havia uma coincidência dos sentidos e dos significados, devido a própria configuração da sociedade primitiva. Com a divisão de classes, ocorreu também a dissociação entre sentido e significado, o que denominamos alienação, conceito que será abordado na seção seguinte.

Utilizando essa compreensão para entender o objeto de estudo da pesquisa é possível entender que o sentido da vida na velhice dependerá, necessariamente, das relações sociais estabelecidas pelos idosos e das ações e atividades realizadas no cotidiano. Os idosos só verão sentido em suas vivências à medida que em suas atividades o motivo das ações estiver relacionado conscientemente com o objetivo das mesmas. Nesta direção,

São elas [as condições do trabalho coletivo] que conferem a esta ação o seu sentido humano e racional. Com a ação, esta unidade principal da atividade humana, surge assim a unidade fundamental, social por natureza, do psiquismo humano, o sentido racional para o homem daquilo para que sua atividade se orienta. (Leontiev, 1978a, p. 79).

O que permite ao indivíduo identificar qual o sentido de sua ação, para além da necessidade biológica, é a consciência: “a consciência da significação de uma ação realiza-se sob a forma de reflexo do seu objeto enquanto fim consciente” (Leontiev, 1978a, p. 80). No processo de trabalho as atividades sofrem uma transformação qualitativa com o desenvolvimento e o uso dos instrumentos e da linguagem, o que permite ao homem complexificar seu modo de viver. Construir um instrumento envolve uma série de atividades planejadas e organizadas, portanto, exige uma consciência do fim da ação e de suas propriedades objetivas; “é o instrumento que é de certa maneira portador da primeira verdadeira abstracção consciente e racional, da primeira generalização consciente e racional” (Leontiev, 1978a, p. 82). O instrumento não é somente particular e determinado por suas características físicas, mas é, principalmente, um objeto social, pois foi elaborado socialmente no decurso do trabalho coletivo, portanto é produto da atividade social do trabalho.

Como expressado anteriormente, com a complexificação do trabalho emerge a necessidade da criação e do uso de instrumentos. Nos animais o instrumento não cria novas operações, pois está submetido ao movimento natural, no entanto, nos homens verifica-se o contrário: “no trabalho os homens entram forçosamente em relação, em comunicação uns com os outros”, assim se formam o pensamento e a palavra (Leontiev, 1978a, p. 86). Sendo assim, a partir do trabalho a relação entre os homens tem dupla função, a de produção e de comunicação, tem-se, assim, a formação da linguagem. A condição necessária e específica para o desenvolvimento do homem em sociedade, a partir do trabalho, é a comunicação por meio da linguagem, uma vez que ela é necessária para a transmissão às novas gerações do que já foi produzido e sistematizado pela humanidade, tendo em vista que o indivíduo quando nasce não carrega consigo um gene responsável pela transmissão do conhecimento existente.

Conforme Leontiev (1978a) a linguagem é a forma concreta com a qual a consciência opera. O autor explica que originalmente as ações do trabalho e a linguagem formam um processo único. Neste momento, as ações dos homens tem dupla função: “uma função imediatamente produtiva e uma função de ação sobre os outros homens, uma função de comunicação” (p. 86). Em seguida estas duas funções se separam, pois a própria experiência sugere aos homens que determinados movimentos não conduziram ao resultado esperado,

Nascem assim movimentos que conservam a sua forma de movimentos do trabalho, mas que perdem o contato prático com o objeto [...]. Estes movimentos, bem como os sons vocais que os acompanham, separam-se da tarefa de agir sobre o objeto, separam-se da ação de trabalho e só conservam a função que consiste em agir sobre os homens, a função de comunicação verbal. Por outras palavras, transformam-se em gestos. O gesto nada mais é que um movimento separado do seu resultado, isto é, é um movimento que não se aplica ao objeto para o qual está orientado. Ao mesmo tempo, o papel principal da comunicação passa dos gestos aos sons da voz; assim aparece a linguagem sonora articulada. (Leontiev, 1978a, p. 86).

Portanto, entende-se que “nem a linguagem nem as ideias são um atributo natural do cérebro, mas constituem uma propriedade humana que resulta do próprio desenvolvimento material da sociedade” (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 246). Desta forma, “as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas”, para se apropriar desses resultados construídos pela humanidade é fundamental que os homens entrem em relação com os fenômenos do mundo que o rodeia através da comunicação com outros homens. Assim, “a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação” (Leontiev, 1978a, p. 272). Por exemplo, um homem que sempre viveu isolado, sem contato humano, não desenvolve os processos de pensamento lógico, mesmo que tenha se deparado com situações que exigiam a formação dessa habilidade.

A linguagem é tão velha como a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que, existindo para os outros homens, existe para mim próprio pela primeira vez e, tal como a consciência, a linguagem só aparece com a necessidade imprescindível do trato com os outros homens. Onde existe uma relação ela existe para mim. (Marx & Engels, 1971, p. 20).

Vigotski (2009) afirma que foi por vontade de satisfazer suas próprias necessidades que os homens passaram a se apropriar de certos eventos do mundo exterior, mais tarde passaram a utilizar a linguagem para este fim. Desta forma, a linguagem não desempenha apenas o papel

de comunicação entre os homens, ela é também uma forma de consciência e pensamento humano.

A consciência da realidade opera através da linguagem, e esta, assim como a consciência, é produto da coletividade humana e só aparece a partir do processo de trabalho, da necessidade de comunicação entre os homens que trabalhavam conjuntamente.

De acordo com Leontiev (1978a), através do desenvolvimento da consciência foi possível ao homem observar a si mesmo e distinguir a realidade objetiva do seu reflexo subjetivo, ou seja, o ser humano passou a ter a capacidade de perceber a realidade objetiva exterior e como ela é refletida internamente. O autor explica que esta capacidade humana se desenvolveu ativamente a partir do trabalho, uma vez que este propiciou a hominização do cérebro ao transformar a relação dos homens com os objetos.

Leontiev (1978a) compreende que a realidade psíquica é o mundo subjetivo da consciência e busca definir o que é psiquismo e consciência. Em primeira instância afirma que o psiquismo tem vários níveis, podendo ser reconhecido nos animais - em níveis mais primitivos - e nos homens de forma qualitativamente nova, e este nível superior do psiquismo o autor considera como a consciência: “a consciência em seu caráter imediato é a imagem que é revelada ao sujeito, no qual estão incluídos a si mesmo, suas ações e estados” (Leontiev, 1978a, p. 99 – tradução nossa).

Portanto, o autor considera a consciência como expressão do psiquismo através da imagem subjetiva da realidade objetiva. Na mesma direção Martins (2011) acrescenta que “com o advento da consciência, a realidade – e tudo que a constitui – adquire outra forma de existência representada pela imagem psíquica, pela ideia que dela se constrói” (p. 27). Assim, a consciência capta os fenômenos da realidade e os reconstitui no plano subjetivo, no psiquismo humano. A consciência é tanto social quanto individual. (Leontiev, 1978a). A imagem subjetiva da realidade objetiva é denominada por Leontiev (1978a) de fenômenos da consciência; com estas imagens é possível ao homem significar suas experiências e atribuir a elas um caráter pessoal, o sentido pessoal.

Como resultado da “atividade subjetiva”, o reflexo psíquico pressupõe, portanto, o processo de refletir, o contínuo movimento de superação da reprodução sensorial em direção à produção conceitual e, igualmente, o produto do reflexo, isto é, a conversão do conceito em signo, em instrumento psíquico, em mediação na atividade objetiva que liga, transformadoramente, o homem à natureza. (Martins, 2011, p. 35).

Nota-se que esta concepção de psiquismo não atribui a ele um caráter interno/subjetivo, mas o compreende como “unidade material e ideal que se desenvolve socialmente” (Martins, 2011, p. 31), superando a dicotomia de modelos biologizantes e/ou psicologizantes, “representativos do idealismo introspeccionista próprio às origens da psicologia” (idem).

Previamente é possível afirmar que o significado de ser idoso e o sentido da vida na velhice não podem ser determinados universalmente, porém constituídos a partir da realidade objetiva da qual o idoso faz parte. Martins (2011) explicita que tal fenômeno não ocorre de maneira mecânica, pois a imagem da realidade não se identifica imediatamente com o objeto que representa, tem-se aí uma contradição “resultante da não coincidência entre a aparência sensorial do fenômeno e tudo aquilo que ele comporta, isto é, entre aparência e essência. E aqui reside o nascedouro prático da razão” (p. 32). Leontiev (1978a) expõe que o reflexo psíquico só é possível aparecer na atividade do sujeito, pois “depende da atividade do sujeito, obedece às relações vitais que ela realiza, não pode não ser parcial, como parciais são as próprias relações” (p. 93). Doravante, o pensamento contém em si tanto a dimensão subjetiva quanto objetiva, pois pertence a um determinado indivíduo singular que cria a imagem de um objeto através da sua atividade intelectual e objetivo, uma vez que se sustenta pela atividade material do cérebro e pela atividade social prática do homem em relação ao mundo objetivo (Martins, 2011).

Pudemos observar, a partir do exposto, que o psiquismo humano e a consciência foram desenvolvidos a partir das necessidades advindas das condições reais e objetivas por meio da atividade no trabalho. É possível afirmar que o psiquismo e a consciência estão em constantes transformações de acordo com as atividades desenvolvidas pelos homens. Desta forma, “devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações” (Leontiev, 1978a, p. 89). Por este excerto o autor explicita a necessidade de os indivíduos ocuparem um lugar social. Em se tratando de indivíduos idosos é sabido que a eles os papéis sociais são restritos e limitados, após a aposentadoria os idosos perdem sua principal atividade (Minayo, 2005).

Compreendendo por esta perspectiva o sentido de algo é construído dentro de um contexto, portanto, a velhice e o sentido que ela adquire para os idosos dependerá fundamentalmente do contexto de relações estabelecidos por estes idosos. Se a velhice é um momento marcado por limitações, perdas das funções vitais ou um período de possibilidades e realizações dependerá das condições das relações sociais estabelecidas. Assim, “o sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda riqueza dos momentos existentes na

consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra” (Vigotski, 2009, p. 466).

Diante do conhecimento de que a consciência é determinada pelas relações sociais existentes, faz-se necessário refletir sobre a importância da criação de espaços que permitam aos idosos continuar exercendo funções e assumindo papéis sociais, como por exemplo a Universidade Aberta à Terceira Idade e, com isso, possam atribuir um sentido pessoal para o momento em que estão vivendo: a velhice. Asbhar (2011) pontua que “o processo educativo que gera desenvolvimento psíquico é aquele que coloca o sujeito em atividade, ou seja, gera no indivíduo motivos, ações, finalidades e operações para aprender” (p. 77). Portanto, a seção seguinte deste trabalho visa apresentar as transformações sociais e sua implicação nas mudanças dos significados da velhice, bem como se configura o panorama atual do processo de envelhecimento e as possibilidades e limitações deste período.

SEÇÃO 02 - COMPREENDENDO A VELHICE

Diante do expressivo aumento da população idosa em diversos países e da alteração estrutural da sociedade em decorrência deste fenômeno há a necessidade de pensar e compreender a sociedade capitalista, seus determinantes e as relações produzidas neste sistema. Sendo assim, na presente seção será apresentado como se configuram as relações sociais no modo de produção capitalista e quais as consequências para o processo de envelhecimento, compreendendo as mudanças no modo de produção e como essas transformações possibilitaram uma nova configuração da sociedade, bem como novos valores, conceitos e compreensões. Além disso, discutir-se-á a concepção da Medicina e da Psicologia Histórico-Cultural acerca desse fenômeno.

O cerne desta seção será o modo de produção material da vida, conceito desenvolvido por Marx (1818 - 1883) e Engels (1820-1895) para se referir à maneira pela qual uma sociedade se organiza no sentido de garantir a produção, distribuição e consumo dos bens materiais e serviços necessários para a subsistência. A partir do modo de produção é possível compreender a realidade, uma vez que se configura como centro organizador de todos os aspectos da sociedade (Marx, 2004). Como descrito na seção anterior, existe uma dependência da sociedade para com a natureza, pois é através dela que provem a matéria prima para a produção dos bens utilizados pelos homens. Entretanto, os homens não estão sujeitos às mesmas leis do mundo natural, por meio do trabalho o ser humano se diferencia da natureza, construindo materialmente a sociedade e a si mesmo como indivíduos, como ser social, regido por leis de desenvolvimento histórico (Lessa & Tonet, 2011, p. 18)

Essa dependência da sociedade para com a natureza, contudo, não significa que o mundo dos homens esteja submetido às mesmas leis e processos do mundo natural. Sem a reprodução biológica dos indivíduos não há sociedade; mas a história dos homens é muito mais do que a sua reprodução biológica. A luta de classes, os sentimentos humanos, ou mesmo uma obra de arte, são alguns exemplos que demonstram que a vida social é determinada por outros fatores que não são biológicos, mas sociais. (Lessa & Tonet, 2011, p. 17).

Portanto, são os fatores sociais que constituem os modos de relação entre os homens e a natureza, bem como a construção de leis, normas, valores, conceitos e princípios entre os

homens, “Cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (Vigotski, 1996, p. 368).

Marx (2011) afirmou que os homens fazem sua própria história, mas não o fazem como querem, pois não escolhem as circunstâncias sob quais ela é feita, além disso, o modo de produção e as formas de propriedade condicionam as ideias, os sentimentos e as ilusões. Desta forma, compreender os fenômenos humanos - tal como a velhice – implica necessariamente a superação de uma análise puramente biológica em direção à compreensão social e histórica de como a vida tem sido construída a partir do modo de produção vigente na sociedade.

2.1 Compreendendo as transformações dos modos de produção e a construção dos significados e sentidos

Conforme apresentado na seção anterior o psiquismo e a consciência humana estão em constantes transformações de acordo com as atividades desenvolvidas pelos homens. Tais atividades só se realizam no contexto das relações sociais, isto implica na necessidade de compreender o contexto social para então ter condições de analisar os determinantes das atividades e assim, do psiquismo humano. Portanto, entender o ser humano e os fenômenos que o constituem é essencial conhecer a sociedade a qual este indivíduo pertence, analisar o modo de produção que regula as relações sociais. Por modo de produção compreende-se não apenas a forma como as mercadorias são produzidas, mas também como modo de reprodução da própria vida (Marx, 2004). Portanto, entender a forma de produção dos bens materiais torna-se subsídio para a compreensão da sociedade e de como a vida é organizada.

O modo de produção que vigora no mundo é o Capitalismo, contudo, antes de entender as implicações sociais deste modo de produção faz-se necessário explicitar brevemente o movimento histórico que gesta cada modo de produção. Assim, os modos que antecederam o capitalismo no panorama mundial foram o primitivo, escravagismo e feudalismo. É importante destacar que as transformações dos modos de produção não aconteceram de maneira igualitária em toda a Europa, contudo, cada região, com suas características próprias, experienciou de forma distinta o declínio de um modo e o surgimento de outro (Paulo Netto, 2006; Antunes & Pochmann, 2008). É o próprio movimento histórico que propicia a transformação dos modos de produção, a partir do desenvolvimento histórico, marcado por guerras e disputas territoriais e de poder.

[...] os limites e possibilidades históricas das formações sociais particulares relacionam-se predominantemente com as potencialidades e limites históricos das formas particulares de trabalho que os fundam – analogamente a como é o trabalho que funda as possibilidades e limites de desenvolvimento ao ser social em sua máxima universalidade. É por essa razão que a história da humanidade é composta por uma sucessão de modos de produção: na medida em que o intercâmbio orgânico com a natureza vai se transformando, como resultado do devir-humano dos homens, as relações sociais vão também se desenvolvendo tanto para atender às novas necessidades geradas nesse processo como, também, para explorar as novas possibilidades históricas ao desenvolvimento social nele produzidas. (Lessa, 2009, p. 70).

Ao longo da história foram registrados diversos modos de organização da vida e de produção dos bens necessários para a subsistência humana. De acordo com Eric Hobsbawm é possível destacar os seguintes: os modos de produção asiático, o antigo, o feudal e o burguês moderno (Hobsbawm, 2005). Inicialmente as sociedades se organizavam de forma comunal, isto é, a sobrevivência dependia do trabalho coletivo e não havia divisão de classes. Na sociedade primitiva produzia-se apenas o necessário para a sobrevivência, sem excedentes, e essa produção se configurava como a atividade de caça e colheita:

A sociedade tinha, por isso, necessariamente que ser um agrupamento nômade de poucos indivíduos; as ferramentas tinham que ser descartáveis porque não era possível carregá-las; a proporção de adultos produtivos, crianças, velhos e mulheres grávidas tinha que ser precisamente controlada para maximizar as possibilidades de sobrevivência e, ao mesmo, tempo minimizar os riscos de carência de alimentos, etc.. (Lessa, 2009, p. 71).

Percebe-se com isso que desde os povos primitivos o modo de organização da vida se relaciona direta e dialeticamente com o modo de produção dos bens necessários para a subsistência. A forma de relação entre as pessoas, a organização das atividades diárias, o tipo de moradia, vestimentas, hábitos, costumes, etc. estão condicionados ao modo de produção. Nos povos nômades, crianças, velhos e pessoas com deficiência eram vistos como fatores de risco para o grupo, pois naquela sociedade era preciso constantemente deslocar-se em busca de alimentos e moradia, o que exigia capacidade de locomoção. Apesar disso, a figura do ancião era respeitada, pois representava a sabedoria (Reis, 2011).

A partir de um determinado momento da história houve um salto ontológico na relação do homem com a natureza. Esse salto foi possível graças ao acúmulo de experiências do homem no trato com a natureza, ao modificá-la para servir-lhe. Essas experiências possibilitaram aos povos primitivos o desenvolvimento de capacidades humanas, habilidades novas, antes inexistentes. A atividade de colheita, por exemplo, gradativamente foi “se tornando crescentemente sistemática o que possibilita o aumento da produtividade do trabalho, o aperfeiçoamento da divisão das tarefas no interior do bando, etc. conduziu à descoberta da semente há aproximadamente doze mil anos atrás” (Lessa, 2009, p. 71). A descoberta do uso da semente, do plantio e cultivo do reino vegetal possibilitou alterações na estrutura daquela sociedade, pois ao plantar poderiam se estabelecer em um determinado local, sem a necessidade de locomoção em busca de alimentação, transformando também as vestimentas, a moradia, os hábitos e costumes.

Além da descoberta da semente, outros acontecimentos foram importantes para o salto ontológico, como o desenvolvimento da agricultura, da pecuária e dos animais domésticos. A partir desse ponto, pela primeira vez na história, o homem consegue produzir mais do que o necessário para a sua sobrevivência imediata e com isso, há uma nova configuração e organização daquele povo: “se, antes, o que se produzia era imediatamente consumido, agora há uma nova situação, plena de novas potencialidades e necessidades. Ao invés do nomadismo, as sociedades vão se transformando em sedentárias” (Lessa, 2009, p. 71). Uma nova necessidade que emerge neste contexto é a de armazenar o que será consumido ao longo do ano, demandando a criação de novos mecanismos e ferramentas, tanto para o armazenamento quanto para a distribuição do produzido. Surge, então, novas relações sociais e novos parâmetros de organização da sociedade.

Neste cenário histórico a exploração do homem pelo homem se torna mais produtiva do que o próprio rendimento do trabalho, pois

Se, antes, o tempo gasto para se controlar o trabalho do indivíduo a ser explorado resultava em uma produção inferior ao que se obteria diretamente pelo trabalho próprio, agora a situação se inverte. Pela utilização das armas, antes ferramentas empregadas para a caça dos grandes animais, tornou-se possível, em um primeiro momento, fazer a guerra e se apoderar da safra acumulada. Em um segundo momento, ao invés de se destruir a aldeia, descobre-se que melhor é coletar anualmente um imposto equivalente a uma porção do produzido – mantendo a aldeia para ser novamente expropriada no ano

seguinte. E, finalmente, a alternativa que se revelou a mais produtiva: conquista-se pela força das armas a aldeia a ser expropriada, matam-se todos aqueles que não são capazes de gerar trabalho excedente (velhos, crianças, mulheres, etc.) e convertem-se todos os outros em escravos. (Lessa, 2009, p. 72).

A escravidão caracteriza o cerne do modo de produção do mundo antigo, podendo ser identificado como o primeiro modo de produção em que há o pleno desenvolvimento da propriedade privada e a exploração de uma classe em detrimento de outra (Vasconcelos, 2012). O sistema de produção escravista compreende um longo período e pode ser referenciado a partir do século 753 a.C. ao início da Idade Média. O escravo era uma propriedade do senhor, assim como a terra e os instrumentos utilizados no processo de produção, a relação entre eles se configurava pelo domínio e sujeição. Apesar da submissão, se um escravo fosse fiel poderia ter seus próprios escravos e ocupar um cargo de prestígio social, o que ocorria com pouca proporção (Vasconcelos, 2012).

Na Grécia Antiga, por exemplo, a mão de obra escrava era a base da economia e havia uma preocupação com as condições básicas de saúde, alimentação e moradia, visando mantê-los produtivos por mais tempo, “ou seja, havia uma preocupação com a durabilidade do escravo” (Vasconcelos, 2012, p. 142). A escravidão era tida como um fato da vida e o escravo era comparado a um objeto, assim, “para Aristóteles a utilidade do escravo seria similar à do animal doméstico: ambos forneciam a força corporal necessária à satisfação das necessidades básicas da vida, enquanto ao homem livre ou cidadão caberiam as tarefas políticas” (Vasconcelos, 2012, p. 145). Essa divisão do trabalho, isto é, aos escravos o trabalho braçal e aos cidadãos livres o trabalho intelectual (política, artes, filosofia, etc.), ocorreu diante da limitação tecnológica e histórica da realidade daquele contexto.

Além de Aristóteles, também Platão e Xenofonte concebiam o escravo como um animal a ser domesticado e os proprietários de escravos recebiam conselhos como “vender tudo que seja supérfluo, tais como bois velhos, novilhos desmamados, escravos velhos ou doentes [...]” (Vasconcelos, 2012, p. 145). De acordo com Reis (2011), na Grécia Antiga eram considerados velhos todos que ultrapassavam os 40 anos de idade e os idosos cidadãos eram respeitados e admirados, “podemos pensar que, sobreviver a todas as intempéries e chegar a velhice, requeria um *quantum* de sabedoria acumulada” (Reis, 2011, p. 33). Também aos idosos eram atribuídos os cargos de responsabilidade, na vida política. No império Romano “a imagem do idoso também estava associada à virtude, responsabilidade e sabedoria nas famílias ricas. Aos anciãos se reservava o *pater familias*’, ou seja, o direito supremo sobre a família” (idem). Entretanto,

para os velhos escravos, que não eram considerados cidadãos, o cenário era diferente; estes eram passados para outros proprietários, pois perdiam sua utilidade.

Nestas sociedades escravistas quanto maior o número de escravos tanto mais lucros teriam os senhores, pois, “a única forma possível de agricultura em larga escala era a do latifúndio escravista, mas além de certo ponto isto tornou-se anti-econômico dando lugar, novamente, à agricultura em pequena escala” (Hobsbawm, 1985, p. 53). Assim, o gasto com os escravos tornou-se dispendioso devido à quantidade de impostos a serem pagos, tornando o mercado de escravos antieconômico. Também os soldados e funcionários públicos tiveram seus salários diminuídos diante do cenário econômico prejudicado. Como consequência desse processo assistiu-se o enfraquecimento das forças de segurança, possibilitando a invasão do império pelos povos que vivam nas fronteiras e a revolta dos escravos. Diante dessa realidade, o comércio sofreu uma desorganização,

resultante das invasões e das revoltas no interior do império, diminuiu ainda mais o lucro dos senhores, de modo que eles tinham ainda menos dinheiro para pagar os soldados e os funcionários públicos. Com menos recursos, a crise política e militar aumentou e a economia se desestruturou ainda mais. Esse círculo vicioso levou ao final do escravismo. (Lessa & Tonet, p. 59).

De acordo com Hobsbawm (1985) as próprias contradições internas desse modo impediram a evolução econômica e conduziram ao colapso, favorecendo o desenvolvimento do feudalismo. Diante do movimento histórico é possível constatar que o novo modo de produção é gestado dentro do modo que o antecede. Assim,

O colapso do modo antigo está, portanto, implícito em seu caráter econômico-social. Parece não haver uma razão lógica para que ele deva conduzir inevitavelmente ao feudalismo, como forma diferenciada de outras "novas, de outras combinações de trabalho" (p. 88) que fariam possível uma produtividade mais alta. Por outro lado, uma transição direta do modo antigo para o capitalismo é excluída. (Hobsbawm, 1985, p. 42).

Portanto, o capitalismo desenvolveu-se a partir do feudalismo, modo subsequente ao escravista. Com o fim da escravidão o escravo não se tornou livre, mas servo. No sistema feudal

o servo, ainda que sob controle do senhor é um produtor independente, diferentemente do escravo e consegue obter lucro a partir do excedente de seu trabalho, possibilitando relativa evolução econômica.

O elemento interno da sociedade feudal do qual deriva o capitalismo parecia ser, em 1857-8 como em 1845-6, a *cidade* — mais especificamente os mercadores e artesãos da cidade (cf. pp. 91 92, 94). É a emancipação da propriedade sobre os meios de produção de suas bases comunais, como ocorreu entre os artesãos medievais, que dá base para a separação entre "trabalho" e "condições objetivas de produção". É o mesmo desenvolvimento — a formação do "proprietário trabalhador" concomitante com e fora da propriedade da terra — a evolução artesanal e urbana do trabalho [...]. (Hobsbawm, 1985, p. 42).

Com o fim das invasões bárbaras as técnicas agrícolas passaram por inovações, houve o crescimento populacional e as cidades tornaram-se centros artesanais e comerciais. As grandes navegações, o desenvolvimento do mercado mundial e das manufaturas atribuíram novas características ao sistema de produção, cuja configuração foi identificado como período moderno. Este momento histórico foi marcado pela divisão de classes na sociedade, alguns homens detinham os meios de produção e outros precisavam trabalhar para os detentores, assim,

O trabalho escravo funda o antagonismo escravos/senhores de escravos; o trabalho servil funda o antagonismo servo/senhores feudais e o trabalho proletário funda o antagonismo proletariado/burguesia. As classes sociais se distinguem pelo lugar que ocupam na estrutura produtiva da sociedade, ou seja, pela posição relativa que ocupam em relação ao trabalho no interior de cada sociedade. Cada forma histórica peculiar da classe trabalhadora (camponeses asiáticos, escravos, servos, proletários) corresponde a uma classe dominante (os mandarins e castas superiores, os senhores de escravos, os senhores feudais e a burguesia); a superação dos modos de produção é também a superação das suas classes fundamentais e, inversamente, é impossível o desaparecimento de uma delas sem o simultâneo desaparecimento da sua contrapartida histórica. (Lessa, 2009, p. 73).

O autor aponta que no interior de cada modo de produção é estabelecida uma relação de trabalho entre uma classe e outra, e esta relação dependerá de como a produção é organizada.

Tal organização produtiva gesta não apenas o trabalho, mas também o modo de existência dos indivíduos pertencentes a esta sociedade. Reis (2011) menciona que a vida dos idosos na sociedade feudalista era árdua, pois o trabalho nos campos exigia muita força física, afastando os velhos dessa atividade e da vida pública, “a velhice, assim como nos momentos históricos anteriores, continuava sendo raridade” (Reis, 2011, p. 34). No feudalismo, à medida que os servos passaram a organizar a produção artesanal e o trabalho tornou-se sua propriedade e não mais uma fonte para o senhor feudal, houve o surgimento de uma individualização em relação ao modo de vida comunal. Isto propiciou a formação da categoria de trabalho livre e alterou a relação servo/senhor (Hobsbawm, 1985).

Nas cidades, paralelamente à produção rural, se desenvolveu uma organização e produção na qual “as guildas de mestres artesãos ou comerciantes, que, com o tempo, ficaram em oposição a seus aprendizes e oficiais” (Hobsbawm, 1985, p. 31). De acordo com Marx (1985) a manufatura exigia um mercado de massas e, com isso, a criação de novos papéis e funções sociais. O autor complementa: “a dissolução da servidão e o advento das manufaturas transformam, gradualmente, todos os ramos da produção em capitalistas, enquanto nas cidades uma classe de jornaleiros, à margem das guildas, proporciona um elemento à criação de um verdadeiro proletariado” (Hobwbawm, 1985, p. 48).

Com o desenvolvimento desta nova categoria de trabalho e com o advento dos ofícios e do comércio, instaura-se um conflito entre cidade e campo, cada vez mais tensionando a relação servo-senhor feudal. Para suprir os mercados estrangeiros as manufaturas desenvolvem os ramos suplementares, menos especializados, como a tecelagem, fiação e a construção de navios. No campo, há um processo de transformação da população rural em trabalhadores livres. Assim, a partir do século XV, as transformações que ocorreram dentro do modo de produção feudal adubaram um fértil terreno no qual o capitalismo pode ser desenvolvido (Hobsbawm, 1985).

Para Marx a conjunção de três fenômenos é necessária para explicar o desenvolvimento do capitalismo a partir do feudalismo: primeiro, como vimos, uma estrutura social agrária que possibilite a "libertação" dos camponeses, num certo momento; segundo, o desenvolvimento dos ofícios urbanos geradores da produção de mercadorias especializada, independente, não-agrícola, sob a estrutura gremial; e, terceiro, a acumulação de riqueza monetária derivada do comércio e da usura (Marx é categórico quanto a este último ponto) (pp. 100-101). (Hobsbawm, 1985, p. 46).

Assim, a sucessiva destruição dos ofícios rurais em detrimento do surgimento de um mercado interno substituiu o antigo suprimento rural de produção pela manufatura ou produção industrial (Hobsbawm, 1985). Com o tempo, houve o avanço dos métodos produtivos possibilitando o câmbio dos artesanatos para a indústria e, posteriormente, a produção em larga escala.

A transição do feudalismo para o capitalismo, entretanto, é um produto da evolução feudal. Começa nas cidades, pois a separação entre cidade e campo é o elemento fundamental e constante da divisão social do trabalho, bem como sua expressão, desde o berço da civilização até o século XIX (Hobsbawm, 1985, p. 31).

Em decorrência da nova atividade de produção surge também uma classe social, resultante dos habitantes dos burgos que se uniram contra os senhores feudais – a burguesia. Marx (1999) considera que esta classe social desempenhou um papel revolucionário na história, contestando a soberania dos senhores feudais, sendo a primeira classe a provar o que pode realizar a atividade e mobilização humana. Contudo, ao atingir o objetivo e conquistar o poder apenas substituiu a forma de exploração, assim, “em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal” (Marx, 1999, p. 11). Diante da necessidade de mercados sempre novos a burguesia se expandiu mundialmente, estabelecendo vínculos e explorando os quatro cantos do mundo, “pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países” (Marx, 1999, p. 13). Com essa expansão da burguesia o capitalismo passa a imprimir uma nova ordem política e social no cenário mundial.

A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural. Do mesmo modo que subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semi-bárbaros aos países civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente. (Marx, 1999, p. 14).

Com a consolidação deste modo de produção também as relações entre os homens e entre o produtor e o produto sofrerem intensas modificações. O próprio sistema de produção capitalista vem passando por transformação, contudo, sua essência é mantida: a exploração do

homem pelo homem e obtenção da mais valia, fundamentalmente nos meios de produção. No Brasil, este sistema produtivo chegou tardiamente, contudo, não poupou a população da destituição dos meios de produção, como veremos a seguir.

2.2 O Capitalismo e suas contradições no contexto brasileiro

No século XV, como vimos no tópico anterior, os países da Europa já viviam o final do feudalismo e a transição para o capitalismo, neste contexto, empreenderam as navegações marítimas em busca da exploração territorial e matéria prima: “o primeiro passo estava dado, e a Europa deixará de viver recolhida sobre si mesma para enfrentar o Oceano” (Prado Junior, 2006, p. 06). Como conta a ‘História curricular’, em 1500, em uma das expedições marítimas cujo objetivo era encontrar o caminho das Índias, a embarcação portuguesa liderada por Pedro Álvares Cabral encontrou o território brasileiro e ali Portugal iniciou uma colônia. A princípio o interesse de Portugal e, em seguida da Espanha e França, era extrair do Brasil o pau-brasil, açúcar, tabaco, seguida pela exploração do ouro e diamante; e depois algodão e café (Prado Junior, 2006). Neste cenário “virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão-de-obra de que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, mercantil, constituir-se-á a colônia brasileira” (idem, p. 14).

Como colônia, dadas as condições geográficas e climáticas, instalou-se no Brasil a grande propriedade monocultural. Os povos nativos, os indígenas, resistiram e lutaram contra as imposições feitas pelo homem branco, pois a cultura do índio era incompatível com o trabalho intensivo, irregular e compulsório (Fausto, 1995). Contudo, o poder dos ‘povos civilizados’ suprimiu o grito dos nativos: “para fazer frente a este estado de coisas, a metrópole procurará legislar na matéria. Data de 1570 a primeira carta régia a respeito. Estabelece-se nela o direito da escravidão dos índios” (Prado Junior, 2006, p. 22). Apesar disso, o trabalho dos índios foi considerado ruim e pouco produtivo, assim, traficavam negros da costa Africana e o trabalho escravo se instituiu como principal mão-de-obra no Brasil colônia: “os colonizadores tinham conhecimento das habilidades dos negros, sobretudo por sua rentável utilização na atividade açucareira das ilhas do Atlântico” (Fausto, 1995, p. 50).

Neste período se configuram dois setores de produção. O primeiro referente diretamente aos produtos de exportação e o outro para a manutenção e subsistência da população empregada no setor da exportação. O segundo setor de produção teve forte participação da população indígena, encarregada, principalmente, de prover a alimentação. Na sequência dos fatos “à

medida que a população colonial vai crescendo e procura outras iniciativas em que aplicar suas atividades, a política de restrições econômicas se acentua” (Fausto, 1995, p. 35). Tem-se início a exploração do ouro e do diamante, “as transformações provocadas pela mineração deram como resultado final o deslocamento do eixo econômico da colônia” (Fausto, 1995, p. 44).

Para isto contribui particularmente o desenvolvimento considerável da população europeia no correr do séc. XVIII; a par disto, o incremento das atividades econômicas e relações comerciais em todo o mundo, este prenúncio da nova era que se inaugura na segunda metade daquele século, a era da Revolução Industrial. Isto se reflete intensamente no mundo colonial. Seus mercados se alargam, seus produtos se valorizam. (Prado Junior, 2006, p. 55-56).

Entretanto, apesar da valorização dos produtos, mudanças importantes no cenário mundial fizeram com que o sistema colonial de produção se tornasse atrasado e ineficiente, baixando significativamente a produtividade. Os principais acontecimentos que contribuíram para a transformação no mundo ocidental e com ela a crise do sistema colonial foram: proclamação da independência das colônias inglesas na América do Norte, em 1776; o fim do Antigo Regime na França, com a Revolução Francesa; a Revolução Industrial, possibilitando “a utilização de novas fontes de energia, a invenção de máquinas, principalmente para a indústria têxtil, o desenvolvimento agrícola, o controle do comércio internacional” (Fausto, 1995, p. 108); a tendência à extinção da escravidão. Somado a esses acontecimentos, a colônia enfrentou, no mesmo período, uma depressão econômica decorrente da crise do açúcar e da queda de produção do ouro. Assim, sob condições precárias a economia brasileira inicia o século XIX, no qual o capitalismo comercial é suplantado pelo capitalismo industrial (Fausto, 1995).

O antigo sistema colonial, fundado naquilo que se convencionou chamar o pacto colonial, e que representa o exclusivismo do comércio das colônias para as respectivas metrópoles, entra em declínio. Prende-se isto a uma transformação econômica profunda: é o aparecimento do capitalismo industrial em substituição ao antigo e decadente capitalismo comercial. (Prado Junior, 2006, p. 88).

Concomitante a este processo há em 1808 a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil e com isto, finda-se a era colonial, pois ao Brasil confere-se autonomia e liberdade

econômica. Diante da liberdade conferida à economia brasileira há um progresso econômico significativo, decorrente do intercâmbio exterior, porém, há também um desequilíbrio das contas externas e em outros setores.

A liberdade comercial não terá apenas o efeito de comprometer o futuro desenvolvimento da produção indígena. Resultará em perturbações sociais importantes. A ruína da pequena indústria local [...] lançará na desocupação um artesanato que embora modesto, reunia assim mesmo, sobretudo nos maiores centros urbanos, uma parte apreciável da população. Crescerão as dificuldades e a instabilidade desta camada social, já antes pouco próspera pelo ambiente desfavorável de uma colônia de poucos recursos. E isto se refletirá em graves agitações sociais e políticas de que será teatro a época que nos ocupa. (Prado Junior, 2006, p. 98).

Assim, com a vinda da Família Real ao Brasil inicia-se uma nova fase política, transformando as relações econômicas e sociais a partir de vários acontecimentos importantes. Em 1888 é decretado o fim da escravidão, intensificando o processo imigratório. Neste cenário, “o Brasil inaugurava-se num novo plano que desconhecia no passado, e nascia para a vida moderna de atividades financeiras. Um incipiente capitalismo dava aqui seus primeiros e modestos passos” (Prado Junior, 2006, p. 143). Grandes investimentos são empreendidos no país, como a construção de estradas de ferro, empresas de navegação à vapor, instalam-se as primeiras manufaturas de grande relevância e o comércio se expande. Em seguida, no final do século XIX, há a multiplicação dos bancos e empresas financeiras, companhias de seguro, mercado da bolsa de valores e com isso, “a antiga colônia segregada e vegetando na mediocridade do isolamento, se moderniza e se esforça por sincronizar sua atividade com a do mundo capitalista contemporâneo” (Prado Junior, 2006, p. 145).

Neste ritmo, grandes mudanças continuavam acontecendo no cenário brasileiro. Em 1889 o Império é substituído pela República, tendo como primeiro presidente Deodoro da Fonseca, eleito pelo Congresso, entretanto renunciou ao cargo e Floriano Peixoto, seu vice-presidente, assumiu a função (Fausto, 1995). No setor econômico, o Brasil vivenciara crises e progressos, com o café, algodão, extração da borracha, cacau, açúcar e a divisão das propriedades fundiárias rural, surgindo a pequena propriedade, como consequência das sucessivas crises do café (Prado Junior, 2006).

Esse tipo de estrutura agrária se mostra habilitado para atender a finalidades em frente às quais o grande domínio comercial se tem mostrado incapaz, e assim é efetivamente. A saber, a produção da maior parte dos gêneros necessários à subsistência alimentar da população. Nesse terreno, a pequena propriedade já representa na economia brasileira um grande papel. [...] Pode-se considerar assim que a pequena propriedade está preenchendo uma função que no passado, sobretudo nos períodos de apogeu da grande lavoura, cabia à importação. (idem, 192).

No setor industrial, ainda em 1907 mantinha-se a estrutura anterior: indústrias têxtil e de alimentação, contudo com a Guerra Mundial (1914-1918) a indústria brasileira sofreu um significativo impulso. Assim, “é nesta conjuntura, aliás, que repousará em grande parte a indústria: tornara-se um elemento indispensável ao funcionamento normal da economia brasileira que já não poderá mais dispensá-la sem um distúrbio profundo de todo seu equilíbrio” (Prado Junior, 2006, p. 199).

Antunes e Pochmann (2008) consideram essa fase como o primeiro salto de industrialização, marcado pela transformação na produção dos bens utilizados, passando da agro-exportação do café à acumulação industrial. O segundo salto industrializante ocorreu em meados de 1950, com Juscelino Kubitschek e o terceiro salto com o Golpe em 1964 (Antunes & Pochmann, 2008). É possível identificar tais mudanças como a implementação do sistema de produção capitalista no Brasil, pois, de acordo com Marx (1985, p. 85):

Um dos pressupostos do trabalho assalariado e uma das condições históricas do capital é o trabalho livre e a troca de trabalho livre por dinheiro, com o objetivo de reproduzir o dinheiro e valorizá-lo; de o trabalho ser consumido pelo dinheiro — não como valor de uso para o desfrute, mas como valor de uso para o dinheiro. Outro pressuposto é a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação — dos meios e do material do trabalho. Isto significa, acima de tudo, que o trabalhador deve ser separado da terra enquanto seu laboratório natural — significa a dissolução tanto da pequena propriedade livre como da propriedade comunal da terra assentada sobre a comuna oriental.

O novo modo de produção introduzido na Era Vargas trouxe consigo sérias modificações na vida dos brasileiros, principalmente pela mudança econômica e social, decorrente da transição do modelo primário exportador para o novo padrão de acumulação, a partir da Crise

de 1929 e da Revolução de 1930 (Cano, 2012). De modo geral, a mudança no sistema de produção para o Capitalismo trouxe consigo novas configurações sociais, “é o momento da luta concorrencial dos grandes trustes e cartéis internacionais, da queda da hegemonia do Imperialismo Inglês, substituído a partir do final da 1ª. Grande Guerra, pelo norte americano” (Cano, 2012, p. 900). Essas transformações convergiram para o surgimento do modernismo nos países mais desenvolvidos, representado alterações não só “nas artes, na literatura, mas também na urbanização, que ganha novas formas, e novos costumes” (idem).

No que concerne à dinâmica interna do padrão de acumulação industrial, ele se estruturava pela vigência de um processo de ‘superexploração da força de trabalho’, dado pela articulação entre baixos salários, jornada de trabalho prolongada e fortíssima intensidade em seus ritmos, dentro de um patamar industrial significativo para um país que, ‘apesar de sua inserção subordinada’, chegou a alinhar-se, em dado momento, entre as oito grandes potências industriais. (Antunes & Pochmann, 2008, p. 03).

Entre 1870 e 1930, no cenário internacional, havia a consolidação da Revolução Industrial e nos Estados Unidos o fordismo já estava presente nas indústrias de automóveis, rádio, eletricidade, cinema e telefonia (Cano, 2012). Com a Revolução Industrial e a produção em massa através da indústria taylorista e fordista houve uma modificação profunda nas relações sociais, configurando uma nova fase do capitalismo. A Revolução Industrial “subverteu a reprodução social” e assim, de acordo com Lessa (2009, p. 74),

Rompeu o limite corpóreo do ser humano (ter duas pernas, dois braços, uma determinada capacidade física, etc.) para a produção. Para qualquer padrão até então conhecido, a expansão da produtividade do trabalho foi espantosa. Pela primeira vez a humanidade adquiriu a capacidade de produzir mais do que o necessário para atender a todas as necessidades de todos os indivíduos do planeta Terra. A carência, que sempre marcou a história da humanidade, é, finalmente, superada pela Revolução Industrial. Teve início, então, o período da abundância.

No Brasil, neste período, com a alteração da produção para o padrão de acumulação houve um período de grande aumento do emprego e da massa de salários e lucros, contudo, a expansão industrial trouxe também o aumento de conflitos provenientes das precárias condições de trabalho, aliado à exploração do homem:

excesso de capacidade produtiva (café e alguns setores industriais); maior organização da classe trabalhadora; conflitos de interesses entre frações da burguesia; alta de preços; reivindicações por mais direitos sociais e expansão do movimento revolucionário tenentista, que culminaria nas Revoluções de 1922, de 1924, da Coluna Prestes nesse mesmo ano, e, ao final do período, na Revolução de 1930. (Cano, 2012, p. 902).

Além dessas alterações, o crescimento e a diversificação das indústrias exigiu trabalhadores mais qualificados, expansão da dominação monetária pelos bancos, expansão da rede de bondes e ônibus, crescimento do comércio e expansão de serviços de saúde, educação, saneamento, alimentação, habitação e transporte.

Em suma, economia e sociedade em São Paulo haviam crescido e se tornado mais complexas. A cidade já iniciava sua verticalização e o uso de elevadores, ao mesmo tempo em que o transporte urbano ampliava sua periferização. [...] De uma sociedade onde a presença do imigrante estrangeiro havia sido predominante até o fim da Primeira Guerra, a cidade agora via crescer, a elevado ritmo, a presença do migrante nacional, de mineiros e nordestinos principalmente, o que traria novas combinações sociais e culturais. (Cano, 2012, p. 904).

É notável as intensas e profundas mudanças na sociedade brasileira a partir da introdução do modo de produção capitalista. As modificações nos modos de produção repercutem em todas as esferas da sociedade. Seguindo na análise histórica, já no final do século XX, com a industrialização, grande parte da população brasileira rural migrou para os centros urbanos, alterando também a configuração das cidades, da educação, da saúde e do lazer. Desde 1998, no Brasil, a taxa de desemprego está acima dos 9%, isto porque há o avanço da tecnologia nos padrões produtivos e aumento da qualificação da mão de obra, em contrapartida, há pouco acesso e investimento em qualificação da população. Atualmente, “com a piora nas condições e relações de trabalho, inclusive no centro do capitalismo. Na periferia, a destruição dos direitos do trabalho tornou-se uma ação quase que contínua, especialmente nos governos dóceis à globalização neoliberal” (Antunes & Pochmann, 2008, p. 09).

Sendo assim, o modo de produção capitalista passou a regular as formas de produção, de consumo e de trabalho de maneira mais intensa e sistematizada. Na década de 1980 o

capitalismo passou por uma reestruturação produtiva, imprimindo nas indústrias um novo padrão organizacional e tecnológico, “princípios-se os usos do sistema *just-in-time*⁵; germinava a produção baseada em *team work*, alicerçada nos programas de qualidade total, ampliando também o processo de difusão da microeletrônica” (Antunes & Pochmann, 2008, p. 04).

Na década seguinte o capitalismo no Brasil entrou para a fase de acumulação flexível na qual implementou-se a redução da remuneração da força de trabalho, acentuação dos traços de superexploração do trabalho e incentivos fiscais por parte do Estado. Com a divisão de classes há uma reestruturação do papel exercido por cada indivíduo e uma intensa desigualdade de direitos e deveres em detrimento de cada classe social. Para manter o alto índice de produção, no final do século XX, o trabalho passa a ser mais “desregulamentado, mais informalizado, mais precarizado, mais intensificado, mais ‘polivalente’, mais ‘multifuncional’, seguindo critérios de ‘metas’, ‘competências’, etc.”. Neste momento, o capitalismo inicia a “era da *acumulação flexível*” (Antunes, 2009, p. 30).

A diversificação não se deu só na economia, atingindo também a demografia, a ocupação e a urbanização, exigindo, portanto, profundas modificações da superestrutura. Tais pressões por mudanças, diante de um Estado e de elites conservadoras, explicita seus conflitos através de vários movimentos sociais: greves, revoluções, modernismo cultural, etc. (Cano, 2012, p. 910).

Evidencia-se que as consequências sociais desse fenômeno explicitam profundas contradições. O grande número de pessoas na área urbana e a mudança no estilo de vida possibilitaram também o aparecimento de outros fenômenos, como o aparecimento de novas doenças, a marginalidade, aumento da violência, crescimento de doenças sexualmente transmissíveis, etc. Em contrapartida, à medida em que a industrialização se tornou uma realidade no Brasil e com ela a necessidade de maior e melhor qualificação do trabalho houve um aumento do ingresso em cursos e universidades. É importante destacar que o acesso às Universidades era restrito apenas para a burguesia brasileira, filhos de políticas e de industriais. Com isso, houve o desenvolvimento de algumas áreas da ciência, dentre elas, a medicina que propôs novas formas de higiene, descobertas de vacinas, de prevenção de doenças, etc.,

⁵ “O sistema *Just in Time* em linhas gerais determina que nada deve ser fabricado, montado, comprado ou transportado antes da hora certa. E tem como objetivo a redução de desperdícios, pois haverá sempre um baixo nível de estoque ou zero estoque, a melhoria na qualidade do produto e terá um processo na produção mais eficiente”. (Nolasco, et. Al., 2014, p. 02).

contribuindo para um aumento gradativo na expectativa de vida e na queda da taxa de mortalidade.

No início do século XX a expectativa média de vida dos brasileiros, era de apenas 33,7 anos, à medida em que mudanças sociais foram sendo efetivadas a expectativa saltou para 65,5 anos em 1980 e 68,5 anos em 2000. Entretanto, é preciso analisar a realidade que se esconde atrás dos números, pois o sistema capitalista de produção é alicerçado em contradições. Apesar da expectativa de vida ter aumentado significativamente não implica em afirmar que a qualidade desses anos também sofreu um acréscimo. Diante da necessidade própria do capital de produzir em grandes quantidades para obter os maiores lucros o homem torna-se o objeto desta relação e não o mais sujeito – que se torna a mercadoria. Esse é processo de alienação, decorrente da desapropriação dos modos de produção, e também produto da fragmentação e divisão da atividade laboral (Marx, 1989).

A primeira transformação da consciência, engendrada pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho, constituiu, portanto, no isolamento da atividade intelectual e teórica. [...] A segunda transformação da consciência, a mais importante, é, como vimos, a mudança de estrutura interna. Ela revela-se de maneira evidente nas condições da sociedade de classes desenvolvidas. A grande massa dos produtores separou-se dos meios de produção e as relações entre os homens transformaram-se cada vez mais em puras relações entre as coisas que se separam (se alienam) do próprio homem. (Leontiev, 1978a, p. 120-121).

O processo de alienação⁶, consequência inevitável do sistema capitalista, não se refere somente à falta das condições materiais, mas, também à alteração na própria estrutura da consciência humana. Neste sistema o homem não se reconhece no produto, uma vez que a ligação com a terra e com os instrumentos de trabalho encontram-se destruídas; a única propriedade do trabalhador é sua própria força de trabalho. A alienação da vida do homem tem como consequência a segregação entre o motivo de sua atividade e o resultado dela, desta forma, o homem é impedido de atribuir sentido à sua atividade, à sua vida. Sendo assim,

⁶ “Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]. Faz-lhe da *vida* genérica apenas um meio da vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma estranhada” (Marx, 2004, p. 84).

a penetração da consciência destas relações traduz-se psicologicamente pela desintegração da sua estrutura geral que caracteriza o aparecimento de uma relação de alienação entre os sentidos e as significações, nas quais o seu mundo e a sua própria vida se refratam para o homem. (Leontiev, 1978a, p. 125).

De acordo com Carvalho e Martins (2011, p. 20), a sociedade capitalista tem mostrado sua incapacidade de efetivar a igualdade, uma vez que obriga os homens a viverem em disputas pela sobrevivência, “para o capitalismo, liberdade e igualdade se expressam pela capacidade que os indivíduos têm de participar do mercado”. Portanto, a liberdade é concebida como livre concorrência entre mercadorias. Nesta concepção, somente os indivíduos capazes de competir no mercado de trabalho devem ser tratados com igualdade.

Desse modo, se o indivíduo não tem capacidade de produzir, ou tem essa capacidade reduzida, a ele não será dado nada, ou lhe será apenas reservado aquilo que suas forças de trabalho conseguem produzir. A não ser que pertença a classe burguesa e tenha outros indivíduos produzindo por ele, este indivíduo terá sua participação limitada ou estará simplesmente alijado da sociedade de mercado. (Carvalho & Martins, 2011, p. 21).

Diante do exposto é perceptível que a ideologia do sistema capitalista apregoa a liberdade, entretanto, é uma liberdade ilusória, inexistente, pois neste sistema todos estão a serviço do capital. Cada vez mais os indivíduos são cerceados da apropriação dos bens produzidos e assim, limitados não só ao acesso dos bens materiais, mas principalmente dos bens intelectuais, capazes de auxiliar o empoderamento dessas classes na luta contra à exploração.

2.3 Quando o contexto histórico social limita o desenvolvimento humano

Neste contexto de exploração do homem pelo homem e de expropriação aos bens produzidos, Vygotski, Leontiev e os demais autores desta abordagem teórica se propuseram a demonstrar que as funções psicológicas superiores não são dadas desde o nascimento, mas o contrário, são desenvolvidas a partir da apropriação do que já foi construído socialmente no decurso da história da humanidade, isto é, da necessidade de sobrevivência, de organização e relação com outros homens e com a natureza - o trabalho. Portanto, “a sua consciência individual só pode existir nas condições de uma consciência social; é apropriando-se da

realidade que o homem à reflete como através do prisma das significações, dos conhecimentos e das representações elaboradas socialmente” (Leontiev, 1978a, p. 130). A hominização é resultado da passagem à uma sociedade que é organizada baseada no trabalho, sendo que esta passagem modificou a natureza do homem que passou a ter seu desenvolvimento submetido às leis sócio históricas e não mais às leis biológicas (Tuleski, 2008). A título de exemplificação a autora menciona a memória:

A memória é a função dominante que subjuga as demais, desempenhando um papel fundamental na vida intelectual do homem primitivo, se comparado à do homem moderno. Esta memória ‘natural’ de cheiros, sons, imagens, no entanto, não está sob controle do homem primitivo. Apenas com o desenvolvimento da mnemotécnica, isto é, dos primeiros instrumentos ou signo que servem de apoio à memória, é que o homem primitivo passa a controlar, gradativamente, a própria memória. (Tuleski, 2008, p. 128).

De acordo com o excerto acima evidencia-se que antes do desenvolvimento das funções psicológicas superiores os homens [primitivos] não tinham o controle de suas funções [elementares]. O desenvolvimento tem início com a mobilização das funções inatas/primitivas, com seu uso natural, passando em seguida por uma fase de complexificação e sob a influência de condições externas o indivíduo muda a estrutura, convertendo um processo natural em um processo cultural.

[...] as possibilidades de dominar a própria conduta, pela apropriação dos instrumentos e signos produzidos pela humanidade já estavam postas pela história, isto é, o desenvolvimento da conduta superior já era uma possibilidade devido ao nível de desenvolvimento da cultura e da técnica, mas só poderia concretizar-se em uma sociedade que efetivasse um projeto coletivo de autogerência social, que negasse a exploração do homem pelo homem. (Tuleski, 2008, p. 150).

A autora reporta a exploração do homem pelo homem, tão presente no modo de produção capitalista vigente na sociedade atual, que impossibilita a apropriação de todo o conhecimento já produzido e conseqüentemente, impede o homem do domínio de sua própria conduta. Tal exploração só é possível porque a maioria dos homens não possuem seus próprios meios de produção e, portanto, precisam vender sua força de trabalho, seu único bem, em troca de salário. Por força de trabalho entende-se “a energia física e mental que o homem despende

na atividade de trabalho” (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 248). Sendo assim, “na sociedade capitalista, em que as relações humanas são regidas pela propriedade privada, subtrai-se do gênero humano esse poder de atuação sobre a natureza, transformando-o em propriedade particular de alguns” (idem).

Desta forma, as relações entre os homens, desde a ascensão do modo de produção capitalista, são pautadas na propriedade privada, visando a obtenção da mais valia e da propriedade privada dos meios de produção. Portanto,

Se para um burguês enriquecer, ou se tornar ainda mais rico, for necessário jogar milhões na miséria – ou mesmo matar milhões – ele assim o fará, e a sociedade burguesa aceitará esse fato como “natural”. Insano o burguês que deixar de ganhar dinheiro para defender os interesses coletivos. Para o indivíduo típico dessa sociedade, a coletividade nada mais é do que o instrumento para o seu enriquecimento pessoal. Esta é a essência do individualismo burguês, tão característico da vida social dos nossos dias. (Lessa & Tonet, 2005, p. 66).

Quando o homem é forçado a vender a sua força de trabalho e esta passa a ser uma propriedade de outro, então ele perde a condição humanizadora de dirigir a sua atividade e orienta-la para uma finalidade, ou seja, “perde a possibilidade de autoconduzir sua própria atividade laboral” (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 248), perde ainda a possibilidade de atribuir sentido à atividade que realiza. Nesta condição, estabelece-se uma relação de subordinação alienada, pois a força de trabalho do homem, seu único bem, passa a ser propriedade de outra pessoa, portanto, torna-se um objeto, uma coisa: uma mercadoria.

Encontra-se, agora, encerrado em um círculo fechado de autorreprodução alienada, enquanto, com seu trabalho, concorre incessantemente para realizar o desenvolvimento constante do gênero humano. À abertura permanente do desenvolvimento de novas formas humanas, pelo trabalho, contrapõem-se, para o indivíduo trabalhador concreto, um fechamento intransponível, uma repetição sem fim de uma mesma forma de ser. (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 249).

O que há de mais essencial no ser humano é a sua força de trabalho que consiste na capacidade de produzir os bens necessários, a partir do que já foi desenvolvido pela humanidade. Além disso, “nossa capacidade individual de produção, ou seja, se alguns são

professores, outros operários, outros banqueiros etc., é ‘também’ a expressão material de como nos conectamos, enquanto indivíduos, com a própria história da humanidade” (Lessa e Tonet, 2011, p. 67). Ao exercer cada uma dessas atividades cotidianas o homem se conecta materialmente com toda a história dos homens e assim, objetiva-se como personalidade, pertencente a uma classe trabalhadora. Sendo assim,

A força de trabalho de cada um de nós é, portanto, a expressão mais condensada do que temos de mais humano como indivíduos: a nossa relação com a história da humanidade, como nos articulamos com ela, o que somos, o papel que jogamos no complexo processo de desenvolvimento da humanidade e assim por diante. É justamente esse caráter essencialmente humano da força de trabalho que é negado pelo capitalismo ao reduzi-la a simples mercadoria. Mercadorias são coisas, não são pessoas. (Lessa e Tonet, 2011, p. 67).

O modo de produção capitalista só é possível tendo como base a desigualdade social que permite que alguns – detentores dos meios de produção – utilizem de forma exploratória a força de trabalho dos destituídos desses meios. Isto também produz uma desigualdade na apropriação da riqueza social, como a cultura, conhecimento, bens materiais e outros. Marx (2004), em seu 1º Manuscrito Econômico-Filosófico de 1844 expôs com clareza como ocorre o processo de desapropriação do conhecimento e o não desenvolvimento das capacidades máximas do indivíduo.

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tanto mais barata, quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (Marx 2004, p. 80).

Na sociedade de classes a apropriação de tudo o que já foi produzido pela humanidade (em termos intelectuais e materiais) permanece sempre unilaterais e parciais, tornando-se propriedade privada de uma minoria. Com isso, a capacidade produtiva e reflexiva dos seres humanos é reduzida a mera mercadoria, a uma coisa (Lessa e Tonet, 2011). Os trabalhadores

são privados dos bens que produzem e impedidos de reconhecerem-se na atividade desenvolvida. Assim, “na sociedade da propriedade privada, produzem-se o corpo e a consciência alienados, mutilados e mutilantes em relação às formas humanizadas já objetivadas no gênero – vale dizer, já presentes, como realidade concreta, no interior da sociedade” (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 249).

Marx (1989) demonstra a centralidade do trabalho na humanização e igualmente na desumanização, quando o trabalhador não se reconhece no produto final de seu trabalho. O processo de alienação, além de ser decorrente da desapropriação dos modos de produção, é também produto da fragmentação e divisão da atividade laboral: “enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até a condição de máquina” (p. 29). O autor afirma que quanto maior é o produto do processo de trabalho alienado menor é o trabalhador, pois este produto é estranho a quem o produziu.

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna [...]. A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre o trabalhador (trabalho) e a produção. Sem dúvida. O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. (Marx, 2004, p. 82 – grifos do autor).

No projeto de homem comunista, pensado pelos autores soviéticos, todos teriam acesso aos bens materiais e intelectuais produzidos ao longo da história da humanidade e através dessa apropriação o homem seria detentor de uma racionalidade que lhe permitiria entender as relações sociais. Essa capacidade o tornaria hábil para perceber a necessidade de um esforço coletivo para a instalação do comunismo, controlando atos impulsivos, individualistas e imediatistas em prol de um agrupamento social planejado em toda a sociedade. Dentro dessa proposta seria possível ao homem o desenvolvimento pleno da consciência do que faz, o que lhe permitiria alcançar as formas superiores de conduta (Tuleski, 2008).

Este outro homem, que chegaria a um aprimoramento das funções psicológicas superiores, não necessitaria de forças externas repressoras e punitivas para trabalhar e produzir, porque teria consciência de sua participação em sociedade. Seria o verdadeiro homem comunista – síntese do contexto - capaz de controlar suas funções psicológicas superiores em

favor do cumprimento de seus direitos e deveres enquanto cidadão, desempenhando um papel importante na construção e manutenção desta nova ordem social (Tuleski, 2008). De acordo com Leontiev (1978a) somente através da abolição da propriedade privada seria possível que todos os indivíduos se apropriassem do conhecimento produzido pela humanidade.

Só a supressão do reino da propriedade privada e das relações antagonistas que ela engendra pode pôr fim à necessidade de um desenvolvimento parcial e unilateral dos indivíduos. Só ela cria, com efeito, as condições em que o princípio fundamental da ontogênese humana – a saber, a reprodução nas aptidões e propriedades dos indivíduos, das aptidões e propriedades múltiplas formadas durante o processo socio-histórico – se pode plenamente exercer. (Leontiev, 1978a, p. 174).

Não há como negar que as origens da vida consciente e do pensamento abstrato estão submetidas às condições de vida social e às formas históricas de vida da espécie humana. As funções psicológicas superiores são mediadas principalmente pela linguagem e pelo pensamento, sob sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis, uma vez que apropriam conceitos e signos originários da vida social do homem. Contudo, por ser eminentemente um ser social vivendo em uma sociedade capitalista, o homem tem se constituído de forma alienada e fragmentada, desprovido das condições necessárias para uma existência digna.

Essas relações sociais alienadas penetram na consciência dos sujeitos e produzem uma discordância entre o resultado objetivo da atividade e seu motivo, ou, em outras palavras, o conteúdo objetivo da atividade não concorda com seu conteúdo subjetivo, o que confere à consciência características particulares. A consciência humana, nesse contexto, torna-se desintegrada, fragmentada, alienada. (Asbhar, 2014, p. 269)

Diante disso, é possível entender o motivo de muitos idosos serem abandonados quando deixam de produzir. A sociedade a qual eles pertencem tem como pressuposto o utilitarismo, então, só o que é rentável, lucrativo, ou que traz um benefício é desejável, o contrário não é aceito. Portanto, pensar dialeticamente implica compreender as contradições de cada momento histórico a partir dos seus modos de produção, ponderando seus progressos e retrocessos. Se por um lado os indivíduos são excluídos por sua limitação na capacidade de produção, por

outro, com o advento de novas tecnologias foram alcançados alguns progressos na área da saúde, como o aumento da expectativa de vida.

2.4 A velhice no contexto atual: avanços e limites

Sendo assim, compreendendo dialeticamente o movimento do sistema capitalista, vale ressaltar alguns progressos e retrocessos no que concerne ao processo de envelhecimento. Um fato significativo se refere às diferenças na expectativa de vida entre os sexos e nas diferentes regiões do Brasil, sendo “maior entre as mulheres desde a década de 40, bem como entre as regiões do país, sendo as regiões Nordeste e Sul as que apresentam, na atualidade, a menor e a maior expectativa de vida, respectivamente” (Cesse, 2007, p. 28), fato que se relaciona diretamente com o fator econômico de cada região. Há uma série de mudanças nas famílias, nos empregos, no setor de saúde e de previdência com o aumento da expectativa de vida:

O setor de saúde suplementar tende a sentir os efeitos do envelhecimento de forma mais rápida, pois a estrutura etária dos beneficiários de planos de saúde já é mais envelhecida que a da população como um todo. Em 2010, a população brasileira contabilizava 10,8% de pessoas com 60 anos ou mais, enquanto entre os beneficiários esse contingente populacional era de 11,1%. (Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013, p. 10)

Além do aumento da expectativa de vida houve também neste período uma grande redução na taxa de natalidade. Em 1960 essa taxa era de 6,28 filhos por mulher, passando para 1,90 filho em 2010 (Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013). O aumento da expectativa de vida e a redução da taxa de natalidade e de mortalidade são os principais responsáveis pela mudança na estrutura etária da população. O baixo número de jovens e aumento da população idosa configura o chamado processo de envelhecimento populacional. De acordo com o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (2013, p. 07) do Governo Federal:

Inicialmente, a mortalidade cai nas primeiras idades, causando uma expansão na base da pirâmide, com conseqüente rejuvenescimento da população. Posteriormente, ocorre a redução da fecundidade, causada por mudanças nos padrões familiares, acesso a meios contraceptivos, maior participação feminina no mercado de trabalho, entre outros fatores (Bloom, 2011). Essa redução sustentada da fecundidade diminui progressivamente a base da pirâmide, o que torna os grupos etários mais velhos

proporcionalmente maiores em relação a toda a população. Embora a menor fecundidade seja a principal responsável pelo envelhecimento da população, o aumento da longevidade em idades avançadas também contribui, de forma secundária, para esse fenômeno (Carvalho & Garcia, 2003).

Esses números representam o novo quadro demográfico, caracterizado pela diminuição da população jovem, decorrente da queda na taxa de natalidade e aumento da população idosa, devido à crescente expectativa de vida. Conforme figuras abaixo é possível visualizar, através da pirâmide etária, as transformações na estrutura demográfica do Brasil desde os anos de 1940 até as projeções para 2050, realizadas pelo IBGE.

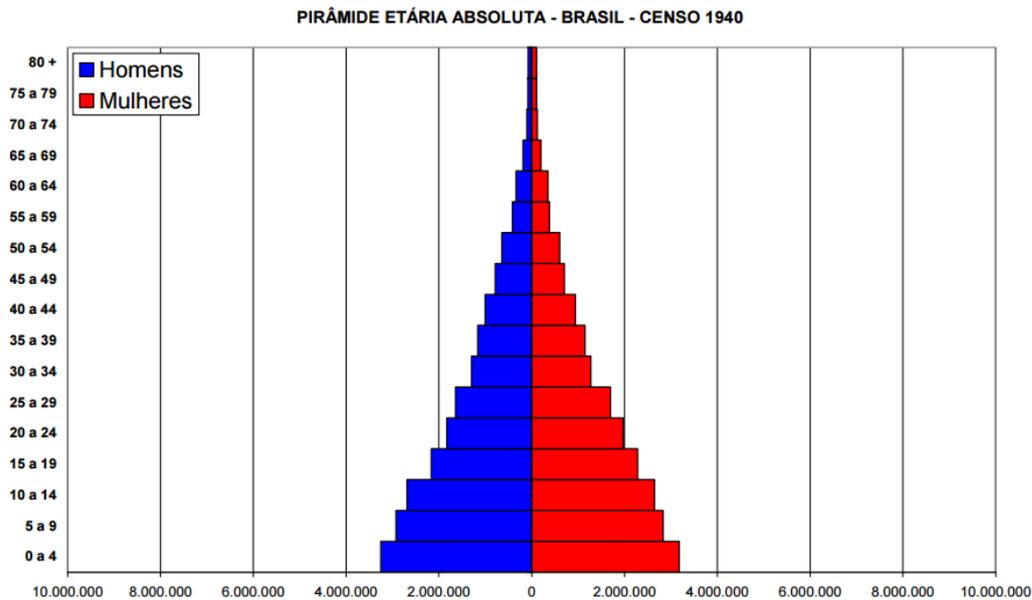


Figura 01. Censo demográfico de 1940

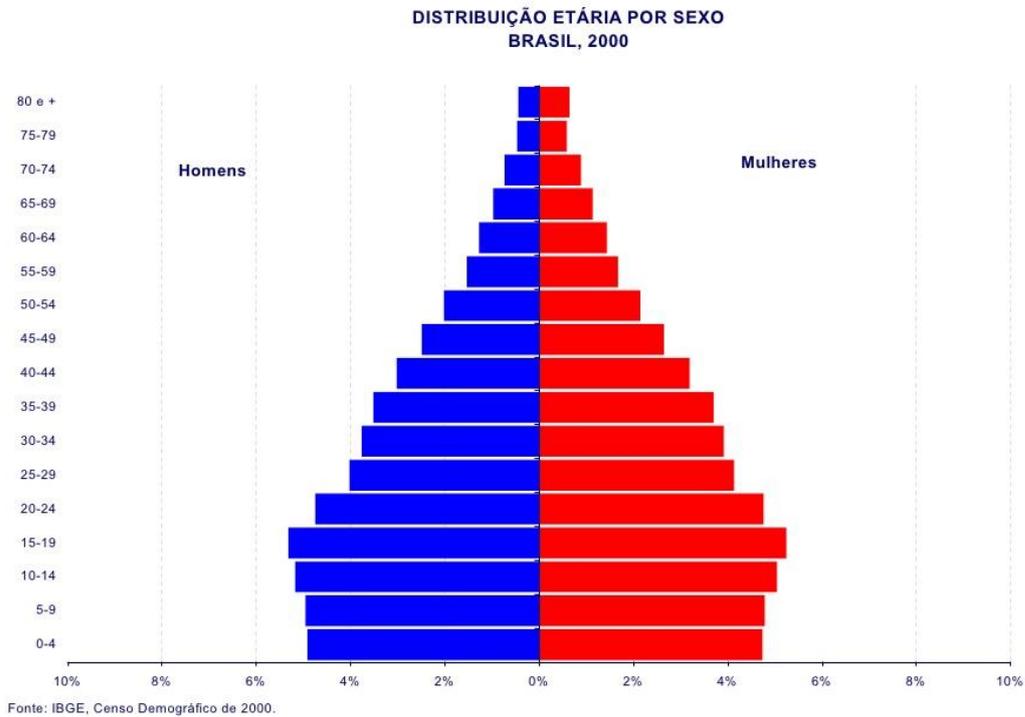


Figura 02. Censo demográfico de 2000

O quadro demográfico no Brasil em 1940, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era caracterizado por uma base larga e um estreitamento progressivo do número de indivíduos. Naquele contexto a população idosa era restrita, pois as condições de saúde, moradia, higiene e trabalho não possibilitavam o alcance de idades avançadas. A década de 1940 foi marcada por um intenso deslocamento de trabalhadores agrícolas, devido à modernização da agricultura na região Sudeste e à abertura de novas fronteiras agrícolas (IBGE, 2015 – Tendências demográficas no período de 1940/2000).

Em 1940, as altas taxas de natalidade garantiriam às famílias futuros trabalhadores, uma vez que pela Constituição de 1934 era dever do Estado “socorrer as famílias de prole numerosa” acreditando que o alto crescimento vegetativo seria um fator de progresso (MAGNOLI; ARAÚJO, 1996, p. 238). O Censo de 1940 revelou que as mulheres entre 15 e 49 anos de idade tinham em média 6,2 filhos. As alterações da composição etária ao longo dos anos expressam as mudanças no comportamento reprodutivo da população brasileira e, fundamentalmente, o início do processo de envelhecimento da população

brasileira, visto que a expectativa de vida da população, em 1940, era 42,7 anos e, em 2000, atingiu 70,4 anos. (IBGE, 2015, p. 20).

O mesmo padrão populacional foi observado até o ano 2000, com a diferença do aumento da população geral, saltando de 41,2 milhões de habitantes em 1940 para 169,8 milhões de habitantes em 2000. Entretanto, a partir do século XXI, no Brasil, observa-se uma alteração estrutural na população e as projeções do IBGE (2013) apontam para uma inversão da pirâmide etária, conforme figura:

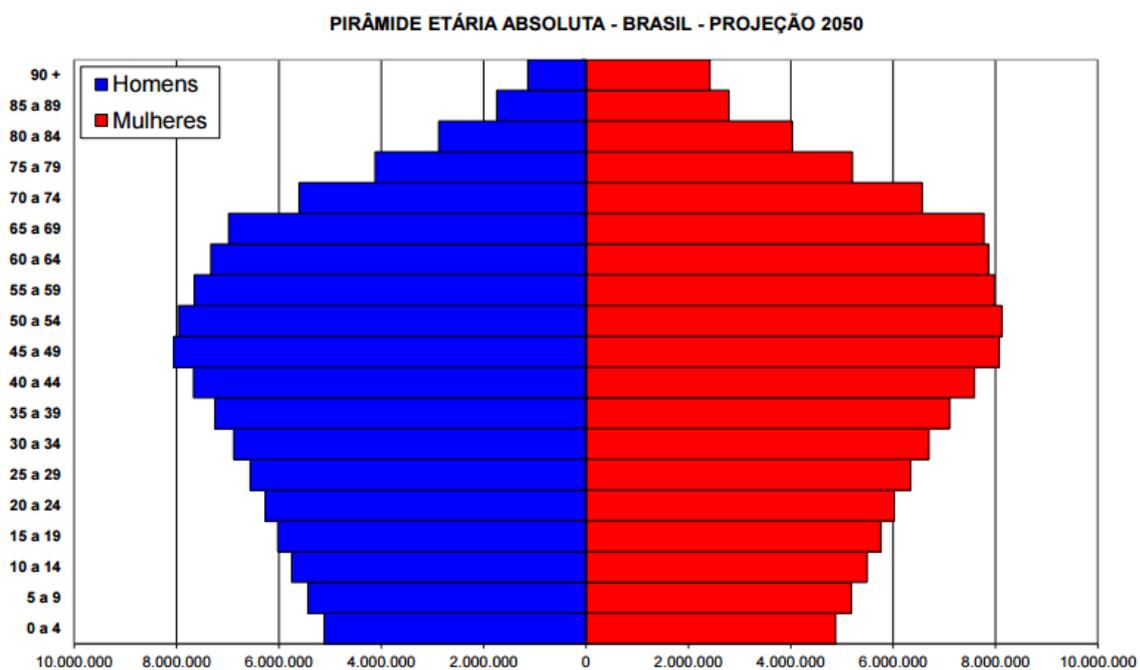


Figura 03. Projeção para o Censo demográfico de 2050

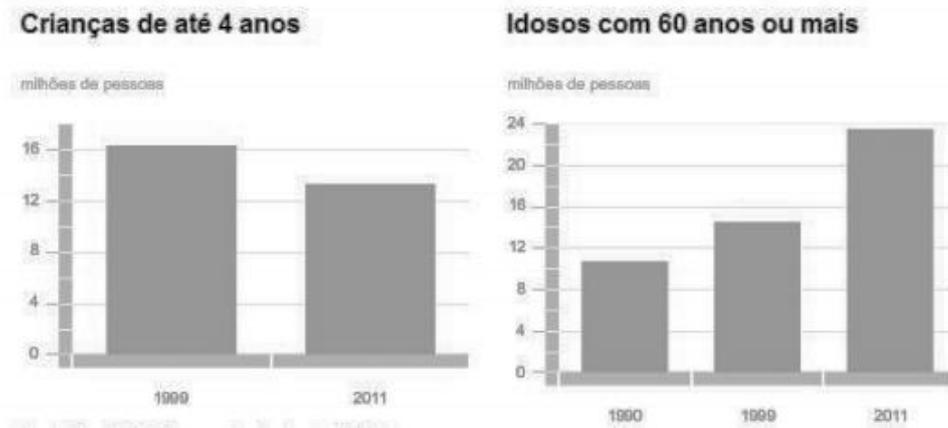
Desta forma, no Brasil, a situação estatística atual da velhice, descrita pela Organização Mundial da Saúde (2005), aponta que até o ano de 2025 o Brasil será o sexto país do mundo com a maior população de indivíduos acima dos 60 anos. De acordo com este órgão o fenômeno mundial de envelhecimento populacional está relacionado ao modo de produção vigente que possibilitou, com o desenvolvimento da medicina, da tecnologia, da indústria, entre outros, a redução das taxas de fertilidade, o aumento da longevidade e o nível de desenvolvimento dos países, haja vista que a maioria da população idosa vive em regiões mais desenvolvidas (Organização Mundial da Saúde, 2005).

Entretanto,

se, por um lado, conseguimos diminuir a mortalidade infantil, controlar algumas doenças transmissíveis, particularmente imunopreveníveis, e aumentar a expectativa de vida do brasileiro, por outro, assistimos à ampliação das desigualdades, à persistência de endemias, ao aumento intenso da obesidade em todo o país, à explosão da violência, ao surgimento de novas doenças, como a aids, e à ascensão da mortalidade por enfermidades crônicas. (Cesse, 2007, p. 29).

Há a necessidade de uma ampla análise de tais dados. Sabemos que no sistema capitalista os fenômenos se apresentam em contradição, portanto, ao mesmo tempo em que foi possível alcançar mais idade, também assistimos à precarização da vida. Conforme alerta o poeta Bertold Brecht “temeis menos a morte e mais a vida insuficiente”. Em termos didáticos e práticos, podemos categorizar como idosos indivíduos acima de 65 anos, em países desenvolvidos, e 60 anos, em países em desenvolvimento. De acordo com os dados mais recentes divulgados pela Secretaria de Direitos Humanos (2012) do governo brasileiro, em 2012 havia 810 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, representando 11,5% da população global. Estima-se que esse número alcance um bilhão nos próximos 10 anos e que duplique até 2050, totalizando 22% de idosos na população mundial.

Os países desenvolvidos apresentam um processo de envelhecimento mais lento do que os países em desenvolvimento. Na França, por exemplo, o aumento da população com 65 anos ou mais de 7% para 14% durou um século. No Brasil, segundo as projeções do *National Institute of Aging* (2007, apud, Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013) esse crescimento ocorrerá em duas décadas. Em 2012, no Brasil, somavam-se 23,5 milhões de brasileiros idosos, em contrapartida o número de crianças de até quatro anos de idade era de 13,3 milhões, no mesmo período e de 16,3 em 2000, demonstrando uma significativa redução da taxa de natalidade (Secretaria de Direitos Humanos, 2012). Conforme figura abaixo:



Fonte: Secretaria de Direitos Humanos (2002)

Figura 04. Comparativo da população de até 4 anos e acima de 60 anos nos anos de 1999 e 2011.

Esses dados apresentam a nova configuração demográfica do Brasil: expressivo aumento da população idosa em detrimento da queda na taxa de natalidade. Diante desse quadro é de extrema importância compreender qual é o contexto social em que estes idosos vivem, uma vez que, conforme foi explicitado, o modo de produção vigente rege não apenas como o trabalho é organizado, mas toda a vida dos indivíduos. Como demonstrado, o fenômeno do envelhecimento populacional é algo novo e que apresenta demandas específicas, principalmente no que se refere a três questões, de acordo com o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar: “a manutenção do crescimento econômico mesmo com o crescimento relativo da população inativa, a sustentabilidade fiscal e a provisão adequada de serviços essenciais, em especial a assistência à saúde (Felix, 2007; Banco Mundial, 2011)” (2013, p. 11).

Diante dessas demandas, nos últimos 30 anos foram estruturados pelos órgãos públicos governamentais instrumentos legais para a promoção de autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços, segurança e saúde preventiva da pessoa idosa. A nível nacional consideram-se alguns marcos importantes no percurso do amadurecimento das questões do envelhecimento, como a Constituição Federal de 1988; a Política Nacional do Idoso, estabelecida pela Lei 8.842, em 1994; a criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso em 2002 e a elaboração do Estatuto do Idoso em 2003 (Secretaria de Direitos Humanos, 2012). A criação desses instrumentos legais se deu a partir de uma necessidade real observada na

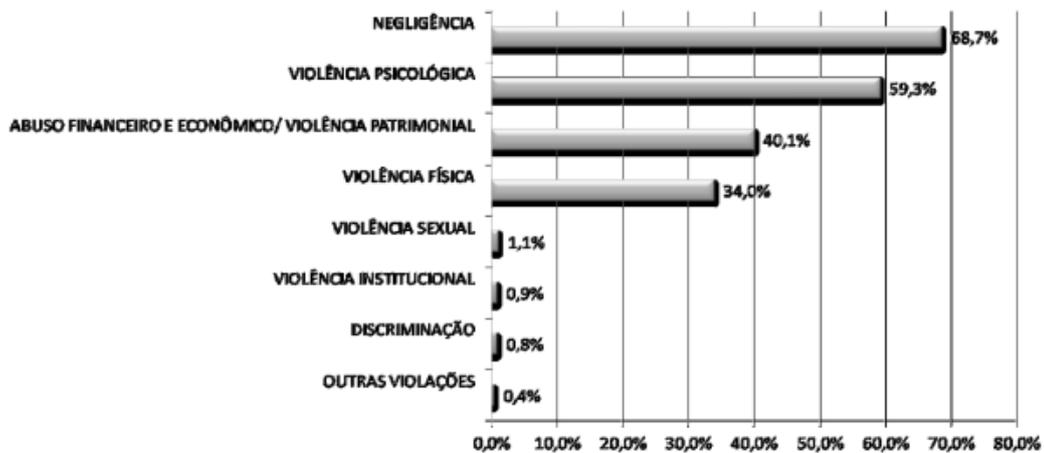
sociedade, a saber a exclusão da população idosa e a desqualificação dessa classe em detrimento do seu potencial produtivo.

Neste sentido, qualquer tentativa de inclusão no sistema capitalista, seja por meio de uma educação inclusiva, seja por meio de leis que obriguem a inclusão ao mercado de trabalho, está fadada ao fracasso. Isso porque a natureza do capitalismo não comporta uma sociedade igualitária e, sendo assim, a inclusão de uns poucos não prevê a inclusão de todos ao sistema, e mesmo tal inclusão é restrita a alguns setores e produtos da sociedade. (Carvalho & Martins, 2011, p. 25).

É importante compreender que apesar do modo de produção vigente não permitir que todos estejam incluídos na sociedade, participando e usufruindo do que foi produzido, a efetivação de políticas públicas voltadas para tal população é de extrema importância, como tentativa de diminuir as discrepâncias para com os idosos. Em relação à segurança e cuidados há uma grande preocupação no que se refere aos maus tratos e abusos recorrentes nesta população. A partir do Disque 100⁷ a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos registrou 68.651 denúncias sobre a violação dos direitos da pessoa idosa, no período de janeiro a novembro de 2012. Em comparação com o mesmo período, no ano anterior, houve um aumento de 199% de denúncias. Esse aumento foi o maior em comparação as demais populações atendidas pela Disque 100, como a população LGBT com aumento de 197%, pessoa com deficiência 184%, Crianças e Adolescentes com 59% e População de rua com aumento de 26% (Secretaria de Direitos Humanos, 2012).

A principal violência contra a pessoa idosa se refere à negligência, seguida pela violência psicológica, abuso financeiro e violência patrimonial e violência física. Conforme figura a seguir:

⁷“O Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos tem a competência de receber, examinar e encaminhar denúncias e reclamações, atuar na resolução de tensões e conflitos sociais que envolvam violações de direitos humanos, além de orientar e adotar providências para o tratamento dos casos de violação de direitos humanos, podendo agir de ofício e atuar diretamente ou em articulação com outros órgãos públicos e organizações da sociedade. As denúncias poderão ser anônimas ou, quando solicitado pelo denunciante, é garantido o sigilo da fonte das informações”. (Secretaria de Direitos Humanos, s/d).



Fontes: Secretaria de Direitos Humanos (2012)

Figura 05. Índices de violência contra a população idosa no ano de 2012

A partir dos dados apresentados pela Secretaria de Direitos Humanos percebe-se com clareza que a população idosa demanda atenção e cuidado dos órgãos governamentais e da sociedade civil. A violência destinada a este grupo não é um fenômeno exclusivo do Brasil, como revela a literatura internacional:

Estudos de diferentes culturas e de cunho comparativo entre países tem demonstrado que pessoas de todos os status sócio-econômicos, etnias e religiões são vulneráveis aos maus tratos que ocorrem de várias formas: física, sexual, emocional e financeira. Frequentemente, uma pessoa de idade sofre, ao mesmo tempo, vários tipos de maus tratos, mostram Wolf (1994); Chavez (2002) e Menezes (1999) Bernal & Gutierrez (2004). (Minayo, 2005, p. 13-14).

De acordo com Minayo (2005) é possível identificar no Brasil diversas formas de violência contra os idosos, desde as mais explícitas até as que se expressam de forma velada. Uma delas, e a principal, é a própria estrutura da sociedade, decorrente da desigualdade social e naturalizada nas manifestações de pobreza, miséria e de discriminação a qual muitos idosos estão submetidos, privados de serviços e condições básicas de sobrevivência. A esta violência se relaciona a forma de produção material da vida, regulada pelo capitalismo na sua fase de acumulação flexível, no qual é incluído no mercado de trabalho aquele que produz em grandes quantidades e que é útil em termos de produção. A violência também se expressa nas formas de comunicação e na interação cotidiana entre diferentes gerações, por exemplo, no Rio de Janeiro

uma das formas de violência social mais relatada pelos idosos se refere ao tratamento destinado aos idosos nos meios de transportes públicos, tanto pelos motoristas, como pelos passageiros (Machado, 2002, apud Minayo, 2005). Além dessas manifestações de violência também registram-se as institucionais, isto é, na aplicação ou omissão na gestão das políticas sociais pelo Estado (Minayo, 2005).

O Governo brasileiro, a partir do início do século XXI, passou a criar estratégias de redefinição do papel do idoso. Dentre elas, destaca-se o Estatuto do Idoso, de 2003, bem como a criação de Conselhos Nacionais e Locais de Direitos dos Idosos, os SOS-Idoso, entre outros. No entanto,

existe uma imensa distância entre as leis e portarias e sua implementação, no Brasil. [...] O Estatuto que prevê um país generoso com os seus velhos tem problemas com a prática: na destinação de recursos, na disponibilização de equipamentos e na construção de instrumentos concretos de atuação. Isso dificulta a responsabilização dos diferentes atores no enfrentamento das violências estruturais, institucionais e sociais de que esses são vítimas. (Minayo, 2005, p. 38).

Portando, o que as pesquisas têm revelado é que ainda que se busque melhores condições aos idosos através de leis e mecanismos, sua condição de desigualdade o acompanhará dentro desse sistema, pois “real e concretamente, inexitem as condições objetivas para a almejada inclusão social” (Carvalho & Martins, 2011, p. 33). Enquanto as relações entre os indivíduos, bem como os princípios e valores forem determinados pelas leis do capitalismo os dispositivos legais não serão efetivados na prática. Doravante, é preciso repensar não apenas o idoso na sociedade, mas as bases de produção que geram a desigualdade e exclusão em todos os níveis.

O Estado capitalista, cuja expressão política mais acabada é a democracia burguesa, nada mais é, para Marx, do que o que todo Estado sempre foi: um instrumento especial de repressão a serviço das classes dominantes. O que torna o Estado burguês diferente do Estado escravista, ou mesmo do feudal, é que ele mantém e reproduz a desigualdade social afirmando a igualdade política e jurídica entre os indivíduos. Ele reproduz a desigualdade entre o burguês e o operário também pela ilusão de que, ao votar e eleger os políticos, a maioria da população estaria dirigindo o país. (Lessa & Tonet, 2011, p. 85).

Todo modo de produção fomenta também maneiras de pensar a realidade, a isto denominamos ideologia: “consiste, justamente, em tomar as idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas” (Chauí, 1980, p. 05) As ideias que fundamentam e sustentam o capitalismo e, conseqüentemente, os discursos gerais da população, derivam do liberalismo cuja base são “ações individuais em detrimento de ações coletivas, o indivíduo regido pelas leis do mercado e a transformação do cidadão em consumidor”. Portanto, de forma implícita essa ideologia permeia as relações estabelecidas no trabalho, na escola, na família e na sociedade.

A divisão capitalista do trabalho [...] não se limita apenas a submeter a si todos os campos da atividade material e intelectual, mas se insinua profundamente na alma de cada um, provocando nela profundas deformações, que se revelam posteriormente sob variadas formas nas diversas manifestações ideológicas. (Paulo Netto, 1992, p. 121, *apud*, Carvalho & Cambaúva, 2011, p. 49).

A perspectiva acima mencionada preconiza a fragmentação não apenas do trabalho, como também do conhecimento, do sujeito, da personalidade e da consciência, pois desconsidera as condições materiais e objetivas que produzem esse fenômeno, naturalizando fatos que são produzidos historicamente. (Carvalho & Cambaúva, 2011). Diante disso, as ciências têm se constituído cada vez mais de forma fragmentada. Na medicina esse fenômeno é mais evidente, com as diferentes especializações. Na busca de compreender o fenômeno do envelhecimento populacional e destinar um atendimento adequado aos idosos nascem duas especializações na área médica: a Geriatria e a Gerontologia. A seguir buscaremos discorrer brevemente sobre as compreensões de velhice e envelhecimento apresentadas por essas áreas.

2.5 O processo de envelhecimento e a Ciência Médica

A Geriatria é uma especialidade médica recente responsável pelos aspectos clínicos do envelhecimento, destinada aos cuidados com a saúde e as doenças da velhice. Lida com os aspectos físicos, mentais, funcionais e sociais nos cuidados agudos, crônicos, de reabilitação, preventivos e paliativos dos idosos. Propõe-se a oferecer um tratamento holístico e multidisciplinar (Pereira, Schneider & Schwanke, 2009).

De acordo com a visão apresentada no livro *Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica* (2000) de autoria de Eurico Thomaz de Carvalho Filho⁸ e Matheus Papaléo Netto⁹ o processo de envelhecimento é concebido como “a redução da capacidade de viver” (Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000, p. 01), é considerado também como um processo dinâmico e progressivo sujeito a modificações morfológicas bem como funcionais, bioquímicas e psicológicas “que determinam progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte” (idem).

Essa definição do envelhecer prevê a adaptação do indivíduo à sociedade como fator importante na determinação do processo de envelhecimento, entretanto, como foi acima estudado, a inadaptação não é do idoso, mas do próprio sistema capitalista que prevê a exclusão e desigualdade. Além disso, a geriatria considera que a redução da capacidade de viver caracteriza o envelhecimento, porém, nos moldes da sociedade capitalista, com a extrema riqueza de alguns em detrimento da pobreza de muitos, uma grande parcela da população tem a capacidade de viver reduzida, uma vez que são privados de elementos básicos e fundamentais para a sobrevivência, como alimentação, moradia, educação e trabalho. O modo de produção capitalista não permite a adaptação de todos e nem a apropriação dos bens produzidos, pelo contrário, é necessário que haja uma diferença social para que o processo de produção e consumo não pare.

A partir da perspectiva geriátrica, Pereira, Schneider e Schwanke (2009, p. 157) pontuam que o envelhecimento pode ser definido como: “processo contínuo, complexo, multifatorial e individual, envolvendo modificações do nível molecular ao morfofisiológico, que ocorrem em cascata, principalmente após o período pós-reprodutivo”. E acrescentam:

Porém, entre idosos, muito mais do que apenas a ausência de doença, a qualidade de vida é um reflexo da manutenção da autonomia, ou seja, a capacidade de determinação e execução dos próprios desígnios. Uma vez que a ausência de doença é rara entre os idosos, mas a satisfação com a vida é muito frequente, a capacidade funcional passa a ser um paradigma da saúde geriátrica. (idem).

⁸ Professor de Livre-Docente de Geriatria do Departamento de Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Diretor da Disciplina de Geriatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

⁹ Professor de Livre-Docente de Clínica Médica da Disciplina de Geriatria do Hospital das clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Chefe da Clínica Geronto-Geriátrica do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo.

Carvalho Filho e Papaléo Netto (2000) explicitam que várias teorias têm sido propostas para explicar o processo de envelhecimento, contudo, eles consideram que uma explicação plausível para este fenômeno se relaciona com a capacidade de sintetizar enzimas, pois estas “correspondem habitualmente a cerca de 15% dos componentes do organismo e são responsáveis não só pela constituição das estruturas dos órgãos, tecidos e de enzimas, mas também são componentes dos sistemas bioquímicos relacionados à produção de energia” (Carvalho Filho & Papaléo Netto, p. 01, 2000).

Dentre os fatores que influenciam o envelhecimento os autores destacam dois grupos: fatores intrínsecos e extrínsecos. No primeiro grupo estão considerados os seguintes fatores: a) fatores genéticos, pois “acredita-se que espécie de ser vivo apresente uma duração máxima de vida que seria determinada pelo seu padrão genético” (Carvalho Filho & Papaléo Netto, p. 04, 2000), além disso, afirmam que a duração máxima da vida humana permanece entre 110 e 115 anos, mesmo com todas as intervenções tecnológicas já desenvolvidas; b) radicais livres: estes são capazes de provocar alterações no organismo “devido às reações com enzimas, lípidos, colágeno, hormônios e também com o DNA e ARN. Em consequência dessas reações ocorreriam alterações celulares, teciduais e também genéticas que estariam relacionadas com o processo de envelhecimento” (idem, p. 05); c) imunidades celulares e humoral: a atividade do sistema imunológico tem um declínio com o avanço da idade, “a maior parte das alterações imunitárias têm sido correlacionadas à involução e à atrofia do timo, que, de forma gradual, nos primeiros 50 anos de vida do homem, perde até 95% de sua massa e de sua capacidade de produzir hormônios” (idem, p. 06).

Contudo, segundo os autores, essa teoria ainda carece de provas definitivas uma vez que tais alterações imunológicas podem ser tanto causa como consequência do processo de envelhecimento; d) ligações cruzadas: “à medida que o indivíduo envelhece, mais colágeno é formado, surgindo ligações cruzadas que tornam a estrutura mais resistente e quase inflexível” (idem, p. 06); e) ligação ADN-Histona, estas se tornam mais instáveis durante o envelhecimento, podendo determinar modificações em algumas propriedades físico-químicas do ADN e alterando a transcrição, “estas alterações na expressão do gen seriam responsáveis pelas modificações na síntese protéica” (idem, p. 07).

Em se tratando dos fatores extrínsecos ou ambientais que influenciam o processo de envelhecimento os mesmos autores pontuam os seguintes: a) radiação: esta poderá influenciar na formação de anomalias cromossômicas, como também no aumento de incidência de neoplasias, contudo, dependerá da idade em que ocorreu a exposição à radiação, da quantidade

recebida e o tempo e número de exposições; b) altitude: “possivelmente a hipóxia do indivíduo, quando nos locais mais elevados, interage desfavoravelmente com as afecções cardiovasculares” (Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000, p. 07); c) temperatura: “o homem submetido a temperaturas próximas a 50°C ou a 0°C e sem meios de proteção, tolera-as por pouco tempo, surgindo precocemente alterações orgânicas que podem até leva-lo à morte” (idem, p. 07); d) poluição - devido à alta concentração de monóxido de carbono no ar, é apontada como a maior causa de doenças pulmonares crônicas e de suas complicações. No entanto, os autores questionam a intervenção direta da poluição no processo de envelhecimento; e) existem estudos em animais comprovando que a restrição calórica contribui para o prolongamento da vida reprodutiva, para a redução a incidência de tumores, na postergação da depressão imunitária e na manutenção da aparência mais jovem. Contudo, em termos da espécie humana, não há evidências que confirmem tais estudos em relação à restrição da ingestão calórica estar associada ao retardo do processo de envelhecimento; f) a tensão emocional é responsabilizada “pela maior incidência de diversas infecções como, por exemplo, a aterosclerose” (idem, p. 08).

Apesar da geriatria considerar os fatores extrínsecos e intrínsecos relacionados ao desenvolvimento humano, não consideram a interdependência desses dois fatores, mas os compreende de forma segmentada, como se cada fator não tivesse interferência alguma no outro. Ao desconsiderar o homem como um ser humano que vive em sociedade, seguindo leis e regras determinadas por um modo de produção e que essas leis interferem também no organismo, de acordo com a classe social a que pertence, a geriatria incorre no erro de olhar o ser humano de forma sectária e fragmentada. Compreender o envelhecimento implica em compreender necessariamente o contexto social, em todas as suas esferas.

Na Inglaterra, por exemplo, foi desenvolvido um programa de atendimento domiciliar destinado aos 17% da população com 65 anos ou mais. Este programa engloba uma rede básica, hospitalar e extra-hospitalar considerada exemplar. Em decorrência do atendimento extra-hospitalar, domiciliar, os idosos têm a possibilidade de continuar vivendo em seu meio ambiente, retardando ou anulando a necessidade de institucionalização. O atendimento destinado à essa população utiliza 60% do orçamento do Departamento Nacional de Saúde e Cuidados Sociais (Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000).

É possível afirmar que o processo de envelhecimento de um idoso nas condições acima mencionadas difere tenazmente de um idoso que vive em condições precárias de serviços de saúde. Portanto, compreender o envelhecimento implica necessariamente em uma análise da sociedade. Cabe ressaltar, também, que nesta pesquisa o processo de envelhecimento não é

entendido unicamente como decadência das funções orgânicas, mas como mudança de papéis e funções sociais desempenhadas por um indivíduo. Mudança esta acompanhada de alterações biológicas, fisiológicas, ambientais, emocionais, psicológicas e sociais. Sendo assim, em relação à realidade brasileira vale ressaltar o que Vera e cols. (apud Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000, p. 28-29) afirmam:

A questão social do idoso, face à sua dimensão, exige uma política ampla e expressiva que suprima, ou pelo menos amenize, a cruel realidade que espera aqueles que conseguem viver até idades mais avançadas. Após tantos esforços realizados para prolongar a vida humana, seria lamentável não se oferecer as condições adequadas para vive-la.

Ainda no livro sobre Geriatria Carvalho Filho e Papaléo Netto (2000) discorrem acerca da multidisciplinariedade do atendimento ao idoso. Os autores pontuam uma significativa alteração no quadro da saúde uma vez que deixam de ser o foco da atenção a patologia já instalada. O avanço do conhecimento promoveu um intenso aumento das possibilidades de assistência à saúde, fato que motivou o desenvolvimento de áreas inexistentes ou pouco difundidas. Com isso, percebe-se a multiplicidade de áreas profissionais atuando na saúde, território antes habitado exclusivamente por médicos, enfermeiros e dentistas. Neste novo cenário a atuação deixa de ser centralizada em um profissional e passa a ser dividida por aqueles que tem maior competência e eficiência para tratar determinada situação. No entanto, o ser humano não funciona separadamente ou em pedaços/órgãos, surge, então, um desafio ainda a ser conquistado: “a descentralização integrada ” (Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000, p. 399).

[...] cada vez mais o indivíduo necessita ser visto em toda sua integridade, não apenas física como psíquica e social. [...] Esta é sem sombra de dúvida, a chave do segredo de um trabalho onde atuam simultaneamente diversos profissionais de diferentes áreas da saúde ou afins: um sistema de integração que permita, não apenas adequada comunicação, mas também um controle eficiente dos objetivos e estratégias adotadas como prioridade. (idem).

Para os profissionais desta área é importante reconhecer a dignidade da pessoa idosa e quando necessária defende-la, tendo em vista que a sociedade tal como se configura atualmente

tem uma visão utilitarista do ser humano. Assim, os idosos ao tornarem-se improdutivos materialmente ou intelectualmente estão sujeitos ao julgo social, considerados menos digno e sem direitos.

Veremos agora o envelhecimento a partir da perspectiva gerontológica através do livro *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (Papaléo Netto, 2002). O autor considera a necessidade de buscar uma compreensão global do envelhecimento, reconhecendo a limitação da perspectiva biofisiológica.

Visto simplesmente pelo prisma biofisiológico é desconhecer os problemas ambientais, sociais, culturais e econômicos que, seguramente, em maior ou menor extensão participam do processo de envelhecimento. Há que se ter a visão global do envelhecimento enquanto processo, e dos idosos enquanto indivíduos. Uma visão que abranja todas essas variáveis não existe e possivelmente nunca existirá. Aceitar, como querem os biogerontologistas, que “o envelhecimento é caracterizado pela incapacidade de manter o equilíbrio homeostático sob condições de sobrecarga funcional, acarretando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que terminam por levar o idosos à morte”, é satisfazer-se com apenas uma meia verdade. (Papaléo Netto, 2002, p. 03).

O autor pontua que a Gerontologia é um ramo da ciência muito novo e o considera que o atraso dos estudos sobre a velhice decorre de muitos fatores, principalmente por ter sido uma área ocupada por charlatões e pela magia negra, colocando em risco a reputações de profissionais que se envolvessem neste campo. Além disso, o investimento em pesquisas sobre o envelhecimento mostra-se precário, impedindo o desenvolvimento de estudos sistematizados, bem como a complexidade em compreender o envelhecimento é apontado como causa desse atraso.

Papaléo Netto (2002) aponta para uma compreensão importante ao considerar que a estrutura das sociedades industrializadas e urbanizadas investe muito mais na assistência materno-infantil em detrimento da velhice, uma vez que o investimento em crianças tem um retorno de 60 anos ou mais de vida útil e produtiva. Em contrapartida, os idosos são vistos como indivíduos que já não mais produzem e, portanto, não merecem investimentos e atenção dos órgãos públicos.

A partir desse quadro é possível perceber porque a gerontologia é um campo científico jovem. Para esse ramo da medicina o envelhecimento é caracterizado pelo declínio das funções

dos órgãos, tendo início no final da segunda década de vida, tornando-se mais perceptível no final da terceira década. Em termos gerais, considera-se que a partir dos 30 anos de idade há uma perda de 1% das funções orgânicas a cada ano. Com o passar do tempo, evidencia-se também alterações nos tecidos, células, enzimas e moléculas, dentre outras, contudo “podem ser consideradas reais manifestações do envelhecimento, o aumento do depósito de pigmento lipofuscínico em tecidos constituídos por células não substituíveis e o decréscimo do RNA ribossômico” (Papaléo Netto, 2002, p. 06).

Além de trazer uma explicação biológica o autor também apresenta o envelhecimento a partir da visão social, intelectual, econômica, funcional e cronológica, pontuando a impossibilidade de estabelecer uma definição única e restrita de envelhecimento. Sendo assim, a Gerontologia considera que ser idoso varia de acordo com a cultura, com as condições de vida e trabalho, sendo que “as desigualdades dessas condições levam a desigualdades no processo de envelhecer” (Papaléo Netto, 2002, p. 27)

A partir das concepções de envelhecimento apresentadas pela Medicina é possível observar que a especialidade mais recente – gerontologia - apresenta uma concepção ampla do fenômeno e não desconsidera a importância dos fatores culturais e sociais. Grande parte das pesquisas sobre o processo de envelhecimento são realizadas pelas áreas da saúde, principalmente pela medicina e enfermagem. Isto porque esta área tem sentido diretamente os efeitos econômicos desse processo, uma vez que os gastos com saúde no país dobraram entre 2000 e 2010. O Brasil tem investido 9,0% do Produto Interno Bruto (PIB) com a saúde, enquanto países de renda média alta gastam 6,1%. Esse significativo aumento de gastos com a saúde pode ser explicado tanto pela oferta como pela demanda:

O crescimento dos gastos com saúde, públicos ou privados, tem diversas causas: do lado da oferta, tem-se a inflação no setor saúde, o efeito da tecnologia e as políticas de aumento na cobertura e na variedade dos serviços disponíveis; do lado da demanda, tem-se o envelhecimento populacional e as mudanças no perfil epidemiológico da população (Raitano, 2006; Chernew & Newhouse, 2011). Segundo a literatura, dessas causas, a principal responsável pelo crescimento nos gastos, do lado da oferta, é a tecnologia (Chernew & Newhouse, 2012) e, do ponto de vista da demanda, o envelhecimento populacional (Mayhew, 2000; Dang et al, 2001; Antolin et al, 2001). (Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013, p. 13).

Os gastos com a população idosa sempre foram expressivos em relação as demais faixas etárias, Jones (2000, apud Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013, p. 14) apresenta como se configura o padrão etário típico do gasto e da utilização de serviços de saúde: “apresenta um formato em ‘J’, ou seja, os gastos são relativamente mais altos para os primeiros grupos etários, decrescendo entre adolescentes e adultos jovens e aumentando a taxas crescentes a partir de então”. Com o aumento da população idosa há uma preocupação da área da saúde com os gastos que aumentam na mesma proporção.

Com o aumento da expectativa de vida há também uma mudança no perfil de doenças nos idosos o que, conseqüentemente, afeta o tipo de serviço a ser utilizado. De acordo com Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (2013), com o avanço da idade e a diminuição progressiva das doenças adaptativas do corpo há a prevalência de doenças crônicas, “além disso, essas doenças, muitas vezes, exigem tratamentos contínuos e que, geralmente, podem vir acompanhados de disfunções e/ou algum nível de dependência (Nasri, 2008)” (p. 14).

Como apresentado, o processo do envelhecimento populacional afeta diversos setores da sociedade, isto porque, é um fenômeno multideterminado, constituído por fatores sociais, políticos, econômicos, culturais – como hábitos e costumes –, psicológico e biológico. Sendo assim, pensar neste processo exige um olhar amplo e atento, capaz de perceber historicamente as relações entre os fenômenos que compõe o envelhecimento. O envelhecer não é apenas um processo que vem aumentando em quantidade, mas, sobretudo, vem sofrendo alterações e interferências relacionadas à sociedade vigente. Como já exposto, estamos inseridos em um contexto regido pelas leis do capitalismo em sua fase de acumulação flexível. Vimos também, que o modo de produção reproduz a própria vida, regulando as relações de trabalho, as relações sociais, os hábitos e costumes e os papéis dentro da família e na sociedade. Portanto, o envelhecer não é um fenômeno universal e uniforme, mas, assim como a própria vida, se constitui dentro de um determinado modo de produção, a saber o capitalista.

Doravante, compreender a velhice como uma categoria socialmente construída tem uma implicação política. A compreensão hegemônica contemporânea sobre a velhice, encontrada em matérias televisivas, reportagens e em estudos científicos, tem predominantemente um viés médico e biológico. Assim, os serviços oferecidos à essa população por vezes se restringem à programas na área da saúde física, negligenciando os demais aspectos que constituem o ser idoso, tais como a área educacional, psicológica, recreativa, do trabalho, entre outras.

A partir de uma análise histórica fica evidente que as maneiras de pensar, agir e de perceber os fenômenos da realidade são decorrentes da forma como se produz a vida material, ou seja, são construídas nas e pelas relações de produção,

[...] no mundo moderno, o exame e a análise mostram que as condições econômicas – a própria estrutura das forças produtivas industriais – criam as contradições entre grupos correntes, classes antagônicas, nações imperialistas. Portanto, convém estudar esse movimento, essa estrutura, suas exigências, com o objetivo de tentar resolver as contradições. (Lefebvre, 1983, p. 238).

Assim também, o saber sobre a velhice, bem como a percepção dos idosos sobre esse momento da vida, está determinado pela forma de produção material da sociedade ao qual estes indivíduos pertencem. Assim, como propõe Vigotski (1930, p. 03),

Temos que proceder a partir do pressuposto básico de que a produção intelectual é determinada pela forma de produção material. [...] e isto, por sua vez, significa que o psiquismo humano – que é o instrumento direto dessa produção intelectual – adquire uma forma específica a cada estágio determinado do desenvolvimento.

Entende-se, assim, que o significado social da velhice e, portanto, o modo como os idosos se relacionam socialmente constituem o próprio sentido pessoal da velhice dos idosos, logo, “uma mudança fundamental do sistema global dessas relações, das quais o homem é parte, também irá conduzir inevitavelmente a uma mudança na consciência, uma mudança totalizante do comportamento humano” (Vigotski, 1930, p. 06). A consciência dos idosos, na sociedade tal como ela se configura, é permeada por uma concepção de velhice negativa e pejorativa, contudo, levanto a hipótese de que se este idoso tiver acesso aos bens materiais e intelectuais desenvolvidos socialmente, se esse idoso tiver um papel social valorizado, então, possivelmente sua consciência sobre si e sobre a velhice terá grande possibilidade de mudança.

2.6 A velhice pela perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural

Apresentou-se, até o momento, os dados atuais da velhice e de suas implicações na estrutura demográfica, social e econômica do país, bem como a visão médica do processo de envelhecimento. Passemos, então, a uma análise histórica e cultural da velhice, tecendo contribuições da Psicologia soviética sobre tal período do desenvolvimento. Conforme abordado na primeira seção desta pesquisa, os fenômenos para serem compreendidos de forma

mais real devem ser analisados historicamente, isto porque em cada momento há uma ideologia predominante, fruto dos mecanismos de produção material da vida, e que constituem as concepções atribuídas aos fenômenos emergentes naquele momento. Sendo assim, neste tópico serão apresentadas algumas diferentes concepções de velhice ao longo da história e também algumas considerações da Psicologia Histórico-Cultural sobre esse estágio do desenvolvimento humano.

É salutar ressaltar que os autores primários desta teoria psicológica não abordaram a questão propriamente da velhice, possivelmente porque em seus contextos sociais a velhice não era um fenômeno expressivo e poucos indivíduos alcançavam idade avançada. Além disso, os autores desta abordagem, ao tratarem da periodização do desenvolvimento, enfocaram a formação do homem novo, posto que a velhice seria resultado da humanização. Diante destes fatos, são escassos os textos que abordam a velhice a partir desta perspectiva teórica, contudo, nos embasamos no livro *El hombre y la edad* (1989) de Alexandr Tolstij que contém um capítulo dedicado a *La vezes* e na dissertação de mestrado intitulada *A atividade principal e a velhice: contribuições da psicologia histórico-cultural* (2011) de Clayton Reis.

Tanto na obra de Tolstij (1989) quanto na pesquisa de mestrado de Reis (2011) evidencia-se que a velhice ocupou papéis antagônicos em cada momento histórico e em cada cultura. O primeiro autor afirmou que “a velhice é idade mais paradoxal e contraditória” (p. 198), pois em algumas sociedades a velhice estava associada à morte, decrepitude, ao mal e às perdas, entretanto, em outras, era concebida como um momento de sabedoria e respeito. Além de percorrer a história e sistematizar as diferentes concepções de velhice, Reis (2011) realizou um levantamento científico nos periódicos indexados pelas CAPES para apreender como a ciência tem pensado este período da vida. Os achados de Reis (2011) apontam que no plano científico, frequentemente, a velhice é compreendida pelo viés biopsicossocial e são utilizados termos diversos para se referir ao ser idoso.

Na atualidade, com o objetivo de não ofender o pudor social, termos como Terceira Idade, Melhor Idade e Idosos têm sido usados com maior frequência. No entanto, em linhas gerais, o que se observa é o temor e a falta de clareza ao se definir o que vem a ser a velhice. (Reis, 2011, p. 37).

Nesta abordagem teórica entendemos a velhice como uma etapa da vida caracterizada por processos dinâmicos, dependentes do contexto social e variável de acordo com a cultura e a classe econômica, portanto, diverge da compreensão que entende a velhice pelo viés do

determinismo biológico, cronológico ou natural. Em relação ao significado social da velhice, Reis (2011) encontrou nos trabalhos científicos consultados que a concepção social parte de uma análise econômica e produtiva, sendo assim, o desenvolvimento humano como processo dinâmico e contínuo tem sido desvalorizado e o velho associado com algo que já não produz, que não tem serventia econômica. Corroborando com esta visão, há um forte e sutil apelo midiático à valorização do corpo belo e jovem, de uma vida animada, cheia de emoções e de prazeres. Nesta perspectiva envelhecer se torna algo doloroso, feio e que deve ser combatido a todo custo. Outra possibilidade que emerge a partir dessa visão é o incentivo forçado de que os idosos sejam ativos, felizes, bonitos e sempre de bom humor, afinal, estão vivendo a ‘melhor idade’.

Todas essas influências adversas não são inerentes à indústria de grande escala como tal, mas à sua organização capitalista, baseada na exploração de enormes contingentes populacionais, resultando em uma situação na qual, ao invés de levar cada novo passo em direção à conquista da natureza pelos seres humanos; cada novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade alcançado à frente; não só fracassou em elevar a humanidade como um todo – e cada personalidade humana individual – para um nível mais alto, como a reconduziu a uma degradação mais profunda da personalidade humana e de seu potencial crescimento omnilateral. (Vigotski, 1930, p. 04).

Tal concepção de velhice constituiu-se ao longo da história, concomitante ao desenvolvimento da produção material da vida, isto é, como o desenvolvimento da indústria, da medicina, da farmacologia, da tecnologia, entre outros. Portanto, em uma sociedade na qual os homens são explorados e expropriados dos bens que produzem, em detrimento do lucro para alguns, a ideologia dominante é a da produtividade, logo, os indivíduos que não mais produzem são excluídos, já não servem mais ao sistema. Apesar de atualmente a velhice estar associada mais à aspectos negativos, nem sempre essa foi a compreensão hegemônica. Cada momento histórico e cada sociedade apresenta uma visão sobre o envelhecer, de acordo como se organiza produtiva e materialmente.

Tolstij (1989) apresenta que para os antigos gregos a idade madura significava florescimento, “o momento de maior esplendor da personalidade humana, quando o indivíduo adquire o que os ingleses chamam de identidade” (p. 176). O autor explica que a idade madura se referia as pessoas com 45 a 55 anos. Ele cita o psicólogo suíço Edouard Claparede como um

dos representantes mais eminentes da psicologia funcional. Para este psicólogo a idade madura é o momento de petrificação do desenvolvimento, portanto, o desenvolvimento após essa idade representaria mudanças simples em algumas características psicológicas. Tolstij (1989) questiona esse posicionamento determinista tão presente na psicologia. O autor lança uma indagação:

O que fazer então com as idades mais tardias da vida humana? Se na madurez termina o desenvolvimento, o que representa então a velhice? Como qualificar a conduta de Michelangelo que, aos 90 anos de idade, quando um cardeal lhe perguntou o que ele fazia num dia frio na entrada do Coliseu, respondeu: “Aprendo!”. É o capricho de um gênio? Como é possível que um idoso aprenda, ou seja, se desenvolve, e se aperfeiçoa, se de acordo com a lógica da concepção anteriormente discutida, não há nenhuma “tarefa de desenvolvimento” e está “petrificado”? Mas Michelangelo aprendeu e afirma o direito do homem ao autodesenvolvimento e a se aperfeiçoar ilimitadamente. (p. 177).

O autor complementa dizendo que do ponto de vista dos psicólogos soviéticos o desenvolvimento é ilimitado, uma vez que se configura como modo fundamental da existência do indivíduo. Portanto, há nesta concepção uma revolução em relação à compreensão do desenvolvimento posto pela psicologia tradicional. Para os autores da Psicologia Histórico-Cultural o desenvolvimento é uma condição para existência, em outras palavras, se há existência, há desenvolvimento, independentemente de ser aos 5 ou aos 95 anos de idade (Tolstij, 1989). Diante destas indagações o autor percorre a história buscando apresentar os diferentes significados da velhice e afirma que é impossível calcular a quantidade de lendas e aforismo que tentam defini-la, mas considera que cada uma tem seu aspecto razoável, seu sentido e sua importância.

De acordo com Tolstij (1989) as tentativas da humanidade de comparar o mundo da infância com a velhice datam desde a mitologia, isto porque, a infância representa o amanhecer da vida e a velhice o crepúsculo. Tais períodos do desenvolvimento são permeados por contrastes, porém, compartilham de algumas características. Para Tolstij (1989) a principal semelhança entre eles é que “tanto a criança como o velho tomam consciência de sua posição na sociedade e no mundo mediante sua comparação com a pessoa madura” (p. 201). A criança está artificialmente separada da realidade através das instituições de socialização, como a escola, instituições de cuidados e outros e por mais importante que seja o trabalho de desenvolvimento nas etapas mais precoces da ontogênese os objetivos do indivíduo só são

vistos na vida adulta, nas ações e nos fatos praticados. Assim também, o velho está separado da realidade, pois perde sua capacidade de trabalhar, é acometido de doenças, debilidades e muitas vezes, é institucionalizado (Tolstij, 1989).

Na mesma direção Reis (2011) aborda as diferentes concepções de velhice ao longo da história da humanidade. Segundo o autor na Grécia antiga, velhice na população de escravos estava associada ao castigo e não descendia de Eros, a força do amor, pois, nesta sociedade, os homens eram valorizados por sua força física e capacidade de guerrear. Na mesma direção caminhava a concepção de velhice do poeta egípcio Ptah-Hotep que afirmou ser penosa a vida de um ancião e ser a velhice a pior desgraça que poderia acontecer. Entretanto, para Platão a velhice estava associada à liberdade e à paz. (Reis, 2011). No Império Romano a velhice remetia ao momento da vida de responsabilidade e sabedoria, eram atribuídos aos anciãos cidadãos (não escravos) os cargos importantes no senado. A velhice esteve também associada à sabedoria na sociedade hebraica, uma vez que idoso era concebido como uma pessoa abençoada por Deus, contudo, com a queda do Império Romano e a ascensão do Cristianismo, a velhice passou a ser associada à decrepitude, feiúra e ao pecado. De acordo com Tolstij (1989), o líder do protestantismo Martin Lutero sentenciou sombriamente este período: “a velhice é a morte em vida” (p. 198), pois esta era a concepção da época.

Reis (2011) menciona que no final da Idade Média e no período do Renascimento houve o início da valorização do corpo belo e jovem, e, para evitar o envelhecimento, iniciou-se a utilização de diversos métodos de rejuvenescimento, como por exemplo o uso de medicamentos. Tais métodos, juntamente com a revolução industrial, com o êxodo rural e as descobertas científicas contribuíram para o aumento da expectativa de vida. Este período histórico, apesar de proporcionar avanços tecnológicos, foi marcado por dificuldades para a população idosa, que não podia parar de trabalhar e dependia das famílias para receberem o atendimento que necessitavam. Muitos idosos foram abandonados nas ruas, hospitais ou asilos (Reis, 2011).

Atualmente, conforme pontua Tolstij (1989) a velhice tem sido prolongada e com isso assiste-se o envelhecimento da população. A partir do século XX a expectativa de vida aumentou e com isso, os indivíduos passaram a viver mais 15 a 20 anos esse período, aproximadamente um quarto da vida vivendo a velhice. Para o autor isso não significa que este período seja um momento de desintegração e de exclusão social, no qual os velhos são vistos como pessoas “desnecessárias, sobrantes para a sociedade, que chegam nos asilos e nas casas para idosos” (p. 202). O autor menciona que em nossa época a visão sobre a velhice mudou radicalmente, se comparada a dos países socialistas e isso afeta também a consciência das

peças com idade avançada, “na URSS se fazia muito pelo bem estar social do idoso, para que o homem jubilado pela idade e pelos anos de serviço não viva como uma pessoa ‘privada de apoio’ e não se sinta ‘que não é necessária’ para a sociedade” (p. 202). O autor defende que o fim da vida laboral não significa o fim da vida social, no entanto, a pessoa idosa pode participar e contribuir na medida de suas possibilidades.

A partir de uma análise histórica evidencia-se que as formas de pensar e conceber a vida são constituídas pelas ideologias presentes no modo de produção vigente. Logo, o saber sobre a velhice, bem como a percepção dos idosos sobre esse momento da vida estão determinados pela forma de produção material. Nesta direção, é dever do pesquisador questionar o que está posto e pensar em possibilidades de superação da realidade, vislumbrando uma sociedade mais justa para todos.

Contribuindo com a compreensão da temática Tolstij (1989) afirma que a sabedoria adquirida através das experiências vividas ao longo dos anos não é possível de ser apropriada a partir da literatura ou em manuais, “a experiência individual não é simplesmente a recordação do passado; é a capacidade de orientar-se rapidamente no presente utilizando a experiência pessoal e outros, como fatos irrepetíveis e os conhecimentos adquiridos” (p. 204). Portanto, essa característica central da velhice não deve ser subvalorizada.

Mas a importância da sabedoria como neoformação psicológica especial da velhice é inestimável. A sabedoria, como determinado estado do espírito, como atividade fundada em uma enorme experiência individual, cujo sentido é estabelecer o vínculo entre as gerações, libertar a história da causalidade e da agitação vã da vida cotidiana; é ao mesmo tempo, um olhar do passado, do presente e do futuro que eleva o idoso ao lugar de filósofo da vida, de insubstituível conselheiro e mentor da juventude. A sabedoria faz a posição do idoso no mundo contemporâneo única por sua significação social e histórica, humana por sua destinação e orientação. (Tolstij, 1989, p. 204).

Destarte, a partir das contribuições dos autores da Psicologia Histórico-Cultural é possível ampliar a compreensão sobre a velhice e percebê-la para além dos aspectos biológicos e cronológicos. Apesar de haver a real perda ou diminuição das funções vitais, na velhice, assim como em outras idades, há a possibilidade de aprender, contudo este aprender na velhice contém a potência de estar calcado pelas experiências já vividas e pelo conhecimento adquirido em tais experiências.

SEÇÃO 3 - A VELHICE SOB O OLHAR DE QUEM A VIVE

Este capítulo visa compreender a realidade de duas idosas, buscando apreender como o processo de constituição de sentido tem se efetivado, historicamente, permeado pelas relações sociais de produção, a partir da história de vida de cada uma. Portanto, foram realizadas entrevistas com duas idosas. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra após o consentimento livre e esclarecido das idosas participantes (termo em anexo). No primeiro momento a entrevista objetivou obter as histórias de vida por meio do relato oral autobiográfico, tal como informações sobre a infância, estudo, trabalho, relações familiares, vida adulta e velhice, entendendo este processo como algo social e não constituído apenas por determinantes biológicos e cronológicos. No segundo momento a entrevista foi realizada a partir de perguntas abrangentes, com foco na realidade atual, tais como qual a concepção de velhice da idosa entrevistada, quais suas atividades diárias e a convivência em sociedade, conforme segue o roteiro das entrevistas nos apêndices.

Cabe mencionar que o papel do pesquisador é imprescindível no processo de pesquisa, pois a este cabe reunir os conhecimentos, criticá-los e revisá-los para então tecer sínteses provisórias sobre a investigação. Enfatiza-se que toda conclusão é provisória, haja vista o movimento constante que transforma os fenômenos estudados (Paulo Netto, 2011). Portanto, de acordo com Vigotski, o processo de conhecimento passa por três momentos: síntese, análise e síntese, “sem a mediação da análise o pensamento científico não seria capaz de superar a síntese própria do senso comum e, portanto, não seria capaz de alcançar a síntese, isto é, alcançar a compreensão da realidade investigada em seu todo concreto” (Duarte, 2008, p. 46).

Necessariamente ao estudar relatos autobiográficos e apreender a trajetória de vida de um indivíduo perpassamos por três expressões do fenômeno: singular, universal e particular. Na singularidade o fenômeno apresenta-se em sua imediaticidade, no que é aparente, portanto, é o ponto de partida do conhecimento. Na dimensão universal é revelada a complexidade do fenômeno, “para além de suas definibilidades exteriores passíveis de apreensão imediata, revela [...] suas conexões internas, as leis de seu movimento e evolução, enfim, a sua essência ou, a sua totalidade histórico social” (Martins, 2001, p. 131). A universalidade, é, então, uma abstração cuja base concreta está na própria realidade (Oliveira, 2001). Além da singularidade e da universalidade o fenômeno também se expressa em sua particularidade, esta é a “dimensão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade” (Martins, 2001, p. 131); é a relação entre o indivíduo e a sociedade (Oliveira, 2001). A singularidade se constrói

na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação. É no vir-a-ser social e histórico que é criado o humano no homem singular.

Assim, “a vida individual e a vida genérica não são distintas, ainda que a vida individual possa expressar sua genericidade de modo mais particular ou mais geral, e a vida genérica seja uma mais particular ou mais geral vida individual” (Martins, 2001, p. 132). Para Marx, deste modo, compreender a realidade é entender a dialética entre singularidade, particularidade e universalidade. O singular só pode ser conhecido a partir de suas relações com o universal, pois não existe em si mesmo e, por sua vez, as relações estabelecidas entre a singularidade e a universalidade se expressam nas determinações do particular, pois são produtos do desenvolvimento histórico-social (Martins, 2001).

Portanto, para além de afirmar a dialética concreta destas categorias, Marx esclarece a sua historicidade enfatizando a importância de se descobrir também, em que medida e em que direção as transformações históricas modificam esta dialética. Trata-se de compreender a forma concreta da relação do universal e do particular, que se firma em uma determinada situação social e em relação a uma determinada estrutura econômica. Somente por meio desta análise concreta torna-se possível a relativização dialética do universal e do particular, compreendidos do ponto de vista lógico - metodológico enquanto expressões concretas de sua historicidade. (Martins, 2001, p. 133).

Sendo assim, compreender a dialética entre essas dimensões possibilita entender o homem como um ser social, constituído a partir das relações que estabelece em sociedade e ao mesmo tempo como indivíduo singular com características próprias.

As duas idosas participantes da pesquisa foram escolhidas segundo o critério de idade (acima dos 60 anos) e disponibilidade de tempo e de desejo de participação em uma pesquisa. A primeira idosa foi indicada pela secretaria da Universidade Aberta à Terceira Idade da UEM, por disponibilidade de horários e a segunda, moradora de uma cidade pequena do interior do Paraná, seguindo o mesmo critério etário. Os dados obtidos por meio das entrevistas foram analisados a partir do próprio relato das idosas, buscando apreender a construção do sentido da vida na velhice ao longo dos principais fatos vividos por elas. Portanto, organizou-se os dados das entrevistas por temáticas que se destacaram no relato pela relevância na história de vida das idosas. No caso de Juraci as temáticas destacadas foram: infância e juventude na cidade; vida adulta e a renúncia de si mesma; a velhice: em busca da realização pessoal; e o descaso da

sociedade. A partir do relato de Dona Rosa elencou-se as seguintes categorias: infância na lavoura; casamento e filhos; o valor da família; e a velhice e a fé inabalável.

3.1 A história de Juraci

Juraci¹⁰ é uma mulher de 65 anos de idade, viúva, mora sozinha, é estudante da Universidade Aberta à Terceira Idade, graduada em Direito e bancária aposentada. Nas entrevistas realizadas Juraci contou sua história de vida, relatando os principais fatos que vivera até então. Dedicou grande parte da vida ao cuidado com os familiares e desenvolvendo trabalhos voluntários. Hoje busca realizar seus sonhos, suas vontades e seus gostos. Tem uma vida ativa e independente; se considera organizada e crítica. Para conseguir realizar todas as suas atividades optou pela simplicidade no lar e pela organização da rotina: *“Eu tenho que planejar, senão não dá certo [...] Eu sou muito meticulosa assim, muito organizada”*.

3.1.1. Infância e juventude na cidade: *“Meu pai [...] disse que não tinha futuro nenhum ficar no sítio”*.

Juraci é descendente de orientais e relatou que desde pequena os pais pensavam no futuro dos filhos, procurando oportunizar o acesso ao conhecimento. Os pais tiveram um casamento ‘miai’ (casamento arranjado), determinado pelos pais dos noivos. Quando criança morou em cidades pequenas, do interior do Paraná, pois a família acompanhava a profissão do pai. Ele era fotógrafo e depois taxista, a mãe tinha uma quitanda de verduras e, posteriormente, uma sorveteria.

Ainda no início da escolarização Juraci se destacou nos estudos, *“eu tinha que me impor... gorda, baixinha e japonesa, entendeu? Pobre. Eu percebi que psicologicamente eu precisava me destacar em alguma coisa. Não é que eu era a mais inteligente, mas eu me esforçava muito”*. Até hoje ela se percebe fazendo o mesmo movimento de ter que se destacar. Juraci teve uma criação rigorosa e rígida: *“tudo o que se tinha que fazer era perfeito. [...] Tudo na perfeição”*. Se ela ou os irmãos pegassem algo que não fosse deles, mesmo achado no lixo, eles apanhavam até verter sangue. Ela internalizou essa rigidez: *“eu me cobro muito”*. Como seres sociais em constante processo de transformação, nos constituímos a partir do outro e com

¹⁰ Os nomes das entrevistadas não foram divulgados na pesquisa, contudo, foram substituídos por nomes fictícios utilizado para preservar a identidade das participantes da pesquisa, conforme consta no projeto aprovado pelo Comitê de Ética.

Juraci não foi diferente. Buscando corresponder às expectativas sociais ela se apropriou da rigidez dos pais e passou a viver de acordo com essa regra.

Na infância não passou fome, mas as condições financeiras eram limitadas. Contou que foi muito humilhada por colegas da escola por que a mãe comprava um único tecido e com ele fazia capa de colchão, lençol e roupas, a calcinha era feita com saco de açúcar.

Eu só falava assim: “ah, mas ela está tão limpinha porque todos os dias a gente troca”. Eu não sabia o que responder, entendeu? Era a verdade o que eu dizia: “está tão limpinho, foi minha mãe que costurou”. Aí minha mãe punha perninha, elásticozinho, sabe? Botãozinho, para fazer as calcinhas diferentes.[...] Só que minha mãe nunca deixava a gente responder mal, a gente tinha que engolir e não responder mal. Hoje é que eu estou mais malcriada, hoje eu não tenho mais minha mãe que cuida, nem meu pai, nem meu marido.

A mãe não deixava que Juraci respondesse às provocações e com isso, cresceu guardando muitas coisas que não concordava, buscando novamente corresponder às regras sociais estabelecidas pelos seus pais. Aos 20 anos iniciou um namoro com um brasileiro e o pai se posicionou contrário. Ao expor o que pensava, Juraci foi agredida por seu pai com um tapa no rosto na frente de todos os parentes. Nessa época, Juraci já tinha uma faculdade e havia passado no concurso do Estado. Decidiu sair de casa, mas antes casou-se, pois *“naquele tempo o povo falava muito, se você não era virgem eles falavam, se você esperasse neném eles falavam, se casasse com brasileiro eles falavam, se você casasse com uma pessoa analfabeta eles falavam... então, tive que sair casada”*.

O relato da infância e juventude de Juraci é permeado pela internalização das regras sociais, nas quais estas mesmas regras foram construindo o seu modo de viver e ditando seu comportamento, sua forma de pensar e assim, constituindo o sentido pessoal. De acordo com a cultura a qual Juraci fora criada, a mulher para ser honrosa deveria sair de casa somente casada e com um homem da mesma etnia. Juraci rompeu com essa regra social e foi agredida fisicamente pelo pai, mas não revidou. Desde a infância, no contexto que ela viveu, a mulher ocupava um lugar de submissão. Apesar de ter tido a possibilidade de estudar e cursar uma faculdade não poderia, contudo, escolher seu parceiro. Adiante Juraci conta como a submissão feminina foi internalizada por ela, passando a constituí-la enquanto ser humano e ditando sua conduta consigo e com a sociedade.

3.1.2 Vida adulta e a renúncia de si mesma: “*Larguei tudo para cuidar dos três doentes*”.

Juraci formou-se no magistério, foi professora até passar em um concurso para bancária. Em seguida, prestou diversas vezes o concurso interno no banco, mas não era aprovada. Nessa época, um professor incentivou que ela fizesse o curso de Direito na Universidade Estadual de Maringá, mas ela duvidou da sua capacidade. O professor fez sua inscrição e ela conseguiu a aprovação no vestibular. Com o curso de Direito almejava melhorar as injustiças do mundo, contudo, não exerceu a profissão, embora continue colocando em prática o seu objetivo de minimizar as desigualdades, injustiças e situações que julga estarem erradas no seu cotidiano.

Mesmo com o curso superior, não conseguiu a aprovação no concurso interno do banco, mas sentia-se segura por ter uma profissão, “*e outra, para o ‘meu eu’ foi muito bom [...] eu era boa em português*”. O pai de Juraci adotou o Brasil como pátria e incentivou que os filhos estudassem bem o português, inclusive Juraci e seus irmãos tem nomes brasileiros, ligados à cultura indígena, enquanto seus primos foram educados no Brasil, mas predominando a cultura japonesa. Portanto, Juraci e sua família aderiram os costumes culturais e sociais brasileiros e passaram a viver de acordo com os padrões desta sociedade.

Em 1971 casou-se, teve seis gestações confirmadas e outras que não soube dizer se de fato ocorreram. Das seis gestações, teve apenas um filho, que nasceu com oito meses, teve eclampsia e nefrite nesta gravidez. As demais não prosseguiram depois do sexto e sétimo mês de gestação. Se culpava e se perguntava se os outros bebês não poderiam ter sido salvos.

Fui para seicho no ie, pro candomblé, para várias religiões procurar uma explicação. Aí todas as explicações que eu tive, graças a Deus, foi a seguinte: que eram crianças mal formadas que não viriam ao mundo. Aí o espiritismo me explicou que, por isso que eu disse que cada religião tem sua contribuição, tem seres que tem uma passagem muito curta pela vida, eles precisam do útero para desenvolver uma certa parte, cumpriram a missão e se vão. Com isso, eu comecei a me fortalecer. [...] Me disseram, “Filha, missão é missão, você foi eleita para uma transição de maternidade” [...] foi dando um alívio e uma explicação para mim.

Safiotti (1987) problematiza a questão dos diferentes papéis sociais atribuídos a homens e mulheres na sociedade brasileira. Segundo a autora “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem” (p. 08). Sendo assim, Juraci, ao deparar-se com as mortes

prematuras de seus filhos sentiu-se unicamente responsável pelos acontecimentos e buscou respostas para diminuir a culpa. Em momento algum ela menciona o papel de seu marido neste processo. Cuidar dos filhos, da casa, do marido e dos familiares é um papel atribuído socialmente às mulheres e delas se espera a abnegação de si mesma para cuidar dos demais (Safiotti, 1987).

Em 1977 o pai de Juraci faleceu, neste mesmo ano ela teve um câncer no ovário, em 1980 perdeu também a irmã. Juraci e o marido se mudaram para Maringá para morar com sua mãe que estava com depressão, sentindo-se sozinha e precisava de uma companhia. Pouco tempo depois, em um assalto, seu marido sofreu um infarto e precisou colocar ponte de safena, durante o internamento contraiu Hepatite C. O irmão entrou em depressão após perder o emprego e Juraci, a partir daí, dedicou sua vida a cuidar da mãe, do marido e do irmão. Precisou deixar o emprego e aposentou-se com pouco dinheiro. Começou a fazer outros trabalhos para complementar a renda, como salgados, chinelos, etc. O marido não era a favor, “*ele era nariz empinado*”, então ela dizia que fazia porque os amigos tinham pedido.

Eu desenvolvi receitas baratíssimas e saborosas. Deixava tudo pronto e eles vinham buscar. Combinei com eles: “depositem na minha conta”, para ele não perceber. Eu vendia chinelo, vendia roupa, vendia tudo. Aí depois eu fui deixando. O que que aconteceu? Minhas amigas ganham 10, 15 mil, a outra 40 e eu 2 mil, mas dá muito mais do que aquilo que elas ganham. Porque eu tenho que aprender a viver com o meu orçamento e fazer tudo o que eu posso fazer.

De 1990 a 2009 ela cuidou intensamente da família, abrindo mão de si própria a partir de 1994.

Larguei tudo para cuidar dos três doentes. Eu passei a vida assim, cuidando de doente, de dia eu tentava trabalhar e a noite cuidava deles porque não tinha como pagar. Aí eu fui comendo, comendo, comendo e engordei. Cheguei a pesar 116 quilos, tive três isquemias, uma trombose e um infarto, aí eu decidi fazer alguma coisa. Aí os médicos diziam “ou você se cuida ou você morre e com quem vão ficar esses doentes que você cuida?”. (Juraci).

De forma muito marcada Juraci se esforça para corresponder aos padrões culturais no qual a mulher é responsável pelos cuidados familiares. Com isto, há uma mudança na atividade

dominante. Esta passa a ser a atividade de cuidados aos outros. Nesse processo, ela realiza funções alheias a si mesma, nem sempre com motivos próprios, criando assim, uma existência fragmentada “por onde tão difícil se torna a unidade entre atividades, motivos e fins” (Martins, 2001, p. 150). Assim, foi impossibilitada de ser o sujeito da própria história, pertencendo cada vez menos a si mesma, quando se percebeu estava com 116 quilos. Neste contexto de fragmentação entre a atividade, motivos e fins, o sentido da vida ficou deslocado e Juraci quando se percebeu já quase não se reconhecia.

Este caráter “sobrenatural” que resulta do fato dos homens estarem alienados de sua socialidade revela-se na impotência experienciada pela pessoa no que tange às transformações necessárias, é a própria expressão dos limites a uma práxis crítica. A impossibilidade da práxis, encontra-se por sua vez, atrelada ao embotamento da consciência, pelo qual tais condições de abstração não são percebidas enquanto produtos das próprias relações sociais, portanto, objetos de intervenção da ação humana, a ter como cruel consequência, a subserviência e a submissão a contextos geradores de sofrimento. (Martins, 2001, p. 151).

Sendo assim, durante a maior parte da vida adulta Juraci precisou abster-se da própria vida em detrimento dos cuidados com os familiares. Sua existência era marcada por submissão, obrigações, sofrimento, cuidar do outro, ou seja, viveu para o outro e internalizou estas relações. Por diversos momentos durante as entrevistas ela verbalizou que ainda age como se a mãe fosse brigar com ela, por exemplo. Muitos idosos relatam histórias semelhantes, nas quais viveram em função do marido, dos filhos, dos netos e ao chegar na velhice e olhar a trajetória de vida se questionam: ‘o que fiz para mim e por mim?’. Neste momento de indagação existe, para alguns, a possibilidade de buscar realizações pessoais, enquanto que para outros o caminho é de lamentar-se e esperar o fim dos dias.

Ao perceber que precisa cuidar de sua saúde iniciou a participação em um programa de obesidade, em São Paulo. Viver a obesidade foi uma situação difícil para Juraci, pois sofria preconceitos e tinha a vida limitada.

A gente sofre muito. Nossa, como eu fui discriminada quando era gorda. Não davam carona para mim, eram quatro no carro e diziam: “não, aqui não cabe, você está muito gorda”. No ônibus eu não passava na catraca. Eu ia fazer a unha e a pessoa dizia: “Ah,

mas seu pé é muito pesado, não dá”. [...] Então hoje, por isso que não deixo falar mal do gordo. [...] Eu fui muito discriminada. (Juraci).

Em 1994, Juraci procurou uma psicóloga e por meio da terapia percebeu que a sua obesidade era como uma proteção, pela qual escondia todos os outros problemas, então iniciou o processo de emagrecimento. Devido as doenças colaterais ela foi aprovada e fez a cirurgia bariátrica, passou a cuidar da alimentação para não voltar à mesma situação, pois seu único filho também realizou a mesma cirurgia, mas retornou à obesidade. Hoje ela considera ter boa qualidade de vida e aprendeu a se organizar para evitar os excessos na alimentação. Desde a infância Juraci se deparou com o preconceito das pessoas, ora por ser japonesa, ora por ser obesa. A questão do preconceito se refere diretamente aos padrões sociais que vigoram na sociedade e os que não se enquadram nesse padrão passam pelo processo de marginalização e exclusão. Portanto, parte do sofrimento vivido por ela se refere às questões sociais implicada na cultura.

Concomitante ao seu problema de obesidade Juraci acolheu em sua casa várias pessoas com problemas de saúde. Além da mãe, do marido e do irmão, também cuidou da sogra, da cunhada e do filho, quando este passou pela separação conjugal e sofreu de depressão.

Meu pai em 1977, minha irmã em 1981, aí eu fui perdendo sogra, cunhada, iam tudo pra minha casa pra eu cuidar. Depois em 2004 minha mãe faleceu, foi um vazio muito grande porque ela já morava comigo, em 2009 meu marido morreu, em 2011 minha nora resolveu sair de casa com o melhor amigo do meu filho, em 2012 faleceu o meu irmão. Foi um vazio muito grande. (Juraci).

Para compensar o vazio provocada pelas perdas, ela iniciou trabalhos voluntários com idosos: “nessa época eu ainda cuidava de 10 velhinhos, voluntária, sem receber nada. Ensinei a parte de higiene, ficava com eles nos médicos, quando precisava ficar no hospital eu ficava com os velhinhos doentes mentais”. Contudo, percebeu que estava assumindo a responsabilidade dos familiares e se deparou com uma realidade cruel, no qual muitas famílias agrediam, aprisionavam, batiam e negligenciavam os cuidados dos idosos.

Durante alguns anos Juraci desenvolveu este trabalho voluntário, ajudou muitas pessoas, mas precisou optar por deixar, pois estava sofrendo muito vendo filhos com condições abandonarem os pais: “Dói muito deixar os velhos. Os que eu reabilitei estão muito diferentes de hoje pra quando eu peguei eles. Aí eu peço pra Deus que eu aceite a condição de que cada

pai tem o filho que merece. Eu estou indo menos e estou sofrendo menos”. Ao se deparar com o desprezo dos filhos em relação aos pais idosos Juraci percebeu que seu trabalho corroborava para o distanciamento dos filhos, uma vez que ela assumia funções destes. Ela afirmou que “cada pai tem o filho que merece” por acreditar que o comportamento desses filhos é fruto da criação que recebera dos próprios pais.

Além do trabalho com os idosos, ela também desenvolvia diversos outros voluntariados, buscando cuidar do outro e oferecer ajuda como fora possível.

Até 2009 eu tinha um problema sério porque eu tinha três doentes na minha casa, então minha vida era ocupada em cuidar deles e ainda eu era voluntária em vários programas: Amor Exigente, Neuróticos Anônimos, Obesos e depois disso eu ainda ajudava cuidar de alguns velhinhos que eram maltratados pela família. Então era assim, também bem ativo, mas era direcionado para a doença. (Juraci).

Juraci estava tão alheia a si mesma que quando deixou de exercer a função de cuidadora da mãe, do marido e da sogra passou a cuidar de outras pessoas, exercendo trabalhos voluntários em tempo integral.

Juraci teve um filho, hoje é divorciado e não teve filhos, mora sozinho. Ambos mantêm uma relação cordial, com pouco contato. Quando ele era criança Juraci precisava trabalhar e considera que foi uma mãe ausente, o que o obrigou a ser independente desde cedo. Ela mencionou que é duramente criticada pela forma como se relaciona com o filho. Contou que após a morte do marido, o filho e o irmão foram morar com ela, três dias depois ela disse que estava bem e que eles podiam se retirar da casa. Outro momento em que moraram juntos, por pouco tempo, foi quando o filho se separou da esposa e passou a beber excessivamente: “*Mas ele sempre foi criado muito independente. Aí chegou um ponto que ele falou: ‘mãe eu estou entrando muito na sua vida, deixa eu voltar pra minha casa e quando você precisar me chama’*”. Ela menciona que esta forma de relacionamento com o filho é satisfatória para ambos, contudo, ela se incomoda com os comentários que ouve sobre essa forma de relação mãe e filho:

Então dá a impressão que eu não ligo para o meu filho e que ele não liga para mim. Não, nós somos independentes, cada um na sua, se tem que dizer, diz! Tem as mesmas rugas, tem as mesmas brigas, um fica de cara virada para o outro. [...] Esses dias alguém me falou “nossa, mas eu não vejo seu filho te paparicando, não vejo seu filho te levando para um lugar ou outro”. Gente, ele trabalha como autônomo, se ele não

trabalhar ele não paga as contas, se ele não trabalhar ele não ganha, ele ganha o dia trabalhado. Ele tem reuniões com clientes, já pensou a mãe toda hora telefonando?! Eu sempre procuro marcar os meus médicos no horário que tem ônibus, em último caso eu pego o táxi, mas o táxi é muito caro. Eu estou errada, Taiane? em ser assim? Eu sou criticada!. (Juraci)

Ela acrescenta ainda que faz pastel para ele e às vezes ele entra, pega e ela nem o vê. Em tom de brincadeira disse que a única coisa que pode acontecer é ela vir à óbito e o corpo ser encontrado já em estado de putrefação, depois de dois ou três dias.

Após a morte de seu irmão, o último doente que cuidava, Juraci percebeu que havia se deixado sem cuidados há muito tempo e que não estava se valorizando como merecia: *“aí as doenças apareceram, o desgaste físico, o desgaste mental”*. Decidiu viver para si mesma, *“mas, agora eu me limito [no trabalho voluntário com os idosos], três vezes por semana eu vou tomar café da manhã com ele, não dou mais banho porque eles tem condições de pagar empregada. Então, eu acho que está na hora de começar a pensar em mim”*. Foi nesse período, em 2010, que Juraci conheceu a Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), da Universidade Estadual de Maringá, onde desenvolve atividades diárias e se sente realizada e valorizada.

3.1.3 A velhice: em busca da realização pessoal - *“tenho 24 horas a minha disposição [...] para sempre aprender alguma coisa que seja fácil e útil”*. *“[...] Eu me dei o direito de ser vagabunda, preguiçosa, de viver a minha vida”*.

A realidade objetiva e material a qual Juraci cresceu, bem como as relações sociais que constituíram suas vivências a tornaram uma mulher forte e determinada. Ela viveu maior parte da vida em função de outras pessoas, ora correspondendo às expectativas da família oriental tradicional, ora realizando ações cujos motivos eram apenas estímulos. Ao chegar no período da vida caracterizado com a velhice e se perceber sem as obrigações familiares, decidiu prezar por sua liberdade e busca viver para si mesma intensamente, de forma correta, justa e organizada. Aproveita as oportunidades que a vida lhe oferece e busca seu desenvolvimento pessoal, *“nesta fase da vida tudo o que vier é lucro”*. De 1994 a 2009 dedicou-se exclusivamente aos cuidados com outras pessoas, mas desde então decidiu realizar seus sonhos e viver para si mesma. Optou por um estilo de vida prático, ativo e independente. Em sua casa não tem móveis, pois assim poupa tempo em limpá-los. Os poucos móveis que restaram ela os deixa cobertos com pano PVC e os troca quando estão empoeirados.

[...] eu joguei o sofá fora porque eu não aguento mais empurrar e limpar, joguei as cadeiras pesadas, estou com cadeira de alumínio e cadeira de área; tenho um quarto com duas camas que os tios idosos que quando vem dormem ali, tem o quarto que era do meu filho e o meu quarto. Joguei as colchas foras pra evitar mais peso em cima de mim pra lavar, uso essas cobertinhas do Paraguai. As coisas enormes já dei tudo embora. Então as coisas minhas são tudo fáceis. (Juraci).

Eu desenvolvi uma coisa para facilitar a minha vida. [...] Criticam? Criticam! Os parentes vem aqui: “ah, aqui não tem conforto”. Eu falo: “você quer conforto? Fica na sua casa!” Eu falo dando risada, antes eu sofria com essa agressão, hoje não. “Nossa a sua casa é bagunçada”. “A sua não é? Então fica lá porque eu nem na minha casa eu fico”. Tem hora que eu não sei onde estão as coisas. “Minha casa é suja? Então não venha comer aqui! Porque eu como e estou resistente”. [...] Eu tenho que ter uma vida prática. Por isso tenho todo tempo do mundo.

Como aluna da UnATI, está cursando semanalmente aulas de inglês, psicologia, informática, educação física, coral, aula de ‘Equilíbrio Corpo e Mente’, aula de ‘Doenças relacionadas à Terceira Idade’, faz acupuntura, fisioterapia e participa, como voluntária, de diversas pesquisas. Nas atividades que desenvolve busca se empenhar ao máximo e fazer da melhor forma possível, é crítica e exigente. Entretanto, estende sua criticidade ao demais, o que favorece algumas desavenças e desafetos. Demonstra-se correta e justa e espera que todos ajam assim.

Todos nós temos os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades, deveres e compromissos. Deveres eles [alunos da UnATI] não usam, eles só usam os direitos. Eu dou muito valor à UnATI, muito valor [...] aí eu cheguei na direção e disse: “Eu não concordo porque vocês abrem a matrícula, tem um número de senhas, tem gente que está a 03 anos tentando entrar e ainda não entrou porque se está definido que é dessa forma tem que ser até o fim”. Aí lá vai eu porque falaram que fui eu que dei a ideia, viraram a cara. Não é por aí. Taiane, eu sou muito racional. (Juraci).

Juraci defende suas ideias e expressa o que sente, mesmo que isso lhe acarrete críticas e julgamentos. Sobre uma viagem que UnATI org anizou para o Cânion de Guatelá, ela disse:

Não tinha vaga. Quando eu fui falar que não tinha vaga e que no ano passado eu não fui, a N. me disse: “não vai ter Juraci, primeiro porque você não faz o curso, segundo que você não é representante de turma”. Aí eu falei: “Ah é! Eu não sou representante de turma, mas será que o representante de turma faz tudo aquilo que vocês me pedem e eu faço com amor e carinho?”. Aí ela falou: “Nós vamos tentar por você em uma vaga”. E aí depois disso ainda sobrou 10 vagas.

Ela mencionou que se posiciona quando assiste a injustiça de idosos se aproveitando dos outros, como por exemplo em jantares e outras saídas. Em uma ocasião, os homens queriam beber whisky, algumas idosas levaram os netos, que queriam comer Mc Donalds, e no fim, queriam dividir a conta igualmente entre todos: *“Isso é aproveitar dos outros”*. Ela disse que não era justo e não aceitou a proposta. Em confraternizações que levam salgados, quando sobra alimento Juraci mencionou que os idosos que menos precisam levam as sobras para a casa, mas ela junta e leva para os estagiários da UnATI.

Mas eu tenho certeza que tem gente que fala: “Nossa, vocês viram a Juraci fazendo o prato?”. Só que eu vi e várias pessoas viram que foram no corredor colocar salgadinho dentro da sacola, gente solteira, com três aposentadorias, que não precisaria. Por que eu sei, eu investigo a vida, sabe? [...] Os professores da informática, todos os dias eu levo o lanchinho dos dois. Eu compro pão e levo tudo prontinho, se eles não querem comer naquela hora eles comem a tarde. [...] O lixeiro passa e eu dou, eu tenho pena, eles trabalham muito. Aquele pessoal da dengue, depois que eles fazem a inspeção toda, aí que eu falo: “tem bolachinha, separada para vocês, vocês querem levar?”.

Ela explica que gosta de ajudar porque na infância sentia vontade comer as coisas e não tinha. Juraci vive uma velhice ativa e independente, mas não aceita qualquer tipo de injustiças e não se cala diante das situações. Contou sobre outra situação que viveu em uma aula de educação física, na qual outras alunas (idosas) criticaram a professora, dizendo que a aula não havia sido boa, pois não fez o alongamento.

Cheguei doída em casa e falei: “não posso concordar com vocês. Você lembra quando a professora fez esse movimento e esse... e esse aqui...? Isso para mim é alongamento, ela fez”. [resposta da idosa] “É, mas não teve final a aula dela”. “Teve, teve

relaxamento sim”. “Ah, mas eu saí todo doída daí”. “Você sabe por que saiu doída? Porque quando a professora mandava fazer o trabalho de bastão rápido você, as duas, faziam rápido demais”. Eu não gosto de mentira. Se fosse verdade eu até concordaria. [...] Terminou a aula e ela falou assim para mim: “Eu te detesto, eu não vou mais abrir a boca porque você vem sempre dando cacetada”. Eu falei: “Não querida! Eu não gosto da inverdade”. [...] Só que eu vou lá, na terça-feira e vou conversar com o coordenador e dizer que aconteceu isso aí e é grave e que eu disse dessa forma e que está todo mundo de testemunha. (Juraci).

Juraci apresenta constantemente em sua fala um censo de justiça aguçado, além de ser crítica com o que se passa ao redor, também é muito autocrítica, buscando sempre corresponder às expectativas e às exigências sócias, traço este que foi construído ao longo de sua vida, pelas experiências que vivera desde a infância. *“Eu não tenho mágoa. Se você me xingar, me bater, quiser me matar, eu falo assim, comigo mesmo: ‘Aí Taiane, de alguma forma eu te provoquei. Ou com o meu olhar, ou com a minha feiura’, então eu penso assim: ‘aí Taiane me perdoa, não era minha intenção’”.*

Eu sou da época em que professor era autoridade máxima. Pode não saber nada, mas ele é autoridade máxima. Pode ser mais novo do que eu, mas eu preciso respeitar. Então esses estagiários que tem aí eu jamais admito que meus colegas fiquem conversando na aula deles, eu grito mesmo: “Psiu, Psiu”. Porque as vezes o professor fica com vergonha de chamar a atenção e eu chamo a atenção. Aí ele falam: “Chata!”. Eu digo “sou chata, mas estou aqui para assistir a aula, conversa lá fora”.

Aí a R. [coordenadora] me diz assim: “É, mais ninguém é perfeito, a gente tem que aceitar as limitações das pessoas”. Eu falei: “mas olha, se a gente não se educar agora que estamos com 60 anos, não é no caixão que você vai se educar”. Eu acho que não é nem educação, é respeito. Ah, eu nessa parte sou chata. Horário é horário. Não gosto de esperar, mas também não deixo ninguém me esperando.

Durante as entrevistas, além de contar sua história, Juraci constantemente se analisava e se questionava, demonstrando um anseio por aprovação. A necessidade de corresponder às expectativas sociais demonstra que Juraci se constituiu enquanto ser no mundo a partir de suas

experiências em sociedade e dos padrões culturais que a rodeavam. Desde criança precisou provar sua capacidade por ser uma criança de etnia diferente, em seguida, na vida adulta, como mulher, também buscou formas de provar sua competência, se deparou com o sofrimento por ser obesa e assim, a necessidade de aprovação na vida de Juraci de constituiu socialmente.

É o meu sistema. Não sei se meu pai era muito bravo, minha mãe era muito brava. Horário é horário, vamos respeitar o outro para ser respeitado.

Eu não sei se eu sou louca, de repente eu penso que sou louca [...]. Aí eu vou na Sociedade Médica e eles me perguntam: “O que você veio fazer aqui, você tem algum distúrbio?” Aí eu falo: “olha, eu acho que todo mundo tem um distúrbio mental, só que eu não posso deixar que o distúrbio fique maior do que eu”. E assim eu participo do grupo dos Neuróticos Anônimos, participo, quando eu posso, do Saúde Mental.

Ela analisa os idosos da UnATI e percebe que eles viveram uma vida de frustração e muitos querem depositar essa frustração na vivência que tem na Universidade para terceira idade e se posiciona criticamente em relação a isso.

“O idoso acha que tem idade e tem o direito de dizer o que não deve e todo mundo dizer amém? Então, não fale perto de mim. Por que eu acho que as vezes é melhor ficar quieta, mas se eu disse algo que não é verdade eu quero que você me corrija”. [...] Todos nós temos os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades, deveres e compromissos”.

Apesar de ter carro, Juraci tem medo de dirigir, por isso, se locomove a pé, de ônibus e as vezes utiliza o táxi. Organiza suas atividades de estudo, consultas médicas, dentista e afazeres domésticos (como fazer compras) tendo como base seu principal meio de transporte: o ônibus. “Então eu planejo, porque o que eu aprendi? Minha agenda é atribulada, porque quem faz as coisas de ônibus ou a pé, porque o táxi está caro, se perde muito tempo. Então todos os dias eu planejo o que é prioridade”. Sobre o fato de não dirigir Juraci afirma querer vencer esse bloqueio:

[...] talvez seja isso, esse medo do ridículo que me faz eu não dirigir. Eu acho que eu penso que se eu dirigir mal e alguém buzinar para mim eu vou me sentir ridícula. Agora

estou fazendo uma ponte, porque eu preciso vencer essa barreira. E quem vai me ajudar a vencer essa barreira? A própria vida! Primeiro eu era muito gorda, então o que acontecia? O volante não dava, aí eu emagreci. Entrei nas auto escolas e tudo, mas vi que realmente não dava. Eles diziam: “você tem aptidão”. Eles saiam com meu carro e entregavam na garagem e eu não saia mais. Alguma coisa tem e eu tenho que vencer. Então de vez em quando eu faço essa ponte, viu Taiane?! Porque aí, quem sabe, eu venço o meu bloqueio. (Juraci).

Essa dificuldade não impede que Juraci realize suas atividades diárias. Ela acorda às 5 horas da manhã, toma banho, café da manhã e se prepara para uma caminhada ou academia. Por volta das 10 horas já está na Universidade Estadual de Maringá (UEM) para estudar, almoça ao meio dia e às 13 horas e 30 minutos retoma as atividades na UEM. Procura retornar cedo para casa, pois teme ser assaltada: *“Mas eu gosto mesmo é de andar, não gosto de ficar na casa de ninguém. Quando eu não tenho o que fazer eu vou para o shopping porque ele é tranquilo, está fresquinho, não tem perigo de assalto”*. Está de volta em casa às 18 horas, momento em que aproveita para visitar algum vizinho com problema ou alguma idosa e *“oito e pouquinho já estou em casa porque está muito difícil a noite aqui em Maringá, sabe?!”*.

Para se sentir menos atrativa para os ladrões prefere sair de casa com roupas simples: *“Então eu ando igual uma mal vestida, sapato velho, roupa velha, celular é um perigo porque eles te derrubam para roubar [...] hoje tem muito assalto e eu não posso correr”*. Ela já foi assaltada, dentro da Universidade, levaram seu *tablet*.

Além das atividades de estudo Juraci sente prazer em viajar. Já esteve em Recife, Bonito, Fortaleza, Cânion de Guartelá, etc. Compra pacotes turísticos, participa de excursões e aproveita para viver o que não pode durante a vida adulta.

Fortaleza eu voltei três vezes, mas todas as vezes roteiros diferentes, eu aproveito o pacote. A mesma coisa foi pra Recife, estou pra ir de novo. Eu não gosto de ficar mais que 07 dias, você vai enjoando da comida, vai enjoando, não é?! Então eu quero fazer em 07 dias aquilo que o rico faz em 6 meses lá, o holandês fica 06 meses lá. Eu quero fazer e viver intensamente. A minha vida de gata borralheira chega no dia em que eu embarco, aí eu vivo cinderela durante 07 dias e volto a ser a gata borralheira.

Nas viagens Juraci aproveita para ampliar seu repertório cultural, apreciando apresentação de danças, recitais, sapateados, coral, etc..

Na parte cultural eu gosto por exemplo do regionalismo. Quando eu viajo, por exemplo, eu vejo a gastronomia, paisagens e eventos culturais do folclore da região. Aí eu vejo o traje, o histórico, porque aquela cidade chama daquele jeito, porque a rua tem aquele nome, porque os prédios estão voltados para aquele lado, porque tem um lugar que não tem prédios altos, se o artesanato ainda é manual ou já é máquina. Então são essas as coisas que me interessam. (Juraci).

Juraci tem problemas no joelho, no ombro e no pescoço, mas na medida dos seus limites desenvolve diversas atividades, “*Eu só fico em casa quando eu não posso sair, mas numa agonia, então é a hora que eu abro meus e-mails, vou ler alguma coisa*”. Contudo, sente-se mais debilitada fisicamente, lenta e com a memória mais vagarosa.

Ela precisou recentemente fazer cirurgias no ombro, no braço e nos olhos e em todas conseguiu sozinha, por opção, encontrar uma maneira de viver com aquelas limitações, adaptando seu estilo de vida a nova necessidade.

Não tem necessidade que alguém fique comigo, que uma enfermeira fique comigo. Aí ele [o médico] disse assim: “a senhora é muito independente”. O que que aconteceu? Com essa história de eu cuidar dos doentes, eu cuidar de voluntários eu aprendi muita coisa, então não posso dizer que foram ruins essas experiências. O idoso é difícil, cuidar das fezes do indivíduo é terrível, mas eu aprendi a controlar meus impulsos, o nojo, a tolerar mais. Você entendeu? Então, todas as experiências foram muito válidas.

A UnATI representa um marco na vida de Juraci, pois ela teve a possibilidade de se tornar sujeito da própria história. É importante destacar que foi necessária a existência de um mecanismo concreto, relacionado às condições objetivas da realidade dela, que oportunizou a realização pessoal, conferindo à velhice o caráter libertário. Assim, a velhice para Juraci, mediada pela existência da UnATI e outros espaços, é sinônimo de liberdade e realizações pessoais.

Ao descrever suas atividades diárias Juraci o faz com prazer. Ela encontrou na atividade principal do estudo o sentido de viver. Todas as ações que realiza estão relacionadas com a finalidade da atividade de estudo e os motivos que a conduzem são os geradores de sentido e não apenas motivos estímulos. Na velhice, Juraci se reencontrou, voltou a olhar para si e desenvolver atividades que trazem sentido à sua existência.

Desta forma, podemos pensar que uma das funções do Estado é oferecer ao idoso acesso aos mais diversos setores da sociedade, para que assim tenham a possibilidade e as condições de realizar objetivos e planos que foram impedidos quando eram adultos. Nesta direção, o artigo terceiro do Estatuto do Idoso dispõe que:

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 2003).

É sabido que na prática tal lei não se efetiva e, como descrito em capítulos anteriores, a realidade tem mostrado que a maioria dos idosos está sob condições precárias de saúde, quanto mais de lazer, educação, cultura, etc. Entretanto, o Estatuto do Idoso representa um importante progresso para população idosa, que até pouco tempo era invisível.

O silêncio social em torno da velhice expresso no abandono e no descaso dessa população apontava o modo pelo qual a sociedade tratava seus velhos: como um refugio. Essa era uma das faces da velhice, estigmatizada e indesejável, objeto de obras de caridade, confinada em asilos ou na solidão do desamparo familiar e social e preterida no âmbito das políticas públicas. (Correa, 2009, p. 27).

O que conferiu visibilidade aos velhos foi o significativo aumento quantitativo deste grupo em todo o mundo, principalmente relacionado ao impacto econômico. Foram criados espaços e serviços específicos para essa população, como as universidades da terceira idade, bailes, centros de convivência, turismo, comércio, entre outros. Ainda assim, existe a velhice segregada pela sociedade, onde há o preconceito, a violência, a discriminação e o abandono. Juraci convive com essas duas realidades: na Universidade se sente reconhecida e valorizada, mas para chegar neste espaço precisa utilizar o transporte público e se deparar com o despreparo dos motoristas e o descaso dos jovens que não cedem seus assentos. Juraci percebe que os velhos são abandonados pelos filhos a partir do momento em que deixam de ser úteis, isto representa uma característica da própria sociedade capitalista, uma vez que os modos de produção existentes até hoje procuravam apenas o efeito útil do trabalho em sua forma mais direta e imediata. Assim, também os homens (a partir de sua força de trabalho) são

transformados em mercadoria e nesta sociedade as mercadorias velhas são jogadas fora, substituídas por novas. Essa relação de coisificação do homem atribui ao velho um caráter de algo que vai se desgastando com o tempo e precisa ser jogado fora, descartado. Portanto, as contradições inerentes à sociedade capitalista são também vividas de forma explícita e acentuada pelos idosos.

3.1.4 O descaso da sociedade

Juraci é clara e taxativa quando fala sobre como a sociedade enxerga os idosos: *“como um trapo que só está dando trabalho. Não há respeito”*. Ela menciona os fatos do seu dia-a-dia em que percebe essa visão social negativa; por exemplo, no ônibus o motorista não tem paciência para esperar os idosos se sentarem e dirigem sem considerar as limitações físicas das pessoas com mais idade; percebe que *“os jovens têm sono quando vem um velho, fingem que estão dormindo para não dar lugar”*. Ela sente que os familiares dos idosos ficam esperando a morte para se livrarem de um trabalho a mais: *“‘ah, porque que não morre?’ Eu já tive a experiência de um chorar: o pai fica doente, a filha já sai correndo para preparar, eu falo a mortalha, eu fico com tanta raiva, preparar a roupa que ele vai usar quando ele morrer”*. Ela acredita que essa visão negativa da sociedade para com os velhos é fruto da falta de amor relacionada à questão da inutilidade do velho: *“não existe mais amor, só interesse. Enquanto o pai e a mãe tem condições de te dar alguma coisa eles servem para alguma coisa”*.

Juraci percebe uma grande diferença no respeito que os filhos antigamente tinham para com os pais idosos em relação ao trato atualmente.

A gente criava uma mentalidade de que os pais cuidavam dos filhos e os filhos, na velhice dos pais, tinham que cuidar deles. Eu cuidei da minha sogra até o final. Minhas cunhadas cuidavam da velha, porque a velha tinha joia, tinha tudo, enquanto ela estava boa para dar dinheiro e dar tudo. Quando minha sogra ficou com mal de Alzheimer todo mundo esqueceu. [...] Meu pai morreu dentro da minha casa. [...] Eu acho assim: é um pai e eu devo a vida.

Para ela a velhice é como um desafio, uma chance de viver o que não se pode, de realizar seus objetivos e sonhos:

É olhar o registro e diminuir o ano do ano que eu nasci porque se eu olhar o espelho e olhar as fotos eu vejo que eu tenho rugas, mas eu prefiro ficar assim, olhando que a

minha mente não é de 65 anos. Eu tento fazer aquilo que eu não pude fazer dos 25 aos 50, por exemplo. Eu vegetei praticamente, né?! Então, é um desafio. Esses dias eu estava com o joelho operado, ombro doendo e não estava enxergando direito, mas fui para Bonito, de ônibus, excursão. [...] Eu faço menos, mas tudo o que eu fizer eu faço feliz. [...] De repente eu esqueço que tenho algumas limitações.

Com a idade já avançada ela sente as limitações físicas e diz que os movimentos e os reflexos ficaram mais lentos, houve um aumento da necessidade de medicamento, então decidiu priorizar algumas coisas. Por isso, abriu mão do tempo que dispndia cuidando da casa para investir em outras coisas que julga mais importantes nesse momento.

Na minha casa é tudo bagunçado, eu me dei o direito agora de não querer fazer nada, fazer a hora que eu quero. Na minha casa antes era tudo metódico: horário para café de um, de outro e de outro, comia isso, comia aquilo, a roupa, brigavam entre os três e aí um jogava na cara: “porque você faz porque é seu marido” e aí meu marido falava: “você faz por que é a sua mãe” e meu irmão falava: “ah, eu sempre sou desprezado porque eu sou irmão”. Entendeu? Então eu tinha que administrar tudo isso e ainda tinha que trabalhar fora. Hoje não, hoje eu não quero fazer nada. [...] Eu me dei o direito de ser vagabunda, preguiçosa, de viver a minha vida.

Juraci demonstra como a velhice lhe trouxe mais liberdade, menos cobranças e uma vida com mais satisfações e realizações. Apresenta-nos uma visão contrária daquela em que percebe socialmente.

Eu passei a viver a minha vida. Agora pergunta para mim: “você não tem os momentos de tristeza, de depressão?” Claro que você tem. Então, nessa hora eu procuro mudar minha atividade, pensar coisa diferente, sair na rua e ver que tem coisas piores que estão acontecendo. Aí eu dou uma chacoalhada: “opa! Vamos se animar de novo!”

Hoje ela consegue ter uma visão clara de si mesma e reconhecer seus defeitos. Um deles disse ser o da acumulação de objetos, não consegue praticar o desapego, jogar fora as coisas que não utiliza, pois imagina sua mãe brigando com ela. E o outro é o medo de dirigir. Ela afirma que precisa trabalhar esses dois defeitos para vencê-los: “até os 80 anos preciso vencer isso”.

A vida está passando tão rápida que a gente tem que tentar acompanhar. [...] Tem idosos que agora que são independentes ficam reclamando da vida. Eu acho que não adianta reclamar. Eu sempre falo assim, meu lema é esse: 'eu sempre preciso mudar, eu não posso fazer você mudar'. [...] então agora eu quero aproveitar todos os momentos para aprender alguma coisa.

Assim eu vou tentando ajustar a minha vida. Ser feliz ninguém vai ser totalmente. Ser alegre o mais possível, mas tem o momento de tristeza, o momento de frustração. Ai você faz um balanço das coisas que você não conseguiu realizar, mas que gostaria. Mas aí eu deixo essa meta: será que vou tentar de novo? Vou tentar!

Apesar das limitações biológicas e sociais e do desrespeito enfrentado Juraci nos apresenta uma velhice associada a possibilidades, bons encontros e realizações. Mesmo convivendo com o olhar depreciativo da sociedade ela atribui à velhice um período de desafios relacionados à aprendizagem, autoconhecimento, liberdade e realizações. Portanto, ainda que ela reconheça a desvalorização social deste momento da vida o sentido que ela atribui é positivo.

Diante das contribuições do aporte teórico e da história de vida de Juraci é compreensível o quanto a velhice é determinada pelas condições objetivas de vida. Não é um momento que se pode generalizar ou definir categoricamente a partir da idade. Mas, como descrito, depende das condições materiais e objetivas da realidade a qual o indivíduo pertence. Por conseguinte, para oferecer um atendimento adequado à essa população tão crescente no contexto mundial é primordial compreender o que é velhice e como ela acontece.

O sentido da vida para Juraci teve diferentes significados ao longo de suas experiências e, principalmente, de acordo com as atividades em que desempenhava. Quando na vida adulta se dedicou exclusivamente ao cuidados dos outros se perdeu de si, perdeu seu sentido próprio de viver, pois suas ações não tinham vinculação com os motivos de sua atividade. Desta forma, Juraci não encontrava satisfação e realização pessoal. A chegada à velhice possibilita o acesso à UnATI e com ela o desenvolvimento da atividade de estudo. Conforme pontua Martins (2009) sobre o papel decisivo do processo de aprendizagem no desenvolvimento humano:

O ensino dos conceitos científicos, diferindo-se radicalmente do ensino calcado em conceitos espontâneos, engendra transformações nas atitudes do sujeito em face do objeto, posto que, em última instância, os conceitos científicos são mediados por outros

conceitos em um sistema de conexões internas, apresentando o objeto ao pensamento de forma multilateral e profunda. A tomada de consciência dos conceitos científicos pressupõe, necessariamente, o processo de generalização e abstração. [...] sem o pensamento em conceitos é impossível a consciência do ser humano em suas máximas possibilidades. Dessa forma, o objetivo de conscientização, seja ela política, ética, estética etc. não se opõe ao ensino dos conteúdos clássicos, dos conceitos científicos – reconhecidos como “a porta de entrada” da tomada de consciência de quaisquer fenômenos. (p. 222).

Portanto, com a participação na UnATI Juraci teve possibilidades de se transformar e retomar a consciência sobre si mesma e sobre os processos que a cercam. Consideramos nesta pesquisa que o singular é o indivíduo idoso, o particular é a sociedade em que a idosa entrevistada vivencia sua experiência da velhice e atravessa sua constituição e a universalidade as possibilidades que o gênero humano já alcançou e que possibilitam a vivencia em suas máximas elaborações. Como vimos, o processo de envelhecer não existe em si mesmo, como algo já dado, pronto, contudo, é um período que dependerá das condições objetivas de vida. Sendo assim, cada indivíduo experienciará de forma singular esse momento.

As vivencias, nesse sentido de particularidade, irão mediar as possibilidades de apropriações presentes na universalidade, constituída pelas contradições acerca do velho, ora visto como “*trapo que só está dando trabalho*” (Juraci), ora como integrante do grupo da *Melhor Idade*. O contexto contribuiu decisivamente na construção do sentido da velhice, para Juraci é por meio da UnATI, que ela está conseguindo ressignificar a sua história e dar sentido à sua vida. Conforme expressa Leontiev,

Assim o psiquismo do homem é a função daquelas das suas estruturas cerebrais superiores que se forma nele na ontogênese, durante o processo de apropriação das formas historicamente constituídas da sua actividade relativamente ao mundo *humano* que o rodeia; este aspecto do desenvolvimento dos homens, que se traduz psicologicamente pela reprodução, modificação e complexificação destas estruturas nas gerações sucessivas, representa o processo do desenvolvimento histórico do psiquismo. (Leontiev, 1964, p. 200).

O processo ontogénico de formação do psiquismo humano não é criado pela acção dos excitantes verbais em si mesmos; é o resultado do processo específico de apropriação

que se descreveu, o qual é determinado por *todas* as circunstâncias do desenvolvimento da vida dos indivíduos em sociedade. (Leontiev, 1964, p. 172).

O autor expõe de forma clara a importância das condições objetivas, isto é, “*todas* as circunstâncias do desenvolvimento da vida dos indivíduos em sociedade” (idem) para o desenvolvimento humano em sua universalidade. Marx (2011) enfatizou a mesma compreensão afirmando que são os fatores sociais que constituem os modos de relação entre os homens e a natureza, bem como a construção de leis, normas, valores, conceitos e princípios entre os homens. No capítulo 2 discorreremos sobre as mudanças de concepções de velhice ao longo da história, na qual cada momento construiu uma concepção distinta, de acordo com a realidade daquele período histórico. Portanto, evidencia-se que a velhice é uma construção social, que dependerá sobremaneira do contexto e das condições objetivas para ser compreendida e vivida.

A história de vida de Juraci apresenta claramente como ela – ser idoso - vem se construindo e se transformando à medida em que vivencia suas experiências. Estas experiências são possibilitadas por meio do contexto que ela vive, com as atividades que realiza, pois Juraci constrói sua singularidade a partir das condições objetivas. Assim, se estabelece uma relação dialética entre as condições externas e as internas.

Nasceu em uma família onde o estudo é valorizado e reconhecido, portanto, a família, como grupo primário a iniciar práticas sociais, contribuiu para o acesso ao conhecimento. Na infância, a atividade dominante era a do estudo, uma vez que era a essa atividade que Juraci se dedicava maior parte do tempo e a qual guiou seu desenvolvimento. Conforme Leontiev (1978a), por atividade dominante entende-se como aquela na qual se formam os processos psíquicos particulares, “é aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas da sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento” (p. 293). Assim, verifica-se que o desenvolvimento é conduzido pela aprendizagem, a partir da atividade dominante, portanto, é um processo social.

3.2 A história de Dona Rosa

Rosa é uma senhora de 68 anos, aposentada, mora com o seu marido de 80 anos e se define como uma mulher de muita fé em Deus. Ela e o marido vivem uma vida tranquila em uma cidade de 7 mil habitantes, no noroeste do Paraná. Rosa começou a trabalhar cedo, na roça, não teve estudos e aos 55 anos se aposentou e “*já não precisou mais eu sacrificar aquela vida que eu sacrificava*”. Hoje, dedica parte do seu tempo aos cuidados de casa e auxiliando sua

família tanto com cuidados domésticos como cuidando do bisneto. Ela se considera uma pessoa feliz: *“está tudo na paz, graças a Deus. Eu me sinto muito feliz, muito, muito”*.

3.2.1 A infância na lavoura

Dona Rosa é a mais nova de 12 filhos, quando nasceu apenas dois de seus irmãos ainda eram solteiros e moravam com os pais. Ela cresceu na roça, não brincou e não teve acesso aos estudos: *“De pequeninho já ia com a mãe pra roça, já começava a trabalhar, já ia cuidar de casa. Ninguém via falar em escola, ninguém”*. Desde os 10 anos de idade Rosa precisou trabalhar. Seus pais tocavam uma lavoura, cada filho tinha uma função e a de Rosa era cuidar da alimentação, cozinhando e levando o almoço e o café para os trabalhadores. Durante toda sua vida trabalhou no campo.

Ao falar da infância reconhece que eram tempos difíceis, mas Dona Rosa mantém um olhar positivo sobre o que viveu:

Você sabe que a vida de primeiro era mais difícil, né?! Criou a gente tudo na roça, não pode dar estudo porque sempre longe da cidade. A gente nem via falar de professora naquele tempo. Mas a gente era feliz. Ele nunca deixou faltar nada dentro de casa.

Apesar de não ter tido acesso à escola e ser analfabeta ela realiza as atividades cotidianas, como ir ao mercado, pagar contas e fazer os serviços domésticos sem dificuldade e não se cansa de agradecer a Deus por tudo o que tem. O que se percebe constantemente no relato de Dona Rosa é uma conformação pelas privações que a falta de oportunidades na vida acarretou. E, sendo assim, ela não questiona as limitações impostas ao seu desenvolvimento, encara de forma natural o fato de ter sido privada do acesso ao conhecimento.

A única coisa que eu sofri na infância foi de não ter leitura que, como meu neto diz: “vó, se a senhora tivesse uma leitura a senhora passava até a perna em nós”. Mas, a gente não culpa eles, porque eles também morava uma distância muito longe e aquele tempo não tinha carro pra buscar, até os pais da gente não sabia falar o que era um professor. Até um tempo atrás era assim, ninguém tinha estudo, era tudo no cabo da enxada.

A falta de leitura não impediu que Dona Rosa realizasse suas atividades diárias: *“Eu não tenho leitura, mas eu sei quanto eu devo, eu sei quanto eu tenho pra receber, sei tudinho. Agora pra escrever é que sou ruim, só faço o meu nome, purinho, male má ainda”*. Contudo, apesar de poder conduzir sua rotina normalmente, a falta de acesso ao estudo cerceou Dona Rosa de transformar sua realidade e de alcançar outras formas de se relacionar com o mundo. O que se percebe é uma reprodução do que seus pais viveram, sem grandes revoluções ou mudanças, pois as condições materiais não foram alteradas e, desta forma, a senhora não pôde desenvolver suas potencialidades de forma complexa, contudo, se apropriou de determinados conhecimentos que a possibilitam realizar seus afazeres diários. Conforme nos aponta Leontiev (1978a), o homem nasce com o aparato biológico pronto para o aprendizado e somente através do processo de apropriação do conhecimento é possível a aquisição de capacidades exclusivamente humanas, tal como a linguagem, o pensamento, o raciocínio, o controle dos desejos e impulsos, entre outras funções tão necessárias para viver com mais qualidade.

A infância foi semelhante a de tantas outras crianças que nasceram em 1948, em uma família pobre na roça: muito trabalho, pouco ou nada de estudo. A vida era simples, com poucos recursos financeiros e bens materiais. Segundo a senhora, alimentação não faltava, carinho e afeto também não.

A gente não tinha como tem hoje, hoje é fartura, mas eu digo assim que a gente não tinha roupa, sapato três ou quatro pares, três, quatro par de roupa, não tinha. Era uma pra sair e outra pra casa, um sapato pra sair e um chinelinho de casa. Quem tinha chinelo, quem não tinha era dedão no chão mesmo. Mas assim, que eles foi um pai que judiava, que batia, isso não. Meu pai mesmo, nunca bateu em nós. Minha mãe sempre era mais brava, sempre dava umas varadinha. Eu pra dizer a verdade mesmo dormi no quarto dos meus pais até 10 anos. Ele era muito carinhoso, era muito carinhoso. Comigo também não deixava falta, ele trazia o carrinho lotado. Naqueles tempo usava sacão de 60 quilos, açúcar, tudo de 60 quilos. Era pra um mês a compra. Frango, porco, ele nunca deixou de criar. Sempre nós tinha carne com fartura. Então a gente não passou fome assim não, né?! Não posso reclamar.

A fala “não posso reclamar” perpassa todo o discurso de Rosa, demonstrando sua conformação com a realidade e a atribuição à Deus sobre todas as coisas que conquistou e que possui hoje. Com isso, Dona Rosa nos apresenta uma passividade e resignação frente aos acontecimentos de sua vida, pois segundo seu discurso, a vida como ela se apresenta, mesmo

que de forma limitada, é o que Deus tem a oferecer. Sendo assim, ela não questiona e nem problematiza a falta de acesso aos estudos ou qualquer outro limite imposto socialmente. A partir das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural sabemos que é preciso um contexto que possibilite o desenvolvimento para que ele aconteça e esse processo ocorre a partir da apropriação do que já foi sistematizado pela humanidade ao longo do percurso histórico. O homem privado do conhecimento é cerceado das possibilidades de desenvolvimento de suas capacidades máximas e de suas funções psicológicas superiores (Vygotski & Luria, 2008).

3.2.2 Casamento e filhos

Aos 19 anos Rosa casou-se com Romeu (na época com 30 anos), os dois continuaram trabalhando na lavoura e construíram a vida também na roça. Dois anos após o casamento tiveram a primeira filha, após oito anos Dona Rosa deu à luz ao seu segundo filho, no entanto, ele morreu durante o parto. A senhora contou que teve muitas complicações nos dois pós-partos:

Então e daí pra cá eu tive que operar e não pude ter mais, porque todos os dois eu quase morri. Esse da menina eu fiquei 19 dias no hospital e o doutor não dava nada por mim. [...] Daí depois que eu saí do hospital eu ia a cada 15 dias fazer curativo porque ficou inflamado a operação, vazando.

Depois da segunda gestação precisou ser operada e não pode mais ter filhos. Até hoje a família não sabe dizer qual foi a causa da morte do filho. Eles desconfiam de erro médico, mas preferiram não prolongar o sofrimento e, portanto, não investigaram. Para encarar esse momento de dor e sofrimento a família encontrou na religião o conforto necessário.

Eu lembrava que eu podia estar com ele nos braços e tudo, mas aquela tristeza, tristeza de jogar praga no médico, nunca não, nunca tive não. Eu pedi pra Deus não deixar eu ficar preocupada com essas coisas assim. Eu falei: “ah Deus sabe que eu tenho outra filha pra criar, eu tendo saúde pra criar a outra”. Porque eu ia fazer o que? Você sabe que se a gente fosse dar queixa e tudo, a corda arrebenta pro lado mais fraco. Então, nosso juiz, nosso advogado está lá [aponta para o céu], ele sabe o que faz. Eu falei que quem sabe esse menino ia ter uma sina ruim e ia ser triste pra mim e Deus revogou isso?! Então, tem hora que a gente não pode falar nada, né?! Tem que ficar quieto

porque Deus sabe o que faz, quando Ele leva uma vida é porque ele sabe o que vai passar. E muitas vezes, ao invés de trazer felicidade pra família traz tristeza, né?! Porque eu vejo passar na televisão esses meninos com droga e os pais chorando, eu falo que eu não suportava uma coisa dessa, é triste. Então, Deus fez tudo direitinho. Filho homem é mais duro da gente segurar, então eu falo assim que tudo que Deus fizer pra mim está bom. [...] É porque Deus quis. E se Ele levou, Ele levou e deixou uma pra mim. Então está bom.

A minha menina foi uma menina muito querida, não me deu trabalho na juventude, não me deu trabalho depois de casada, sempre na igreja, estudou, passou tudo sem ter nota vermelha, então eu sou grata Deus porque Deus abençoou bastante. Meus netos também são muito queridos. Até aqui eu não tenho o que reclamar da vida.

É perceptível no discurso de Dona Rosa que ela encontrou o consolo através da crença em Deus, dessa forma, ela não se permite reclamar ou questionar nada que aconteceu em sua vida, mas busca agradecer e olhar por uma perspectiva positiva. Rosa afirma que se aconteceu dessa forma é porque estava nos planos de Deus e que acredita ter sido um livramento de um sofrimento maior, uma vez que segundo sua percepção, filho homem é naturalmente mais difícil de segurar. Esta crença de Dona Rosa nos remete a um ponto relevante a ser analisado: a naturalização dos papéis do homem e da mulher. Quando ela se refere a morte do filho e a conformação advinda da crença de que os homens dão mais trabalho porque saem mais de casa, demonstra que da filha mulher é esperado o comportamento mais docilizado e de cuidado familiar. Tais expectativas em relação ao comportamento masculino e feminino, conforme pontuado por Safiotti (1989) são construídas socioculturalmente, isto implica que o comportamento tanto do homem como da mulher não estão predeterminados, mas dependerão do contexto, das mediações e das atividades realizadas por eles.

No entanto, pela falta de acesso ao conhecimento que propiciasse uma análise mais crítica da realidade e por estar conformada com as situações da vida tais como se apresentam Dona Rosa reproduz a cultura na qual a mulher cuida da família e o homem explora o mundo, perpetuando a cristalização dos rótulos construídos ao longo da história, sem se abrir às novas possibilidades e assim, mudar o sentido atribuído à sua vida. Neste cenário, “a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte” (Safiotti, 1989, p. 29).

Graças a Deus eu só tenho a agradecer a Deus que Deus tem abençoado, tem abençoado demais nós, graças a Deus. [...] Mas graças a Deus, depois disso Deus tem me dado saúde. Eu falo que na idade que nós está ainda tem saúde, né?! É uma benção de Deus, né?! [...] Eu vou reclamar do que? Não tem do que reclamar. Se reclamar está condenando a Deus porque a gente vê tantos pobrezinhos que nem a gente vê na televisão, então a gente olha pra vida da gente e a gente está no céu.

Pela análise da história de vida de Rosa evidencia-se uma relação de subordinação com a religião, na qual o contato com Deus se refere a se conformar com tudo, não reclamar e nem buscar outras condições de vida, uma vez que “*tem que ficar quieto porque Deus sabe o que faz*”. Dona Rosa, ao chegar ao período considerado como velhice, não teve grandes mudanças de vida, continuou com a mesma rotina de cuidados familiares e serviços domésticos, com a diferença que não precisou mais trabalhar na roça, pois se aposentou.

3.2.3 O valor da família

A maior felicidade de Dona Rosa é atribuída à sua família. Considera-se uma pessoa bem de vida por ter bons relacionamentos com os familiares.

Graças a Deus é uma benção a minha família. Eu vejo muita gente reclamando de família, mas eu, só se for daqui pra frente porque até aqui não deu pra reclamar. Minha filha, desde de pequena, nunca me respondeu e ela não deixa ninguém responder eu. Então eu falo assim que a gente só tem que agradecer a Deus porque hoje em dia está difícil uma família ser muito unida, né?!

Dona Rosa cuidou dos pais até eles falecerem. A mãe ficou acamada e perdeu a visão, dependia da filha para todas as atividades, mas para Dona Rosa esse era o seu dever com filha. Novamente, a senhora apresenta em seu relato uma responsabilidade do cuidado familiar e por ser a filha mais nova entendia como obrigação cuidar dos pais e em nenhum momento demonstrou questionar esse papel ou pedir ajuda para algum irmão.

Na velhice dela ela não largava de outro filho por causa de mim de jeito nenhum. Todos dois morreu junto comigo. Meu pai morreu com 76 e minha mãe morreu faltava 4 meses

para completar 90. Depois do meu pai ela durou 20 anos. Quando meu pai faleceu eles tinha 50 anos de casado.

[...]

Só largou na morte mesmo. Morreu segurada na minha mão, conversando comigo. Os dois, conversando comigo assim, quando eu vi só estava o suspiro. Deus abençoou bastante, até na morte deles porque tem gente que sofre tanto pra morrer, né?! Eles não, foi uma paz. Todos os dois.

Dona Rosa não reclama de nada, pelo contrário, tem uma visão positiva sobre todos os acontecimentos que a cercam. Relata que herdou de sua família esse modo de ver a vida:

Esse meu irmão mesmo que está inteirando 90 anos, você vai na casa dele e ele só conta benção, a noite inteira. Se você for na conversa dele amanhece contando benção. Ele criou 10 filhos tudo, trabalhando na roça, só que ele pode dar estudo pra eles, mas ele sozinho trabalhando. Criou, está tudo casado, morando perto dele. Tem um monte de neto, acho que tem uns 40 neto já, bisneto, tudo em volta dele. São feliz também.

Conforme discutido na seção anterior os sentidos que atribuímos à existência advém da relação entre as atividades que realizamos e os motivos que nos levam a realizar tais atividades. Quanto mais consciente o indivíduo está, mais saberá os motivos que o levam a desempenhar suas funções e assim, suas atividades terão sentido e, portanto, sua vida terá mais sentido. Em contrapartida, os indivíduos que vivem sem questionar, realizando atividades já predefinidas pela cultura e correspondendo passivamente às imposições sociais estão mais sujeitos a estarem desconectados dos motivos de suas atividades e, assim, o sentido se perde.

3.2.3 A velhice e a fé inabalável

A principal mudança na vida de Dona Rosa com a chegada da velhice foi a aposentadoria e com ela a possibilidade de dedicar mais tempo à família. Antes, quando trabalhava na roça precisava sacrificar-se acordando muito cedo e retornando para casa no final do dia. Agora, aposentada, sua principal atividade é cuidar de seus afazeres domésticos, auxiliar a filha, o neto e demais familiares, faz bombons para vender e frequenta à igreja evangélica. Como uma continuidade dos anos já vividos Dona Rosa segue vivendo a velhice.

Eu faço uns bombonzinhos pra vender, pra entreter, né?! A gente ficar muito parado fica doente, né?! Então eu faço uns bombonzinhos pra vender, vou lá na minha sobrinha passar roupa pra ela, vou lá na Juliana e passo pra ela também porque é duro achar uma pessoa pra zelar da casa, né?! Então é assim. Quando eu não estou boa eles deixam, não quer que eu mexo.

[...]

Eu cozinho, eu limpo, lavo, passo e ainda sobra um tempinho pra ajudar eles. A gente faz o tempo, né?! Porque se for olhar não faz. Não gosto de ficar parada não. Não gosto. Na igreja nós vamos, se não tiver chovendo nós vamos em todos os cultos. Isso nós não perde. Tem 46 anos que nós segue na Assembleia de Deus.

Satisfeita com a vida Dona Rosa não tem grandes planos ou ambições, contenta-se com o que tem. Sua única preocupação é ser salva por Deus e neste quesito demonstra que não depender dela, mas sim da vontade de Deus mostrar o que falta para ela ser salva ou não. Novamente Dona Rosa deixa de ser sujeito da própria vida e se vê a mercê da vontade alheia, assim, não busca outros conhecimentos, não questiona, não se transforma, pois está à espera da vontade de Deus.

Eu falo pro genro assim, ele pergunta: “você nunca pediu pra Deus coisa assim grande?”, eu falo: “não, sempre eu pedi pra Deus saúde, convivência boa com a família e não faltar o pão de cada dia”. Grandeza assim nunca pedi porque tem gente que pede: “ai Senhor, eu quero isso, eu quero aquilo”. Eu acho que não porque Deus dando saúde a gente tem força pra ter o que a gente quer. Ele está dando saúde? Está dando tudo! É só ter coragem e planejar a cabeça.

[...]

Esses dias ele [neto] me perguntou: “vó, a senhora não pensa na morte?”. “Não penso”. Eu só penso assim, sempre falo com Deus assim: “Senhor, se eu tiver alguma coisa que me impede a minha salvação me alerta antes do Senhor me levar porque eu quero ser salva”. É a única coisa que eu peço pra Deus. Mas eu não penso assim que amanhã eu vou estar em cima de uma cama. Muita gente fica pensando assim: “eu estou com doença isso, doença aquilo”. As vezes dá uma dorzinha e já pensa: “aí, fulano está

com essa dor e eu estou também”. Não, eu não penso isso. Deus nunca deixou eu pensar essas coisas não. Então acho que é por isso que eu venço.

Ao ser questionada sobre sua vivência em sociedade, se há dificuldades por ser idosa ou preconceito ela afirma que não há qualquer obstáculo em ser idosa e que nunca recebeu nenhum tratamento diferenciado:

Olha minha filha, eu não tenho o que reclamar não. Não. Eu vou no posto, sempre fui bem recebida, quando internei no hospital fui bem tratada. Então eu não tenho do que reclamar dos médicos, dos enfermeiros, sempre me receberam bem. Não sei daqui pra frente porque a coisa tá ficando mais difícil, mas eu não tenho do que reclamar não.

[...]

Quando eu me vejo agoniada, sozinha, eu vou pro [neto], vou pra igreja, vou pra [filha]. Eu não ponho essas coisas no meu coração não, fica dentro de casa, morrendo, não. Tem gente que faz isso, isso faz mal pra gente, faz mal, não gosto disso. Eu ponho que Deus vai me ajudar e eu vou vencer e Deus vai me curar e pronto. É assim.

Diante da história de vida de Dona Rosa, o que se percebe é que esta senhora não teve acesso ao conhecimento sistematizado nem na infância e na vida adulta, se conformou com o pouco e se apegou à religião para aliviar os sofrimentos. Durante a infância e vida adulta sua atividade principal foi a do trabalho, um trabalho árduo e sofrido na roça. Ao se aposentar ela afirma que não precisou mais se sacrificar e passou a fazer o que gosta: cuidar da família e da casa. Hoje, aos 68 anos Dona Rosa tem uma rotina preenchida por afazeres domésticos, cuidados com o neto e o bisneto, além de ajudar outros parentes com os serviços de casa, faz bombons para vender e participa ativamente de uma igreja evangélica.

Para Dona Rosa não existem dificuldades relacionadas à velhice, seja em casa ou na sociedade ela não encontra nenhum obstáculo ou preconceito em relação ao momento que está vivenciando. Por não ter tido acesso ao conhecimento também não desenvolveu um olhar crítico para perceber as contradições do sistema capitalista e lutar por melhores condições.

No caso dessa senhora a velhice aparece mais como uma continuidade da vida, sem profundas modificações e transformações. Ela sente-se feliz, realizada e grata a Deus por tudo o que tem e considera sua família o maior tesouro. Portanto, o sentido da vida para Dona Rosa está em servir a família com as atividades que realiza, seja cuidando do bisneto, limpando a

casa da sobrinha ou lavando as roupas da filha. E, nesta direção, a aposentadoria trouxe melhores condições de vida para o exercício das atividades que lhe possibilitam a construção de um sentido positivo ao momento que vive.

Não há como negar que as origens da vida consciente e do pensamento abstrato estão submetidas às condições de vida social e às formas históricas de vida da espécie humana. As funções psicológicas superiores são mediadas principalmente pela linguagem e pelo pensamento, sob sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis, uma vez que apropriam conceitos e signos originários da vida social do homem. Contudo, por ser eminentemente um ser social vivendo em uma sociedade capitalista, o homem tem se constituído de forma alienada e fragmentada, desprovido das condições necessárias para uma existência digna.

Essas relações sociais alienadas penetram na consciência dos sujeitos e produzem uma discordância entre o resultado objetivo da atividade e seu motivo, ou, em outras palavras, o conteúdo objetivo da atividade não concorda com seu conteúdo subjetivo, o que confere à consciência características particulares. A consciência humana, nesse contexto, torna-se desintegrada, fragmentada, alienada. (Asbhar, 2014, p. 269)

É através do desenvolvimento da consciência, de acordo com Leontiev (1978a), que existe a possibilidade do homem observar a si mesmo e distinguir a realidade objetiva do seu reflexo subjetivo, ou seja, o ser humano passa a ter a capacidade de perceber a realidade objetiva exterior e como ela é refletida internamente, podendo assim, buscar mudanças para alcançar modos mais plenos de existência.

3.3 Uma síntese das histórias de vida

Nesta seção foram apresentadas e analisadas duas histórias de vida de pessoas que estão vivenciando o período compreendido como velhice. A partir dessas histórias foi possível compreender a construção dos conceitos, crenças, percepção e propriamente do sentido da vida a partir das atividades desenvolvidas pelas senhoras.

A história de Juraci demonstrou uma significativa transformação de vida a partir das experiências e atividades desenvolvidas na velhice, principalmente com a participação na Universidade Aberta à Terceira Idade. Ela teve a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e alterar seu modo de pensar e de se relacionar com o mundo, obtendo maior qualidade de vida

e satisfação. Assim, passou a realizar atividades que atribuíram sentido à sua existência. Durante sua vida atendeu aos outros, cuidou dos doentes, dedicou-se intensamente aos trabalhos voluntários, mas se alienou de si mesma. Contudo, pode mudar sua história e trilhar um novo rumo.

Desta forma, o indivíduo, jovem ou idoso, a partir do momento em que se apropria de novos saberes concomitantemente reestrutura suas funções psicológicas superiores e sua consciência, passando a se perceber de forma diferente no mundo (Leontiev, 1978a). À medida que Juraci passou a ocupar novos lugares e ampliou suas relações sociais, que determinavam o modo de se relacionar com o restante do mundo, pode alterar a estrutura de sua consciência e mudar sua forma de ser e estar no mundo.

De acordo com Leontiev (1978a) é possível compreender que o psiquismo e a consciência estão em constantes transformações de acordo com as atividades desenvolvidas pelos homens. Desta forma, “devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações” (Leontiev, 1978a, p. 89).

Em contrapartida, a história de Dona Rosa nos apresenta uma pessoa que teve poucas oportunidades de ampliar seus conhecimentos e revolucionar seu desenvolvimento, continuando a viver como sempre fora criada: servindo e cuidando dos outros. Portanto, o processo de alienação, consequência inevitável do sistema capitalista, não se refere somente à falta das condições materiais, mas, sobretudo, à alteração na própria estrutura da consciência humana (Carvalho e Martins, 2011). A alienação da vida do homem tem como consequência a segregação entre o motivo de sua atividade e o resultado dela, desta forma, o homem é impedido de atribuir sentido à sua atividade, à sua vida (Leontiev, 1978a).

Assim, “na sociedade da propriedade privada, produzem-se o corpo e a consciência alienados, mutilados e mutilantes em relação às formas humanizadas já objetivadas no gênero – vale dizer, já presentes, como realidade concreta, no interior da sociedade” (Klein, Silva & Mata, 2011, p. 249). O processo de alienação, consequência inevitável do sistema capitalista, não se refere somente à falta das condições materiais, mas, sobretudo, à alteração na própria estrutura da consciência humana. A alienação da vida do homem tem como consequência a segregação entre o motivo de sua atividade e o resultado dela, desta forma, o homem é impedido de atribuir sentido à sua atividade, à sua vida. Sendo assim,

a penetração da consciência destas relações traduz-se psicologicamente pela desintegração da sua estrutura geral que caracteriza o aparecimento de uma relação de alienação entre os sentidos e as significações, nas quais o seu mundo e a sua própria vida se refratam para o homem. (Leontiev, 1978a, p. 125).

No projeto de homem comunista, pensado pelos autores soviéticos, todos teriam acesso aos bens materiais e intelectuais produzidos ao longo da história da humanidade e através dessa apropriação o homem seria detentor de uma racionalidade que lhe permitiria entender as relações sociais. Essa capacidade o tornaria hábil para perceber a necessidade de um esforço coletivo para a instalação do comunismo, controlando atos impulsivos, individualistas e imediatistas em prol de um agrupamento social planejado em toda a sociedade. Dentro dessa proposta seria possível ao homem o desenvolvimento pleno da consciência do que faz, o que lhe permitiria alcançar as formas superiores de conduta (Tuleski, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou compreender a constituição do sentido da vida no período da velhice, partindo do pressuposto da Psicologia Histórico-Cultural de que o desenvolvimento humano é contínuo e não cessa nos primeiros anos de vida, como afirmam outras abordagens teóricas. Desta forma, por meio das contribuições dos autores e continuadores da Psicologia Histórico-Cultural e do relato oral autobiográfico de duas idosas foi possível tecer reflexões sobre o desenvolvimento no período da velhice e o sentido atribuído a esta fase pelas idosas.

De acordo com os pressupostos que fundamentam a Psicologia Histórico-Cultural, os determinantes do conteúdo dos estágios de periodização do desenvolvimento de forma alguma são entendidos como elementos cronológicos ou biológicos. Todos eles, inclusive a velhice, estão condicionados às determinações socioeconômicas que compõem o momento histórico em que o sujeito encontra-se inserido. Segundo Leontiev: “(...) não é a idade da criança, enquanto tal, que determina o conteúdo de estágio do desenvolvimento; os próprios limites de idade de um estágio, pelo contrário, dependem de seu conteúdo e se alteram *pari passu* com a mudança das condições histórico-sociais” (Leontiev, 1988, p. 65-66). Em cada período existem características que são alicerçadas nas relações sociais de produção. Esses períodos só podem ser compreendidos a partir da análise dessas relações.

Nos estudos sobre a velhice as explicações que supervalorizam as leis biológicas apresentam-se de forma mais exacerbada. Desenvolvimento é amplamente associado aos primeiros anos de vida e a velhice ao final dela, significando a perda da função social, a degeneração física e a espera pela morte. Conforme demonstrado no levantamento realizado por Reis (2011) nos periódicos indexados pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em especial nos artigos disponibilizados pela SciELO (Scientific Electronic Library Online) e em bancos de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), verificou-se que no plano científico a velhice é retratada de diversas formas, frequentemente sendo compreendida pelo viés biopsicossocial, o que aponta para uma falta de clareza sobre o tema em discussão. Portanto, “nesse sentido, averiguamos que as definições sobre a velhice, muitas vezes, acabam se limitando a questões exclusivamente etárias, ou seja, a uma classe de idade cronológica” (Reis, 2011, p. 37), entretanto asseveramos que os determinantes de ordem histórico-sociais e culturais fundamentam o desenvolvimento da consciência do indivíduo. A consciência individual é resultante das conquistas do gênero humano e das contradições sociais tornadas conscientes historicamente. Os aspectos biológicos existem, contudo, se subordinam às leis histórico-

sociais e não determinam o conteúdo do desenvolvimento do idoso e suas possibilidades de sua existência no mundo.

Conforme apresentado na primeira seção da pesquisa, o desenvolvimento dos homens não se realiza por adaptação individual do comportamento genérico, como nos animais, mas “a assimilação do homem é um processo de reprodução, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas da espécie humana” (Leontiev, 1978a, p. 270). Sendo assim, o autor nos leva a refletir que sem a apropriação dos bens intelectuais e matérias produzidos historicamente pela humanidade não seria possível ao homem se desenvolver, pois a espécie humana nasce com o aparato biológico pronto para o aprendizado e somente por meio desse processo de apropriação do conhecimento é possível a aquisição de capacidades exclusivamente humanas, tal como a linguagem, o pensamento, o raciocínio, o controle dos desejos e impulsos, entre outras. Entendemos que a compreensão de que o homem e o seu comportamento não são determinados biologicamente carrega a possibilidade de uma revolução, pois se o homem é constituído pelos determinantes sociais e históricos e não por leis fixas biológicas, então, é possível mudar o que está posto e transformar a realidade.

Na história evolutiva do homem o ponto decisivo para a alcançarmos as características essencialmente humanas foi o trabalho, pois ao modificar a natureza o homem transforma a sua própria consciência. Ela passa a ser orientada e planejada à ação (caráter teleológico) e mediada através dos instrumentos e signos que surgiram no trabalho. Nesse processo há a passagem das funções psicofisiológicas elementares (naturais, biológicas) às funções psicológicas superiores mediadas por esses instrumentos e culturalmente desenvolvidas (Klein, Silva & Mata, 2011). Desta forma, os primórdios da atividade psíquica no homem são sociais, encontrados no trabalho, sendo este constituído por dois elementos interdependentes: o uso e a construção de instrumentos e o surgimento da linguagem. Os autores soviéticos apontam para a intencionalidade como elemento chave no processo histórico de humanização, pois traz em seu bojo o reconhecimento que apenas o homem se apresenta como um ser que se projeta no/para o futuro, de sorte que a dimensão teleológica se impõe como o mais importante atributo de qualquer ação humana.

Entretanto, o trabalho vem se constituindo de forma fragmentada a partir das mudanças históricas na forma de produção. Nesse cenário o homem perde sua relação com o produto e é impossibilitado de se reconhecer nesta produção, além disso, diante da necessidade própria do capital de produzir em grandes quantidades para obter os maiores lucros o homem torna-se o objeto desta relação e não o mais sujeito – que se torna a mercadoria. Este processo é denominado alienação e suas conseqüências para a formação da consciência humana são

evidentes, tornando ela própria fragmentada uma vez que o homem se encontra impossibilitado de desenvolver suas funções plenas de raciocínio, autodomínio da conduta, entre outras, bem como tem-se a segregação entre o motivo da atividade e o resultado dela, impedindo o homem de atribuir sentido à sua atividade, à sua vida.

No projeto de homem comunista, pensado pelos autores da Psicologia Histórico-Cultural, todos teriam acesso aos bens materiais e intelectuais produzidos ao longo da história da humanidade e através dessa apropriação o homem seria detentor de uma racionalidade que lhe permitiria entender as relações sociais. Este outro homem, que chegaria a um aprimoramento das funções psicológicas superiores, não necessitaria de forças externas repressoras e punitivas para trabalhar e produzir, porque teria consciência de sua participação em sociedade. Entretanto, no contexto atual, o cenário é de uma população destituída dos meios para humanização e alienada de si mesma. Para mudar essa realidade é preciso alterar o sistema de produção, assim, torna-se imprescindível que os sujeitos tomem consciência desses processos que os alienam e lutem por outras condições de vida.

Uma maneira viável de possibilitar a tomada de consciência é por meio da atividade de estudo, desde que esta seja uma atividade com intencionalidade e bem dirigida, “o conhecimento teórico é o conteúdo da atividade de estudo e, graças a apropriação desse tipo de conhecimento, desenvolvem-se neoformações psicológicas como a consciência e a formação do pensamento teórico” (Asbhar, 2011, p. 70). Uma das idosas participantes da pesquisa mudou o rumo de seu desenvolvimento ao iniciar os estudos na Universidade Aberta a Terceira Idade, na qual teve a oportunidade de formar o pensamento conceitual, podendo aproximar o motivo de suas atividades aos resultados delas, podendo questionar sua realidade e buscar transformá-la em algo que lhe fizesse sentido.

Tal processo de atribuir sentido à sua existência durante a velhice não foi algo natural ou biológico, mas sim social, mediado por outros sujeitos, portanto, ressaltamos a importância da criação e ampliação de espaços no qual os idosos possam continuar desenvolvendo suas capacidades. Para tanto, é necessário reafirmar a compreensão de que o desenvolvimento é promovido por meio de atividades sociais e não biologicamente ou espontaneamente. Além dos espaços que promovam a possibilidade da ampliação de conhecimentos, é imprescindível aprimorar o transporte público, a segurança e o respeito à essa população.

Seguindo um percurso diferente, Dona Rosa, a outra idosa participante da pesquisa, mesmo após a aposentadoria, manteve uma rotina semelhante de atividades já desenvolvidas no decorrer de sua vida. Desta forma, é notável que o curso de seu desenvolvimento não sofreu intensas mudanças, mas aparece como uma continuidade de suas experiências anteriores. É

importante destacar que ambas senhoras pertencem a classes sociais distintas e também por isso o percurso de desenvolvimento de cada uma e de atribuição de sentido à vida durante a velhice seguiram rumos tão diferentes.

Oliveira (2001) esclarece, a partir das contribuições de Heller (1977), que mesmo dois indivíduos pertencentes à mesma sociedade, na mesma época, compartilhando o mesmo contexto social poderão ter desenvolvimentos distintos. Diante disso, “a história tem mostrado que uma determinada sociedade não encarna, de forma unívoca, todo o desenvolvimento já existente do gênero humano e nem mesmo parte dele em determinada época” (Oliveira, 2001, p. 04). A objetivação plena do indivíduo só é possível aos que conseguem superar os limites impostos pela estrutura social em que vive. No entanto, com o capitalismo, o desenvolvimento do gênero humano tem ocorrido cada vez mais rápido e de forma mais desigual, alcançando uma pequena parcela da sociedade.

Em outras palavras: o gênero humano tem se tornado cada vez mais livre e universal, mas essa liberdade e universalidade não se tem verificado na vida da grande maioria dos homens singulares. Quer dizer, hoje já existem objetivações genéricas (objetivações do gênero humano) que resolveriam grandes problemas da humanidade, mas a estrutura da sociedade em que vivemos não permite que a grande maioria dos indivíduos tenha acesso a elas. Nesse sentido, esses indivíduos estão alienados frente a esses produtos da atividade humana. (Oliveira, 2001, p. 05).

Apesar do abismo criado pelo capitalismo, homem e sociedade são polos complementares de um mesmo processo, uma vez que não existe sociedade sem indivíduo e o homem só se torna humano na vida em sociedade. Marx (1976, p. 161 afirmou que “a história social dos homens nunca é mais que a história do seu desenvolvimento individual, quer tenham consciência disso ou não”. Oliveira (2001, p. 20) complementa: “no indivíduo está sintetizado a particularidade (as mediações sociais) e a universalidade (a genericidade) que foi possível ao indivíduo apropriar-se” (Oliveira, 2001, p. 20). A partir dessa compreensão entende-se que os homens, diferente dos objetos, não nascem prontos e se desgastam ao longo do tempo até chegar à inutilidade, mas o contrário. À medida em que se apropria do conhecimento o homem se desenvolve, se transforma e se forma e isto dependerá das atividades que desempenha.

Entendemos, por meio das contribuições dos autores da Psicologia Histórico-Cultural que o desenvolvimento é ilimitado, uma vez que se configura como modo fundamental da existência do indivíduo, isto é, o desenvolvimento é uma condição para existência; se há

existência, há desenvolvimento. Portanto, a velhice se configura como uma etapa da vida caracterizada por processos dinâmicos, dependentes do contexto social e variável de acordo com a cultura e a classe econômica.

A concepção social hegemônica parte de uma análise econômica e produtiva e nesta perspectiva o desenvolvimento humano como processo dinâmico e contínuo é desvalorizado e o velho associado como improdutivo, não tendo serventia econômica. Corroborando com esta visão, há um forte e sutil apelo midiático à valorização do corpo belo e jovem, de uma vida animada, cheia de emoções e de prazeres, passando a mensagem de uma obrigatoriedade de o indivíduo idoso ser ativo, feliz, bonito, bem humorado, etc., pois, afinal, está vivendo a ‘melhor idade’. Apesar de atualmente a velhice estar associada mais à aspectos negativos, nem sempre essa foi a compreensão hegemônica, cada momento histórico e cada sociedade apresenta uma visão sobre o envelhecer, de acordo como se organiza produtiva e materialmente.

Portanto, conforme apresentado na teoria histórico-cultural e nos relatos de duas idosas o desenvolvimento não cessa na vida adulta, este é um processo contínuo e progressivo, porém, para que seja possível, o acesso à cultura e ao conhecimento não deve ser negado à população idosa. Há ainda que modificar a concepção hegemônica de que a velhice é o período de improdutividade e espera da morte, pois a partir dessa ideologia justifica-se o não investimento nessa população em termos de recursos intelectuais e culturais.

A importante contribuição da Psicologia Histórico-Cultural é apresentar o desenvolvimento humano como um processo contínuo e ilimitado, assim, é possível compreender a velhice como um momento em que o desenvolvimento acontece e, portanto, aos idosos deve ser oferecida condições para que tal processo ocorra. Entendendo que o sentido da vida na velhice é constituído pelas atividades que se desenvolve, então, para favorecer a atribuição de sentido faz-se necessário oportunizar que os idosos realizem atividades nas quais o motivo da ação realizada esteja de acordo com o resultado de suas atividades, sendo assim, possível atribuir sentido à sua existência. Doravante, destaca-se a importância de mais estudos sobre a velhice que busquem compreendê-la em seus determinantes sociais, de forma histórica e dialética.

REFERÊNCIAS

- Andrade, T. N. et al. (2012). A vivência de idosos na Universidade Aberta à Terceira idade: contribuições para mudanças de projetos de vida. *Anais do Congresso Internacional de Psicologia*, Maringá, PR, Brasil, 5.
- Andrade, T. N. et al. (2012). Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI/UEM): contribuindo para a ressignificação da vida. *Anais do III Simpósio Maringense de Gerontologia e I Simpósio Paranaense de Gerontologia*, Maringá, PR, Brasil.
- Andrade, T. N.; Nagatani, L. T.; Simionato, M. W. (2012). Um olhar cinematográfico sobre a velhice a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural. *Anais do Congresso Internacional de Psicologia*, Maringá, PR, Brasil, 5.
- Antunes, R. (Org.). (2006). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R.; Pochmann, M. (2008). Dimensões do desemprego e da pobreza no Brasil. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, 3 (2), 1-10.
- Asbhar, F. (2011). “Por que aprender isso professora?” *Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural*. São Paulo. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP. Brasil.
- _____. (2014). Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, SP, Brasil.
- Brugnera, N. L. (1998). *A escravidão em Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Editora Grigos.
- Bogoni, C. A. (2015). “Tão perto e tão longe”: o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Câmara, A. S.; Jesus, A. R. (2007). O marxismo e a arte cinematográfica. In: *V Colóquio Internacional Marxengels*, Unicamp.
- Cano, W. (2012). Da década de 1920 à 1930: transição rumo à crise e à industrialização no Brasil. *Revista Economia*, 13 (3b), 897-916.

- Carvalho Filho, E. T.,; Papaléo Netto, M. (2000). *Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica* (1. ed.). São Paulo: Atheneu.
- Carvalho, S. R.,; Martins, L. M. (2011). A sociedade capitalista e a inclusão/exclusão. In: M. G. D. Facci, M. E. M. Meira & S. C. Tuleski. (Orgs.). *A exclusão dos "incluídos": uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos* (pp. 17-35). Maringá, PR: Eduem.
- Cesse, E. A. P. (2007). *Epidemiologia e Determinantes Sociais das Doenças Crônicas não Transmissíveis no Brasil*. Tese de Doutorado, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - FIOCRUZ, Recife, PE, Brasil.
- Chauí, M. (1980). *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Duarte, N. (2004). *Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev*. Caderno Cedes, Campinas, SP, Brasil.
- Engels, F. (s/d). Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem [1876]. In: ENGELS, F.; MARX, K.. *Obras escolhidas* (vol. II). São Paulo: Alfa-Omega.
- Espíndola, C. R.; Blay, S. L. (2007). Prevalência de maus tratos na terceira idade: revisão sistemática. *Revista Saúde Pública*. v.41, n.2, p. 301-306.
- Facci, M. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. *Cad. Cedes, Campinas*, vol. 24, n. 62, p. 64-81.
- Fausto, B. (1995). *História do Brasil* (2. Ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação.
- Ferreira, A. B. H. (1988). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fonseca, M. M.; Golçalves, H. S. (2003). Violência contra o idoso: suportes legais para a intervenção. *Interação em Psicologia*. v. 7, n. 2, p. 121-128.
- Hobsbawm, E. (2010). *A era das Revoluções* (25. Ed). São Paulo: Paz e Terra S/A.
- _____. (1985). Introdução. In: Marx, K. *Formações Econômicas Pré-capitalista*. Rio de

Janeiro: Editora Paz e Terra S/A.

Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (2013). *Envelhecimento populacional e os desafios para o Sistema de Saúde brasileiro*. São Paulo. Recuperado em 27 de maio de 2015 de <http://www.iess.org.br/envelhecimento2013.pdf>.

IBGE (2013). *Projeções da população por sexo e idade: Brasil 2000-2060*. Rio de Janeiro. Recuperado em 20 de Fevereiro de 2015, em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000014425608112013563329137649.pdf>.

_____. (2015). *Tendências demográficas: uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos de 190 a 2000*. Recuperado em 20 de Fevereiro de 2015, em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf.

Klein, L.; Silva, G. L. R.; Mata, V.A. (2011). Alienação ou exclusão: refletindo o processo de “inclusão” na educação de jovens e adultos. In: M. G. D. Facci, M. E. M. Meira & S. C. Tuleski. (Orgs.). *A exclusão dos “incluídos”*: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos (pp. 229-257). Maringá, PR: Eduem.

Leal e Silva, R. (2011). Contribuições do marxismo para a compreensão do cinema: a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934) e a Teoria Crítica de W. Benjamin (1892-1940). In: Anais... *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina – Paraná.

Lefebvre, H. (1983). *Lógica formal/lógica dialética* (3º ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Leontiev, A. (1978a). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário.

_____. (1978b). *Actividade, consciência y personalidad*. Ediciones ciencias del hombre: Buenos Aires.

_____. (2006). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: Vygotski, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 6. Ed. São Paulo: Ícone.

Lessa, S. (2009). Modo de produção e revolução: Lukács e Mészáros. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, PR, Brasil.

Lessa, S. & Tonet, I. (2011). *Introdução à Filosofia de Marx* (2º Ed.). Editora Expressão Popular: São

Paulo.

Löwy, M. (1994). *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento* (5^o ed.). São Paulo: Cortez.

Luria, A. R. (2006). O Desenvolvimento da Escrita na Criança. In: Vigotski, L.S.;Leontiev, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 10^a. ed. São Paulo: Ícone.

Manzini, E. J. (2004). Entrevista Semi-estruturada: análises de objetivos e de roteiros. *Anais do Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos*, Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP, Brasil, 2.

Martins, L. M. (2001). *Análise sócio-histórica do processo de personalização de professores*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, SP. Brasil.

Martins, L. M. (2011). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico e da pedagogia histórico-crítica*. Tese de Livre docência, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP. Brasil.

Marx, K. (1968). *O capital. Crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (1976). *Miséria da filosofia*. Porto: Escorpião.

_____. (2004). *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial.

_____. (2011). *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo.

Marx, K.; Engels, F. (1971). *Sobre a literatura e a arte*. Lisboa: Editorial Estampa.

Marx, K.; Engels, F. (2009). *Manifesto do Partido Comunista*. (Coleção grandes obras do pensamento universal). São Paulo: Editora Escala.

Meira, M. E. M. (2011). A medicalização e a produção da exclusão na educação brasileira à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO*, Maceió, AL. Brasil.

Minayo, M. C. (2005). *Violência contra Idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria* (2^o

ed.). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

Minayo, M. C.; Cavalcanti, F. G. (2010). Suicídio entre pessoas idosas: revisão de literatura. *Revista Saúde Pública*. v. 44, n. 4. p. 751-757.

Morais, J. F. R. (1988). *Filosofia da ciência e da tecnologia: introdução metodológica e crítica* (5º ed.). Campinas, SP: Papyrus.

Nolasco, A. B. G. Et. Al. (2014). Conceito de Just In Time em uma empresa Metalúrgica: Um estudo de caso em Porto Velho, estado de Rondônia, Brasil. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau*, v.8, n.1, p.15-32 ,

Oliveira, B. (2001). A dialética do singular-particular-universal. V Encontro de Psicologia Social Comunitária, Unesp, Bauru - SP

Papaléo Netto, M. (2002). *Gerontologia – A velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (2.ed.). São Paulo: Atheneu.

Paulo Netto, J. (2006). *O que é marxismo*. São Paulo: Brasiliense.

Perissé, G (2012). Um título traduzível? In: *Revista Língua Portuguesa*. Recuperado em 05 de junho de 2015, em <http://revistalingua.com.br/textos/blog-gperisse/um-titulo-intraduzivel-269514-1.asp>.

Prado Junior, C. (2006). *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

Reis, C. W. (2011). *A atividade principal e a velhice: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, Brasil.

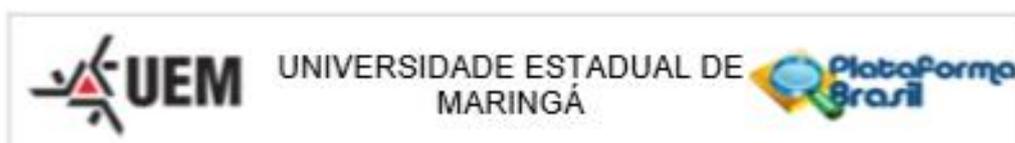
Secretaria de Direitos Humanos (2012). Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. *Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos*. Recuperado em 18 de setembro de 2014, em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentoonoBrasil.pdf>.

Tolstij, A. (1989). *El hombre y la edad*. Progreso: Moscú.

Tuleski, S. C. (2008). *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista* (2. ed.). Maringá: Eduem.

- Vasconcelos, B. A. (2012). O escravo como coisa e o escravo como animal: da Roma Antiga ao Brasil contemporâneo. *Revista UFG*. v. XII, n. 12, p. 137- 153.
- Vigotski, L. S. (1930). *A transformação socialista do homem*. Recuperado em 13 de agosto de 2014, de <https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>
- Vigotski, L. S. (2000). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1999). O significado histórico da crise na Psicologia. In: *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1991) *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. & Luria, R. (1996) *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes médicas.

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vivência da Velhice: significados e sentidos produzidos por idosos

Pesquisador: Adriana de Fátima Franco

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33665114.8.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 763.828

Data da Relatoria: 11/08/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo desta pesquisa consiste em apreender como o significado social da velhice contribui na constituição do sentido pessoal e da vivência de idosos.

 Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tendo em vista o grande aumento da população idosa nas últimas décadas e suas conseqüências na estrutura da sociedade, tem-se a necessidade de criar novas oportunidades em relação à promoção da saúde, do lazer e do bem-estar psicológico do idoso. Desse modo, o presente projeto de pesquisa busca investigar, a partir da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural utilizando como base metodológica o Materialismo Histórico de Karl Marx, como o significado socialmente atribuído à velhice constitui o sentido pessoal do idoso e de sua vivência desse período. O cronograma de execução prevendo um total de 14 meses (01/09/2014 a 01/11/2015), com coleta de dados em 10/10/2014, envolvendo 2 sujeitos.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Cidade: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** copec@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 783.828

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contempla as garantias mínimas preconizadas.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

MARINGÁ, 09 de Setembro de 2014

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** copecp@uem.br

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão dos Significados Sociais e do Sentido Pessoal da Velhice”, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e é orientado pela Profa. Dra. Adriana de Fátima Franco da Universidade Estadual de Maringá.

O objetivo da pesquisa é investigar como o significado social da velhice constitui o sentido pessoal do idoso e de sua vivência desse período. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: você responderá perguntas sobre alguns dados pessoais, sobre a sua ideia de velhice, como está vivendo esta fase, como pensa que a sociedade e a sua família enxergam a velhice. **Informamos que poderá ocorrer certo constrangimento, pois a entrevista envolverá algumas questões de cunho pessoal, como a sua experiência da velhice. Porém, a entrevista será o menos invasiva possível e se dará em um tom informal, ou seja, em forma de conversação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Os áudios contendo o seu relato serão transcritos (sem citar o seu nome ou dados que o identifiquem) e, posteriormente, serão apagados. Os benefícios esperados são que a partir de sua entrevista obteremos informações para conhecer mais sobre a velhice e desenvolver um trabalho que possa contribuir para futuros estudos que visam buscar melhorias para essa faixa etária.**

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(no me por extenso do sujeito de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo

em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pela profa. Dra. Adriana de Fátima Franco.

_____ **Data:**.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu,.....(no me do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ **Data:**.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Taiane do Nascimento Andrade

Endereço: Rua Roberti, n. 256, Jardim Ana Laura – Douradina/PR.

Telefone: (44) 9959-7812

E-mail: taianeandrade@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE II

- Roteiro da Entrevista I

1. Caracterização do idoso

- a) Nome;
- b) Idade;
- c) Profissão;
- d) Naturalidade;
- e) Estado civil;
- f) Filhos; idade;

2. Dados biográficos.

Comente sobre:

- a) Onde nasceu;
- b) Como foi a infância;
- c) Onde estudou;
- d) Primeiro emprego;
- e) Casamento;
- f) Filhos;
- g) Idade adulta;
- h) Velhice;

- Roteiro da Entrevista II

1. Quais atividades o senhor(a) realiza diariamente?
2. O que é velhice para o senhor(a)?
3. O que a sua família pensa sobre a velhice?
4. O que o senhor(a) acha que a sociedade pensa sobre a velhice?

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Dados da entrevistada 'Juraci'

Nome: I. O.

Sexo: Feminino

Idade: 64 anos

Profissão: estudante da UnATI; Bancária aposentada

Estado civil: viúva “isso pesa mais do que se dizer que sou idosa”

Naturalidade: brasileira

Filhos: 01 – 40 anos; 05 natimortos

Netos: 0

ENTREVISTA 01

Data: 20/10/2014

Horário: das 10h às 11h30

Local: Dependências da UEM

Legenda: T. – entrevistadora; I. – nome da entrevistada.

T: onde você nasceu?

I: Nasci Itambaracá – PR, perto de Andirá,

T: tem quantos mil habitantes?

I: Não sei é uma cidade bem pequenininha.

T: é bem pequenininha?

I: Hoje eu nem faço ideia, já não conheço, já devia ter ido conhecer, mas nunca tive vontade. Fui conhecer a cidade natal do meu marido, mas a minha eu não quis conhecer.

T: faz tempo que você saiu de lá?

I: Eu só nasci lá porque minha mãe morava sei lá aonde e naquela época era parto normal com parteira e era na casa da avó no sítio. Então eu nasci e voltei para Ibiporã.

T: entendi e tua infância você passou aonde?

I: Até os 2 anos em Ibiporã, depois dos 3 até os 25 em São João do Caiuá, uma cidade bem pequenininha, depois vim à Paranavaí.

T: Eu sou de Paranavaí!

I: Aé?! E você morou lá em que ano?

T: Eu morei de 1989, ano em que eu nasci, até 2006, morei 19 anos lá.

I: Eu gosto tanto de Paranavaí.

T: eu também.

I: Muito gostosa

T: E a tua infância, me conta um pouquinho. Como foi? Você cresceu no sítio, cresceu na cidade?

I: Não. Na cidade. Meu pai morava no sítio e disse que não tinha futuro nenhum ficar no sítio, então quando ele era solteiro ele foi aprender a profissão de fotógrafo e aí naquele tempo se casada com o que era chamado de “Niai”, as famílias predestinais. Eu tenho um filho homem e você uma filha mulher, nós vamos fazer eles se casar. Não sei se você conhece esse estilo. Então minha mãe morava no registro de São Paulo e meu pai aqui na região de Andirá, por ali. Eles moravam no sítio, não era deles, aí meu pai veio a aprender essa profissão de fotógrafo e foi predestinado a casar com a minha mãe. Então a primeira vez eles se conheceram e na segunda se casaram. Eles vieram para Ibiporã, aí eu nasci em Itambaracá e meu irmão nasceu em Ibiporã. Aí nós nos mudamos lá pra São João, meu pai continuou a ser fotógrafo e minha mãe, pra variar, porque japonês ou é fotógrafo ou é verdureiro, (risos), aí minha mãe começou a vender verduras, ela abriu tipo uma quitanda, depois a sorveteria. Trabalharam até meu pai enjoar da profissão, quando ele enjoou foi trabalhar com táxi para levar compras pro sítio. Aí eu vivi até 75 em São João, me casei em 71, eu era professora, passei no concurso do banco e fui para Paranavaí trabalhar. Fiquei em Paranavaí até 81, em 80 minha irmã faleceu, eu me senti muito sozinha, meu pai já tinha falecido em 77, minha irmã em 81. Minha mãe entrou em depressão. Minha mãe perdeu a mãe com 18 e a pai com 26, então ela foi criada sem pai e mãe. Então eu percebi que ela estava precisando de uma companhia e vim morar aqui em Maringá pra fazer companhia para ela.

T: Sua mãe aqui?

I: Minha mãe já estava aqui junto com meus dois irmãos, né?! Então eu vim morar aqui e estou até hoje. Aí meu marido... nós tivemos um assalto a mão armada, ele enfartou, colocou ponte de safena e adquiriu hepatite C na transfusão de sangue. Aí de janeiro de... não, de novembro de 90 a janeiro de 2009 foi muita doença na casa, aí minha mãe também ficou doente, aí meu irmão que era do Banco do Brasil saiu do banco e entrou em depressão e eu fui cuidar de três, foi quando em 94 larguei tudo para cuidar dos três doentes. Eu passei a vida assim, cuidando de doente, de dia eu tentava trabalhar e a noite cuidava deles porque não tinha como pagar. Aí eu fui comendo, comendo, comendo e cheguei a pesar 116 quilos, tive 03 isquemias, 01 trombose e 01 infarto, aí eu decidi fazer alguma coisa. Aí os médicos diziam “ou você se cuida ou você morre e com quem vão ficar esses doentes que você cuida?”. Aí eu entrei num programa já em 94 em São Paulo, de obesidade, mas era muito longe pra eu ir de Maringá até lá. Eu consegui transferir o programa aqui pro estado, no HU e tive a sorte de entrar e ser aprovada por causa das doenças colaterais que eu tinha, mas eu tinha medo de fazer a cirurgia porque meu cardiologista não concordava e ao o doutor D. disse “ó se você continuar assim você vai morrer, se você fizer a cirurgia você pode morrer na mesa, mas se você escapar você vai ter uma qualidade de vida melhor”. Aí troquei o cardiologista na época e fui fazer. Mas aí eu fiz por corte e emagreci apenas 6 meses, eu não emagreci mais, eu tinha dificuldade no emagrecimento. Na época, um médico de São Paulo disse que eu tinha um problema da termogênese, aí depois eu fui pesquisar e é que a temperatura do seu organismo está aquém do

necessário para queimar as calorias. Aí é o que eu tava contando pra você, eu passei a cuidar da minha alimentação. Todos que fizeram a bariátrica, inclusive meu filho, engordaram tudo, tudo, tudo de novo e eu permaneço. Hoje eu permaneço assim, estou com sobrepeso, hoje eu faço assim, cada um ano está diminuindo um quilo. Porque eu tenho tendência à queleide, se eu fizer plástica, eu ganhei do SUS, vai ficar uma cicatriz enorme e vai sangrar porque aqui a do estômago sangra, eu tive que fazer várias raspagens porque a roupa passa aqui no calor e a pele fica muito sensível e sangra. Então eu tenho que cuidar da minha alimentação, o dia que eu pego no quilo mais que 300 gramas, porque eu sou gulosa, se eu comer, porque a gente consegue comer, dizer que o estômago está pequeno e não consegue é mentira, porque o útero também é desse tamanho e cabem 05 crianças. Eu cheguei a conclusão, que diminuíram meu estômago, mas ele é elástico. Então eu faço isso, como eu não tenho muito sono eu tenho vício de comer a noite, o que que eu fiz? Agora eu estou diminuindo minhas compras, porque eu estou sozinha agora, quando eu tinha que cuidar dos doentes eu comprava muitas coisas porque eu não tinha tempo e não dirijo e tinha que comprar, hoje eu estou sozinha, aí eu dou a desculpa de como eu não dirijo eu preciso trazer na minha mochila. Hoje, depois de 05 anos, eu estou acostumando a comprar menos. Então é isso, eu tenho que cuidar, não que eu não coma doce, sorvete, eu fiz restrições, tirei refrigerante, sorvete a cada 15 dias e olha lá, porque eu fui sorveteira e eu adoro sorvete, o pão infelizmente é todo dia, mas aí eu tiro o arroz e o macarrão, se eu como um não como o outro.

T: fazendo as escolhas corretas.

I: É, tem que fazer as escolhas e com isso eu estou mantendo o índice de não anemia, todos tem anemia e eu não tenho, faz 12 anos e a qualidade de vida melhor, não que seja perfeita, mas não é ruim. Hoje eu como o que faz bem pra saúde. Então está sendo dessa forma. Minha mãe morreu em dois mil e ..., meu pai em 77, minha irmã em 81, aí eu fui perdendo sogra, cunhada, iam tudo pra minha casa pra eu cuidar, em 2004 minha mãe faleceu, foi um vazio muito grande porque ela já morava comigo, em 2009 meu marido morreu, em 2011 minha nora resolveu sair de casa com o melhor amigo do meu filho, em 2012 faleceu o meu irmão. Foi um vazio muito grande e aí eu comecei a compensar tudo isso cuidando de outros idosos, voluntariamente, de graça. Só que eu senti que estava tirando a responsabilidade da família e existia uma farsa muito grande. Não que eu seja perfeita, mas eu procurei fazer com a minha família, como filha, como mulher, como mãe do meu filho e com o pai do meu filho fazer tudo que era possível e impossível. E esses que eu comecei a cuidar eu comecei a viver a farsa que eles viviam. Não cuidam e diz que cuidam, aprisionam, batem, maltratam. Ou eu tenho que criar inimiza ou eu tenho que ver tudo isso e aceitar que tenho que ficar quieta e dizer que os filhos deles são maravilhosos. E eu estou deixando sabe?! Dói muito deixar os velhos. Os que eu reabilitei estão muito diferentes de hoje pra quando eu peguei eles. Aí eu peço pra Deus que eu aceite a condição de que cada pai tem o filho que merece. Eu estou indo menos e estou sofrendo menos. Deixa a farsa acontecer... E nesse meio tempo, em 2010, surgiu a UnATI, então eu fui a sexta pessoa que chegou na fila para poder fazer a minha matrícula e lutei por esses direitos. Então eu venho fazendo a maioria dos cursos que eu posso fazer; todos eles tem um valor. Aí dizem “ah, você faz isso porque você tem tempo”, minha casa é enorme e ninguém vê que 04 horas da manhã eu estou acordada. Aí eu faço o que é possível, mas se hoje você for na minha casa você vai ver que eu joguei o sofá fora porque eu não agüento mais empurrar e limpar, joguei as cadeiras pesadas, estou com cadeira de alumínio e cadeira de área; tenho um quarto com duas camas que os tios idosos que quando vem dormem ali, tem o quarto que era do meu filho e o meu quarto. Joguei as colchas fora pra evitar mais peso em cima de mim pra lavar, uso essas cobertinhas do Paraguai, as coisas enormes já dei tudo embora. Então as coisas minhas são tudo fáceis. Na cozinha, por exemplo eu uso coisas elétricas, panelinhas pequenas, cuscuzeiras. Aí quando a mistura é muito difícil de fazer eu compro só a mistura. Mas eu faço meu arrozinho

japonês. Quando eu vou pra rua ninguém vê que eu acordei cedo e que as vezes na hora do almoço eu to lavando meu banheiro. “Ah, você tem folga”, não, mas eu não assisto novela, por opção, programações ruins. Meu filho tinha instalado aquela Sky, eu estava pagando a toa porque eu não estava usando, falei para ele “tira esses 100 reais porque com 100 reais eu compro muita fruta por mês”, tirei e estou aprendendo informática porque hoje em dia sem informática... só que é assim eu não sou viciada, chego em casa eu esqueço que eu tenho computador. Eu uso muito aqui na UEM para estudo e trabalho, mas não sou fanática. Vou para minha missa no domingo, faço as orações que eu tenho que fazer. Se você me convida pra sua religião eu vou lá assistir porque cada uma tem uma coisa bonita, só que não queira me converter porque eu quero tirar de cada uma... agora é hora de eu tirar o meu proveito porque todas elas tem uma coisa boa, sabe?! Então quando eu estou com a minha tia eu fico me cansando muito porque ela quer que eu me converta: “tia, o que é que nós combinamos? Eu vou com você, te acompanho, mas não vou virar você. Você é uma e eu sou outra”. Com a minha amiga é a mesma coisa. Não adianta porque meu coração só aceita que existe um poder superior acima de mim, que me ajuda e que tenho que agradecer a ele, que é a minha força. Porque por tudo que eu passei não é sozinha que eu consegui, mas não queria me dizer que a religião vai fazer você mudar. O meu filho, por exemplo, começou a namorar uma evangélica e foi muito bom, não tenho nada contra, excelente, porque ele estava se entregando à bebida por conta de tudo isso: perda do pai, perda da avó, perda da mulher; foram 11 anos de casamento e 6 de namoro, uma vida. E mãe não adianta nada, mãe é sem razão, mãe é chata, mãe é quadrada “deixa eu beber você não sabe a minha dor!”. E graças a Deus que encontrou uma moça que fez ele voltar para a faculdade e que fez ele entender que não entra bebida na casa dela, não está bom?

T: Ela cumpriu a missão dela na vida dele.

I: É, não interessa se ela é... é todo dia? Meu filho. Então hoje eu estou assim: aproveitando as coisas boas que a vida oferece.

T: E você falou que alguns idosos falam pra você que as vezes você tem tempo de sobra?

I: Todos eles. Todos dizem: “ah, é claro, você está rica. Você não tem o que fazer na sua casa”. Eu moro numa casa enorme, só que assim, eu optei... porque o único herdeiro agora é meu filho, nós ficamos com muitas dívidas quando meu marido ficou doente. Eu ia fazer uma reforma, fui calcular a reforma e a minha casa serve pra eu dormir e pra eu me esconder, eu não dirijo, o carro fica na garagem. Eu optei o seguinte: o dinheiro que eu ia usar na reforma eu vou viajar e optei por uma coisa mais barata que eu gosto que é ônibus, avião eu tenho muito medo, muito pânico, eu vou sim, quando não tem outra saída. Mas daqui até Gramados você vai de avião até Porto Alegre e de lá tem que alugar um carro pra chegar em Gramado. Porque fazer isso? Eu vou direto de ônibus pra Gramados, quem quiser vai de avião e lá em Gramados fazemos os mesmos passeios. Mas também eu faço assim, é a segunda vez que eu vou, já fui com o meu marido. “Mas de novo você vai pra Gramados?”, vou! Por que eu vou aproveitar o mesmo ônibus e o mesmo hotel que são caríssimos e os passeios que eu gostei, que foi o turismo rural e um show que tem lá, o restante eu vou fazer todos os passeios diferentes. Eu já comprei os ingressos, os que eu não comprei vou chegar lá e já sei como comprar. Então não tem esse “de novo?”; Fortaleza eu voltei três vezes, mas todas as vezes foram diferentes, eu aproveito o pacote. A mesma coisa foi pra Recife, estou pra ir de novo, eu não gosto de ficar mais que 07 dias, você vai enjoando da comida, vai enjoando, não é?! Então eu quero fazer em 07 dias o que o rico faz em 6 meses lá, o holandês fica 06 meses lá. Eu quero viver intensamente. A minha vida de gata borralheira acaba quando eu embarco, aí eu vivo 07 dias de princesa e volto a ser a gata borralheira. Mas porque eu planejo. A minha vida é atribulada porque quem faz as coisas de ônibus ou a pé, porque o taxi está caro, você perde muito tempo. Então todos os dias eu planejo o que é prioridade. Hoje, por exemplo, eu tinha a menina, você e depois a tarde eu tenho

inglês e aí eu vou emendando, tem o inglês, informática e tem o dentista. Então meu almoço já está pronto, prontinho, só falta esquentar. Eu tenho que planejar, se não não dá certo. Se eu chegar atrasada em algum encontro é que alguma coisa muito séria aconteceu. Eu cheguei aqui era umas 15 para as 8, o horário dela era às 8 e ela chegou às 8h30, foi atrasando tudo. Se uma atrasa aí tudo vai atrasar. E no cineuem, na segunda feira aqui no negócio da pedagogia eu já não venho porque eu chego 7 e pouco do dentista, mas eu acho chato chegar atrasado, mesmo em silêncio, atrapalha. Eu fico com vergonha, como tenho vergonha de pedir para sair mais cedo, só quando eu tenho médico que não dê para mudar. Eu sou muito meticulosa assim, muito organizada. Deixa eu te perguntar... talvez seja isso, esse medo do ridículo que não faz dirigir. Eu acho que eu penso que se eu dirigir mal e alguém buzinar para mim eu vou me sentir ridícula. Agora estou fazendo uma ponte, porque eu preciso vencer essa barreira. E quem vai me ajudar a vencer essa barreira? A própria vida! Primeiro eu era muito gorda, então o que acontecia? O volante não dava, aí eu emagreci. Alguma coisa tem e eu tenho que vencer. Então de vez em quando eu faço essa ponte, viu Taiane, eu preciso vencer esse bloqueio. O que mais você quer saber?

T: Você falou da sua experiência e que hoje você tem essa força e determinação para vencer e você acha que os outros idosos, de modo geral, que você convive na UNATI, eles também tem essa garra de vencer e essa determinação?

I: Todos querem sim, mas eu vejo muita imposição [por parte dos próprios idosos], “fazer valer a minha vontade e não a sua”, “eu quero falar, não importa o que você vai falar por que eu não quero te ouvir”. Mas, sabe, eu aprendi a não retrucar mais. Eu fico quieta. Sabe? [...] Existe um problema. Por exemplo o PROCERE não é UnaTI e eles estão achando que já estão no direito e que estão matriculados, aí eu cheguei na direção e disse: “T. eu não concordo porque vocês abrem a matrícula, tem um número de senhas, tem gente que está a 03 anos tentando entrar e ainda não entrou porque se está definido que é dessa forma tem que ser até o fim”. Aí lá vai eu porque falaram que fui eu que dei a ideia, viraram a cara. Não é por aí. Taiane, eu sou muito racional. Por exemplo, eu estou desde 2010, pego vários cursos e você não pode repetir os cursos aqui dentro, se eu for lá no dia de pegar a senha número 400 eu vou ficar com a última vaga, vou esperar todos os outros 399 escolherem, o que vai sobrar para mim? Nada e eu não vou poder estudar. E eu sou uma pessoa que quando eu assumo eu venho, então é um contrassenso, mas eu aceitei porque é a regra do jogo, então eu vou vir. O ano passado eu só peguei os cursos que eu já fazia, por outro lado quem pegou os bons não estavam vindo. Então o que o velho, o idoso quer? Eu sei que ele é a pessoa mais importante, como eu acho que eu sou importante para mim mesma, mas vamos respeitar.

T: Porque você que acontece esse jeito de ser do idoso?

I: Egoísmo e vaidade. Ele é muito egoísta porque só pensa nele e na família dele. A vaidade porque: “eu estou aqui, eu tenho esse direito”. Mas eu conjugo o verbo: “nós estamos aqui, todos nós com as mesmas condições. Todos nós temos os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades, deveres e compromissos”. Deveres eles não usam, eles só usam os direitos. Eu dou muito valor à UnATI, muito valor. Tanto é que quando tem algum material dela eu distribuo, só que eu não quero ficar na coordenação. Cada curso tem um coordenador, eu não quero porque eu brigo muito. Eu prefiro ficar na retaguarda e trabalhar na UnATI no que precisa. [...] Eu enalteço o trabalho da UnaTI. O idoso acha que tem idade e tem o direito de dizer o que não deve e todo mundo dizer amém? Então, não fale perto de mim. Por eu acho que as vezes é melhor ficar quieta, mas se eu disse algo que não é verdade eu quero que você me corrija.

T: Eu percebi em você um senso de justiça muito grande. Você falou dos idosos que os filhos não cuidam, que maltratam e que tem falsidade. Eu vi que você identifica muito essas injustiças que acontecem. De alguma forma, você sente a necessidade de fazer justiça.

I: Cada um na sua. Eu tenho um filho só, eu podia fazer chantagem emocional: “Ó, eu estou sozinha”. Quando meu marido morreu eles vieram para a minha casa, meu irmão e ele, e começaram a determinar as coisas. Meu marido morreu na sexta, ele ficou 19 anos doente, na segunda-feira eu disse para eles “estou bem, cada um volta para a sua casa e quando eu precisar de vocês eu vou atrás. Não estou sendo nariz empinado, mas cada um vai interferir de maneira doente na vida do outro, não é assim que eu aprendi”. Deu briga, choraram. Quando meu filho separou da mulher ele caiu na bebedeira e encontrei ele várias tombado e trouxe ele para a minha casa. Mas ele sempre foi criado muito independente. Aí chegou um ponto que ele falou: “mãe eu estou entrando muito na sua vida, deixa eu voltar pra minha casa e quando você precisar me chama”. Então dá a impressão que eu não ligo para o meu filho e que ele não liga para mim. Não, nós somos independentes, cada um na sua, se tem que dizer diz, tem as mesmas rugas, tem as mesmas brigas, um fica de cara virada para o outro. Então esses dias aqui no inglês – eu faço inglês junto com a graduação, como ouvinte, todos jovenzinhos e eu sou a mais velha – e aí eles perguntaram como era o relacionamento deles filhos morando longe dos pais, em outra cidade. Aí eles falaram e chegou na minha vez: “e você que não mora com o seu filho, como você faz?”. Eu falei: “eu estou a toa, tenho 24 horas a minha disposição”. Nas aulas e no médico eu não uso celular e já não sei usar muito celular, então ele fica desligado. Meu filho me passou uma mensagem: “mãe, eu vou te tomar o celular, já que não tem proveito nenhum”. Aí eu respondi para ele: “mas porque tem e-mail e *facebook*?”. Ele disse que eu não estou o tempo todo no *facebook* e quando precisa falar comigo eu não estou e eu disse: “quantas vezes eu preciso falar com você e não consigo?”. Então agora quando eu fico muito tempo longe eu mando mensagem: “to UEM, sem celular até tal hora”. Então quem vê esse nosso relacionamento comenta. Esses dias alguém me falou “nossa, mas eu não vejo seu filho te papericando, não vejo seu filho te levando para um lugar ou outro”. Gente, ele trabalha como autônomo, se ele não trabalhar ele não paga as contas, se ele não trabalhar ele não ganha, ele ganha o dia trabalhado. Ele tem reuniões com clientes, já pensou a mãe toda hora telefonando?! Eu sempre procuro marcar os meus médicos no horário que tem ônibus, em último caso eu pego o táxi, mas o táxi é muito caro. Eu estou errada Taiane em ser assim? Eu sou criticada.

T: Eu acho que nós somos acostumados, de modo geral, a ter um formato de relacionamento, mas você encontrou outra maneira de se sentir bem. O mais importante é você se sentir bem e o seu filho se sentir bem com isso.

I: Eu me sinto mal com os comentários, sabe?

T: Mas as pessoas falam mesmo porque as pessoas tem uma visão muito limitada e as coisas tem que ser só desta maneira, o que foge dessa maneira as pessoas criticam, mas não quer dizer que o que foge desta maneira está errado.

I: Toda vez que eu encomendo pão feito em casa eu encomendo um para mim, para meu irmão, meu filho e para a namorada dele. Aí esses dias eu mandei meu irmão levar dois pães e ele devolveu: “tá vendo, seu filho não come pão feito em casa”; “ué, mas se ele devolveu é porque ele não quer, melhor assim, eu dou para outra pessoa”. Mas aquilo ficou me encomendendo porque depois ele veio e disse: “tá vendo, seu filho está bravo com você”. Aí eu fiquei pensando... será que eles tem razão e eu que não vejo?. Aí hoje eu tive um velório e fui, aí eu escrevi hoje no e-mail: “Bom dia! Uma boa semana para você, bom trabalho, bons estudos para você e para a F. Um abraço.” e coloquei no e-mail. Aí se eu contar isso para as minhas amigas elas vão dizer: “ah, mas é fuga, porque você não telefona?”. E se eu telefono e ele está em uma reunião?. Aí ele vai falar: “isso não é hora de ligar”. Mas eu fico pensando que eu não vou mais voltar a dar confiança para o que os outros dizem.

T: Você tem que analisar a sua consciência e o seu coração.

I: Porque olha gente, eu vejo as minhas amigas e elas ficam esperando os filhos e dizem: “eu não vou de coletivo”, elas chamam. “Porque?”; “Porque eu tenho vergonha”. Aí eu falei, meu Deus do céu, será que eu sou a errada? Porque eu pego ônibus, vou para baixo, vou para cima. Pego minha mochilinha vou fazer compras, trago as coisas. Eu faço pastel e as vezes eu falo: “filho, está prontinho”. As vezes ele entra em casa, porque tem a chave, e eu nem vejo ele entrar. Será que isso é estranho? A única coisa que pode acontecer é um dia eu morrer na minha casa e ele me encontrar podre depois de dois, três dias (risos). Eu fiquei muito preocupada ontem, eu comecei a me preocupar. Eu não sou muito de carona, se eu não posso ir de ônibus eu pego um táxi e vou. Aí como tinha esse velório e meu filho não podia ir eu pedi para o meu irmão. Mas eu não gosto de pegar carona, sabe porque depois: “ih, de novo vai pegar carona? Ih, porque ela tem carro?”. E o idoso, tudo ele acha que é por pão durisse. Quando eu viajo daqui para algum lugar eu sempre ajuda na comida e no pedágio, é o mínimo que eu posso fazer. A gente vai fora, por exemplo com essa minha amiga, às vezes o marido e a mulher vão trabalhar: “vamos comigo de companhia?” eu digo: “vamos”. Ai na hora do almoço ele fala: “eu te convidei, eu vou pagar o almoço”. Eu falo assim: “E. na minha casa eu não tinha que estar pagando o meu almoço? Você me convidou para vir junto, se eu aceitei o vir junto é uma coisa o almoçar é outra, o almoço é por minha conta”. É estranha essa atitude? Eu acho que não. Eu não estou aproveitando dos outros. A única coisa é que eu não pago a viagem porque de todo jeito ele tinha que ir para Cianorte fazer um projeto, a mulher ia ficar sozinha dentro do carro, mas nós ficamos as duas conversando. Aí eu já levo fruto, água, ela leva também, se der fome alguma coisa a gente come dentro do carro e depois nós fomos almoçar no restaurante, cada um paga o seu. Ele paga o da mulher e eu pago o meu. Naquilo ele me olhou estranho e eu pensei: “ele não vai me convidar mais”. Ai outra vez ele me convidou e eu fui. Aí a mulher dele queria ir numa loja que viu umas roupas bonitas e ela disse: “você sabe ir”; “eu sei”, aí nós pegamos o rumo e fomos a pé: “vamos a pé, já que você não anda de coletivo porque tem vergonha, vamos a pé”, aí nós fomos a pé, ela quase morreu. Mas aí já não estranharam muito na hora do almoço: “deixa que eu pago o seu?”; “o que eu falei E.? Eu só não vou pagar o carro hoje porque eu fui convidada para fazer companhia, mas se você quiser eu pago, eu sou pobre, mas meu orçamento está todo arrumadinho”. Porque uma coisa é você ter muito dinheiro e o dinheiro não fizer falta e outra coisa é você ter um orçamento e dentro do orçamento fazer aquilo que o rico faz. O que o rico faz entre aspas porque nem sempre o rico faz o que você faz, viu? Tem gente que vai lá para Dubai, tudo bem porque o dinheiro dá, mas as vezes num passeio pequeno aqui não vê as belezas.

T: A maior felicidade não está nas coisas.

I: Eu vou no Quenion do Guartelá agora e estou toda feliz. Meu filho falou: “mãe, você não vai aguentar andar lá”. Eu não vou aguentar mesmo, porque eu tenho um problema no joelho, mas o que eu vou fazer? Vou levar minha cadeirinha que dobra e quando me der calor eu sento e fico. Eu vou, não quero nem saber.

T: tem uma descida muito grande lá, na subida é difícil, mas eles tem uma Combi para levar crianças e idosos.

I: Eles pediram para levar 95 reais e muitos reclamaram. Olha para você ver, quando eu fui falar, não tinha vaga e a N. falou “não vai ter I., primeiro porque você não faz o curso, segundo você não é representante de turma Aí eu falei: “Ah é! Eu não sou representante de turma, mas será que o representante de turma faz tudo aquilo que vocês me pedem e eu faço com amor e carinho? ”. Aí ela falou: “Nós vamos tentar por você em uma vaga”. E aí depois disso ainda sobrou 10 vagas. Porque? Porque eles acham que a UnATI tem que pagar tudo e aí sobrou vagas. Eu acho que as despesas pessoais tem que ser sua. Esses dias uma turma da UnATI ia comer fora e a gente dividia por número de pessoas, o que aconteceu? As vovozinhas levavam

os netinhos e os netinhos não entrevam na contagem, entendeu? E só queriam McDonalds, aí eu parei e disse “olha, vamos fazer diferente? Cada um paga o seu?”. Aí eles falavam: “ah, porque você fez a cirurgia bariátrica você come pouco?”, eu falei: “não, é questão de justiça”. Ai elas pararam de levar os netinhos. Porque o que fica caro são as bebidas e aquele lanche que você não come, pede isso, pede aquilo e não come. Como era dividido tudo igual os homens pediam whisky e eu bebo água por opção. O que aconteceu? Eu como o mesmo tanto que o outro, ainda levo lanche para a casa e pago um terço que o outro. Só que eu vi que diminuiu, toma cerveja e não mais whisky e no lanche os netinhos não estão mais indo e a mulher não toma um refrigerante, antes tomava uma jarra de suco. Então, o que é isso? É aproveitar dos outros e eu acho que isso não está certo. Então a gente faz assim: cada um paga o seu ou então vamos levar o lanche. Só que quando tem que levar o lanche mandaram cada um levar o seu lanche e eu mandei fazer 60 salgadinhos de um tipo e 30 do outro, 90, então dá pra muita gente comer, mas cada um leva o seu. Só o que aconteceu? Que vergonhoso. Os que menos precisavam pegavam assim no braço o que sobrou para por na sacola. Eu fiz o contrário, eu estava colocando numa bandeja e um colega meu: “ih, vai levar para a casa?”, eu disse: “não, você fica aqui pertinho de mim que você vai ver o que eu vou fazer”. Fiz as bandejinhas e deixei para os estagiários porque a maioria é estudante e estudante passa uma vida muito difícil. Mesmo que a fama fique eu não me importo: “Ah, a I. fez um pacote para ela”. “Não, não fiz” e minha consciência sabe disso. Porque o estagiário, não que ele seja mais pobre que nós, mas ele está as vezes trabalhando a 12 horas por 300 mirrados reais, está se desdobrando para nos ensinar e aquele lanchinho não vai fazer falta para nós, para ele pode fazer porque aí a tarde ele toma o café reforçado e uma delas disse: “vou levar para o meu marido porque eu não tinha nem janta feita em casa”. Mas eu tenho certeza que alguém olhou e falou: “olha vocês viram a I. fazendo o prato?”. Só que eu vi e várias pessoas viram que foram no corredor colocar salgadinho dentro da sacola, gente solteira, com três aposentadorias, que não precisaria. Por que eu sei, eu investigo a vida, sabe? Fui bem pensando... Dia das crianças fui na graduação e dei pirulito, as bexigas eu não dei porque eles começaram a comer o pirulito durante a aula porque a professora consentiu. Ai as bexigas eu falei: “olha, nós somos crianças hoje, eu trouxe três bexigas, mas vocês só vão brincar na hora do recreio”. Eu gosto desses espírito, sabe, eu gosto. Os professores da informática, todos os dias eu levo o lanchinho dos dois. Eu compro pão e levo tudo prontinho, se eles não querem comer naquela hora eles comem a tarde. Os ex professores passar e falam: “I. o que você tem aí?”. Eles sabem que se eu tiver alguma coisa eu dou. O lixo passa e eu dou, eu tenho pena, eles trabalham muito. Aquele pessoal da dengue, depois que eles fazem a inspeção toda, aí que eu falo: “tem bolachinha, separada para vocês, vocês querem levar?”, “nossa, você não sabe a fome que a gente está”. Então eu faço, mas não faço isso com o intuito de aparecer. Eu faço porque eu acho assim que eu como pobre nunca passei fome, mas eu passei muita vontade de comer as coisas. Você não tinha as coisas na hora pra cozinhar e minha mãe se desdobrava para fazer. Minha mãe comprava uma peça de pano, chitão e forrava, fazia lençol, fazia forro de colchão e fazia vestido. Só que minha mãe era muito caprichosa, ela fazia o vestido de alcinha, de manguinha, bordadinho, pendurava uns balangandã, então ficava diferente. Mas na escola diziam: “nossa, na minha casa minha usa isso para fazer forro de colchão”. Minha mãe era analfabeta, mas ensinou a gente a dizer assim: “na minha casa minha mãe forra o colchão, faz o lençol e ainda faz a roupinha”. E calcinha minha mãe fazia com saco de açúcar. Amigamente a farinha e o açúcar vinha em saco de 60 quilos. Então aquele pano, não tinha Q-bola, alvejava no sol e fazia as calcinhas para a gente. As meninas falavam: “sua calcinha é de saco”, mas eu era exibida e falava assim: “ah, mas ela é tão limpinha, todos os dias a gente troca”. Eu não sabia o que responder, entendeu? Era verdade o que eu dizia: “está tão limpinha, foi minha mãe que costurou”. Aí minha mãe punha perninha, elásticozinho, sabe? Botãozinho, para fazer as calcinhas diferente. Minha mãe tinha essa coisa que eu não sei, que é trabalhar com máquina. Só que minha mãe nunca deixava a gente

responder mal, tinha que engolir do que responder mal, hoje é que eu estou mais mal criada, eu não tenho mais minha mãe que cuida, nem meu pai, nem meu marido, mas a gente sofre muito. Nossa, como eu fui discriminada porque era gorda. Não davam carona para mim, eram quatro no carro e diziam: “não, aqui não cabe, você está muito gorda”. No ônibus eu não passava na catraca. Eu ia fazer a unha e a pessoa dizia: “Ah, mas seu pé é muito pesado, não dá”. Só que eu sempre fui a cliente que sempre paguei. Então hoje, por isso que não deixo falar mal do gordo. Nossa estagiária ela é bem obesa e foram reclamar dela, eu falei: “gente, mas vocês viram como a F. é ágil? Olha no *facebook*, ela dança mó bem”. Aí falaram: “ah, deve ser um estrupício”. Eu disse: “eu acho que não, se ela dança balé e participa de concurso é porque ela é ágil” e olha que já mudou o conceito dessa professora, “viu como ela faz exercício que a gente não faz?” Porque como obesa eu fui muito discriminada.

T: É interessante você falar isso porque então eu entendo o porquê do seu senso de justiça tão grande.

I: Eu fiz Direito para poder melhorar, mas não exerci. Eu fico com pena. Muito magro eu também fico com pena. Sabe, mesmo assim eles ainda dizem: “Ah, mas você ainda está gorda”. O médico também disse que eu estou gorda, mas é opção minha. “Ah, faz plástica”, eu não quero, eu estou tão bem assim, me incomoda porque sobra, mas eu preciso me aceitar como eu sou. Olha, graças a Deus, eu tinha três papadas, eu não fiz nada no rosto e papada desapareceu. Tem gente com o pescoço muito mais feio que o meu. Eu uso roupa sem manga, aqui fica mole, mas é só tomar cuidado porque isso aqui bate e faz barulho. Se você vai correr a coxa também bate. O que eu optei? Eu não gosto do mar por causa da micose que eu já peguei, eu faço os meus maiôs, todos eles de perninha. Então, eu faço assim, eles vem até aqui, porque aqui está flácido e aí o que eles falam? “você virou evangélica?”. Digo: “virei”. Na hidroginástica tem duas opções: eu tive um câncer de ovário com 20 anos, meus pelos caíram todos, então tenho duas opções, eu usando essa calça não preciso fazer depilação, então eu parto para a gozação. Ah, deixa eu te falar o que eu lembrei... Uma psicóloga que eu procurei quando eu tive derrame, em 1994, ela atendia no hospital em Sorocaba, ela era peruana, ela falou assim para mim: “sabe porque você é gorda desse jeito? Porque essa capa de gordura te dá força. Por trás disso seus problemas ficam todos encaixados ali”. Isso em 94, eu quase não entendia o que ela falava, foi aí que eu comecei o processo de emagrecimento. Nunca mais eu a vi. Aí eu sempre procurava psicóloga estrangeira, quando eu fui no H.U., sem saber, eles me colocaram com um a estagiária gringa, ela era argentina, Silvia Cuesta e ela foi minha orientanda na época da cirurgia. Aí eu contei para ela a história, esses dias atrás eu encontrei ela, a placa dela, perto do bosque. Então eu cheguei nesse ponto que eu não entendia. Minha mãe e meu pai não me deixava responde, eu levei um tapa no rosto, quando eu tinha 20 anos porque eu comecei a namorar um brasileiro e meu pai não admitia, ele disse: “ou você decide e sai ou você vai sair de casa”. Eu disse: “olha pai, gosto muito de vocês, mas...” Olha, com 20 anos eu já tinha uma faculdade, já tinha passado no concurso para o estado e falei: “vou optar por sair de casa”. Ele me deu um tapa no rosto, na frente de todo mundo, de todos os meus parentes. Eu só abaixei a cabeça e falei: “eu fiz por merecer”. Mas a partir daquele dia eu me casei logo em seguida, casei até mais rápido por causa disso. Eu saí de casa casada porque naquele tempo o povo falava muito, se você não era virgem eles falavam, se você esperasse neném eles falavam, se casasse com brasileiro eles falavam, se você casasse com uma pessoa analfabeta eles falavam... então, tive que sair casada. Mas aí foi dessa parte que eu percebi realmente, que você me falou uma coisa muito importante, que é o senso de justiça. Porque eu fui fazer direito porque não passava no concurso para o Banco do Brasil interno, todo mundo passava e eu ficava, ficava. Aí um professor amigo meu falou: “eu vou fazer a matrícula sua aqui na UEM eu quero ver se você não passa”. E ele fez e eu não vi que curso que era, quando eu vi direito eu falei: “professor, eu não vou passar nesse”. Ele falou: “claro que vai, você escreve muito bem, você redigi muito bem, como você não vai passar?”.

No dia que eu vim fazer o vestibular morreu a sogra do meu cunhado e meu marido não queria que eu viesse fazer o vestibular, eu falei: “não, agora eu vou fazer”. Morreu, morreu, ninguém faz nada, o coveiro enterra. Eu fiz o vestibular, passei, mas não exerci. Fiz na UEM, cinco anos. Cuidando do meu filho, trabalhando, mas nunca deixei interferir. Na UEM aquela época pagava, eu fiz e não passei no concurso do Banco do Brasil, fiquei como nível básico e fiz mais o curso de Direito, só por fazer porque eu pensei: “meu Deus, se amanhã eu precisar de uma profissão eu já tenho”. E outra, para o meu eu foi muito bom. Dava a impressão que eu não passava, não passava. Porque eu era boa em português? Porque meu pai era japonês, veio com cinco anos, minha mãe veio com 03 meses. Meu pai, quando ele veio para o Brasil ele disse que os filhos deles não teriam nomes japonês e não estudariam na escola japonesa porque se ele adotou o Brasil como pátria, primeiro o Brasil. Então, a gente sempre se saiu muito bem em português. Nós não temos, mas todos meus primos tem nomes japonês. Meu nome ele escolheu, porque meu pai era analfabeto, mas falava muito nos índios, morava na terra dos kaiuás e lá diz que tinha I. [nome dela] Poti, mas Poti ele achou muito feio e colocou I.. “Ela parece uma índia”, diz que ele falou assim e minha mãe chorou tanto porque disse que não queria que pusesse nome de índio que ia ser discriminado. Meu irmão é G., o outro é S. e a M. e meu pai mandou escrever com ‘Z’ porque ‘S’ era muito comum. Então meu pai fez realmente isso e era analfabeto, mal sabia escrever o nome dele. Minha mãe tinha o quarto ano primário. Só que meu pai era muito bravo, minha mãe era muito rigorosa. Aí se você respondesse alguém, como o professor. Eles cobravam muito, tudo o que se tinha que fazer era perfeito, mesmo que você demore, você vai descascar uma laranja, tinha que tirar aquela casca inteirinha, não podia quebrar a casca. Era tudo na perfeição. Uma vez meu irmão trouxe uma lata de óleo vazia para a casa, apanhou tanto. Meu pai disse: “você não podia ter pego isso”, “mais eu peguei do lixo”, “não interessa, você vai voltar e deixar no lixo”. E tinha uns isqueiros que acabava a pedra e a pessoa jogava, a gente catava, guardava para brincar. Meu Deus, era trazer um daquele e o pai descobrir que batia de sair sangue. Nessa parte ele era muito rigoroso.

T: Você acha que você internalizou essa cobrança dos seus pais? Você se cobra muito?

I: Eu cobro a perfeição. Já o meu filho não. O meu irmão, o segundo era menos, o terceiro, que esta vivo, esse é mais ainda, ele é oito anos mais velho do que eu, ele é tão perfeito que acha que não tem mulher que serve para ele, ele até hoje está solteiro. Aí eu perguntei para o meu filho: “será que ele é boiola?”, “ê mãe, é nada, ele sai por aí, você é que não sabe”. Aí sobra pra mim porque amanhã ele vai ser meu dependente ou vice-versa, de repente eu é que vou precisa dele. Agora não, mas antes ele vinha todos os dias tomar café da manhã comigo. Por isso que eu falo que agora, se eu morrer, eles vão me encontrar três dias depois morta, porque ele vem na quinta e no domingo. Quinta-feira é o dia que eu tiro para lavar as calçadas, então ele me ajuda a jogar água e meu filho mais é por e-mail que a gente conversa. Meu filho trabalha cedo e as vezes vai levar a namorada em Mandaguçu. A família me trata super bem, mas eu acho que eu ir sempre lá eu tiro a liberdade, porque é na casa dela e eu tenho que vir embora aí ele que vir me trazer, não admite que eu venha de ônibus se ele esta com o carro lá, aí eu tiro ele de lá numa hora que ele podia estar namorando, então eu vou no Natal, um aniversário. Porque é um saco ficar na casa das pessoas, não gosto nem da minha, eu gosto de andar, eu gosto de liberdade. Quando não tem nada para fazer eu fico andando aqui na UEM, não ando mais porque tem muito assalto aqui, está feio. Eu aprendi, porque eu já fui assaltada na rua varias vezes, eu ando com aquela mochilinha, com água e comida e essa pochete com documento tudo xerox e tem que andar com o cartão de crédito e o celular, remédio e a pasta. Eu á perdi um *tablet* aqui na cantina, fui lavar a mão, voltei e não percebi, aí cheguei em casa abri a bolsa e não tinha.

T: Você mencionou que teve cinco gestações, é isso?

I: Seis confirmadas, porque as outras eu não sei te dizer se houve ou não. Esses abortos foram

confirmados. Teve um que foi seis meses, teve dois que foi até o sétimo, esse meu é de oito e depois dele eu tive mais dois. Esse menino que eu tenho ele não mexia fazia 15 dias e eu não queria que eles tirassem por baixo, como eles fazem, porque eu achava que ele estava vivo e quando fez a cesárea eu estava com eclampsia e nefrite, ele estava vivo. Não tinha muito recurso, será que os outros não estavam vivos? Aí foi a hora que eu fui para seicho no ie, pro candomblé, para várias religiões procurar uma explicação. Aí todas as explicações que eu tive, graças a Deus, foi a seguinte: que eram crianças mal formadas que não viriam ao mundo. Aí o espiritismo me explicou que, por isso que eu disse que cada religião tem sua contribuição, tem seres que tem uma passagem muito curta pela vida, eles precisam do útero para desenvolver uma certa parte, cumpriram a missão e se vão. Com isso, eu comecei a me fortalecer. Teve um do candomblé na Bahia, não, foi o Chico Xavier que me disseram pra mim assim: “Filha, missão é missão, você foi eleita para uma transição de maternidade”. Então você vai fazer o seguinte, é como se você tivesse tido seis filhos, coloque o nome deles como se servisse para homem ou para mulher e aí você pede para rezar no finados a missa deles. Então eu nomeava Darci, Juraci, Valdenir, tudo nomes assim. Então eu pedi na missa de finados para eles durante algum tempo. Não que resolveu, mas foi dando um alívio e uma explicação para mim. Foi aí que eu achei assim que não é para fanatizar nada, todas elas tem uma explicação, todas elas não me deram aquele lado do castigo, que Deus castigou. Porque você vai na católica e eles falam que é algum castigo, que é o seu carma, muito pecado. Por isso que eu não admito quando uma pessoa diz: “olha, vê isso, doença não existe, maldade não existe”. Claro que você está vendo maldade, você tem que pedir para que alguém sempre te afaste de alguém que queria fazer o seu mal, mas não com isso que ele vai te afastar, não fique esperando que vá. “ah, vou ficar ali embaixo porque sei que Deus não vai deixar que o raio caia na minha cabeça”, fica lá pra você ver, via cair o raio, você se protege, você vai mexer com eletricidade, tome cuidado, se não vai tomar um choque, entendeu? Então eu não gosto de nenhum fanatismo e não quero fanatizar. Hoje, por exemplo, eu trabalho com voluntário porque eu não quero ter mais compromisso com dia, horário e gente me mandando, mas não é por isso, é sabe porque? Se eu ficar fixa, do jeito que eu me conheço, CDF, tudo vai cair para mim e a responsabilidade dos outros? Aí na hora de aparecer, nós fizemos, se está errado foi a I. que fez. Então, tais dias e tais dias eu posso. “Você quer um cargo?”, “não, eu trabalho melhor sem cargo”. Você quer saber quem é uma pessoa? Dá o poder pra ela! Eu não quero cargo.

T: Você me contando tudo isso, o que eu percebo: você tem uma história de vida, você viveu muitas coisas difíceis e você teve que resistir, então, você desenvolveu dentro de você capacidades para lidar com isso, é o que a gente chama de resiliência na Psicologia.

I: Pois, é. Quando eu falo que sou aposentada do Banco do Brasil eles acham que [inaudível]. Não, eu tenho 20 anos de BB, 25 anos INSS, porque naquela época não registrava assim. Minha família ficou doente e eu tive que tomar uma posição: ou eu saio agora ou eu vou deixar eles morrerem à mingua, e eu sai. Eu peguei uma aposentadoria proporcional ao INSS. É pequena. Aí nesse meio tempo eu vendi chinelo, vendi salgadinho, mas eu não podia falar para o meu marido que estava vendendo salgadinho para fora porque ele era nariz empinado, eu dizia que era doação, que o pessoal do banco me pediu 700 ou 800 salgadinhos. Eu desenvolvi receitas baratíssimas e saborosas. Deixava tudo pronto e eles vinham buscar. Combinei com eles: “depositem na minha conta”, para ele não perceber. Eu vendia chinelo, vendia roupa, vendia tudo. Aí depois eu fui deixando. O que que aconteceu? Minhas amigas ganham 10, 15 mil, a outra 40 e eu 2 mil, mas dá muito mais do que aquilo que elas ganham. Porque eu tenho que aprender a viver com o meu orçamento e fazer tudo o que eu poço fazer. Tem pessoas que não comem isso porque é caro e vai fazer falta, mas compram celular de três mil reais. Então, são coisas assim. Eu não tenho essa vaidade, sabe? Eu tenho minha roupinha de usar normal, na hora de sair já tenho uma roupinha melhor. Eu desenvolvi uma coisa para facilitar a minha vida,

no momento em que eu joguei meu sofá fora porque não tinha mais força para empurrar pra limpar embaixo, para ficar passando aspirador. A cadeira de área eu levo lá fora, jogo uma água. Criticam? Criticam! Os parentes vem aqui: “ah, aqui não tem conforto”. Eu falo: “você quer conforto? Fica na sua casa!” Eu falo dando risada, antes eu sofria com essa agressão, hoje não. “Nossa a sua casa é bagunçada”. “A sua não é? Então fica lá porque eu nem na minha casa eu fico”. Tem hora que eu não sei onde estão as coisas. “Minha casa é suja? Então não venha comer aqui! Porque eu como e estou resistente”. E eu falo assim: “se sujeira matasse favelado não existia”. Não é que eu sou suja, é que eu tirei tapete, tirei tudo. Quando eu vou fazer fritura eu coloco um papelão no fogão e na pia porque a gordura cai ali e seca e eu jogo no lixo. Agora é feio? É feio? Então, não vem aqui! Eu tenho que ter uma vida prática. Por isso tenho todo tempo do mundo. Eu nunca falo: “ah, eu não tenho tempo”. Outra coisa que o médico proibiu foi de comer na frente da televisão, eu sou o contrário, se eu tiver comendo só naquela mesa sozinha, não sei se é a saudade da família, me dá muita tristeza. Então na frente da televisão eu mastigo mais, sento, descanso, sabe? Então eu procuro fazer aquilo que não pode de uma forma que pode e que não me prejudique. Agora se é bem é você que vai me dizer.

T: Como eu estava dizendo, não existe uma verdade absoluta de como ser e existir e como viver a vida, existem verdades diferentes. Cada um tem que encontrar a sua verdade, aquilo que satisfaça a sua necessidade, o seu desejo, que te traga satisfação.

I: Eu vou no restaurante sozinha, entro, sento, como e pago. Ônibus eu não tenho vergonha. Aqui na UnATI eu reencontrei amigos de infância e no *facebook* eu reencontrei pessoas que faz 50 anos. Elas me encontraram porque eu não sabia mexer. Nos encontramos, marcamos encontro na cidade, aí eu não gosto de incomodar as pessoas e fico no hotel, na pousada, a gente sai pra passear. Eu tenho uma amiga que está riquíssima, riquíssima, riquíssima. Nós éramos vizinhas, morávamos de frente. Eu, pelo contrário, casei com uma pessoa humilde, ficou doente por 20 anos e não me deixou bens materiais, mas me deixou uma coisa muito linda, que foi um filho. Eu não tenho mágoa. Se você me xingar, me bater, quiser me matar, eu falo assim, comigo mesmo: ‘Aí Taiane, de alguma forma eu te provoquei. Ou com o meu olhar, ou com a minha feiura’, então eu penso assim: “aí Taiane me perdoa, não era minha intenção”. Porque um dia vai acontecer isso. Eu não sei se eu sou louca, de repente eu penso que sou louca. Aí eu vou na Sociedade Médica e eles me perguntam: “O que você veio fazer aqui, você tem algum distúrbio?” Aí eu falo: “olha, eu acho que todo mundo tem um distúrbio mental, só que eu não posso deixar que o distúrbio fique maior do que eu”. E assim eu participo do grupo dos Neuróticos Anônimos, participo, quando eu posso, do Saúde Mental. Eu tenho muito medo, mas de vez em quando eu vou cuidar de drogados. O louco é louco até o momento que você não dá o remédio. Então, eu tenho muito desse desafio, mas eu sou medrosa. Eu ia no cinema no Big, toda quarta-feira porque era barato, mas eu levei um carreirão de maconheiro ali no terminal que eu nunca mais fui. Porque eu falei: “foi um aviso, se eu continuar indo nesse horário, toda quarta-feira eles vão saber que nós estamos aqui”. Porque até o terminal todos vinham juntos, mas depois cada um pegava seu ônibus e ia embora e aí nós não fomos mais. Aí eu venho aqui no CINEUEM e esse pedaço aqui é muito perigoso. Então eu tenho evitado. Se eu falar para o meu filho ou meu irmão, eles vão me proibir de sair de casa e eu não quero essa prisão. Eu só fico em casa quando eu não posso sair, mas numa agonia porque eu estou deixando de fazer alguma coisa, eu fiquei muito lerda, na memorização. Não sei se foram esses 19 anos de dedicação para a família, de doenças e na alimentação. Porque na alimentação qualquer coisa eu faço rapidinho, mas nisso aqui eu tenho muita dificuldade agora. Mas, eu estou melhorando a cada dia que passa. Também Taiane, não saia daqui pensando que eu sou perfeita, eu tenho os meus defeitos, mas eu melhorei muito. Tem idosos que falam a mesma coisa cinco anos. Eu acho assim que você tem que mudar, se você não mudar não é o seu vizinho que vai mudar. Se cinco anos a sua vida com seu marido não está bom, arruma uma solução. Mas todo dia você

ouvir... mas, agora eu estou dizendo: “Ah, mas tem a separação, pede o divórcio”. Sabe o que eu escuto? “eu fui no juiz, o juiz me falou que com 60 anos não faz mais divórcio”. “Engano seu minha querida”. Só que tem uma vantagem: a pessoa nunca mais veio falar para mim. Eu resolvi um problema. Agora tem uma senhorinha lá que levou até vaia esses dias. Todo dia ela vem, ela chega atrasada e vai contar: negócios maus feitos, conta pra pagar, pápápápá e não deixa ninguém falar. Na psicologia é a mesma coisa. Aí outro dia eu falei: “R. essa mulher faz cinco anos que está aqui e todos os dias é a mesma história. Já sei até que banco, qual o valor, todo mundo sabe”. Ela levou uma vaia outro dia porque ela foi lá e falou e o passou falou: “cala a boca, chega, já falou de mais”. Essa pessoa, não é que vamos desligar, canaliza ela pra um programa de terapia. Falaram que não vão aceitar e nós temos que aceitar ela cinco anos a mesma coisa? Então a gente vai ser premiada em aceitar sempre? Porque eu acho que eu mudei muito. Eu, muitas vezes a pessoa estava falando e eu não ouvia, sabe? E aí um dia a professora falou: “aí, você está cansada de ouvir essa história?”. Me chamou e falou. Aí eu falei “não é professora, é que se eu ficar e ela está falando isso, nesse horário eu consigo me desligar lendo outra coisa, eu pego uma apostila sua e vou ler”. Aí ela assim: “mas a mulher pode achar que você esta fazendo pouco caso dela”. “Problema é dela. Porque ela também não pensa que ela fala a mesma coisa na sua aula, na outra aula e está atrapalhando os outros?”. Mas, eu não estou atrapalhando ela, ela está fazendo uma coisa e estou atrás, é só não dizer pra ela que eu não estava ouvindo ela, não é? Deixa eu ler essa apostila de neurônios. Pra mim, neste momento é a coisa mais importante. Porque aí eu falei que fui visitar já ela, fui ver o marido dela, não é louco que nem ela fala, ela é que sai muito para cuidar dos cachorros e eu já falei para ela consultar um advogado e ela falou que não tem divórcio para 60 anos, então ela quer morar com esse cara e ela continua do mesmo jeito. Eu era do tipo que não tinha paciência, mas na aula eu tenho que ficar sentada. Eu não gosto de chegar atrasada e não admito que as pessoas cheguem

T: I., desculpa te interromper, mas já são 11:20h e a secretária fecha às 11:30h, preciso deixar a chave lá. Só concluir o que eu estava dizendo. Você desenvolveu toda essa capacidade de lidar com as situações, desenvolveu essa visão que eu acho coerente.

I: É coerente? Eu preciso ouvir a verdade.

T: É coerente seu modo de raciocínio. Mas, por outro lado, nem todo mundo desenvolveu também essa coerência. Nem todas as pessoas passaram, tiveram essa vivência que você teve para desenvolver a percepção que você tem hoje. Então, as vezes, você tem que desenvolver mais a compreensão com as outras pessoas. Não cobrar tanto das outras pessoas a coerência que você tem. Você tem essa coerência por conta das coisas que você já viveu. Mas, como nem todo mundo viveu essas mesmas coisas, elas não desenvolveram, como você disse, essa não vaidade, o altruísmo, porque não tiveram essa doação que você teve a vida toda pela família e para cuidar das pessoas, toda essa vivência que você teve, a criação que você recebeu dos seus pais. Então, eu vejo que você tem uma maneira muito coerente de enxergar as coisas.

I: Não com isso dizer que eu não sinto solidão. Às vezes eu sinto realmente um vazio porque a minha casa era muito cheia. Agora nessa compreensão talvez eu esteja errada. Quando há oportunidade nas caminhadas eu desenvolvo a lentidão porque eu sei que ela é rápida, ou então, eu faço o contrário: se ela lenta eu vou mais rápido. Ou no processo que a pessoa diz: “você está só fazendo errado”, eu já não fico, eu vou para outra, entendeu? Eu desvio. Aí, por isso que eu pedi pra vocês alguma coisa nesse sentido porque eu escuto muitas palestras, trabalhar com esses temas subjetivos, como vai ajudar. Gente, como tem gente submissa ao marido. Não que eu fosse submissa ao marido, mas lá em casa era assim: “oh, eu sou 50% e você é 50% quando você exagera, um desequilibrou. Se você está com 52% eu estou com 48% porque só existe 100%. Vamos parar”. Como meu marido era doente, eu demorei para entender a violência que

as vezes tinha. Ele jogava xícara na parede e eu abaixava, eu dizia: “nossa, como Deus é bom, ele me avisou que você ia jogar a xícara”. Ele esbravejava, esbravejava e eu ficava quieta, já falei demais. Depois ele vinha e pedia desculpa, entendeu? Mas tudo isso porque eu ouvi muita palestra, vi violência na casa dos outros, mas porque acontece agressão? Por que você retruca e muitas vezes meu filho dizia: “mãe, quando o pai fala, fica quieta” e aí uma psicóloga me disse: “ele tem tanto medo de morrer e sabe que a única pessoa que vai aguentar ele a vida inteira vai ser você, então a única pessoa que ele vai agredir vai ser sempre você”. Aí eu agradei: “doutora, que bom. Eu não tinha visto esse lado”. Então eu mudei, porque ele não vai mudar. A doença está ali, está instalada, ele sabe que vai morrer, como eu posso morrer antes. Então eu dizia: “você está tão preocupado em morrer, mas eu posso morrer antes”. Aí ele dizia: “já pensou se você morrer antes, o que vai ser de mim?”; “vai encontrar outra I.”. Então a compreensão, vou trabalhar nisso daí, porque eu acho que esses idosos, não só da UnATI, tem que ser assim, o velhinho de 100 anos também é assim, ele quer sempre me dar alguma coisa em troca e eu falei “então, você me dá um abraço”. Aí eu percebi que nenhum deles tem nem o costume de abraçar e de beijar, ele fica assim duro. Mas é isso que eu preciso Taiane, que você me ajude nessa parte.

T: Muito obrigada. Vou te ligar para marcar a próxima.

ENTREVISTA 02

Data: 09/04/2015

Horário: das 11h às 12h30

Local: Dependências da UEM

T: Quais atividades que você realiza diariamente?

I: Normalmente eu levanto às 5 horas da manhã, tomo meu banho e o café. Aí eu me preparo para fazer caminhada e academia, hoje por causa da vista eu não faço [realizou a cirurgia de cataratas há 6 dias]. Aí eu volto para a casa, tomo mais um banho e venho para a UEM. Lá pelas 10 horas eu como uma fruta ou alguma coisa que eu tenha na bolsa. Meio dia estou em casa ou na rua para almoçar. Às 13h30 eu retorno para as atividades e essas atividades são intelectuais, lazer ou eu acabo ocupando o espaço ajudando em alguma coisa.

T: As atividades intelectuais são as aulas da UNATI?

I: Aulas da UNATI, palestras, filmes. Daí por volta das 17h30 ou 18 estou em casa, mas aí aproveito para ir visitar um vizinho com problema, uma idosa que me chama e oito e pouquinho já estou em casa porque está muito difícil a noite aqui em Maringá, sabe?! Aí eu vou para a televisão, mas eu não gosto, então vou para alguns joguinhos que me ensinaram para pelo menos eu ficar um pouquinho sentada por causa da saúde agora.

T: E das atividades de lazer quais que a senhora gosta de realizar diariamente?

I: De todas um pouco. Mesmo que seja ruim tem alguma coisa de boa. Caminha eu não gosto, mas eu preciso, entendeu? Hidroginástica me dá muita câimbra mas eu tenho ido, só agora que não porque eu tive problema de infecção, problema nos olhos, então por 6 meses estou meio parada, só mesmo a caminhada. Mas eu gosto mesmo é de andar, não gosto de ficar na casa de ninguém. Quando eu não tenho o que fazer eu vou para o shopping porque ele é tranquilo, está fresquinho, não tem perigo de assalto.

T: Aí você anda, se distrai um pouquinho?

I: É. Na verdade o que eu procuro é comida, culinária, para sempre aprender alguma coisa que seja fácil e útil.

T: E o que mais que você gosta de fazer para se divertir, se distrair?

I: Dança eu não gosto, então eu vou para assistir, adoro assistir dança. Dança, sapateado, gosto muito de recital, coral. Quando tem essas atividades eu procuro ir. Na parte cultural eu gosto por exemplo do regionalismo. Quando eu viajo, por exemplo, eu vejo a gastronomia, paisagens e eventos culturais do folclore da região. Aí eu vejo o traje, o histórico, porque aquela cidade chama daquele jeito, porque a rua tem aquele nome, porque os prédios estão voltados para aquele lado, porque tem um lugar que não tem prédios altos, se o artesanato ainda é manual ou já é máquina. Então são essas as coisas que me interessam. Gosto de mais de ilhas, de ficar conversando com o povo humilde. Não gosto de avião, eu viajo por necessidade.

T: Então você tem uma rotina bem preenchida, não é?!

I: Eu te falo que o dia tem 25 horas. Hoje eu não tenho mais a noite porque está dando muito assalto. Então eu ando igual uma mal vestida, sapato velho, roupa velha, celular é um perigo porque eles te derrubam para roubar. Eu já tive tablete roubado dentro da cantina da UEM. Então é muito perigoso. Quando eu venho com o notebook eu coloco numa sacola bem velha, mas de noite eu já não trago mais. E aqui tem também o cineuem, mas é muito perigoso. Eu vou e volto sozinha, é pertinho, mas é muito mal sinalizada e outra, você nunca acha um vigilante no lugar certo. Então eu evito. Eu fiquei uns 8 meses sem vir no cineuem porque além dos filmes serem de boa qualidade, existe os comentários. Eles perguntam e eu disse que hoje tem muito assalto e eu não posso correr.

T: Você escuta do pessoal da UnATI esses relatos de assaltos também? Você acha que o público da UNATI...

I: Por que assim, eu percebo que eles – com raras exceções de 3 ou 4 pessoas que exercem mais atividades - a maioria escolhe uma ou duas matérias e eu tenho religiosamente todos os dias.

T: Então todos os dias você está na UEM?

I: Estou. Segunda cedo eu tenho musculação e inglês a tarde; como musculação eu não estou fazendo eu vou assistir só. Depois na terça-feira eu tinha alongamento, educação física e tinha uma palestra a tarde, mas parece que a professora desistiu. Quarta-feira então é o dia pior: fisioterapia, acupuntura, ginástica, aí eu tenho inglês a tarde e coral a noite. Na quinta-feira de manhã eu tenho aula de Equilíbrio Corpo e Mente, aí ela trabalha com a saúde física, mental e emocional e as 9h30 já começa a aula de Doenças relacionadas a Terceira Idade. Aí eu saio 11h40, resta o que? Almoçar porque a uma e meia estou de volta.

T: E antes de ter a UnATI como era a sua rotina?

I: Até 2009 eu tinha um problema sério porque eu tinha 03 doentes na minha casa, então minha vida era ocupada em cuidar deles e ainda eu era voluntária em vários programas: Amor Exigente, Neuróticos Anônimos, Obesos e depois disso eu ainda ajudava cuidar de alguns velhinhos que eram maltratados pela família. Então era assim, também bem ativo, mas era direcionado para a doença.

T: Era mais para os outros e agora você está cuidando de você?

I: Aí faz dois anos que morreu o último que eu cuidava, que era meu irmão, aí as doenças apareceram, o desgaste físico, o desgaste mental e justamente nessa época surgiu a UnATI, em

2010, no início eu entrei. Nessa época eu ainda cuidava de 10 velhinhos, voluntária, sem receber nada. Ensinei a parte de higiene, ficava com eles nos médicos, quando precisava ficar no hospital eu ficava com os velhinhos doentes mentais. Depois eu comecei enxergar que eu estava fazendo um trabalho para isentar a família da responsabilidade. Muitas vezes eu era maltratada porque aquela semana que eu tirava para eu descansar a pessoa dizia: “mas eu quero viajar, fica com o meu pai”, aí eu falei: “pera lá, vou deixar de ser trouxa”, então eu comecei a eliminar, embora eu goste deles. Tem um velhinho que vai fazer 100 anos agora, ficou muito doente e eu fiquei no hospital. Mas, agora eu me limito, três vezes por semana eu vou tomar café da manhã com ele, não dou mais banho porque eles tem condições de pagar empregada. Então, eu acho que está na hora de começar a pensar em mim.

T: E como foi a mudança em termos de bem estar psicológico de passar de cuidar dos outros a cuidar de você?

I: Muito bom porque eu não valorizava a minha pessoa e achava que jamais eu precisaria cuidar de mim e aí eu percebi que mesmo assim eu sou muito independente. Porque mesmo assim, eu tenho um irmão que é solteirão e meu filho. Eles me ajudam muito. No começo, no banho, por exemplo, eles ficavam comigo para eu não cair; Na cadeira de rodas, quando eu tinha problema nos joelhos, eles me traziam até aqui. De repente eu pensei comigo: “não, mais eu não posso ter o egoísmo de ficar pedindo e aceitando a ajuda deles” e aí eu passei a fazer o seguinte: igual dessa vez que eu operei o braço direito, imobilizou, teve infecção, teve tudo e eu não conseguia enxugar as costas, aí meu irmão ficava lá fora e enxugava as minhas costas, depois eu resolvi pendurar uma toalha assim e fazer que nem animal e esfregar. E comprei uma cadeira de banho, com aquele buraco no meio que serve para você evacuar e tomar banho. A única coisa que eu não conseguia fazer era arrumar a casa e manter ela 100% limpa, arrumei uma pessoa, o que começou a acontecer? Roubar as coisas. Então os móveis principais eu acabei dando embora e estou com coisas mais simples porque minha casa é grande, então eu cobri as coisas mais necessárias com um plástico. Como eu não posso passar o aspirador, quando o plástico está meio empoeirado eu embrulho tudo aquilo e jogo fora. Compro tnt e cubro as cadeiras e as camas, juntou um pouco de pó, eu embrulho e jogo fora.

Essa vez eu fui operar o olho e falei: “Doutor, precisa de acompanhante?”, ele disse: “seria bom, mas a senhora é muito independente, então vamos combinar uma coisa, você pede para alguém te trazer e pede pra alguém te levar embora”. Eu falei: “não pode ser num táxi”, ele falou: “não, eu preferia que fosse alguém da família”. Aí meu irmão falou: “não, eu mato serviço e vou”. Aí ele [o médico] disse assim: “a senhora é muito independente”. O que que aconteceu? Com essa história de eu cuidar dos doentes eu aprendi muita coisa, então não posso dizer que foram ruins essas experiências. O idoso é difícil, cuidar das fezes do indivíduo é terrível, mas eu aprendi a controlar meus impulsos, o nojo, a tolerar mais. Você entendeu? Então, todas as experiências foram muito válidas.

T: E o que você considera como velhice? Como é a velhice para você?

I: Olha, é olhar o registro e diminuir o ano do ano que eu nasci porque se eu olhar o espelho e olhar as fotos eu vejo que eu tenho rugas, mas eu prefiro ficar assim, olhando que a minha mente não é de 65 anos. Eu tento fazer aquilo que eu não pude fazer dos 25 aos 50, por exemplo. Eu vegetei praticamente, né?! Então, é um desafio. Esses dias eu estava com o joelho operado, ombro doendo e não estava enxergando direito, mas fui para Bonito, de ônibus, excursão. Aqui o que eu fiz? Eu eliminei todos os passeios perigosos, por exemplo bote, o braço estava imobilizado, flutuação, como eu ia vestir aquela roupa? E tirar aquela roupa sozinha? Então eu paguei e não fui. Aí quando foi a caminhada, eu falei: “eu vou”. Eram quatro quilômetros para ir e quatro para voltar. Devagarzinho e fui e consegui. E na gruta, gruta é uma coisa que eu adora eu falei: “eu não vou não porque eu vou escorregar e aí vai ser pior”. Aí o guia falou: “a

senhora tem vontade de ir?”, “tenho”, “então eu vou ficar perto da senhora”. Meu Deus, eu fiz aquilo com a maior boa vontade. Aí eu procuro selecionar. Não posso fazer tudo? Eu faço menos, mas tudo o que eu fizer eu faço feliz. Aí eles: “aí, você não foi lá tomar banho no rio”, eu falei: “mas eu não posso porque eu tenho um braço só”. Aí o que menina falou para mim? “ah, isso é manha”, eu falei: “cada um tem que curtir a sua manha. Você tem seus filhos, suas filhas, sua nora pra te cuidar, eu tenho eu e Deus”. Então quanto menos eu me agredir, mas feliz eu vou ser. E com isso eu não sofro nem porque a pessoa disse isso, nem porque me chateou e nem porque eu não fui. A verdade é que eu fiz todos os passeios. Olhei o que eu queria. Aí a hora que eu não podia eu deitei na rede, entendeu? Mas, eu participei. Então, para mim, ficou muito importante isso: não importa aquilo que os outros estão pensando, importa eu. É lógico que você tem a sua família e procura agradar a sua família e tudo. Dessa vez por exemplo, eu sempre faço um bacalhauzinho para eles e eu tinha até esquecido e ele falou: “mãe, a senhora vai fazer o bacalhau na sexta-feira?”, aí eu falei: “a mãe faz sim”. Aí depois ele veio lá em casa: “não senhora, a senhora está tão bem que eu esqueci que está operada. Daqui.”, catou e levou embora, sabe? Então, de repente eu esqueço que tenho algumas limitações. Aí eu quero cozinhar para eles e ele diz: “não mãe, você já cozinhou bastante para o pai quando ele precisava, agora eu sou independente, vou comer fora”. Aí quando ele fala assim: “mãe, estou com uma saudade daquela sua comidinha” eu vou lá e faço. Aí eu deixo, ele sabe que eu tenho aula, eu deixo as marmitas prontas em cima da mesa, com bilhetezinho, cada um vem buscar a sua, meu filho e meu irmão. E lá em casa é assim: se comeu lá em casa cada um já lava o seu prato, deixa escorrendo. É um costume sabe? E com isso, eu acho que está me sobrando tempo. Quando todo mundo fala: “eu não tenho tempo” eu falo: “eu tenho tempo”, mas eu aprendi a dar prioridade, por exemplo hoje, eu falei: “não, eu prometi para ela que vou”. As coisas, quando você organiza, dá tudo certinho porque eu não sabia dessa aula que ia começar hoje, aí ela falou: “não I. é hoje, a uma e meia”, e aí eu falei: “vai dar certo, porque a Taiane vai vir aqui 11:30”. E o almoço? Eu já comi porque eu saí da aula às 10:30 e estava morrendo de fome e pedi pra fazer um lanche e fiquei lá sentada conversando com uma amiga e pronto. Sabe? Você e organiza. Agora, você pergunta na minha vida, Na minha casa é tudo bagunçado, eu me dei o direito agora de não querer fazer nada, fazer a hora que eu quero. Na minha casa antes era tudo metódico: horário para café de um, de outro e de outro, comia isso, comia aquilo, a roupa, brigavam entre os três e aí um jogava na cara: “porque você faz porque é seu marido” e aí meu marido falava: “você faz por que é a sua mãe” e meu irmão falava: “ah, eu sempre sou desprezado porque eu sou irmão”. Entendeu? Então eu tinha que administrar tudo isso e ainda tinha que trabalhar fora. Hoje não, hoje eu não quero fazer nada. Joguei fora meu sofá, me filho falou: “mãe, onde é que nós vamos sentar?”. Senta na cadeira de área, que eu tenho cinco e ele falou: “mas é desconfortável”, “então, a hora que estiver desconfortável é a hora de você ir embora”, entendeu? Eu não consigo fazer. Minha amiga está com um apartamento luxuoso, ninguém vai na casa dela e em casa vai. “nossa que bagunça”, “é, se está muita bagunça vai para sua casa”. Entendeu Taiane? Eu me dei o direito de ser vagabunda, preguiçosa, de viver a minha vida[...] Eu me dei o direito de ser vagabunda, preguiçosa, de viver a minha vida. Eu quero comprar alguma coisa quando eu viajo e meu filho fala: “mãe, pelo amor de Deus, não me traz tira pó”, são aqueles bibelôzinhos “e nem caminha de cachorro”, são as camisetas escrito: estive em tal lugar. Ele falou: “mãe, isso importa para você que foi, eu nunca fui, vou usar uma camiseta que eu fui pra Pernambuco?”. Aí a turma: “você não vai comprar nada?”. Quando eu fui a gramado eu comprei vinho e chocolate porque eu sei que todo mudo gosta. E outra coisa, eu trazia presente para todo mundo, depois eu pensei comigo: “porque você traz isso? Para se aparecer?” Perguntei para mim mesma, “porque os outros vão para os lugares e nunca lembram de você. Para com isso I., vai lá e come tudo o que você tem direito”. Mas, aí também na viagem eu faço assim: como eu pesei 116 kg, eu não quero voltar, então eu peso antes e á marco a minha revisão de médico um dia depois da viagem e me polício para não voltar gorda. Nunca eu voltei

acima do peso que eu sai. Comia à beça, mas quando eu como muito eu tenho que malhar. Agora, o que eu tenho que fazer? Escolher. Então, eu escolho o pra típico do lugar. Outro dia eu comi um peixe inteiro, um pacu, enorme. Mas aí eu não comi arroz, não comi farofa e nem pirão, comi só peixe e salada. Aí a minha amiga falou: “aí I. eu não dava 100 reais por esse prato, não, pede um negócio mais barato e enche a barriga de arroz e feijão”. Eu falei: “arroz e feijão eu como na minha casa”, entendeu como é que é?. Eu passei a viver a minha vida. Agora pergunta para mim: “você não tem os momentos de tristeza, de depressão?” Claro que você tem. Então, nessa hora eu procuro mudar minha atividade, pensar coisa diferente, sair na rua e ver que tem coisas piores que estão acontecendo. Aí eu dou uma chacoalhada: “opa! Vamos se animar de novo!”. Agora mesmo eu estava sentada, uma grande amiga minha ficou viúva há um ano e ela diz: “aí que saudade” e eu só respondi para ela: “quanto mais o tempo passa, mais a saudade vem, mas ficam as lembranças do tempo bom. Só que não adianta você dizer para as pessoas que não te entendem, eu te entendo porque eu passei por isso”. Ela me agradeceu, agradeceu, agradeceu. “não adianta você falar para o seu irmão, a dor é diferente”. Ai ela me agradeceu tanto. Como eu estou apendendo a usar o celular eu falei, olha pra você como que é: “os problema são iguais para todo mundo. Agora, precisa administrar? Precisa!”.

T: Então, por tudo o que você está me dizendo a concepção de velhice para você é poder aproveitar o que antes você não pode aproveitar por conta das pessoas que dependiam de você? Hoje você vive para você, faz o que você gosta, o que te dá vontade, se não dá vontade não faz.

I: Não faço. Ontem, por exemplo, eu voltei da rua e meu irmão: “vamos comprar uma marmita pra comer?”, “eu não, eu não quero, eu vou fazer a minha comida, geladeira está cheia” e aí nós fomos embora. Se eu fosse no restaurante eu ia gastar um dinheiro a toa. Voltei, comi. Eu nunca durmo de dia, deitei na cama porque eu tinha que passar o colírio no olho e ronquei, coisa que eu não faço. Levantei era uma e meia e tinha que avisar a professora que eu não estava indo no inglês por causa do olho. Pra você ver como são as coisas, quando eu estava descendo a minha rua na esquina eu encontrei ela, não precisei nem vir aqui na UEM. Então, o meu atraso foi benéfico pra mim: “T. eu não vou poder participar das aulas durante esse mês. Eu tenho médico hoje”. Aí ela falou: “você estava indo só por isso?”, eu falei: “sim, encontrei você, agora eu volto”. Andei meia quadra. Sabe? Então eu acho assim, se você começar a disciplinar, as coisas acontecem naturalmente. Antes eu ia na sapataria, já não vou mais. Achava um sapatinho bonito, porque eu tenho problema no pé por causa da diabetes: “ah esse aqui ficou bom deixa eu comprar quatro ou cinco”, o que acontecia? Chegava e ressecava, tinha que jogar tudo fora. Roupas eu também não podia ver nessas pontas de estoque; eu tenho roupa dentro do saco. Eu tenho um grave defeito, minha mãe me criou assim: “tá, esse aqui desocupou? Não joga porque serve pra alguma coisa”. Aí você vai guardando, vai guardando, vai guardando. Quando eu vou jogar parece que eu vejo a minha mãe batendo na minha mão. Aí a vasilha de margarina serve pra por coisa no freezer, sabe? Então, cada vez que eu vou tentar jogar, isso eu ainda preciso me libertar porque ela já foi embora ai fazer oito anos e eu to naquela, porque ela era muito enérgica. Nossa senhora, eu tenho um quarto lá com coisas dela, porque meus dois irmãos brigavam muito, que está lá estragando. Agora meu irmão morreu, a sobrinha não quer nada e meu filho, sabe o que ele fala pra mim? “Oh, a senhora trata de usar isso aqui ou dar logo porque o dia que a senhora fechar o olho, meia hora depois eu vou encostar dois caminhões e vou jogar tudo isso fora”. Ele fala e ele já não é apegado as coisas. Sabe? Ele compra uma camisa e dá a outra camisa embora e eu vou juntando, vou juntando, juntando e acabo usando só as velhas. Esse é um defeito que eu tenho e o segundo defeito, que faz 40 anos, não sei se comentei com você, que eu parei de dirigir. Faço autoescola, voltei na auto escola, vim, quando eu vou sair sozinha, quando eu to com a menina do meu lado eu saio com o meu carro, e não tem aquele freio que ajuda só, quando eu fico sozinha o carro fica lá e eu não ando, eu ando a pé. E agora, houve nessa época, uma necessidade tremenda. Então, são duas coisas que eu não venci, mas

eu acho que até chegar os 80 eu vou vencer, mas também com isso eu não fico frustrada: “aí porque eu não dirijo”, não. E também não peço carona, tem que ir pra algum lugar? Eu meço, vou te taxi, quando posso vou de ônibus que é mais barato e aí a noite, quando eu volto, eu já contrato um taxista e ele vai me buscar e me deixa na porta de casa. Agora eu tive que ir no dentista esses dias todos e tava sangrando muito e meu filho não podia vir me buscar, eu falei não vou incomodar, chamei um taxi e vim embora. É caro, mas eu não me frustro com isso. Tem gente que diz: “ah eu não vou em tal lugar porque eu não dirijo”. Não, eu não tenho nada disso. Se eu tenho vontade, eu vou. Comida também, as vezes tem pessoas que não pode fazer eu faço e vou levar, pego o ônibus e vou. Na pascoa eu fiz um voto, em vez de jejuar eu vou comprar várias colombas e vou entregar para as pessoas que precisam e aí eu fiz. Mas, você faz uma pessoa feliz. As vezes, eu fico com dó, porque os filhos são tão ricos e as mãezinhas estão esquecidas e eu até a última hora cuidei da minha mãe. Minha mãe queria tal coisa eu ia buscar. Então aquilo me dói, sabe? Porque o filho um é juiz federal, o outro o filho é da receita federal aposentado e uma braveza com os pais.

T: A próxima pergunta tem haver com isso...

I: Ah tá, você vai me cortando porque eu falo muito.

T: O que a sua família pensa sobre a velhice? Seu filho, seu irmão, que são a sua família mais próxima?

I: O meu irmão, por exemplo, ele tem uma idade que não aparenta, não casou, não quer casar, não quer formar filhos. A única coisa, depois que minha mãe morreu, ele perdeu o encanto, assim que eu percebo, por um emprego fixo, por amanhã uma aposentadoria. Ele prefere trabalhar de autônomo, os dias que ele quer. Sabe? Mas, é uma pessoa que lava, passa e cozinha, limpa. Bravo que só ele. Então, dá a impressão que ele não tem esse aspecto da velhice. Esses dias eu perguntei pra ele: “você já percebeu que você está chegando nos 60 anos?”, ele disse: “e daí? Você está com 65 e não tá bem?”. Aí eu fiquei quieta. Meu filho está com 40, saiu de um casamento de 11 anos de casado no papel e oito de namoro. A única coisa que eu percebo, no aspecto dele, é como se ele tivesse 20 e pensa como se tivesse 20 porque gosta de balada, gosta de dança e ele é obeso, sabe? E também não está preocupado. Eu fico muito preocupada na descendência, porque nenhum dos dois vai deixar filho. Sabe, eu fico muito preocupada porque eu acho que a paternidade e a maternidade é coisa divina, eles não estão nem aí. Então, dá a impressão que eles, eu não sei se eu passei essa ideia, que eles... meu filho falou: “mãe, o pai teve eu com 39 anos, eu só estou um ano mais velho”. Ele fala, quando eu cobro, quando eu digo: “não está na hora de arrumar um filho?” Porque eu falo que o difícil é quando está com 60 anos você lembrar que você tem um filho de 20. Quando mais você precisa, você não tem mais energia. Ele falou: “você não está com 65 e não tem energia as vezes até pra me bater?”. Sabe, então eu não sei qual é a conclusão que se tira disso. Os mais próximos são eles. Agora eu tenho a parte do meu marido que: “aí, dói aqui, dói ali”. Pode doer. Uma pede: “ah I. você vem cuidar de mim?”, “vou até dar banho”. Eu não. Eles dizem: “ah, você operou e não precisou de ninguém?”, eu digo: “eu não, eu até prefiro que não venha porque vai me atrapalhar, porque eu vou querer sair e você não vai deixar, vai querer limpar a casa do jeito que você quer e eu não vou querer”. Entendeu? “então, não venha”.

T: Ah, mas que bom, me parece que seu filho e seu irmão tem uma visão positiva da velhice por ver você como exemplo.

O: Eu acho. Eu não sei se esse é o exemplo por um lado, porque por outro o meu filho fala que não estudou porque eu sempre fui boa aluna e me destacava. Então, quando ele começou a estudar, eles diziam pra ele: “mas você não é igual a tua mãe?”. Então, tem esse lado negativo. Porque ele falava: “mãe, você sempre foi muito estudiosa”. Não é, eu tinha que impor. Gorda,

baixinha e japonesa, entendeu? Podre. Eu percebi que psicologicamente eu precisava me destacar em alguma coisa. Não é que eu era a mais inteligente, mas eu me esforçava muito. Professor dava uma matéria, até hoje se me pergunta uma coisa eu me viro. Ele perguntou agora quantos carros são emplacados no atual sistema de emplacamento. Já procurei no *google*, fui em duas fábricas de placa, deixei a pergunta para o dono e ele vai tentar me responder. Aí quantos carros serão emplacados com o novo sistema de placas? Eu não sabia que vai mudar no ano que vem. Então, é um desafio. Vai aumentar uma letra e diminuir um número. E aí vai ser o cadastro único e aí eu brinquei: “vai ser o CU?” Aí eles morreram de rir. Aí eu já fui pra pesquisar isso. É um desafio, eu estava comentando isso com a R. na UnATI e aí ela disse: “é, mas ninguém é igual a você”, aí eu disse: “olha, a vida está passando tão rápido que a gente tem que tentar acompanhar. Eu, por exemplo, na informática sou ruim”. Eu estava com um problema de memória muito sério porque eu estava bitolada em cuidar do doente, comida, médico, remédio e sessões de terapia pra eles e aí o mundo aqui fora não é isso. Então, eu demorei pra adaptar e ter essa visão.

T: Mas eu acho que a R. falou assim no sentido de que você tem esse estilo, esse jeito, esse modo de viver porque a sua história de conduziu pra isso. Como você disse, você ficou vários anos anestesiada cuidando dos outros, então hoje, você sente essa necessidade de correr atrás e viver o que você não viveu. Mas, tem outras pessoas que não sentem essa força, esse desejo...

I: Mas viviam em função do lar, agora que são independentes ficam reclamando da vida, eu acho que não adianta reclamar. Meu lema é esse: eu preciso mudar, não poso fazer você mudar. “ah, a Taiane é muito chata”, não é, eu é que sou chata. Então eu passei a mudar. Meu marido era doente, ele tinha as limitações, mas se eu não procurar entender nós vamos entrar me choque. Aí o que eu trabalhava com ele? Você é 50% e eu sou 50%. Na hora que você extrapolar 1% eu fico manca porque me falta 1%, então vamos tentar harmonizar os 50%. Eu trabalhei muito isso com ele. Aí ele ficava agressivo e eu chorava, chorava e dizia: “meu Deus”. Eu me colocava no lugar dele e saber que você está condenado, que não tem mais remédio nenhum pra você tomar e que todo remédio que você toma você tem reação? Um cara que era super ativo? Ele tem vontade de morrer e de matar quem ele gosta, entendeu? Aí eu comecei a trabalhar assim. No começo foi difícil porque eu estava muito bitolada. Então hoje eu quero aproveitar todos os momentos para aprender alguma coisa. Aí hoje a professora falou da religião e a religiosidade. E eu comentei com ela: a religiosidade ela aumenta a amplitude do que você vê, a religião ela bitola você. Quando você entende a religiosidade você vai ver que em todas as seitas existe alguma coisa sagrada que se possa tirar proveito e outra coisa, toda vez que você entender religiosidade você deixa de ser fanática. O que estraga tudo quanto é seita, quanto é associação é a pessoa que é fanática. Então, eu estou aprendendo isso lendo, vivendo, conversando com as pessoas. Os jovens hoje tem uma vivência muito maior que a da gente porque começaram na era da computação e não tiveram que trabalhar na roça como nós trabalhamos, não tem a alimentação bitolada que nem a gente tinha, porque as vezes minha mãe dava uma sardinha, podia comer um quilo de arroz, mas a mistura era aquela só. Eu comia soja quando era pequena, hoje é hobby, mas naquela época era pra matar a fome porque não tinha pão, não tinha lanche. Então, eles cozinhavam a soja verde e dava pra gente, as crianças, comerem. Não tinha leite de vaca pra todo mundo então eles faziam leite de soja, isso há 60 anos atrás e aí agora eu vejo tudo isso e penso: quanta sabedoria eles tinham. E eu tento voltar para as origens, foi quando melhorou minha saúde também, porque eu era uma diabética de 650 e hoje sou uma diabética de 320. Então você começa aliar aquilo que você aprendeu com aquilo que você aprende hoje e o que você pode tirar.

T: E isso tem haver com a última pergunta. Você falando em termos de sociedade, que hoje os jovens tem uma cultura maior pelo acesso à internet, televisão, eles conseguem ter acesso à mais coisas. Como você percebe que a sociedade enxerga a velhice ou a pessoa idosa?

I: Um trapo, que só está dando trabalho. Não há respeito. Você entra no ônibus, o próprio motorista ele não espera você se acomodar. Eu tinha esse problema no braço, quantas vezes ele não deu solavanco e eu me preparava para não cair. Os jovens têm sono quando vem um velho, fingem que estão dormindo para não dar lugar. Nas famílias eu vejo o idoso da seguinte forma: ah, porque que não morre?’ Eu já tive a experiência de um chorar: o pai fica doente, a filha já sai correndo para preparar, eu falo a mortalha, eu fico com tanta raiva, preparar a roupa que ele vai usar quando ele morrer. Eu tive uma amiga que trabalha aqui na UEM, ela é chefe o marido é negócio lá da [nome da empresa], a irmã é aposentada de uma multinacional, o marido é industrial japonês, o outro irmão aposentado é um solteirão da receita federal. Quando a mãe ficou ruim já fazia 30 dias que a roupa estava dentro do carro esperando a mãe morrer. Eu vi com meus olhos. E esse velhinho de 100 anos que eu vejo, faz mais de 5 anos, meu marido morreu tem mais de cinco anos, que a roupinha dele está guardada lá no guarda-roupas e eu vi. Quando eu vou na casa o único lugar que eu mexo é lá. Um dia eu fui lá e ele ficou ruim e aí eu falei pra empregada “e aí, a mortalha tá lá?”, ela falou: “ela levou no tintureiro para lavar”. O velhinho ficou doente cinco vezes e está bom, está forte. Entendeu? Então o que é isso?

T: Porque você acha que tem essa visão tão negativa?

I: falta de amor. Não existe mais amor, só interesse. Enquanto o pai e a mãe tem condições de te dar alguma coisa eles servem para alguma coisa. Hoje eles são pobre e precisam de você porque ganham um salário mínimo, eu ganho 20 mil reais? Então pra mim melhor descartar. Eu sou muito má nessa parte, eu percebo isso. A alimentação é horrível, ele chega em mim as vezes e fala: “estou com vontade de comer pé de porco”. E é barato, mas não é porque é barato que ele quer, é porque na época que ele trabalhava na roça o que nós tínhamos era pé de frango, pé de porco, cabeça de leitoa. Se aproveitava tudo dos animais por causa da pobreza. Então hoje ele fala: “eu quero comer tal coisa” e vou lá, faço e levo.

T: E você percebe que essa visão a sociedade é a mesma hoje de como era antigamente?

I: Antigamente, o respeito dos filhos com os pais era muito grande, sabe? Então, A gente criava uma mentalidade de que os pais cuidavam dos filhos e os filhos, na velhice dos pais, tinham que cuidar deles. Eu cuidei da minha sogra até o final. Minhas cunhadas cuidavam da velha, porque a velha tinha joia, tinha tudo, enquanto ela estava boa para dar dinheiro e dar tudo. Quando minha sogra ficou com mal de Alzheimer todo mundo esqueceu. E eu fui cuidar, até o dia que ela morreu eu estava de férias e tinha voltado pra cá e resolvi voltar pra lá e ela passou mal, acabou morrendo comigo. Meu pai morreu dentro da minha casa, quase que no dia do aniversário, com 52 anos, eu tinha 27. Aí eles dizem: “não era amor I. era medo que você tinha”. Eu falei: não, não é medo, eu já estava casada, eu não dependia do meu pai e da minha mãe, eu tinha uma profissão e ganhava o suficiente inclusive para ajuda-los. Eu não considero isso medo ou obrigação de cuidar. Eu acho assim: é um pai e eu devo a vida. Eu sou da opinião, todo mundo não fala mal da sogra? Eu detesto isso. Então a minha filosofia é a seguinte: se não fosse a minha sogra eu não teria o meu marido e não teria o pai do meu filho. Então eu acho que mãe e sogra é a mesma coisa, estou errada? Não sei. Eu penso dessa forma. Hoje eu vejo assim, eu já não pegaria, eu tentei pegar filhos para criar. Hoje eu não pegaria, porque? Para eu adotar uma criança eu tenho que aceitar a hereditariedade dele. O meu filho, se tiver todos os defeitos eu sei que ele herdou de mim, do meu marido e da família de ambos, então eu tenho como justificar isso. Agora, eu pego uma criança que eu não sei da onde é, eu vou aceita-lo? Eu vou querer que ele seja igual ao meu filho. Primeira coisa que eu penso, eu vou aceitar a genética dele? Isso eu falo pra todo mundo. Se você tiver essa consciência que vai aceitar, tudo bem. Porque eu vejo que quem pegou filho pra criar e de repente dá trabalho ele vai lá e devolve, isso aconteceu na minha família. Tem intuito pra roubar? A pessoa vai lá e devolve para o conselho tutelar. Porque daí piora a situação. Saiu do nada, veio pra uma família com amor e

volta pro nada? Então hoje eu não pegaria. Eu falo que é melhor cuidar dos animais, que eles te retribuem com carinho e não tem culpa de terem sido abandonados do que gente. Porque depois eles se voltam contra você. Eu tive um menino que eu criei dentro de casa que veio me assaltar depois e queria matar, queria tudo e eu só dizia assim: “nossa, pelo amor de Deus meu filho, sua mãe já foi assassinada, seu pai você não conheceu e a gente te deu amor. O que você quer? Leva tudo o que você quer”. Depois ele se regenerou, mas foi difícil. Então eu fico pensando: meu Deus, então hoje eu sou má, eu não adotaria. Porque se eu precisar ajudar eu vou lá e entrego, anonimamente. Que nem esses pedidores de rua eu não tenho coragem de ir lá e entregar porque eles se voltam contra você e vão até a sua casa. Geralmente, eu pego um pacote de comida e passa um estudante eu falo que tem uma pessoa ali e pra ele entregar, porque ele não te conhece. Tem um tal de C. ele sabe onde eu moro, então eu nunca mais dou nada pra ele na mão, porque o dia que ele estava drogado ele queria bater em todo mundo. Eu dava muita sopa, nós fazíamos sopa para entregar para os drogados. Eu não dirijo, os outros estavam dentro do carro, aí dois drogados vieram com uma faca pra me matar porque eles queriam dinheiro. Na hora eles não me reconheceram ou se reconheceram fizeram que não. Aí meu filho falou: “mãe, a senhora não está vendo que está ficando perigoso? Ajuda de outra forma. Leva as coisas que você tem pra casa do Sopão, mas não te exponha”. Sabe, e realmente foi a melhor coisa, porque o que acontece? Você começa a tirar da própria vida os ensinamentos, agora, dizer que eu sou uma pessoa boa? De jeito nenhum, ah, eu sou da pá virada. Não tem como, a vida endurece o coração, muitas vezes. Só que agora é assim: fala, fala, fala, nem sempre eu retruco, antigamente eu revidava. Hoje eu escuto, escuto, escuto: “tá bom”, “você não vai falar nada?”, “tudo que eu falar é contra aquilo que você ta e se eu concordar com você eu não concordo comigo. Então, você fica com a sua convicção e eu com a minha. Vamos ser amigas”. Aí eu parei de engordar, porque eu engordava porque eu ficava irritada, aí aquela ansiedade eu ia comer, comer, comer, comer, porque eu adoro comer. Ai quando não tinha o que comer eu fazia. Eu pensei: porque eu estou me importunado? Os velhos brigam lá, deixa brigar, sabe? Deixa, deixa, fala, fala. O meu lugarzinho, se tiver que ser vai estar lá. Que nem essa matéria eu fiquei três anos esperando, eu nunca pegava a senha, um dia ela chegou, só que chegou e eu não falto. Os outros que pegaram pela primeira vez já estão faltando, não estão gostando. Porque eu acho que não tem o que gostar, nessa fase da vida tudo o que vier é lucro. Aí por exemplo, você vai na informática eles só querem *facebook*, mas *facebook* é perigoso, expõe muito. Hoje simplesmente eu leio aquilo que eu tenho vontade, o resto eu vou excluindo. Eu prefiro até o e-mail, porque? Porque no e-mail você manda direcionado para a pessoa. Mas, no começo você fica entusiasmado. E eu adoro conversar com o jovem porque ele tem pra dizer. As vezes no prédio aqui [nome do prédio], eu não tinha o que fazer, operada, e minha amiga é porteira lá e o dia que eu não vou eles falam: “dona E. cadê a sua amiga?”. Porque eu aprendo com eles, se tem que chamar atenção eu chamo. Eu fiquei sabendo que um menino não se dá com o padrasto porque o padrasto foi brigar com a mãe e ele foi lá e arreventou os braços e os dentes do padrasto, deu até B.O. e a mãe não separa. Eu falei: “querido, vou te falar uma coisa, filho é tudo para uma mãe, mas um filho não pode dar o que seu padrasto dá da meia noite às seis da manhã”. Ele ficou assustado. Eu falei: “pensa no que eu te falei”, “nossa, que pesado o que a senhora me falou”. Eu falei: “sua mãe está no auge da vida dela, deixa ela viver sexualmente também”. Porque ele não vai na casa da mãe por causa do padrasto e a mãe é quem vem visitar ele de [nome da cidade] para cá. Eu falei: “perdoa o seu padrasto porque naquele momento ninguém sabe o que aconteceu. O importante é que ele não bateu e não bate e sua mãe está com ele”. Aí agora ele procura: “Dona I. veio hoje?”. Aí ele senta comigo vai conversar, desabafar, sabe? Então é uma troca de experiências. As vezes você tem que ser bruta e eu falava: desculpa ter sido assim. Aí ele: “não, Dona I. foi tão bom”. Aí ele me mostrou a foto da mãe, quando ele me mostrar a do padrasto eu vou dizer: “olha aí, é uma pessoa afeiçoada”. Outra coisa que ele me falou é que ele tinha uma namorada, eles terminaram o relacionamento e ela teve um filho

e ele não perdoa ela, aí eu falei: “mas, ela não te traiu porque você já não estava mais namorando com ela, e outra, quando você namorava com ela não tinha sexo?”, “é, mas eu me cuidava”, “mas é um descuido de meio minuto. Você gosta dela e ela gosta de você, porque vocês não se perdoam?”. Ela é médica, conseguiu se formar em medicina e ele está aí pererecando, briga com todo mundo, arranja serviço, está fazendo Direito, agora está desempregado. Sabe? Então tem essa troca. Tudo molecadinha de 20 anos, eu sento, converso. Aí meu filho: “mãe, você pode refazer a sua vida, mas duas coisas que eu vou pedir pra você: não se relacione com meus amigos ou com os amigos do pai”. Eu muito curiosa e besta falei: “mas, porque filho? Porque não são homens, são gays?”, “não mãe, mas já pensou meu amigo chegar assim e falar: ‘hoje eu comi tua mãe’ ou o amigo do pai dizer ‘hoje eu dormi com a tua mãe’ é chato né mãe?!”. É brincadeira, né, mas você que meu filho e aberto para essas coisas. Não sei se um dia, eu não tenho essa pretensão, mas se eu parecesse com alguém ele iria falar. Mas eu não vejo ninguém que é viúvo aceitar, a maioria dos filhos não aceita. Então eu fiquei assim com uma abertura que eu não tinha visto.

T: Que bom. Essa é a criação que você deu para o seu filho.

I: Será? Mas eu fui muito ausente porque eu tinha que trabalhar no banco e saía cedinho, deixava ele em casa. Mas eu fazia assim, meu horário no banco era das seis às nove, porque às nove ele acordava aí eu já deixava a mamadeira no jeitinho pra ele tomar. Micro-ondas com quatro anos ele já sabia usar, até hoje eu não sei usar. Quando chegava nove horas ele já tinha acordado, levantado do berço, fralda ele parou de usar com nove pra dez meses. Ela falava assim: “mamãe, eu já pedi pra” era sempre algum vizinho “vir aqui e amarrar o meu tênis e fechar a porta da casa porque eu não alcanço”. Olha, como não existia maldade. E eu falava: “filho, ela veio?”, “veio e ela me chamou e fui na casa dela esperar você chegar”. Quando ele acordava muito cedo ele fazia isso, ia lá na minha vizinha e pedia pra porque ele ainda não conseguia amarrar o tênis. Isso eu nunca me esqueço sabe? Aí eu tinha condições e arrumei uma baba para ficar com ele porque ele estava acordando cada dia mais cedo. Aí eu ensinei ele a amarrar o cadarço e lavar o tênis, até hoje eu detesto lavar tênis, ele é uma beleza, ele lava, passa, muito melhor do que eu. Cozinha, e eu falava pra ele: “oh, não é porque você é homem que você não vai aprender fazer as coisas de mulher porque o amor é cego, se você casar com uma vagabunda e o amor é cego seus filhos não vão passar necessidade”. Aí ele: “ih mãe, tem que fazer comida?” Porque era assim, no domingo eu fazia a massa, meu marido a carne e meu filho a salada, era a hora que nós tinha pra botar as coisas em dia. Aí meu filho: “ai mãe, tem que fazer?” e eu falava: “tem. Oh, vocês dois, não vai cair aquilo que está balançando só porque vocês dois estão me ajudando. Não vai deixar de ser homem por isso”. No fim, eles ficaram melhores cozinheiros do que eu e me ajudavam. Meu marido limpava uma casa, limpava o banheiro muito melhor do que, eles tem força. Meu filho falava: “mãe, está encardido aqui” e eu falava: “então, estou precisando da mão de um homem”. Mas eu tentei criar mais independente, não que eu seja perfeita, tenho meus defeitos, as vezes meu filho é agressivo, ele fala muito alto, a namorada dele fala: “J. tenha mais respeito com as pessoas”, ele fala: “meu jeito de ser”. Sabe, o jeito dele bater o boca, ele é estourado. O pai dele era italiano com português, meio estouradão. Mas é uma pessoa que é meiga, no fundo é, é o tipo de explosão dele. Mas eu era assim, meu filho falou: “mãe, você melhorou muito”. Porque quando eu trabalhava primeiro era a empresa, depois a minha casa porque eu dependia da empresa pra cuidar da minha casa, então era muito CDF, era horário, não faltava, como na faculdade. Eu acho que eu sou aluna eu tenho que obedecer, eu sou daquela época que o professor era autoridade máxima, pode não saber nada, mas ele é autoridade máxima, pode ser mais novo do que eu, mas eu preciso respeitar. Então esses estagiários que tem aí eu jamais admito que meus colegas fiquem conversando na aula deles, eu grito mesmo: “Psiu, Psiu”. Porque as vezes o professor fica com vergonha de chamar a atenção e eu chamo a atenção. Aí ele falam: “Chata!”. Eu digo “sou chata, mas estou aqui

para assistir a aula, conversa lá fora”. Que nem celular, o professor cansa de pedir pra desligar o celular. Telefone toca um, toca dois, toca dez. Chega atrasado? Não precisa nem pedir licença, abra a porta e senta lá atrás. “Professo cheguei tarde porque o ônibus, porque precisei pegar duas circulares, porque...”, ah, atrapalha a aula e o professor não tem coragem de falar porque muitas vezes aquele aluno tem idade pra ser o pai. Eu quando chego atrasada, dificilmente as pessoas me vem, eu sento lá atrás e fico quietinha. A não ser que um espirito de porco: “ah, I. chegou atrasada hoje”, aí todo mundo olha. Mas eu detesto. Você tem o direito de chegar atrasada, mas não tem o direito de tirar a sequência da aula de quem chega no horário. Aí a R. [coordenadora] me diz assim: “É, mais ninguém é perfeito, a gente tem que aceitar as limitações das pessoas”. Eu falei: “mas olha, se a gente não se educar agora que estamos com 60 anos, não é no caixão que você vai se educar”. Eu acho que não é nem educação, é respeito. Ah, eu nessa parte sou chata. Horário é horário. Não gosto de esperar, mas também não deixo ninguém me esperando. Os médicos ficam abismados, marcou às 7:30, às 7:20 eu estou lá. Porque eu acho assim, se eu me atrasar eu vou atrapalhar. Agora o médico tem direito de chegar atrasado? Muitas vezes tem, não sempre. Porque ele tem uma emergência, tem um caso, entendeu? Mas eu tenho a obrigação de chegar no horário. Dificilmente eu, a não ser que eu tenha muito problema. Ontem meu dentista era as quatro horas, às três e meia eu estava lá. Aí o dentista falou: “nossa eu olhei aqui porque todo mundo diz que a senhora chega atrasada, vamos entrar?”, “vamos!”. Quer dizer que eu ganhei 15 minutos e ele vai sair 15 minutos mais cedo. É o meu sistema. Não sei se meu pai era muito bravo, se minha mãe era muito brava. É o meu sistema. Horário é horário. Vamos respeitar o outro pra ser respeitado.

T: É muito interessante porque fica claro como foi a sua educação. Mas, nem todo mundo teve essa criação, esse modelo de criação que você teve. Por isso que as vezes esses idosos não tem a noção de chegar em silencio, colocar o celular no silencioso.

I: Mas sabe o que? O idoso pensa assim: “eu estou aqui, eu sou a pessoa mais importante”. Entendeu? Não querem saber. Então, eu fico analisando. Foi uma vida de frustração, mas não é aqui que você vai jogar a sua frustração. Eu vou sentar, isso me admira, e mentalmente eu faço o pai nosso e agradeço a comida. É tão instantâneo, tão espontâneo que eu nem vejo. E eu termino de comer eu não sei deixar o meu prato na mesa. Hoje mesmo eu comi lá e levantei com me prato na mão, a moça falou: “deixa aí”, eu falei: “não, minha mãe me ensinou que eu tenho que trazer os pratinhos, os molhos e deixar tudo aqui. Porque eu que tenho que fazer. Eu fiz e você ganha tempo”. Então eles ficam admirados, mas eu vi isso acontecer desde pequena. Quando eu saio com o meu filho é a mesma coisa, ele levanta e pega a bandeja. Dificilmente ele deixa na mesa, mas não é pra aparecer.

T: Mas é a educação, ele cresceu assim.

I: Minha mãe, por exemplo, era analfabeta e meu pai, só que eram muito bravos. Tudo tinha que ser perfeito. Eu já não consigo fazer perfeito, mas eu tento. Mas, não sei se é o certo ou é errado. Só que eu estou sofrendo menos.

T: É, justamente isso. Os perfeccionistas tem uma tendência a sofrer porque a gente não consegue ser perfeito, esse é um atributo que não pertence aos seres humanos. A pessoa que se esforça o tempo inteiro pra ser perfeita se frustra o tempo inteiro.

I: Porque não consegue.

T: Não consegue. Se tem muita perfeição a pessoa tende a ser frustrada. Tem que querer fazer sempre o melhor, não querer fazer perfeito.

I: É isso que eu falo: quero sempre fazer o melhor de mim, mas eu tenho que ver a minha limitação. O médico falou: “I. você está abusando”, eu falei: “doutor, uma coisa eu aprendi, eu

não vou fazer nada além da minha força”. Porque se eu consegui abaixar e não deu problema nenhum, não é porque eu consegui abaixar que eu vou continuar abaixando. Se eu ficar deitada aí assim eu vou me irritar. Dá pra eu ir pra aula ficar sentada e escutar? Dá! Mas, aí eu tenho que sair mais cedo, ir devagar pra não tropeçar. Então dá. Devagarzinho, mas dá pra ir. Aí ele falou: “você tem me ensinado muita coisa”. Não é, não é porque você está com problema de saúde que você vai ficar ali que nem uma estátua, eu só quero ver o que não posso fazer e o que eu não posso comer e o que eu tenho que aplicar no olho. Aí eu vou administrar do jeito que eu posso. Esqueço de por o tampão pra dormir? Esqueço. Aí eu fico quietinha, “está bom doutor?”, “está!” Então, toda aquela arte que eu fiz não atrapalhou. Mas eu não fiz com o intuito de desafiar, eu fiz porque eu esqueci. Porque? Porque não esta doendo, não esta importunando. Porque eu estou sentindo melhora. Hoje na aula: “Oh, I., você já esta aqui?”. Eu falei: “ué, eu operei na quinta, na segunda já posso vir na aula. Vou nas aulas porque se eu for na musculação eu vou fazer, então, é preferível eu não ir. Se eu for na ginástica eu vou fazer, então é melhor não ir”. Às vezes eu esqueço e vou lá cozinhar. Domingo não tinha nada, estava tudo fechado e meu filho tinha passado que ele ia almoçar numa chácara, aí eu vi poeira, chacoalha e tátatá. Falei: “filho, a mamãe não vai, você vai achar ruim?”, “é, mas é páscoa”, “mas a páscoa o melhor é passar bem, como eu não estou bem, vão vocês e eu fico em casa”. Ai fui comer no restaurante, não tinha nada, então eu fiz o meu. Fiquei meio longe do fogão, coloquei o óculos para não pegar calor e pronto. Aí resolvi o problema, não fez mal, tanto é que eu voltei no médico quarta-feira e não levei bronca, mas se eu falar pra ele o que eu fiz eu vou levar bronca. Sabe? Assim eu vou tentando ajustar a minha vida. Ser feliz ninguém vai ser totalmente. Ser alegre o mais possível, mas tem o momento de tristeza, o momento de frustração. Aí você faz um balanço das coisas que você não conseguiu realizar, mas que gostaria. Mas aí eu deixo essa meta: será que vou tentar de novo? Vou tentar! Então são duas frustrações que eu tenho ainda que seria a direção e o outro é? Eu já esqueci. Mas também não me faz falta, o carrinho está ali, a hora que eu precisar eu peço a alguém que dirija, procuro não ficar importunando os outros. Sabe porque? Porque eu acho que dá muito bem pra eu conciliar. Agora, eu tenho carro, mas nunca quis carro zero quilometro, zero tirei da garagem já desvaloriza, mas se eu pegar um usado em boas condições eu vou aonde o zerinho vai. Eu nunca tive essa ambição de ter carro zero quilometro, casa mansão, móveis de última geração. Minha cama é ainda de quando eu casei, comprei de segunda mão porque uma amiga estava indo embora para Rondônia e ela estava vendendo o jogo de quarto, aí eu tenho até hoje, madeira bruta. Então eu não faço questão disso. Tem gente que muda a panela e troca tudo as coisas, eu não tenho disso. Gosto muito de viajar, nossa eu adoro viajar.

T: eu acho interessante, porque não existe alguém que seja 100% feliz.

I: não tem, né?

T: não existe, não tem como, não existe essa possibilidade de ser 100% feliz. Se não, a vida seria muito chata. Porque no momento da dor e da dificuldade a gente aprende, a gente se supera e cria uma força para lidar com aquela dificuldade que só na alegria não teria. Então a gente vê que o próprio movimento da vida é pra gente sentir as vezes tristeza, alegria, frustração, angústia, dor, raiva, mas o saldo tem que ser positivo. Mas, cada uma dessas emoções traz pra gente algo positivo. A tristeza não é só negativa, tem seu lado positivo, porque az a gente pensar na vida, reavaliar muitas coisas, ponderar outras, deixar de praticar algumas coisas. A dificuldade é muito positiva se a gente souber superar ela. Cria dentro da gente uma superação. Se a gente viver só na alegria a gente não tem esses desafios.

I: Porque eu vejo assim, tem amigas que são muito bem de vida, feliz à beça, viajam o mundo inteiro, mas eu não vejo a família ir visitar. Meu filho vive falando: “mãe precisa de alguma coisa, mãe...”, mas eu é que quero poupa-lo porque ele é autônomo, o dia que ele não trabalha

ele não ganha. Mas eu fico pensando, será que eu sou a errada porque eu tenho esses momentos de tristeza. Eu sou assim, se me der uma tristeza eu saio, olho, vou brincar com o gatinho. Eu já cheguei a comprar um frango assado, sentar na porta da minha casa e comer com o gatinho, dali a pouco passou toda aquela tristeza. Ai eu fico pensando: será que eu cobro de mim muito?

T: eu acho que naquela questão que a gente estava conversando, talvez isso no fundinho vem em você: “será que eu não estou fazendo tanto que eu poderia fazer? Será que estou deixando a desejar?”.

I: Porque agora eu percebo. Antes pra mim, deitar era um luxo, hoje não. Eu acho que a minha carcaça esta cansada. Eu me dou o direito de almoçar e dar uma deitada ou então seis horas da tarde levantar as pernas pra cima e ficar. Ai meu filo falou: “você está fazendo isso porque você não pode andar. A hora que você voltar a nadar você esquece tudo” (risos). Pode ser. Mas, eu comecei a refletir. A única coisa que eu sinto na velhice é que os movimentos ficaram mais lentos, os reflexos ficaram mais lentos. A necessidade de medicamento aumentou. É isso que me chama a atenção. Mas, de repente eu vejo uma pessoa de 30 anos que está com problema de tireoide e ainda esta com problema de fumar e de usar droga. Aí eu penso comigo: meu Deus do céu, quando ela chegar na minha idade, será que ela vai ter? Então eu peso a velhice nesse sentido. Agora, fisicamente eu estou melhor porque com 40 anos eu pesava cento e poucos quilos. Mas eu não sei aonde eu arrumava tanta força para fazer tudo, mas fazia. Cuidava da casa, cuidava do sítio, cuidava de três doentes em casas diferentes, cuidar dos 20 velhinhos, eu cuidava de 20 velhinhos. Você não conhece, mas daqui ao Quebec dá uns cinco quilômetros, outro na entrada de Sarandi. Era assim. Catava o ônibus e ia.

T: Você que conviveu bastante com esses idosos.

I: Seis anos, mais.

T: Você percebia que essa visão negativa da sociedade influenciava eles? Eles se sentiam negativos?

I: Por exemplo, nesse dos filhos ricos, ele vive me chamando, ele assistia, tiraram até a internet, ele falava: “quer [nome do filho]”, “quem é [nome do filho]?”, “esse é meu filho caçula”, ele falava da televisão. “esse é aqui [outro nome]”, “quem é [outro nome]?”, “minha filha que mora em São Paulo, minha filha aposentada”. Então, nesses gestos, quando ele fica ele ficava doente não era a mim que ele chamava. Ele me chama de dona de restaurante porque eu levava toda comida boa que ele queria e ele construía bengala, eu tinha mais de 20 bengalas que ele me presenteava, como agradecimento, porque não tinha dinheiro. A família toma até a aposentadoria dele. Eu conversei com a filha, fui na psicóloga. Ele não queria eu, eu dava pra ele as condições daquele momento, mas no fundo ele queria o amor dos filhos, o meu amor não supria, isso eu senti, em vários casos. Alí no [nome do bairro] a mulher era casada com um biscateiro, um tintureiro, vivia com tudo que era mulher e fazia um filho em cada mulher, quando as mulheres estavam grávidas ele ia e abandonava e ela sabia disso, os filhos também sabiam e eu sabia. E o marido morreu, eu acompanhei a doença dele e tudo, ele tem um filho que é juiz federal e um dia ela começou a chorar muito, até hoje eu não sei se eu fiz certo, “ah, porque eu quero meu marido” e não comia, não comia, não comia. Peguei um dia coloquei ela no carro, fui no cemitério com ela e combinei com o coveiro, ele limpa o túmulo do meu marido, da minha mãe, combinei com ele, mas de brincadeira. Falei: “dona D., a senhora está com muita falta do seu marido, não está? Mesmo ele sendo biscateiro como foi, batia na senhora e tudo. Oh, contratei o P. ele vai desenterrar ele e você vai leva pra casa”, “não, não, eu não quero isso”, “ué, mas a senhora está chorando, não está comendo, não está fazendo nada e eu não quero ver a senhora nessa tristeza, vamos levar o seu A. de volta?”. Aí o homem já ia pegar a picareta, aí ela não quis. Sarou a mulher, só que até hoje e não contei pro filho o que eu fiz. Mas não dava

sossego de ninguém. Só que é mesma coisa, ela fala: “não posso pedir pro meu filho vir aqui porque a minha nora não gosta de mim, os netos não gostam”. Então, eu vou lá, ela fala: “ah, estou com uma vontade de comer panetone”, eu faço das tripa coração e levo. “ah, mas meu filho não trouxe”, por melhor que eu leve ela quer ganhar o humilde do filho. Então o que percebo? Que eles realmente sentem falta desse amor. Aí ele fala pra mim assim: “quem planta colhe”, quem sabe eles foram pais ruins? Será? Em todos eu vi essa característica de abandono. Aí, quando você chega, tem uma ali em [nome da cidade vizinha] e diz: “ah, pega a vassoura e vai varrer e limpa aqui pra mim”, eu falei: “porque a sua filha não vem? Sua filho é faxineira, trabalha pra fora, pede pra ela limpar um dia”, “ah, mas ela é minha filha”. Entendeu como é? Ainda é aquela galinha que fica em cima dos pintinhos e com isso, foi muito bom, porque eu comecei a me afastar. Eu falei: gente, não que eu quisesse substituir, mas eu achei que eu ia preencher um pouco do vazio daquela pessoa, mas não consigo, eu só estou valendo pelo o que trago no momento, mas no fundo, eles ficam cobrando a família, então, deixa a família fazer. Eu não esqueço do aniversário, os parentes todos esquecem, eu levo bolinhos, levo chocolate, eu levo aqueles chapeuzinhos de criança e, igual aquele velhinho, ele fica feliz porque não teve nada disso. Faço bombonzinho diet porque a menina tem diabetes e levo, faço coisinha assim só pra eles, canto parabéns e venho embora. A família não foi. Só que eles ficam cobrando a família. Família é família, sangue é sangue. Então, com isso, me deu força pra eu ir me afastando. Eu sinto falta? Sinto! Porque eu acho assim, não me custa nada tentar dar amor, tentar dar conforto, não custa. No ano passado, ele fez 99 anos, fizemos uma festinha e ele ganhou tanto presente bom. E seu eu te disser que esses presentes não chegaram na casa dele... as filhas levaram tudo embora. Ganhou coisas da Natura, ganhou toalhas bordadas, ganhou, eu sei porque minha tia trouxe de São Paulo meias de lã japonesa da liberdade, caríssima, não chegou na casa. Um genro, outro dia, estava com uma luva dessa, a mesma luva. É muita coincidência ser igual, né?! Então é isso. Relógio, o velho gosta de relógio, acho que é o terceiro relógio que eu dei pra ele, do Paraguai, some esses relógios. A própria menina fala: “foi minha irmã que levou”. A menina fala. A menina tinha 60 anos de idade quando eu tirei a identidade dela, ela não tinha identidade, não tinha CPF. A família não foi atrás, ela ficou presa 44 anos num quarto, com esquizofrenia. Comigo ela sai, ela conversa, consegui que, ela era cega não é mais cega, consegui uma cirurgia com a melhor médica daqui, ninguém queria pegar. Ela está enxergando, só que precisava comprar o óculos, na época era seis mil a lente de cada olho, a médica deu porque ela perguntou: “quanto você ganha pra cuidar dela?”, eu falei: “não ganho nada” e aí a família foi lá e falou: “não, ela é voluntária”. Então, a doutora falou: “você vão comprar as óculos e um computador”. Isso fez cinco anos. A menina está sem óculos até hoje e está sem computador, só que está enxergando e sai do quarto, toma banho. Sabe? Eu acho que eu consegui cumprir a minha meta. Então agora: cai fora I., cai fora, porque tudo o que você fizer importuna. Aí o dia que fui operar o braço, as duas irmãs estavam aí: “nossa, nem pra avisar que você estava operada, você podia ficar aqui na casa do meu pai, com a empregada”. Elas sabiam que eu estava operada, mas não se deram ao luxo de perguntar: “você esta viva, você morreu?”. Porque eu acho que eles ficaram com medo que eu pedisse arrego, eu não peço. Eu fiz cirurgia do olho, eles sabiam porque o rapaz falou comigo na UnATI, ele estava do lado, nem perguntou se eu estava bem ou não estava. E eu fiquei com a menina operada dos dois olhos, acompanhei o tempo inteiro. Não que eu quero retribuição, mas o mundo é cão. Mas tudo isso foi muito bom porque eu acho que você não pode ficar apegada nisso. Ah, o negócio de ficar apegada, eu me apegar as coisas. Se você me der isso aqui vai passar 30 anos e a agulhinha vai estar guardadinha e toda vez que eu pegar a agulha vou falar: “ah a Taiane que me deu”. Aí uma amiga fala: “mas um negócio tão baratinho” e eu falo: “é o que a pessoa podia me dar e tenho certeza que deu com todo carinho”. Eu nunca me esqueço da minha avó que me deu um sonho de valsa e era difícil trazer, aquele papel ficou guardado dentro de um livro, ate que alguém pegou o livro e levou. Eu tenho esse problema de me apegar. Carro, como é difícil me

desapegar e comprar um outro um pouquinho mais novo. Roupa também, aquela que eu gosto vai até o fim. Então são duas coisas que eu preciso me educar. Já está porque já está na minha consciência. Também eu acho que é um ato de egoísmo, sinceramente falando eu acho que eu sou egoísta porque eu poderia me desfazer sim, não vai me fazer falta.

T: Tem alguns estudos que falam que se você não usar a roupa dentro de um ano aquela roupa não vai te fazer falta.

I: Eu tenho roupa lá que faz 20 anos, são roupas boas que não deu um defeito, não deu nada. Minha coisas do enxoval, hoje fazia 40 anos que eu sou casa, tem muita coisa boa. Como pobre eu não podia comprar coisa descartáveis, comprava uma, mas boa, pra durar. Então eu tenho esses dois grandes defeitos. Eu sei que são defeitos, que são hábitos egoístas, eu sei que eu preciso mudar. Agora eu estou pondo na cabeça que eu preciso ir morar numa casinha com dois quatinhos porque eu tenho que me desfazer. O sofá era pra oito lugares, eu me desfiz e não me fez falta. E eu gosto de ajudar as pessoas, que nem esses catadores de lixo, meu filho fica bravo, o que eu junto de caixote pra dar pra eles. Junto latinhas, eu não bebo, mas pego, lavo e guardo pra eles. Então, eu gosto de presentear com o que comer. Porque eu acho assim, eu não passei fome, mas eu passei muita vontade comer as coisas boas,, não tinha dinheiro, ué! Mas minha mãe fazia, costurava direitinho. A maior frustração que eu tenho, não é da sua época, antigamente os pais compravam a peça, peça de mesclinha pra fazer calça para os meninos ou o xadrez, ou então o Chitãozinho, pra fazer capa de colchão e os vestidinhos das meninas e o xadrez pra fazer a camisa dos homens. Então as roupas eram tudo igual. Só que minha mãe era caprichosa, fazia roupa com manguinha, ela bordava. Aquela amiga rica, ela lembra e chora, a gente se encontrou agora a pouco tempo, ela está com 68 e eu vou fazer 65, ela é muito rica, sempre foi muito rica. Ela me encontrou no face esses dias e disse: “eu nunca me esqueço o dia que eu falei pra você: ‘você toma banho mas não troca de roupa?’”. Porque a roupa era o mesmo tecido. Aí eu falava: “você não esta vendo que aquela era de manguinha e essa aqui é de babadinho?”, “ah, bom, eu não vi, pra mim era o mesmo vestido”. Aí ela levantava a minha roupa pra ver se a calcinha era igual e isso marcou a vida dela. Minha mãe desmanchava saco de coisa pra fazer roupa pra nós e ela sempre foi muito rica. E a gente se encontrou agora está com dois anos mais ou menos. Mas nem por isso eu fiquei revoltada, usei muita alpargata, era sapato de pobre, eu me divirto, não tenho vergonha de dizer. A gente era feliz à moda da gente, eu acho que era o amor que hoje não tem. Mais alguma coisa?

T: Não, era isso.

I: A hora que você precisar, dentro disso daqui você pode contar comigo.

T: Foi muito bom. O que você trouxe é um material muito rico para a análise.

I: O que eu puder colaborar porque eu acho assim, eu aprendi muito com você. Outra coisa que eu percebi é que na primeira eu falei muito, muito, muito, não deixei você direcionar, então já é um defeito. Por isso que eu falo, me corta, eu falo muito, afinal, são 65 anos.

T: É muita história, né?! Muito obrigada.

Dados da entrevistada ‘Dona Rosa’

Nome: M.

Sexo: Feminino

Idade: 68 anos

Profissão: Ruralista aposentada

Estado civil: casada, há 49 anos

Naturalidade: brasileira

Filhos: 01 – filha de 48 anos; 01 natimorto

Netos: 1

Bisneto: 1

ENTREVISTA 01

Data: 20/10/2014

Horário: das 10h às 11h30

Local: Residência da entrevistada

Legenda: T. – entrevistadora; R. – nome fictício da entrevistada.

T: A senhora está com quantos anos?

R: Eu vou fazer... eu sou de 1948.

T: A senhora vai fazer 69 anos?

R: Sim. Dia 29 de Janeiro eu completo.

T: E a senhora já trabalhou fora de casa alguma vez?

R: Não. Eu trabalhei minha vida toda de boia fria.

T: Onde a senhora nasceu? Em qual cidade?

R: Eu nasci no Estado de São Paulo, em Pompéia, mas agora diz que foi mudado de nome e agora é Amari, né?!

T: Mudou o nome da cidade?

R: No meu registro já está Amari, no meu registro de casamento.

T: E a senhora ficou até quantos anos lá?

R: Vim de lá com 03 anos para o Paraná.

T: Então a infância a senhora viveu aqui no paraná?

R: Em Primeiro de Maio. Lá eu formei e casei.

T: E como foi a infância? Precisou trabalhar? Estudou? Como foi?

R: Meu pai tocava lavoura, a gente sempre trabalhava, não tinha estudo porque sempre morou longe da cidade. Lavoura de café, algodão e meu pai sempre pegava cinco ou seis alqueires de algodão, três ou quatro de café, tocavam em cinco camaradas, aí eles iam tudo para a lavoura e eu ficava cozinhando. Eu levava almoço, levava café.

T: Você tinha quantos anos nessa época?

R: Comecei com 10 anos.

T: Tinha irmãos que ajudavam também?

R: Tudo na roça. Meu pai, minha mãe, dois irmãos, fora os que já eram casados quando eu nasci. Minha mãe teve 12 filhos e criou 7, mas solteiro, quando eu me conheci por gente, só estava eu e uma irmã e um irmão. Eu sou a caçula das mulher.

T: Então, precisou trabalhar desde cedo?

R: Desde cedo. Casei e continuamos tocando a porcentagem e depois mudemos para [nome de cidade pequena do Paraná]. Peguemos uma empreita, a empreita geou e estragou tudo. Aí o homem vendeu o sítio e a gente aproveitou e vendemos a empreita e compramos uma casa em [nome de cidade de 10 mil habitantes] e eu acabei de criar minha filha que ela foi pra lá com 03 anos. Lá ela casou.

T: E você, casou com quantos anos?

R: 19 anos. Eu tinha 21 anos quando arrumei minha filha. O [nome do marido] tinha 30.

T: Onde vocês se conheceram?

R: Em Primeiro de Maio. Ele nasceu no Estado de São Paulo, mas veio pra lá com seis meses, criou por lá e casou lá também.

T: As famílias aprovaram o casamento?

R: Sim. Graças a Deus toda vida nós dois viveu feliz. Minha mãe e meu pai morreu junto comigo. Separemos pela morte.

T: Seus pais moravam lá em [cidade de 10 mil habitantes] também?

R: Moravam. Nós tocava a porcentagem juntos e aí vendemos e compramos uma casa e ficamos até eles falecerem e continuei ficando. Minha filha casou e mudou para [cidade vizinha] e aí quando eu me aposentei aí vim pra cá cuidar dos netos para eles estudar e trabalhar. Aí eles casaram e ficou só eu e o véio, mas estão sempre aqui comigo, eles não largam do meu pé não. Hoje ainda eu estava falando para o meu neto que veio aqui, eu falei assim que eu dou graças a Deus porque eu fui feliz com a minha família né?! Acabemos juntos até que Deus tirou. Criemos uma sobrinha até casar, ela está muito bem com a família e o marido. Agora já casou os dois filhos dela. Só tem uma com 30 e poucos anos que ela nasceu deficiente, é como um nenenzinho. Então, eu posso só agradecer a Deus porque a gente é feliz com uma família.

T: E você falou que seus pais viveram com você até eles morrerem?

R: Até morrerem. Nunca me separei deles. Até posar na casa dos outros quando era solteira nunca posei. Casei e durante um ano ficamos numa distância como daqui até o final da cidade, mas tocando o sítio do mesmo patrão. Então eles tocavam uma parte e nós tocava outra. Aí quis mudar pra outra cidade porque acharam uma porcentagem melhor, aí não quis deixar eu, aí ela não deixava. Todo lugar que meu pai arrumava pra eles tinha que arrumar pra mim também. Na velhice dela ela não largava de outro filho por causa de mim de jeito nenhum. Todos dois morreu junto comigo.

T: Com quantos anos eles morreram?

R: Meu pai morreu com 76 e minha mãe morreu faltava 4 meses para completar 90. Depois do meu pai ela durou 20 anos. Quando meu pai faleceu eles tinha 50 anos de casado.

T: E como era a velhice deles?

R: Graças a Deus, de quando eu me conheci por gente, toda vida foi feliz. Trabalha. Você sabe que a vida de primeiro era mais difícil, né?! Criou a gente tudo na roça, não pode dar estudo porque sempre longe da cidade. A gente nem via falar de professora naquele tempo. Mas a gente era feliz. Ele nunca deixou faltar nada dentro de casa. Um pai muito bom. Ela era brava, mas sabia educar a gente, sabe?! Eu falo assim que hoje a gente deve obrigação pra ela porque a gente não tem estudo mas educação a gente tem.

T: Isso é o mais importante.

R: Graças a Deus. É o mais importante. Criou os 7 filhos dela e nunca precisou dizer assim: “meu filho está nas drogas”, não, isso aí não, os filhos não deu trabalho pra ela, isso aí não.

T: Ela criou sete filhos e os outros? Ela teve 12 filhos, não é?

R: Um deles um ano depois que meu faleceu deu meningite e com 12 dias morreu. Ele morava em [cidade do paraná], tinha família, já tinha filha casada. E a outra, que morava em [cidade do Mato Grosso] faz cinco meses que ela faleceu. A outra, que a filha dela mora aqui, já tem 6 anos que faleceu.

T: Então dos 12 filhos que ela teve tem 7 vivos?

R: Dos sete que ficou vivo, porque os outros morreu tudo bebezinho, desses sete que ficou vivo tem um irmão e uma irmã, que é o mais velho, dia 03 de agosto ele fez 90 anos e está fortinho ainda, esses dias eu falei com ele por telefone. E tem um que eu não sei se está vivo ou está morto porque ele separou da família, dessa uma que nós criamos, e nem eles e nem nós não sabe notícia dele. Já ponhamos anuncio e tudo porque a casa lá em [cidade de 10 mil habitantes] nós fizemos inventário, mas não achou nem vivo e nem morto. Então a gente assim que, como ele bebia muita pinga, das vezes ele morreu assim sem documento e não teve como identificar a família, então a gente não sabe se é vivo ou se é morto. Já tem 27 anos. Se ele tivesse vivo ele já teria procurado porque mesmo quando ele saía ele nunca ficou um ano sem procurar nós, todo ano ele vinha porque ele tinha filha ali casada também. Então a gente acha que quem sabe ele bebeu e morreu pelas estradas, não sabe, né?! E tem um que é o caçula. Esse está vivo com a esposa, tem uma filha casada, tem um filho casado, já tem dois netinhos, estão bem também, graças a Deus. E aqui, acompanhei minha filha cá.

T: E a sua mãe com 90 anos, ela andava? Conversava?

R: Não, ela ficou quatro anos entredada na cama, eu cuidei dela. Ela perdeu as duas vistas e as pernas não conseguia andar também. Então era que nem uma criancinha até trabalhava em uma granja, já tinha seis anos de registro, aí foi preciso largar pra cuidar dela. Aí meu patrão falou assim: “você pagou INSS que é modo você adquirir sua aposentadoria porque não sabe quanto tempo ela vai ficar na cama”. Eu cuidei dela mais dois anos depois que eu sai do serviço. Não tinha nenhum filho perto, só tinha eu e eu tive que cuidar. Aí quando ela faleceu, dali uns tempos chegou o tempo de aposentar e aposentei com 55 anos porque eu pagava, né?! Minha aposentadoria passou a 400 reais da contribuição. E foi tudo bem, nem precisou de assinatura de patrão e nada porque estava tudo em dia. A gente pagava sindicato quando começou a tocar a lavoura e tudo, então estava tudo certinho. Graças a Deus eu só tenho a agradecer a Deus que Deus tem abençoado, tem abençoado de mais nos, graças a Deus.

T: Então da sua mãe a senhora cuidou quatro anos?

R: Cuidei, durante quatro anos. Nunca tive ajuda de irmão, nem de assistente social, nada. Pagava a cosultinha dela, se precisava internar internava, se precisava fazer fora.

T: Seu pai também ficou de cama?

R: O pai ficou só dois meses. Ele enfraqueceu o coração e as pernas também, ele não andava. Mas assim, dor, dor ele não tinha. A gente perguntava: “está tudo bem?”, “tudo bem”. Sempre estava tudo bem com ele. Sempre que ele estava internado o médico chegava: “E aí, tudo bem?”, “tudo bem”. Nunca reclamava. Meu pai era muito bom, não tinha boca pra nada. Conversava com ele era só dando risada. Ele me ajudou muito no início do meu casamento. Ajudou bem eu também quando ganhei minha filha, ele estava na frente com nós.

T: Era uma família bem unida?

R: Toda vida, graças a Deus. Esse irmão meu mesmo que está separado, separou por causa de pinga dele. Ele foi bebendo, bebendo e foi embora sem dar decisão pra família. Mas minha cunhada mora em Londrina, com os filhos tudo e ela fala: “se fosse por vocês eu estava com ele até hoje”. Mas ele que saiu, não tinha como ela fazer nada. Então toda vida nós foi uma família bem unida.

T: Você e o seu esposo tiveram um filho?

R: Dois, mas um nasceu morto. Se tivesse aí estava com uns 37 anos porque quando eu ganhei ele a outra estava com oito anos e ela está com 48 anos. Ele ia estar com uns 30, né?!

T: Ela tinha 8?

R: Sim.

T: Ele ia estar com 40 anos.

R: Isso, ele ia estar com 40 anos. Então e daí pra cá eu tive que operar e não pude ter mais, porque todos os dois eu quase morri. Esse da menina eu fiquei 19 dias no hospital e o doutor não dava nada por mim. E ela gorda, bonita, nasceu uma menina linda, quatro quilos pesou e o doutor falava: “sua filha vai ficar moça e você aqui no hospital”. Daí depois que eu saí do hospital eu ia a cada 15 dias fazer curativo porque ficou inflamado a operação, vazando. Não podia pisar em falso, não podia fazer serviço pesado, tinha que fazer as coisas tudo devagarzinho. Pra dar banho nela eu tinha que ponha a bacia d’água e dar banho.

T: A senhora teve que fazer cesárea?

R: Cesárea e ficou vazando 5 mês.

T: Não pode fazer parto normal?

R: Não pude. Cheguei no hospital e as pernas já estavam entevando porque naquele tempo era assistente, a gente não ia atrás de pré-natal, nada. Eu mesmo nunca fiz em nenhum dos dois. Só ia no dia pra ganhar e pronto. Então eu sofri bastante em casa, quando cheguei lá o doutor não tinha nada que fazer só operar mesmo, já fui direto pra mesa de operação.

T: Nos dois?

R: Nos dois. Eles fala que zangou a operação por causa disso, porque eles me deram muita coisa quente em casa. Naqueles tempo eles usavam da pinga com pimenta do reino pra dar força e ele disse que aquilo infeccionou o útero e eu fiquei muito ruim. Com cinco meses depois que eu fui poder ajudar ele um pouco. Mas graças a Deus, depois disso Deus tem me dado saúde. Eu falo que na idade que nós está ainda tem saúde, né?! É uma benção de Deus, né?!

T: Com certeza. Pelo o que você estava falando da sua infância, você não teve oportunidade de estudar, nunca foi a escola?

R: Não, nem brincar. De pequeninho já ia com a mãe pra roça, já começava a trabalhar, já ia cuidar de casa. Ninguém via falar em escola, ninguém. Minha mãe foi professora e tudo, dava aula pras crianças a noite na colônia que a gente morava na fazenda e ela dizia que eu fui muito doente. Eu tive aquela doença simioto e eu era desenganada dos médicos e aí uma japonesa ensinou dar leite de égua pra mim, foi com que me curei, Deus abençoou que eu arribei. Então quando ela estava ruim em cima da cama ela falava assim: “ai minha fia, Deus sabe o que faz, Deus deu ocê só pra cuidar de mim” porque os outros tudo longe e eu tinha paciência com ela. Os irmãos vinham em casa e falava assim: “ah, você dá muito dengo pra vô”. Não é, é que a gente via que ela não tava boa, quem tava cuidando é que sabe, né?! Aí se fosse preciso ficar 20 dias no hospital com ela eu tinha que ficar porque ela não enxergava e não podia deixar ela sozinha. Graças a Deus venci bem, estou aqui alegre e contente, trabalhando, cuidando de neto ainda.

T: E seu primeiro emprego foi os 10 anos na lavoura?

R: O primeiro emprego a gente ajudou meu pai na lavoura e aí com 19 anos eu casei e já peguemos porcentagem nós dois e aí continuemos a pegar café com porcentagem. Aí quando a gente perdeu essa empreita que teve que vender foi que eu vim pra Alto Paraná e alí em Alto Paraná eu morei 38 anos trabalhando de boia fria. Aí com uns cinco anos que nós estava em Alto Paraná a gente pegou esse emprego na granja, aí eu fiquei 6 anos, saí pra cuidar da minha mãe e ele continuou, aposentou lá. Depois que ele aposentou ele ainda trabalhou mais dois anos e aí minha filha falou: “não pai, agora chega”. Eu aposentei na colheita de laranja porque eu acertei com o patrão e fiquei cuidando da minha mãe, quando a minha mãe faleceu eu falei: “eu não posso ficar parada”. E a gente gastou com ela, ainda graças a Deus eu pagava o plano e o plano cobriu tudo, não paguemos nada. Aí o dono era muito conhecido nosso e chamou nós pra trabalhar com ele e aí eu colhi laranja até quando eu me aposentei e quando me aposentei ainda foi três vezes lá: “vamos dona Rosa, vamos”. A filha falou: “não mãe, com um pouco você cai do pé de laranja e nem aproveita a sua aposentaria. Chega de trabalhar”. Aí não deixou eu ir mais e aí fiquei. Ajudava ela, ela é professora, então eu ficava com as crianças e ela trabalhava, aí os filhos casou, os netos veio pra cá comigo e casou também e eu fiquei assim, só eu e ele [marido].

ENTREVISTA 02

Data: 20/10/2014

Horário: das 10h às 11h30

Local: Residência da entrevistada

T: Hoje em dia, quais atividades que a senhora realiza? A senhora cuidava dos netos, agora eles cresceram e casaram.

R: Um foi lá pro alto e ficou longe, aí o do [nome do neto] ele pôs na creche e falou assim: “vó, a senhora não está na idade mais de cuidar de neto”. Ai quando não tem creche, as vezes estão de férias, aí ele deixa comigo. É assim.

T: E o que mais a senhora faz além de cuidar do bisnetinho?

R: Eu faço uns bombonzinhos pra vender, pra entreter, né?! A gente ficar muito parado fica doente, né?! Então eu faço uns bombonzinhos pra vender, vou lá na minha sobrinha passar

roupa pra ela, vou lá na [nome feminino] e passa pra ela também porque é duro achar uma pessoa pra zelar da casa, né?! Então é assim. Quando eu não estou boa eles deixam, não quer que eu mexo.

T: E a senhora faz os trabalhos de casa?

R: Faço tudo, não é ninguém que cuida, é só eu mesmo. Como diz o outro: “ou bem feito ou mal feito é eu que tenho que fazer”. Eu cozinho, eu limpo, lavo, passo e ainda sobra um tempinho pra ajudar eles. A gente faz o tempo, né?! Porque se for olhar não faz.

T: E a senhora gosta de ter essa rotina?

R: Gosto. Não gosto de ficar parada não. Não gosto. Vixi. A [nome da filha] vem e diz: “mãe, deita de dia” e eu falo: “eu vou deitar de dia nada, levanto com o corpo ruim, danado. Não gosto de deitar de dia”. Se eu tiver boa eu não deito, pergunta pra ele [o marido]. Aí saíram hoje, ficou silêncio e eu: “sabe que eu vou deitar um pouquinho, o tempo está gostosinho” e deitei um pouquinho ali no sofá. Então é assim minha filha.

T: E você vão na igreja também, não é?!

R: Sim. Na igreja nós vamos, se não tiver chovendo nós vamos em todos os cultos. Isso nós não perde. Tem 46 anos que nós segue na Assembleia de Deus.

T: Vocês casaram na Assembleia?

R: Não. Quando eu casei eu era católica e eu aceitei Jesus com 22 anos de idade.

T: Os dois juntos?

R: Os dois juntos, num dia só. Eu já tinha vontade, mas ele era muito católico, então eu esperei Deus salvar ele primeiro. Três horas antes Deus chamou ele, aí nós seguimos juntos.

T: Faz quanto tempo que vocês são casados?

R: Está com... Já tem quantos anos? 49, 48?

Marido: O que?

R: Que nós é casado.

Marido: Nós casamos dia 21 de Outubro de 1966.

R: Dia 21 de Outubro do ano que vem faz 50 anos.

T: Que legal. Parabéns.

R: Muitos pensam que ele é casado pela segunda vez porque eu casei com 19 e ele com 30. Então muitos já perguntou pra mim se ele é casado segunda vez. Foi o primeiro que eu arrumei, casei e pronto. Aquele tempo não tinha namoro, né fia?! Era namorar e casar logo. Os pais não aceitavam e principalmente minha mãe. Minha mãe, nós estava conversando e ela estava de longe só de olho. Nós fugiu porque no começo ela não aceitava, meu pai aceitava e ela não. Aí depois que nós casou e que ela viu que nós estava indo bem que ela chegou e amava nós, não trocava nós por outro filho, de jeito nenhum. Os meninos chegava e falava: “mãe, vamos passar uns dias lá em casa? Tem médico bom”, “não, não vou deixar minha fia não” ela falava. Só largou na morte mesmo. Morreu segurada na minha mão, conversando comigo. Os dois, conversando comigo assim, quando eu vi só estava o suspiro. Deus abençoou bastante, até na morte deles porque tem gente que sofre tanto pra morrer, né?! Eles não, foi uma paz. Todos os dois. Meu pai conversando comigo. Fui perguntar se ele queria café, ele disse que já tinha tomado e aí eu sabia que ele não tinha tomado, comecei dar risada e ele falou assim: “você está

rindo? Toda hora tem gente trazendo comida pra mim”. Eu acho que ele já sabia que Deus ia levar ele porque um dia antes ele fez eu ir lá no banco e tirar o dinheirinho dele e no dia que ele morreu ele falou assim: “fia, onde você guardou”, eu falei: “está aqui pai”, ele falou assim: “a tua mãe vai precisar”. Quando foi sete horas ele faleceu, da manhã.

T: E você que já conviveu com a velhice dos seus pais e está vivendo esse momento agora, o que é a velhice pra você?

R: Olha, esses dias o [neto] estava perguntando pra mim e eu disse: “eu me sinto tão feliz”, sabe? Parece que aquilo que eu passei quando era mais nova, trabalhava, quando era 04:15 a gente já estava no ponto pra pegar o ônibus. Hoje eu sinto que foi um divertimento pra mim, sabe? Não sinto como pesadelo, não sinto. A [filha] fala assim: “mãe eu admiro a senhora”. Eu vou na casa das netas, eu ajudo a lavar, a passar. Cheguei lá esses dias ela estava com um monte de roupa pra passar, eu passei tudo. Por que você sabe que quem tem criança junta roupa. Vou na casa da [filha]: “olha mãe, vou pra escola e a senhora não faz nada”, “tá bom”, quando ela chega a roupa está lavada, passada, casa limpa. Ela fala: “mãe, eu sinto um sossego quando a senhora está comigo”. Eles quer que eu mude junto com ela, mas por causa que o [neto] sempre viveu comigo e agora tem esse neném que é apegado comigo. Você acredita que eu fui pra Alto Paraná e ele ficou doente? Aí ele ligou: “vó, o neném passa em frente a casa da senhora e fica em desespero”. Aí quando eu cheguei que ele veio, abandonou pai, abandonou tudo e veio e me abraçou: “minha vovó, minha vovó”. E a gente fica tão feliz, né?! E é assim. Ontem ele foi embora em gritos porque o outro netinho está aqui também e eles brincam muito né?! Então eu falo pra filha que eu tenho vontade de ficar perto dela, mas tenho dó que [neto] fica sozinho também porque quando não tem creche e tudo, a gente dá uma mãozinha. Você que quem trabalha não pode perder dia. Então eu falo que eu me sinto feliz. Esses dias ele me perguntou: “vó, a senhora não pensa na morte?”. “Não penso”. Eu só penso assim, sempre falo com Deus assim: “Senhor, se eu tiver alguma coisa que me impede a minha salvação me alerta antes do Senhor me levar porque eu quero ser salva”. É a única coisa que eu peço pra Deus. Mas eu não penso assim que amanhã eu vou estar em cima de uma cama. Muita gente fica pensando assim: “eu estou com doença isso, doença aquilo”. As vezes dá uma dorzinha e já pensa: “aí, fulano está com essa dor e eu estou também”. Não, eu não penso isso. Deus nunca deixou eu pensar essas coisas não. Então acho que é por isso que eu venço. Eu tenho a cunhada do meu genro, ela é muito querida. Ela fala: “dona Rosa não existe uma pessoa igual a senhora”, ela ama demais eu. A mãe dela, o gosto deles era que eu focasse lá pertinho deles. E esses dias que eu fui lá ela estava viajando pra descansar um pouco que a mãe também está nessa situação. Aí eu falei que ela podia ir que eu ficava com a mãe dela, nossa, mas ela ficou feliz. Então eu falo assim que o importante da vida da gente é a gente viver bem com todo mundo, servir a Deus, comer e beber aquilo que a gente tem vontade, é só o que resta pra nós aqui e eu me sinto feliz.

T: Então agora é aproveitar a vida?

R: Aproveitar a vida. Ontem mesmo meu neto falou: “vó, a senhora quer que eu te levo em Londrina?” porque meu cunhado foi operado da próstata, aí eu falei: “fio, essa semana eu não posso ir porque eu tenho um negócio lá no Alto pra resolver e eu vou ter que ir pra lá no dia 25 e pra mim ir lá e voltar correndo eu não quero, eu quero ir e ficar pelo menos uma semana com eles. Então, vou esperar resolver primeiro um problema e depois eu vou”. Mas eu quase não paro aqui não. Minha vida é passear. Aí ele fala: “vamos vó?”, eu falo: “deixa eu aquietar um pouco na minha casa, vocês não deixam quieta”.

T: A senhora gosta de passear?

R: Eu gosto e ele [marido] também. É muito gostoso na casa da gente, mas a gente sente feliz também quanto está com eles e ela é muito querida. Os pais dela mora no Mato Grosso e ela se

apegou muito comigo e ela vai embora e fala: “ai vó, eu queria ficar com o você”. Ela diz que sente uma paz quando está aqui. Então, eu me sinto feliz. Todo lugar que eu vou a gente se sente querida, sabe?! Graças a Deus é uma benção a minha família. Eu vejo muita gente reclamando de família, mas eu, só se for daqui pra frente porque até aqui não deu pra reclamar. Minha filha, desde de pequena, nunca me respondeu e ela não deixa ninguém responder eu. Então eu falo assim que a gente só tem que agradecer a Deus porque hoje em dia está difícil uma família ser muito unida, né?! Minha filha fala assim: “mãe, eu sou sua família. Com o tempo eu vou ter que cuidar da senhora. O [neto] tem a família dela, o [irmão] tem a família dele e a senhora é a minha família. Então é eu que tenho responsabilidade de cuidar da senhora”. Mas até agora, Graças a Deus, eu não estou precisando de ninguém pra cuidar, a gente pode fazer a comidinha da gente, lavar a roupinha da gente, fazer tudo. Então eu falei: “filha, enquanto eu tiver mais o véio, nos dois e tiver com saúde, nós fica aqui. A hora que vocês vê que a gente não aguenta mais, vocês aluga uma casinha perto de vocês”. Mas a vontade dela é que nos fundos da uma casinha boa. Então vamos ver, nós estamos orando, o que Deus fizer pra nós está bom. Minha mãe falava que vale um conselho que mil reais no bolso, então a gente vive muito feliz. Então tem mais é que agradecer.

T: E como que a sua família vê a velhice?

R: É feliz, graças a Deus.

T: Então a sua família vive feliz esse momento da vida?

R: Vive. Tudo eles, graças a Deus. Esse meu irmão mesmo que está inteirando 90 anos, você vai na casa dele e ele só conta benção, a noite inteira. Se você for na conversa dele amanhece contando benção. Ele criou 10 filhos tudo, trabalhando na roça, só que ele pode dar estudo pra eles, mas ele sozinho trabalhando. Criou, está tudo casado, morando perto dele. Tem um monte de neto, acho que tem uns 40 neto já, bisneto, tudo em volta dele. São feliz também. Essa minha irmã também que faleceu era tudo perto dela também, 10 filhos também ela criou. Ela era mais velha que eu dois e anos e meio. Essa uma também que foi mãe dela ficou muito tempo perto de mim, depois ela teve um câncer na medula e levaram ela pra lá, tratou bem dela, num sarou porque Deus sabe o tempo certo, né?! Mas fez uma casinha bem arrumada, ponho tudo novinho pra ela. Chegou o tempo de Deus levar, né?! Operou tudo, mas não teve jeito. Aí ela ficou muito triste que a mãe faleceu, ela não podia olhar a casinha da mãe, aí nós foi e trouxe eles pra cá. Ela ficou comigo dois mês, já arranhou emprego e construiu a casinha deles. Então todos eles é feliz, graças a Deus. A minha sobrinha também que a gente fez casar, é uma família maravilhosa. O véio deixou 10 alqueires de terra, hoje já são 40 alqueires. Uma família muito unida. Então, graças a Deus, por onde a gente vai eles é tudo feliz.

T: E pra sociedade? Como a senhora vê que a sociedade enxerga as pessoas idosas?

R: Olha minha filha, eu não tenho o que reclamar não. Não. Eu vou no posto, sempre fui bem recebida, quando internei no hospital fui bem tratada. Não posso reclamar deles. Até esses dias eu estava conversando com meu pastor, quem tratou de mim foi o Dr. Ximura e ele falou assim: “pois olha irmã, eu estou admirado porque a primeira que gaba o médico assim foi você”. Eu falei assim que desde que eu cheguei aqui a gente pegou um conhecimento com eles. Quando eu morava lá embaixo eu fiquei muito ruim do rim e não aguentava andar. Aí eu fui lá, fez ficha pra mim, eu consultei, o médico bateu chapa, tudo, fez o raio-X, tudo, trouxe tudo, me deu os remédio certinho, sarei minha filha. E desses dias aqui que eu estou com a perna doendo, foi o joelho, sabe? Mas já estou bem melhor também. Esses dias minha filha veio aqui e falou pra eu ir fazer uma consulta. Eu falei: “vou sim”, mas eu tenho uma preguiça de ir no médico, só Jesus sabe! Mas graças a Deus o farmacêutico deu uns comprido bom, sabe? E eu estou bem melhor, estou fazendo de tudo. Então eu não tenho do que reclamar dos médicos, dos enfermeiros,

sempre me receberam bem. Não sei daqui pra frente porque a coisa tá ficando mais difícil, mas eu não tenho do que reclamar não. As vezes vejo gente assim que reclama de médico, reclama de enfermeira, reclama de pastor, eu não tenho que reclamar. Morei lá em Alto Paraná 38 anos, todos os pastor que passou lá já veio me visitar aqui e o nosso aqui é uma benção também.

T: E quando a senhora vai no mercado, não tem nenhuma dificuldade?

R: Nossa, olha, pra falar pra você vai fazer 10 anos já, dia 18 de outubro que eu cheguei aqui eu compro no Deda, se eu ligar lá na hora eles me traz as coisas aqui. O Zé do açougue, nas lojas... Hoje mesmo eu fui lá na Loja Bacana, nossa, mas é um amor de pessoa. Eu fui comprar um presentinho pro meu neto, no dia dos pais, você precisa de ver, eu não tenho do que reclamar fia. Tem não, de jeito nenhum. Eu falo assim que eu com toda a minha idade, não tenho leitura, mas minha neta fala assim: “vó, a senhora é danada. A senhora entra e sai em qualquer lugar”. Meus neto fala: “admiro a senhora vó, a senhora não ter leitura e ser do jeito que é”. Mas não é eu né fia?! É Deus que faz isso. É Deus que faz.

T: E porque eles falam isso? É porque a senhora se vira bem?

R: Se viro. Não dependo deles de nada, fia. Só se eu ficar ruim, aí eles leva eu no médico e também assim pra eu viajar, eles não quer que eu vou sozinha.

T: E pela falta de leitura a senhora encontra alguma dificuldade pra fazer alguma tarefa do dia a dia?

R: Não, por enquanto não tenho isso na cabeça não.

T: Se vira tranquilo, mesmo sem leitura?

R: Olha, ele [o marido] não faz compra não, ele sabe uma leitura maravilhosa, mas eu que compro de tudo e eu que pago de tudo. Eu não tenho leitura, mas eu seu quanto eu devo, eu sei quanto eu tenho pra receber, sei tudinho. Agora pra escrever é que sou ruim, só faço o meu nome, purinho, male má ainda. Mas ele sabem lá: “pode deixar dona Rosa, eu entendo” porque já conhece a gente. E alguma dificuldade que eu tenho assim, por exemplo, eles dá uma consulta em Umuarama, aí lá eu já não tenho conhecimento e aí o neto leva eu, ou o neto ou o genro, eles me levam, não deixam eu ir sozinha não. Quando eu me vejo agoniada, sozinha, eu vou pro [neto], vou pra igreja, vou pra [filha]. Eu não ponho essas coisas no meu coração não, fica dentro de casa, morrendo, não. Tem gente que faz isso, isso faz mal pra gente, faz mal, não gosto disso.

T: E quem te ensinou ser assim?

R: Eu mesmo, eu mesmo. Porque eu vejo as pessoas agoniada dentro de casa, eu não gosto, eu gosto de sair. As vezes eu vou lá pra [sobrinha], fico até 11 horas conversando com eles, aí o [sobrinho] vem trazer eu aqui, ele não deixa eu vir sozinha. As vezes eu vou no [neto] e fico brincando com o neném até tarde e eles não deixa eu vir sozinha.

T: E quem são essas pessoas que a senhora vê que ficam agoniada? São amigas que a senhora tem?

R: A minha irmã mesmo, essa que deu câncer, ela era assim. Ela ia visitar uma pessoa, se estava com um problema assim, qualquer dorzinha que dava ela sentia que estava igual. Eu falava: “você não pode ponha isso na cabeça. Não põe isso na cabeça. A doença é assim, se você encafifa que está, você está mesmo”, entendeu? Então os médicos mesmo falam pra gente não ponha essas coisas na cabeça, então eu não ponho essas coisas na cabeça não.

T: E o que a senhora põe na cabeça da senhora, que a senhora acha que é bom?

R: Eu ponho que Deus vai me ajudar e eu vou vencer e Deus vai me curar e pronto. É assim. Eu não sei minha fia se é porque Deus já me curou de tanta enfermidade e meus netos falam assim: “Vó, Deus cura, mas a senhora tem que ir no médico”, eu falo: “tem fio, quando Deus mandar eu ir eu vou”. Eu sei que tem enfermidade que é pra médico porque deixou os médicos pra isso e quando a gente vai no médico tem que ir e pedir orientação dEle pro médico dar o remédio certo porque se você vai sem fé também não vai dar certo, né?! Então as vezes está doendo qualquer coisa e eu falo: “ai Jesus, o Senhor curou tanta coisa e essa daí também vai passar” e passa. O [neto] chegou aqui e eu arrastando a perna: “vó, vai no médico!”, “vou sim fio”, aí a [filha] fala assim: “vem cá mãe que eu vou marcar a consulta”, não deixei ela marcar não e eu voltei boa, há há. É assim, agora, quando eu sinto que é pra ir mesmo aí eu vou. Aí nem chamo eles. Quando eles vê já fui e já voltei, se eu aguentar andar. Aí aquele dia que eu fiquei ruim, eu fiquei três dias internada. Mas aí foi uma coisa assim esquisita, sabe? Eu levantei boa, tomei um banho, fiz café e foi me dando uma coisa ruim, uma coisa ruim. Aí eu falei assim: “bem eu vou deitar” e cheguei na cama minha fia, minha perna tremia, tremia, esses osso assim parecia que ia descolar de tanto que doía. Aí ele ligou pro [neto] e ele veio na hora, levou eu direto pro hospital, aí chegou o doutor que atende no posto falou assim: “a senhora vai ficar aqui uns quatro dias tomando soro pra melhorar essas dor, se não melhorar a senhora vai pra Umuarama”, aí quando foi com três dias ele falou: “ah, graças a Deus está boa a senhora, não vai precisar ir pra Umuarama não”, me deu os remédios pra tomar em casa e Graças a Deus fiquei boa mesmo. Aí desses dias pra cá começou a doer meu joelho, mas eu não sei se foi eu brincando com o neném esses dias e ele jogou uma água no chão e eu caí de joelho, pode ser que saiu alguma pecinha do lugar. Mas, aí eu tomei esses comprimidos e desinflamou, graças a Deus está dando já pra mim trabalhar. Então eu me vejo assim, o dia que Deus quer tirar ele tira, não adianta estar perto de filho, na mão de médico. Tanta gente que morre no hospital, na mão do médico, gente rica que tem dinheiro pra pagar junta de médico, chegou o dia Deus leva, não precisa correr. Aí eles fala assim: “aí vó, a senhora é diferente”, eu não quero aborrecer ninguém e o dia que Deus quiser me tirar ele tira. Ele deu, Ele tira a hora que Ele quer. Então quando eu ganhei o menino e ele nasceu morto o doutor veio e falou pra mim assim: “olha, o neném nasceu morto, mas tem um neném aí que a mãe rejeitou, a senhora não quer pegar pra criar?”. Aí eu falei: “olha doutor se fosse pra mim criar Deus dava o meu”. Eu trabalhei os nove mês, não senti dor, não senti nada, de uma hora pra outra o meu menino nasceu morto? É porque Deus quis. E se Ele levou, Ele levou e deixou uma pra mim. Então está bom.

Marido: A gente fala assim que nasceu morto, mas sabe o que aconteceu?

R: Eles fala que foi o médico que matou porque ele tinha costume de tirar criança e matar.

Marido: Foi do dia 6 para o dia 7 de setembro, feriado, né? Aí diz que ela sentia dor e apertava a companhia e falavam: “não chegou a hora ainda”.

R: É que a operação foi marcada pra três horas e quando eles vieram me atender era quatro horas da manhã e eu estava morrendo de tremor de frio. O tremor de frio diz que foi a hora que a criança estava morrendo. Se eles atendesse uma hora antes de dar o tremor de frio o neném tinha escapado. A turma falou que nós podia processar porque no atestado dele estava escrito assim: “recém nascente. Causador da morte: Doutor X ”. Então se eu levasse aquele papel na justiça condenava ele. Eu falei: “não, mas Deus sabe todas as coisas. Se ele fez, ele vai pagar por todas as coisas”. Se foi assim, foi porque Deus quis. Mas eu falo assim que Deus levou e eu não me preocupei com a luta do mundo. A minha menina foi uma menina muito querida, não me deu trabalho na juventude, não me deu trabalho depois de casada, sempre na igreja, estudou, passou tudo sem ter nota vermelha, então eu sou grata Deus porque Deus abençoou bastante. Meus netos também são muito queridos. Até aqui eu não tenho o que reclamar da vida.

T: Se fosse pra senhora resumir a infância, o que a senhora diria da tua infância?

R: A única coisa que eu sofri na infância foi de não ter leitura que, como meus neto diz: “vó, se a senhora tivesse uma leitura a senhora passava até a perna em nós”. Mas, a gente não culpa eles, porque eles também morava uma distância muito longe e aquele tempo não tinha carro pra buscar, até os pais da gente não sabia falar o que era um professor. Até um tempo atrás era assim, ninguém tinha estudo, era tudo no cabo da enxada. Mas, eles foi um pai assim que nunca deixou a gente passar falta. A gente não tinha como tem hoje, hoje é fartura, mas eu digo assim que a gente não tinha roupa, sapata três ou quatro pares, três, quatro par de roupa, não tinha. Era uma pra sair e outra pra casa, um sapato pra sair e um chinelinho de casa. Quem tinha chinelo, quem não tinha era dedão no chão mesmo. Mas assim, que eles foi um pai que judiava, que batia, isso não. Meu pai mesmo, nunca bateu em nós. Minha mãe sempre era mais brava, sempre dava umas varadinha. Eu pra dizer a verdade mesmo dormi no quarto dos meus pais até 10 anos. Ele era muito carinhoso, era muito carinhoso. Comigo também não deixava falta, ele trazia o carrinho lotado. Naqueles tempo usava sacão de 60 quilos, açúcar, tudo de 60 quilos. Era pra um mês a compra. Frango, porco, ele nunca deixou de criar. Sempre nós tinha carne com fartura. Então a gente não passou fome assim não, né?! Não posso reclamar. Eu falo pro genro assim, ele pergunta: “você nunca pediu pra Deus coisa assim grande?”, eu falo: “não, sempre eu pedi pra Deus saúde, convivência boa com a família e não falta o pão de cada dia”. Grandeza assim nunca pedi porque tem gente que pede: “ai Senhor, eu quero isso, eu quero aquilo”. Eu acho que não porque Deus dando saúde a gente tem força pra ter o que a gente quer. Ele está dando saúde? Está dando tudo! É só ter coragem e planejar a cabeça. Então, quando eu vim de lá pra cuidar do [neto] ele pagava o aluguel pra mim, eu aluguei minha casa lá e ele pagava o aluguel pra mim. Aí no fim ele fez essa aqui e falou: “você vai pra lá e não precisa pagar aluguel” e falou: “lá é seu, se quiser até que eu passo eu passo”, aí eu falei: “fio, eu não vou querer escritura porque lá já deu trabalho pra fazer o inventário. Aí eu pego aqui e se falta eu o [marido] você vai ter que fazer daqui”, eu falei: “então deixa quieto”.

T: Então, resumindo a infância, foi uma infância boa?

R: Foi. Não tem do que reclamar não. A gente trabalha porque naquele tempo os pais não dava moleza não. Quem estava em casa fazia o serviço de casa, quem ia pra roça tinha que... quando nós ia colher, minha mãe gostava muito da colheita de algodão, meu pai ficava tocando café com os camaradas e ela ia com nós pro algodão e ela virava a latinha de 20 litros assim e ela dava tarefa. O mais pequeno apanhava duas, o maior três e tinha o mais grandinho que era 10 latinhas daquela, quando terminava ela deixava nós brincar um pouco. Daqui um pouco ela falava assim: “olha filho, dá pra pegar mais uma até na hora de ir embora”, aí nós ajudava. Tinha vez dela apanhar 15, 20 arroba com nós ajudando assim. Ela era danada pra trabalhar, muito trabalhadeira. Ela puxava os pião na roça. Pião que não acompanhava ela falava pro pai: “olha pode mandar embora não acompanha uma muié”, ela era danada, era trabalhadeira. Agora em casa assim ela não era uma mulher assim... o dia que ela tirava pra limpar ela limpava mesmo, mas como trabalhava muito na roça a casa era meio bagunçadona. Depois que a gente foi crescendo a gente foi botando a casa mais em ordem.

T: E pra resumir a vida adulta? Como você resumiria a vida adulta?

R: Até essa idade de 40 e poucos anos de casado está tudo na paz, graças a Deus. Não sei quando eu ficar bem velhinha, né?! Aí eles vão ter que cuidar de mim (risos). Eu falo pra eles: “se eu não morrer de repente, aí vocês vão ter que cuidar de mim. Se Deus sentir de levar eu de repente, aí melhor porque não dá trabalho pra vocês”.

T: E quando vocês tinham uns 10 anos de casados, com filho pequeno?

R: Olha, a gente passou muita luta até que minha menina tinha uns três anos porque eu sofri muito na dieta, demorei pra ajudar ele e a gente casou sem nada, então, foi meio apertado. Dizer

que a gente passou fome, não passou, mas não tinha assim o que você queria comprar, não dava. Porque tinha que esperar o ano inteiro pra colher aquela lavoura e a gente estava pagando hospital, naquele tempo não tinha hospital de graça e ficou 400 cruzeiros e fomos pagando cada mês um pouquinho. Então, foi difícil, mas a gente venceu com saúde depois. Então, que nem eu falo pra você, eu tenho muita fé porque quando eu fiz essa operação o meu cunhado que era pastor ele era muito fiel à Deus, sabe? Aí ele foi lá, me viu naquela situação e até chorou porque eu estava com três mês e só tinha osso, aí ele orou pra mim, eu estava até indo fazer curativo. Aí ele falou assim: “eu tenho fé em Deus que eu vou fazer essa oração e você nunca mais vai em hospital”, eu fui em hospital quando eu ganhei o menino, depois de 8 anos. Aí ganhei o menino, fui feliz na operação, não teve nada, não inflamou. Ainda o doutor falou: “nem parece que você ganhou neném”. Por isso que eu falo que alguma coisa no parto teve, mas eles não fala e a gente na situação que está também não sabe, eles não deixa ninguém ir junto.

T: Até hoje a senhora não sabe porque ele nasceu morto?

R: Não sei. Só sei que ele falou assim: “operei a senhora de tudo, agora a senhora não pode ter filho de jeito nenhum”. Aí ele operou tudo, não cobrou nada e tratou bem de mim. O neném faleceu mas eu não posso reclamar que eles tratou mal de mim, fui embora com saúde, passou os remédios certinho.

T: E na época a senhora ficou muito triste ou conseguiu viver com isso?

R: Eu lembrava que eu podia estar com ele nos braços e tudo, mas aquela tristeza, tristeza de jogar praga no médico, nunca não, nunca tive não. Eu pedi pra Deus não deixar eu ficar preocupada com essas coisas assim. Eu falei: “ah Deus sabe que eu tenho outra filha pra criar, eu tendo saúde pra criar a outra”. Porque eu ia fazer o que? Você sabe que se a gente fosse dar queixa e tudo, a corda arrebenta pro lado mais fraco. Então, nosso juiz, nosso advogado está lá [aponta para o céu], ele sabe o que faz. Eu falei que quem sabe esse menino ia ter uma sina ruim e ia ser triste pra mim e Deus revogou isso?! Então, tem hora que a gente não pode falar nada, né?! Tem que ficar quieto porque Deus sabe o que faz, quando Ele leva uma vida é porque ele sabe o que vai passar. E muitas vezes, ao invés de trazer felicidade pra família traz tristeza, né?! Porque eu vejo passar na televisão esses meninos com droga e os pais chorando, eu falo que eu não suportava uma coisa dessa, é triste. Então, Deus fez tudo direitinho. Filho homem é mais duro da gente segurar, então eu falo assim que tudo que Deus fizer pra mim está bom.

T: Então, resumindo tudo o que a senhora já viveu até aqui o que fica?

R: Olha, até aqui não posso reclamar não, não posso reclamar de jeito nenhum. Trabalhei, mas Deus me deu saúde pra trabalhar. Você vê que logo 4:40 eu já estava no ponto, me aposentei cedo com 55 anos, já não precisou mais eu sacrificar aquela vida que eu sacrificava, cuidei do meu pai, cuidei da minha mãe, ajudei cuidar das irmãs que deu câncer. Ela ficou 2 meses morando comigo, dando banho, lavando roupa; nós se dava demais, demais, foi até bom que levaram ela e ela faleceu lá porque eu não ia suportar ficar aqui sem ela e ela também não queria ficar sem eu. Quando ela foi pra tratar eu fui com ela e fiquei 15 dias lá. Então eu falo assim, lá no Alto nós passamos um tempo bom, vizinhos maravilhoso, quando eu vou lá, se eu quiser passar a semana, pousar e comer toda casa eu entro e saio, entendeu? Mas, eu chego lá e me dá aquela recordação que quando eu mudei lá tinha meu pai, tinha minha mãe, tinha meus sobrinhos, tinha minha filha e agora não tem ninguém. Então eu gosto de ir lá, amo tudo eles, a igreja muito querida, mas a gente fica recordando tudo o que a gente passou ali. Embora que com tudo isso minha mãe não deu trabalho de chegar a sufocar por causa dela, não. Tinha dia que ela estava brava, brava, brava e ela não enxergava e ficava reclamando e xingando em cima da cama: “porque ninguém vem me ver, porque isso, porque aquilo” e eu ficava assim olhando e orando em espírito: “Jesus, isso não é dela não”. Aí ela falava assim: “Rosa?”, “oi mãe”, “você

está aqui?”, “estou mãe”, “e você não responde nada?”, “não mãe, eu estou escutando a senhora falar”, aí ela voltava alegre, acalmava aquela reclamação. Então é assim minha vida. Meu genro fala assim que admira eu. E agora você vê, eu vou reclamar do que? Eu tenho de tudo, não falta comida, meus filho chega e tem de tudo, não pago aluguel, me deu aqui pra eu morar. Eu vou reclamar do que? Não tem do que reclamar. Se reclamar está condenando a Deus porque a gente vê tantos pobrezinhos que nem a gente ve na televisão, então a gente olha pra vida da gente e a gente está no céu. E trabalhar todo mundo tem que trabalhar hoje, né fia? Porque hoje em dia do jeito que está as coisas um só não dá conta da casa, precisa ganhar muito bem pra dar. Se vê, eu pago 100, cento e pouco só de luz. Uma pessoa pra tratar de filho, pagar água, pagar luz, as vezes paga aluguel, é uma vida apurada. Se não correr passa fome. Então eu falo pro meu véio, Deus tem abençoado nós tanto que só Ele mesmo. Todo lugar que eu vou meus vizinho é um amor, não tenho do que reclamar. Eu não mexo com a vida de ninguém, eles também não mexem com a minha. Então está tudo na paz, graças a Deus. Eu me sinto muito feliz, muito, muito. As vezes minha filha fala: “mãe, a senhora já foi no médico?”, aí eu falo: “meu médico já passou o óleo” (risos). Eu tenho muita fé, mas olha minha filha, não sei se eu posso falar isso, mas quando eu me converti eu tinha uma dor de garganta que eu passava até 15 dias na cama, meu irmão tinha marcado a operação pra segunda feira, eu tinha três mês de convertida e o pastor chegou lá de madrugada e disse que Deus tinha revelado que eu estava ruim, me levou na igreja, a igreja estava em consagração e eu fui curada na hora. Nem os remédios que o médico deu eu não tomei mais, também não passava. Aí Jesus me curou. E eu tinha uma dor de cabeça que quando dava eu tinha que ficar assim [com a mão na cabeça] o dia inteiro e eu fiz um voto a Deus de testemunhar na igreja e ele me curou. E quando eu ganhei esse menino, passou uns tempos e apareceu uma hérnia assim na barriga, eu trabalhava na roça, o dia que eu esforçava um pouquinho não podia nem espichar a perna; aí quando foi um dia eu entrei no quarto e falei: “Jesus, o senhor me curou de tantas enfermidades. Assim como o Senhor operou a minha garganta o Senhor sabe que eu não tenho dinheiro para operar essa hérnia”, naquele tempo ficava 400 cruzeiro e 400 cruzeiro naquele tempo era muito dinheiro não tinha médico de graça aquele tempo, aí eu falei assim: “o Senhor sabe que eu não tenho recurso pra fazer essa operação”. E esqueci. Fui trabalhar, lavei a roupa minha, da minha mãe, limpei tudo, esqueci da dor. Isso foi no sábado, na segunda-feira nós tiramos 50 sacos de café daqueles grande, aí eu cheguei em casa e falei: “mas que coisa! Desde sexta-feira não dói nada”. Tomei banho, apalpei, apalpei, cade? Não tinha nada. Naquela hora que eu orei Jesus me curou. [...] Então, eu falo assim que quando é pra Deus curar, Ele cura. Quando é pra médico, é pra medico. E quando não é nem pra Deus e nem pra médico é porque chegou o tempo dEle levar. [...] Então, eu falo assim que a gente está na mão de Deus. Tanto faz a gente estar na mão do médico, Deus está ali, se for pra ele curar Deus vai ajudar dele dar o remédio certo e vai dar certo e se não for, Ele vai curar. E assim eu vou levando. Não tenho do que reclamar, começo contar eu dou até risada e a irmã dele [marido] fala assim: “dona Rosa eu queria ter a fé que senhora tem”. Precisa ter porque é eu e ele sozinho, é só Deus na nossa vida. A gente tem uns vizinhos muito bom, mas cada um tem suas obrigações. Tem dia que eu acordo com o corpo tudo duro, mas aí eu lavo o resto, escovo os dentes, sento um pouco, medico com Deus, aí ponho minha aguinha lá, faço meu cafezinho, bebo um gole de café e vou trabalhando, quando vejo, já fiz tudo. Não tem tempo ruim comigo não e ele [marido] ainda é pior que eu, pior.

Marido: Como é que é?

R: Você é pior que eu ainda. Sossego, não sabe o que é pressa. Tudo está bom, tanto faz a agua correr pra cima como correr pra baixo. Dia 14 de Março ele vai fazer 80 anos. Eles está tranquilo, não tem pressão alta, nem baixa.

Marido: Graças a Deus.

R: Tem a carteira do posto aí, mas só quando fez o exame da próstata é que precisou. E anda de bicicleta por essa cidade toda. A gente tem problema, tem, mas as vitórias tem sido mais. Hoje em dia é difícil as pessoas chegar a 50 anos de casados. A gente toda vida viveu bem, trabalhou junto. E tem tanta gente que reclama, mas eu digo assim que tem dia que aquele posto acontece tanta coisa que eles não estão bem. Tem gente que reclama até de uma comida que vai fazer e acha que não está bem. Quando a gente vai no posto a gente fica pesquisando e vê que tem gente de todo tipo, né?! Tem aqueles que reconhece o trabalho deles, tem aqueles que mete a língua pra fora. Você vai lá no INSS está aquela fila. Ninguém quer saber se eles está preparado, quer que faz a aposentadoria, mas não tem um papel comprovando, aí é eles que não presta, mas não é, foi falta deles trazer as coisas em ordem.